

△  
53602

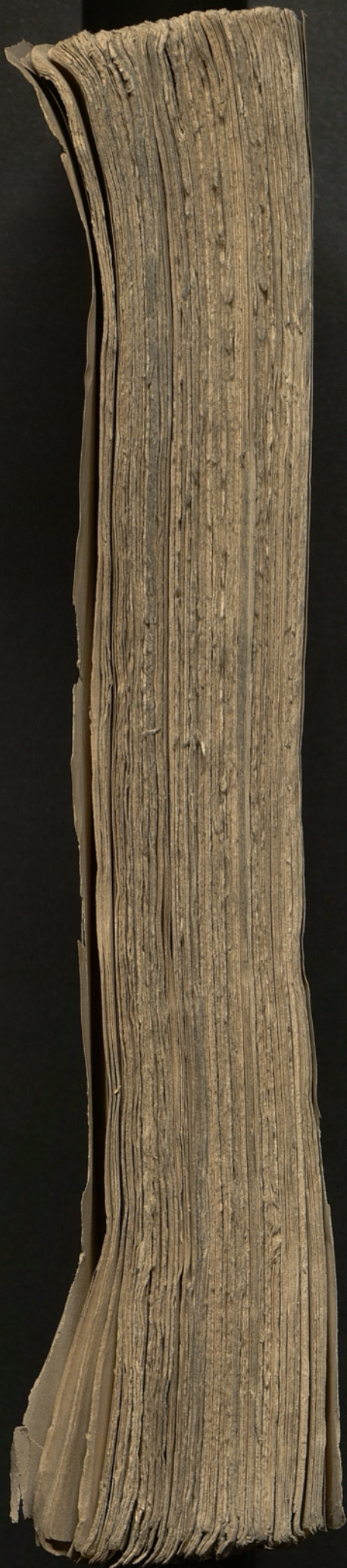
NOVOS  
COMBATES  
E  
CRITICAS

1875-1884

1\$ 200 reis

△  
53602







SILVA PINTO

---

NOVOS COMBATES E CRITICAS

1875-1884



PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA  
Rua da Cancellia Velha, 70

1884







Δ 53602

J. M. Ferdinand Denis.

1er administrateur

Lisbonne  
1884

Silvestre

Δ 53602

NOVOS COMBATES

E CRITICAS



## OBRAS DE SILVA PINTO

---

Questões do dia. 1870.  
Sciencia e Consciencia. 1870.  
Fargadas contemporaneas. 1870.  
Novas Fargadas contemporaneas. 1871.  
A Questão de Imprensa. 1871.  
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.  
Á hora da lucta. 1872.  
Horas de febre. 1873.  
O Espectro de Juvenal. 1873.  
Eugenia Grandet (trad.). 1873.  
O Padre maldicto. 1873.  
Balzac em Portugal. 1873 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.  
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.  
Emilia das Neves e o Theatro portuguez. 1875 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Contos Phantasticos. 1875.  
Os Homens de Roma (drama). 1875.  
A Questão do Oriente. 1876.  
Revista Litteraria. 1876.  
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877 — 3.<sup>a</sup> edição.  
Do Realismo na Arte. 1877 — 3.<sup>a</sup> edição.  
Nós e a Alfandega do Porto. 1877 — 2.<sup>a</sup> edição.  
O Padre Gabriel (drama). 1877 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.  
No Brazil. 1879.  
O Empréstimo de D. Miguel. 1880 — 3.<sup>a</sup> edição.  
Realismos. 1880 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Combates e Criticas. 1882.  
Novos Combates e Criticas. 1884.

A ENTRAR NO PRELO:

TERCEIRO LIVRO DE COMBATES E CRITICAS



SILVA PINTO

---

NOVOS COMBATES E CRITICAS

1875-1884



PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

Rua da Cancellia Velha, 70

—  
1884







*Ao poeta dos Canticos da Aurora e da Poesia  
do Mystério; ao amigo certo — em horas de amargura:*

a Narciso de Lacerda

*é offerecido este livro.*



S. P.







## PROLOGO










---

## PROLOGO

STAS paginas — o prologo do meu livro — teriam de constituir um trabalho, sereno e meditado, de pura critica, se a intenção primitiva do auctor houvesse prevalecido contra as suggestões do animo irrequieto, melhor diria — do temperamento *provocado*. O espaço concedido ao livro e o tempo que o auctor se concedera foram dispendidos na elaboração de protestos diarios arremessados á corrente onde vão derivando os *graves nadas* da nossa vida social e politica, da nossa vida artistica e da nossa vida inclassificavel. Um certo numero de *factos* litterarios destinados



á discussão, no prologo d'este livro e ainda n'algum capitulo especial, ficaram *esperando a vez*, n'uma condicionalidade que ameaça todas as esperanças: quero dizer: — Se eu não succumbir a uma das enfermidades que me assaltam; se eu não morrer de nojo em certa hora; se me não matar o meu riso em hora incerta; se eu tiver vida e tempo e paciencia e saude e resignação e um grande desamor pelo meu socego: se todos estes *factos* entrarem no concurso — talvez eu pense um dia na possibilidade de me preoccupar em estudos criticos, preparar o original de um novo livro — e entregal-o ao meu cozinheiro, para accender o lume de um bom almoço reparador.

\*

Ah! É que o *respeitavel publico* está no momento psychologico em que o Centauro (que é elle) vae a desfazer-se das obrigações concernentes á figura humana e a transformar-se completamente na *outra*. E eu não sou alveitar, nem algoz official de antigas eras. Não me cumpre nem apraz a tarefa de aparar os córnos e a cascaria dos



respeitaveis mariolas que formam a grande massa da Opinião Publica, nem a tarefa de lhes coçar os lombos com um ferro quente. Franqueza absoluta, meus amigos! Eu tenho visto mundo: conheço de perto e do tracto particular seis povos europeus, afóra alguns povos de outras partes do globo — quasi tantos como os do senhor de Guiné e da Conquista. Pois assevero, *com a mão na consciencia*, que ainda não vi — como em Portugal — uma Opinião tão estúpida, tão vil, tão hypocrita e — como conciliar tudo isto? — tão desavergonhada!

Para simples *prologo* de um livro sério, a minha prosa vae-se degradando — parece. Não, canalhinhas! Não se degrada: expande-se; e aqui não estamos em jornal, meus amigos! Não ha administração que se aterre com a fuga das assignaturas!

\*

Porque o *episodio* derradeiro que me veio como documento abonatorio das virtudes characteristics dos meus contemporaneos (fallo da grande massa da Opinião conspicua) buscou ensejo para produzir-se — n'uma polemi-



ca jornalística em que o pobre de mim deu escandalo n'este paiz de santas almas serenas. Eu, em discussão violenta com outro homem de lettras, que denunciára um erro litterario inserto n'um jornal por mim collaborado, — eu, em desaggravo do jornal e do tal erro alheio, derivára-me ao terreno das violencias de phrase, com applauso, que só agora registro, de todos os leitores habituaes d'aquella folha e de mais trezentos ou quatrocentos leitores que expressamente trouxeram ao terreno da pugna a sua curiosidade ardente. É claro que eu não procedera em homenagem á estúpida galeria; mas não deixei de notar o desmedido interesse.

No decorrer da polemica, no ultimo artigo, eu escrevi — córem outra vez, almas honestas! — eu escrevi esta palavra medonha: *Trazeiro!* E mais esta palavra horrorosa: *Cabrão!* E mais esta, que mal sei repetir-vos: *Córnos!* Estas monstruosidades entraram na questão em sentido figurado; não se applicavam como injuria — queiram consultar os documentos. Pois a verdade — honra ao merito! diria o meritorio Accacio — a verdade é que a Opinião revoltou-se em nome da Moral publica e da Moral privada e de todas as Moraes de corôa e de meia co-



rôa: revoltou-se a honesta Opinião... quando viu que não havia mais artigos!

\*

Foi cruel. A administração do jornal courou de furtar-se ao castigo — a suspensão de assignaturas — declarando « que o caso não mais se daria n'aquella folha. » Eu não declarei cousa alguma; todavia, jurei que, pela minha parte, o caso não mais se daria n'aquella folha — nem n'outra qualquer susceptivel de soffrer esmagamento a coices da parte das Moraes. Quando eu quizer affron-tar, sem prejuizo de terceiro, o sacro pudor das marafonas e dos seus amantes epheme-ros publicarei livro — um escandalo sem assignaturas e sem annuncios. E que mujam de suas coleras!

\*

Cabe e entra muita ufanía em peito portuguez, quando se assiste a este quadro. Vejam vossês, meus amigos! Porque eu escrevi as palavras censuraveis á luz das Moraes offendidas, fui accusado — ahi nos bordéis da Opinião — de haver produzido escandalo na imprensa e de haver degradado



a instituição. Ora, se a minha mão dera escandalo ao escrever *córnos*, é clara e biblica a necessidade de cortal-a. Cortarei a minha mão, ó Biblia!—mas quem lhes cortará os *córnos* a elles?...

Peitos de portuguezes! Brava indignação de generosas gentes! E, todavia, *fez-se a confusão!* Quando os meus *excessos* jornalisticos — tão saboreados e applaudidos, até se perder a esperança de haver outros — quando os meus *excessos* de phrase eram fulminados em prosa conservadora e ordeira, havia alli, perto d'aquellas gentes, horrores que lhes fartassem e sobrepujassem as nobres furias indignadas. E não quizeram vêr! Havia em festas do *high-life* a influencia de polhas brazonadas conhecidas em bordéis publicos pelas photographias acirrantes: e os maridos das honestas acceitavam para estas o convivio infamante e para si proprios a camaradagem dos outros maridos trasladados ás sentinas dos proverbios! E o escandalo era a minha prosa, e contra ella vociferavam os proprios ornamentos da scena, desde Ganymedes a Vulcano, e conclamavam esses candongueiros de carne podre — que eu era incapaz de sustentar uma discussão no terreno da gravidade. E um lojista quatro vezes



fallido accusava-me de *sujar* o jornalismo — em vesperas de sua quinta fallencia. E um pseudo-jornalista, com uma escarradeira ás cavalleiras dos hombros, declarava-me *um perverso*, nas horas vagas da sua industria de *chantage*. E a tiragem do jornal augmentou no dia dos meus horrores, e houve alma honesta que decorou periodos inteiros das minhas atrocidades — deplorando, com a familia, que ellas terminassem, — e protestando honradamente em publico!

\*

Só duas palavras mais, sobre essa miseria que me não irritou, que não vingou indignar-me, mas que é preciso denunciar — em desaggravo das entidades pensantes:

Quando dois trabalhadores do espirito arremessam um ao outro *punhados de lama* — phrase dos Accacios da galeria — esses dois homens reservam-se o direito de se desaggravarem, *de se limparem*: e quando a lama cae, na hora da limpeza, é na cara dos espectadores imbecis que ella vae *chapar-se*. E alli fica.





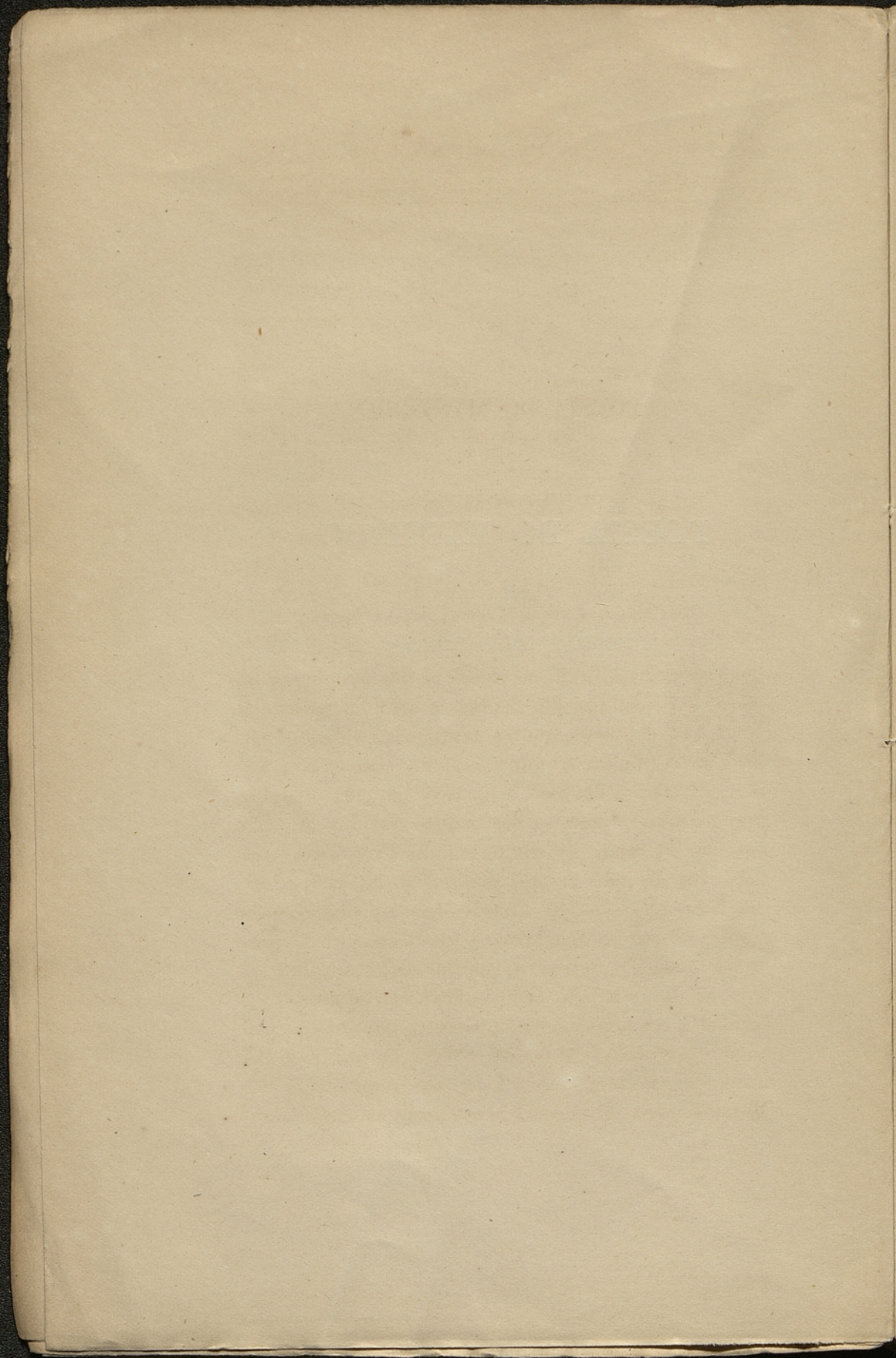


# POESIA DO MYSTERIO

POR

NARCISO DE LACERDA









## POESIA DO MYSTERIO

POR

NARCISO DE LACERDA

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA CONTEMPORANEA

**R**ESVALARAM ao dominio dos prophetas os destinos da Poesia, e não ha vaticinios dolorosos que os desalmados videntes não fulminem sobre aquella bem-amada immortal! Não é de hoje o agouro, para os crédulos funestissimo e para os descrentes risonho. Aquillo vem de Pelletan—o rhetorico do Progresso,—se não vem de mais longe, ainda. Não ha correctissima harmonia—longe d'isso!—no sinistro concerto dos Jeremias tenebrosos: predizem uns a morte inevitavel; outros o vegetar dolorosissimo na sombra da seriedade compassiva; outros ainda, reformados em legisladores, offerecem uma via de salvação: *a realidade*, e pedem a fórmula poetica—lei nova que já tem o seu logar na bagagem de um Messias novo. É preciso resguardarmos com singu-



lar cuidado os olhos singularmente abertos, — que não vá a desdita das boas almas reproduzir o caso de Tobias, esse cumulo de ridicula desventura. Quer-me parecer que um leitor desorientado nas tramoias anteriores ao *Pot-Bouille* não vê nitidamente os meus intuitos na referencia ao devotissimo judeu; mas, como quer que a maioria seja lida — é notorio — em Tobias e na avesinha impiedosa, eu embrenho-me em sérias derivações. Queiram derivar commigo.

\*

É facil. Os prophetas superiormente sinistros — os da morte proxima — evadem-se á discussão pela porta do ridiculo culminante. « O mundo nasce, diz Hugo, e Homero canta: é a avesinha d'essa auro-ra ». Se o velho mundo tem de sossobrar, a safanões dos prophetas, a Poesia ha de enviar um cantor á derradeira hora do perdido; e dado que este se aca-nalhe até aos extremos da vertigem, a Poesia delegará no *poeta* Richepin — um Baudelaire de pé fresco — o encargo de lhe dar em versos de phantastica immundicie a oração dos biltres agonisantes. Porque, emfim, ella — a grande consoladora, a grande animadora — alevantou-nos o espirito, fortaleceu-nos o coração, e traduziu-lhe os anceios e as aspirações; recebeu-nos no vasto seio alentador na hora do grande tédio; foi a suprema fórmula do amor, do desanimo, do enternecimento, da cólera, da punição, — de todos os enthusiasmos: por Deus, pela Patria, pela creatura, pela Liberdade, por todos os ideaes, por



todas as esperanças; e tem agora, como ha dezenove seculos teve em Juvenal e ha tres dias em Hugo, a fórmula da Justiça vingadora; e teve mais em Hugo a do grande amor que redime, e em Lamartine a prece que consola, e em Rouget o enthusiasmo que resgata e refunde um mundo: — isto foi; tal se levanta e affirma, apaixonada, scismadora, entusiastica, tirando á Sciencia a essencia e ao desconhecido o mysterio, e offerecendo-nos o seu trabalho como destruição do nosso tédio e como animação á nossa triste incerteza: — e havia de morrer a immortal? havia de apagar-se a luz perpetua? E esta mixordia escura — o mundo — onde Darwin diz: *Que sei eu?* havia de sustentar-se nos espaços? E, quando o sangue nos refervesse nas veias, pediríamos a um velho cirurgião que nos sangrasse á beira do altar — despedaçado — do nosso ideal e da nossa fé? \

\*

Concede-lhe vida pouco menos de irrisoria — á Poesia — o snr. Anthero de Quental. O auctor das ODES MODERNAS, que não tem que vêr no caso dos *prophetas*, acreditou um dia na poesia da historia, na poesia da sciencia e da philosophia; « mas abandonou esses erros, porque um estudo profundo da philosophia da historia lhe mostrou o verdadeiro processo da evolução psychologica da humanidade e lhe deu a critica da doutrina do Progresso n'uma fórmula do socialista Saint-Simon: — *As faculdades succedem-se, mas não se accumulam* ». Um bom espirito profano — um amador — destróe com uma simples



interrogação o baluarte do illustre desanimado: — «Mas as faculdades estheticas, emocionaes, serão *inaccumulaveis*, serão incoexistentes com as da razão?»

Como isto está bem formulado, e, todavia, como parece extraordinaria a urgencia de tal defeza! O snr. Anthero de Quental vê na evolução scientifica a morte da Poesia — a morte moral, entende-se, pois que o illustre pensador concede á pobre exauctorada a missão de divertir as almas candidas. — Póde a Poesia inspirar-se na concorrência vital, no transformismo, no determinismo, na fatalidade da historia? — Não póde. — Pois muito bem: que vá para as almas candidas!

Não vae. Antes d'esta manifestação da phase nova do snr. Anthero de Quental, já outro espirito eminente — o auctor da MORTE DE D. JOÃO — disse-ra de sua injustiça, dirigindo chufas ao *Amor* e fulminando anathemas sobre a immortal perdida. — Que sabes tu de chimica? E de geologia? E de ethnographia? — Não sabes nada. — Pois vae para a escóla, minha bruta!

Não foi. Injuriada por Guerra Junqueiro, a Poesia vingou-se como deusa: deu á nota lyrica do poeta da *Justiça* a mais sonora e melodiosa vibração, e reservou as suas cóleras vingadoras para certos imitadores (em verso errado) do extraordinario poeta; — todos nós vimos o resvalar d'essa praga ao pantano onde apodreciam os restos dos lamartineanos espurios. E a Poesia conservou-se não ignorante em face da Sciencia, mas *independente*, como outr'ora, na selecção do culto ou da missão.



Independente! É este o ponto controverso, — controverso e, todavia, indiscutível! Não se inspira a Poesia no determinismo, nem na fatalidade histórica; não canta o mundo real (?), *essa coisa atroz* que o snr. Anthero de Quental considera *inexpressiva*. Não o canta; mas tem na sua lyra (perdôem-me a palavra os impassíveis de sanfona) a corda da desolação, e poderia cantar a morte de um mundo crente, no dia da destruição d'esse mundo. E não ha para ella horrores nem atrocidades inexpressivas, desde que os videntes Baudelaire e Poe abriram os olhos, na escuridão da noite, para os horrores da nossa *alma*. Naturalmente, porém, o sentimento *esthetico* mais vigorosamente se commove nos dominios da paixão, da imaginação e do mysterio do que no terreno das especulações philosophicas ou no das severas deducções experimentaes. Eu não estou dirigindo a palavra a um ou outro critico, entenda-se. O que eu pertendo é justificar a minha divergencia em face de um sem numero de auctoridades.

E, justificando-o, não vejo intenções occultas no pensamento do snr. Anthero de Quental. Em geral, a Poesia é condemnada por algum prosador que nos seus tempos fez a côrte ás Musas e foi pelas ingratas repellido. Não é esse o caso do auctor das ODES MODERNAS, das PRIMAVERAS ROMANTICAS e de algumas dezenas de sonetos primorosissimos. Concebe-se Emilio Zola, que vae esguichando theorias contra os calcanhares invulneraveis de Hugo e que só vinga obter applausos sérios quando arremessa ao cano de esgo-te as theorias, os programmas, e os galhos apodreci-



dos das suas arvores genealogicas. É o odio que trata da sua vida: com o snr. Anthero de Quental — nem desanimo justificado por decadencia propria, nem pela decadencia dos outros; — refiro-me aos poetas de Portugal.

\*

A proposito d'um d'elles — dos mais illustres entre os *velhos* e os *novos* — e do seu ultimo livro publicado vieram as precedentes considerações.

O poeta da POESIA DO MYSTERIO não renega no seu livro de hoje o Credo lyrico dos seus CANTICOS DA AURORA. Affirma-o, bem que o sentimento esthetico do artista se impressione na contemplação d'um ideal diverso. Narciso de Lacerda não se preocupa na solução dos problemas do seu tempo. Simplesmente o seu espirito, como desperto do extasis, se retrae da vida real ao abrigo da meditação consoladora. Não repelle a *emoção* caracteristica dos seus primeiros versos; a divisa de Catulle Mendès:

*Pas de sanglots humains dans le cœur des poètes*

não será jámais a sua divisa. Em face do horror humano e do horror impassivel da Natureza, a sua alma de justo estremece e pede refugio á Noite:

Contam que pertendendo um desalmado  
Lançar ao rio um cão, — seu companheiro,  
Cahiú, e morreria, se o rafeiro  
— Martyr e heróe — se não atira a nado.



Mas o assassino, ao vêr-se libertado  
Da corrente veloz e do atoleiro,  
Não respirou tranquillo sem primeiro  
Deixar o cão nas ondas afogado.

Depois seguiu alegre os maus caminhos.  
Vinha rompendo o sol, e os passarinhos  
Desprendiam seu canto harmonioso...

Nem um gemido ou nuvem pelo espaço !  
Por isso, ó Noite ! eu amo o teu regaço...  
E te adoro e te busco, ó Mysteroso !

É o *porquê* doloroso d'este livro admiravel. Doloroso e consolador. Barbey d'Aurevilly ao terminar a leitura das FLORES DO MAL só vê como refugio o suicidio, ou a religião christã. O espectaculo do egoismo, da indiferença, de todo o cortejo de horrores que opulenta a fatalidade das coisas não offerece ao poeta que desceu á triste contemplação mais do que este duplo refugio: um logar no sinistro cortejo, ou a evasão para as regiões da luz; e a noite encerra, para os que a invocam e lhe estendem braços supplices, um clarão suave que se antolha aos crentes refugiados precursor da luz eterna:

Noite ! socia dos tristes, que avientas  
Tudo o que em nós existe de divino !  
Comtigo irei, — obscuro peregrino,  
Sondar no ignoto a alma das tormentas.

Eu bemdigo o teu seio, onde acalentas  
Nossas ancias febris ao som d'um hymno ;  
Teu seio, onde as angustias vão sedentas  
Beber, como n'um lago crystallino.

N'este sonhar que o espirito dilata  
Tambem ha filtro que embriaga e mata,  
Como o perfido aroma das violetas...



Mas, se a todos é lei a sepultura,  
Abre-m'a tu, ó Noite, Noite pura !  
Irmã da Morte — a noiva dos poetas !

\*

Baudelaire, nas pizadas de Poe, fulmina a poesia doutrinaria, o *ensinamento* rimado e metrificado: — « A muitos se afigura que a missão da Poesia consiste na *demonstração*... A poesia não tem outro *fim* que não seja a sua propria existencia... Não quero dizer que o seu resultado final não constitúa a elevação do homem acima dos interesses vulgares; mas sustento que o poeta, tendo em vista um resultado moral, diminue o seu vigor poetico... Não é licito á Poesia, sob pena de morte ou de enfraquecimento, assimilar-se á moral ou á sciencia... O seu alvo não está na Verdade; tem-n'o em si mesma... Fria, impassivel, serena, a indole demonstrativa é, absolutamente, o inverso da indole poetica... » Ora, a esthetica de Baudelaire, visando a independencia da Poesia, só vinga estabelecer uma escravidão nova, em harmonia com o paradoxo dos extremos. Quando o auctor das FLORES DO MAL vedou inexoravelmente á deusa a porta da Verdade abriu exemplo ao naturalista Zola que vae indicando a essa deusa a *realidade* como unico recurso de salvação. — « A poesia é uma revelação intima dos mysterios da natureza eterna » (*Hoffmann*). — « A poesia é tudo o que em tudo ha de mais intimo » (*Hugo*). Estas definições teem o simples inconveniente de não definirem por um mo-



do positivo a situação da poesia em face da moral; e, todavia, a critica, desde Planche a Zola, contando Barbey d'Aurevilly, Taine, Baudelaire e Gautier e todas as tentativas dos *impassiveis* e a inflexibilidade de Leconte de Lisle e as deserções de Coppée e Sully-Prudhomme e as cruezas de Richepin: — todo este conjuncto de affirmações ardentes, de negação desdenhosa, de arrebatada controversia se inclina á fixação positiva da *situação*.

Finalmente, parece indiscutivel. Indiscutivel e firme, bem que os protestos se alevantem — diga-se a verdade, — a pequena altura e em palavras tristemente indecisas. N'outro livro de Narciso de Lacerda — CANTICOS DA AURORA (Prefacio) — resumiu-se e ampliou-se á luz dos factos de quarenta annos o voto d'esse extraordinario Gustavo Planche que, para ser coherente além-tumulo com o seu viver intransigente, consegue hoje, vinte e cinco annos decorridos sobre a sua morte, a gloria mais pura e ruidosa: a injuria dos escravos bebedos — os escravos da ignorancia propria e da impostura alheia.

\*

Apparece-me em extremo facil a critica da POESIA DO MYSTERIO, uma vez estabelecida á Poesia a independencia absoluta, e definida a recente phase do espirito do poeta. Nem desertor, nem renegado. O lyrico dos CANTICOS DA AURORA é sempre a alma-errante que, após a meditação, esteril em face do Insondavel, se arremessa ao vasto seio d'este ultimo,



a pedir-lhe abrigo, a dizer-lhe as decepções e os desalentos. Chamo um olhar de lucidez sobre essa composição que tem por título *O Verme*, e opulento este meu estudo com a reprodução de um dos quatro sonetos que a constituem, — soneto que o nosso grande João de Deus indicava, ha dias, a outro espirito de luz, como admiravel expressão da phase poetica que o novo livro nos vem apresentando:

E os vermes no roer cadenciado  
Punham tal harmonia e movimento,  
Que parecia haverem concentrado  
A energia n'um mesmo pensamento.

Apartei os meus olhos d'esse lado,  
E embebi-os no azul do firmamento,  
Como um homem que lucha e, fatigado,  
Pára, e renova o primitivo alento.

Então pensei nas forças mysteriosas  
Que sustentam o sol e a nevoa fria  
E as coisas vis, e as ancias tormentosas

Que vão perder-se em ignorado rumo,  
Como as phalênas ao romper do dia,  
Como as viagens que emprenhe o fumo...

\*

..... no azul do firmamento,  
Como um homem que lucha e, fatigado,  
Pára e renova o primitivo alento.

Já o poeta das FLORES DO CAMPO, erguendo a fronte macerada pela desolação do espirito insoffrido, brada, n'um antever o mundo consolador:



*Senão, diga-me alguém que allivio é este  
Que sinto, quando á abobada celeste  
Alevanto os meus olhos razos d'agua.*

É a Poesia. — « É este immortal instincto do Bello que nos faz considerar a terra e os espectaculos d'ella como correspondendo ao céo. A sêde insaciavel de tudo que para além existe... é a mais viva prova da nossa immortalidade » (*Baudelaire*). E é mais do que isso: é a crença, vigorizada, n'uma vida superior, — crença tanto mais viva quanto mais o espirito humano se retrae das affirmações arbitrarías e metaphysicas ao limitado terreno das razões experimentaes.

A morte do assassino é no livro POESIA DO MYSTERIO a confirmação poderosa d'uma esperança ardente, — esperança de annullação da Fatalidade cruel no tribunal do Desconhecido. O maldito dos homens e do destino geme solitario, e esgota o calix de amargura que a *fraternidade humana* lhe distribuiu no opulento banquete da vida:

.....  
E gemeu solitario... Obscuras frágoas,  
Manchas que imprime ensanguentado trilho,  
Só a Desgraça diz: sinto-as... apago-as...  
— E a Desgraça chamava-lhe seu filho.

Alta noite, de balsamos sedento,  
Ouviu rugir as ondas espumosas  
Sob as azas liberrimas do vento:

E as algemas torceu, enferrujadas  
Do nitro das prisões silenciosas...  
Quem sabe se das lagrimas choradas!



Finda, porém, o martyrio. Surge o clarão de misericórdia:

.....

Uma noite, porém, a Providencia,  
Que as blasphemias esquece e as maldições,  
Pegou da Morte, — a flôr de fina essencia,  
E deixou-lh'a cahir sobre os grilhões.

Senhor! se o Mal é eterno e absoluto,  
Se ao culpado só resta o eterno luto...  
Ah! quando a morte elle entreviu no mundo,

Eu não sei que visão, que luz sagrada  
Lhe desenhou na face acobreada  
O sorriso do asceta moribundo!

*O Mal e O Bem* completam-se, explicam-se, justificam-se. Vem de *Deus* e concorrem para a harmonia universal, — *Harmonia Summa*. A espaços, a *Duvida* produz a nota dolorosa, mas para logo extingue-se aquella e esta se justifica.

.....

Ó sublimes clarões! sonhos ethereos!  
Archangjos do Senhor! visões ignotas!  
Vinde, vinde, dulcissimos mysterios!

Não tem minh'alma da discordia as fezes.  
O baixel aportou co'as velas rôtas...  
Mas é que o sol tambem se ennubla ás vezes.

Vou terminar, em que me peze, as citações. O poeta diz a omnipotencia do seu *Deus*, — do deus dos seus sonhos e das suas esperanças:



Sim! existes! e basta, para crêl-o,  
Está febre immortal, esta anciedade,  
Que as almas prende á eterna claridade  
E a Idêa sobe aos arraiaes do Bello.

Sim! tu és do Infortunio o vago anelo,  
Quinta-essencia do Amor e da Bondade,  
Que vestiste de sóes a Immensidade  
E de mil flôres os crystaes do gêlo!

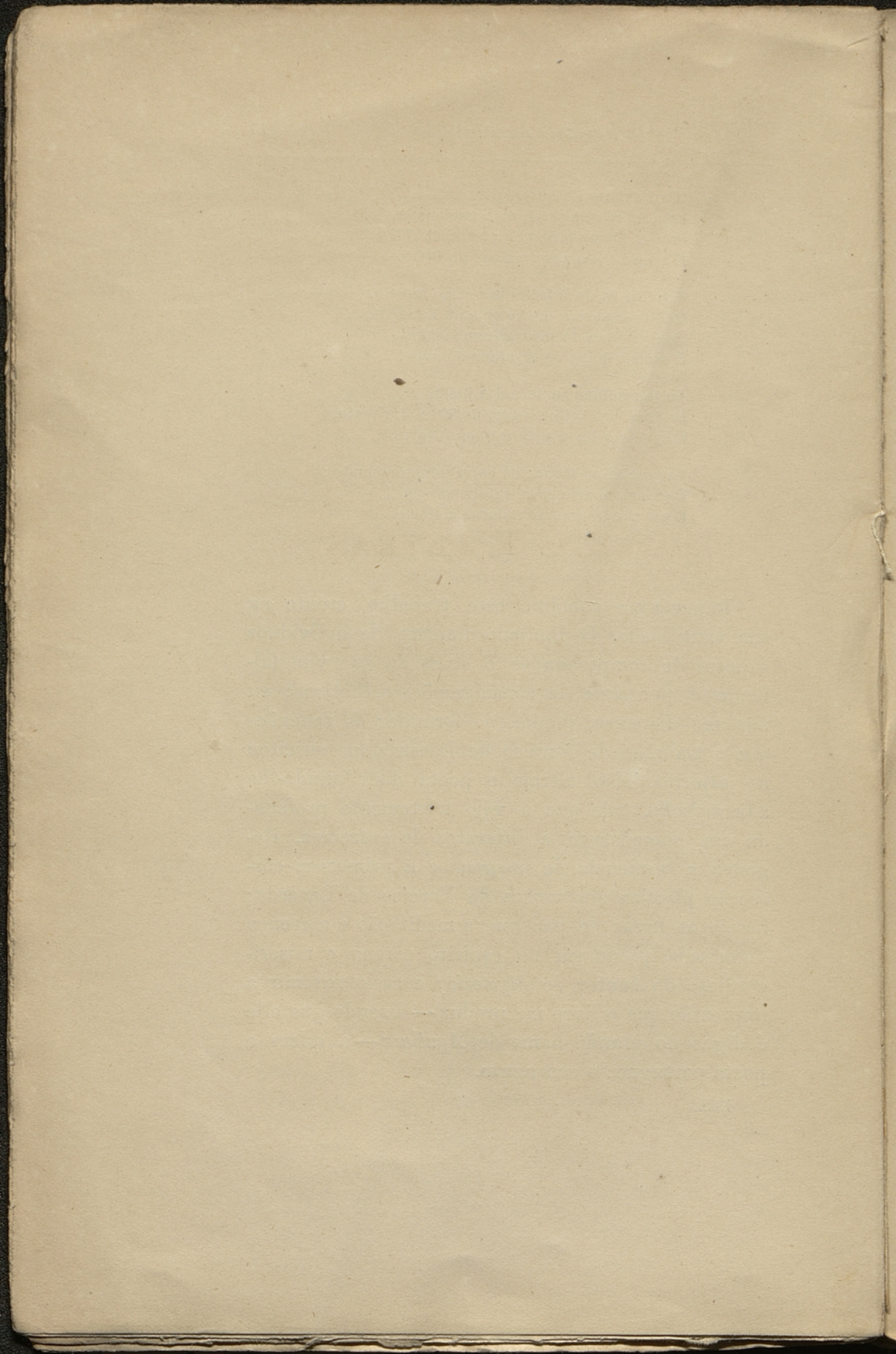
Ao teu influxo, paternal e justo,  
Brot a luz, brilha a côr, floresce o arbusto,  
E oscilla o iman procurando o Norte.

Temem-te os maus; os bons sabem amar-te;  
E eu sei amar e crêr. Interrogar-te...  
Eis o clarão que sobredoura a Morte.

\*

Importa-me concluir este trabalho, crente na sua inutilidade. O limitado numero de individuos capazes de comprehender o livro de que vim falando dispensa-me de considerações estheticas; eu não me dispenso, porém, de formular as reflexões que o trabalho de Narciso de Lacerda me suscitou no espirito. Não ultrajo o poeta distribuindo-lhe adjectivação, pois que a vejo tristemente profanada em homenagem a litteratos de entremez. Registro a opulencia de imagens e a primorosa correcção plastica dos versos de Narciso de Lacerda; invejo as horas de paz que a meditação e a crença vigorizada produzem no espirito sêreno e misericordioso do cantor do *Mysterio*; e creio resumir a impressão que o livro me produz — dizendo que elle é digno do grande nome de *Aguilera* — a quem o poeta portuguez o consagrou.







# HOMENS E LETRAS

POR

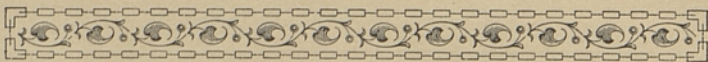
CÂNDIDO DE FIGUEIREDO



JOHN F. LARSEN

JOHN F. LARSEN





## HOMENS E LETRAS

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

**E**M 1873, visitando em Coimbra um amigo velho, pude conhecer e prezar com extremado affecto o bello e honrado espirito de Candido de Figueiredo. Decorreram annos. Installei-me no Porto, onde uma vez ainda pude vê-lo. Depois, perdi-o de vista. Disseram-me que se refugiára, com a lyra e o Direito Romano, n'uma pequena terra da provincia do Alemtejo, e que á volta de si creára a santa felicidade da boa familia. Tambem mais tarde me disseram que o meu querido poeta cahira na tristeza incomparavel da cegueira e assim vivera mezes e mezes, fóra do mundo dos homens e do mundo dos livros consoladores. Foi nas longas horas crudelissimas d'esse infortunio que elle avocou antigas recordações e com ellas e com uns echos do viver de hoje, que vingaram penetrar no seu retiro, delineou, compilou, com-

\*



poz o seu bello livro despretencioso, saudavel, sem um vislumbre de resentimentos, tudo justiça amovavel e consoladora onde não é tudo generosidade...

A feição caracteristica do livro HOMENS E LETRAS é essencialmente conciliadora. Deu-se commigo, no acto da leitura, este caso que me impressionou fortemente: li, sem azedume nem simples movimento de contrariedade, paginas de louvor dispensadas a homens que não admiro e a algum que singularmente desprezo. E como vingou Candido de Figueiredo insinuar-se na minha intolerancia? Pela via da sinceridade. Eu discordo a espaços, mas a discordancia não me cerra o entendimento perante a probidade do escriptor. Depois, deve-se muito reconhecimento aos homens de bom juizo e de seriedade quando elles nos distrahem da perigosa contemplação do idiotismo desaforado. Quero dizer na minha: contemplava eu o *jornalista Louva a Deus* na sua faina de *critico litterario*; e se me não chama á serena realidade da vida o meu prezado Candido de Figueiredo, dava-se d'esta vez o caso de eu borrar as calças — como diria o conde d'Azevedo, — em homenagem sincera ao *jornalista*. O livro HOMENS E LETRAS salvou-me a alma em perigo e as roupas ameaçadas. Voltei a mim, para a admiração e para as coisas sérias da vida. Cá estou fallando seriamente.

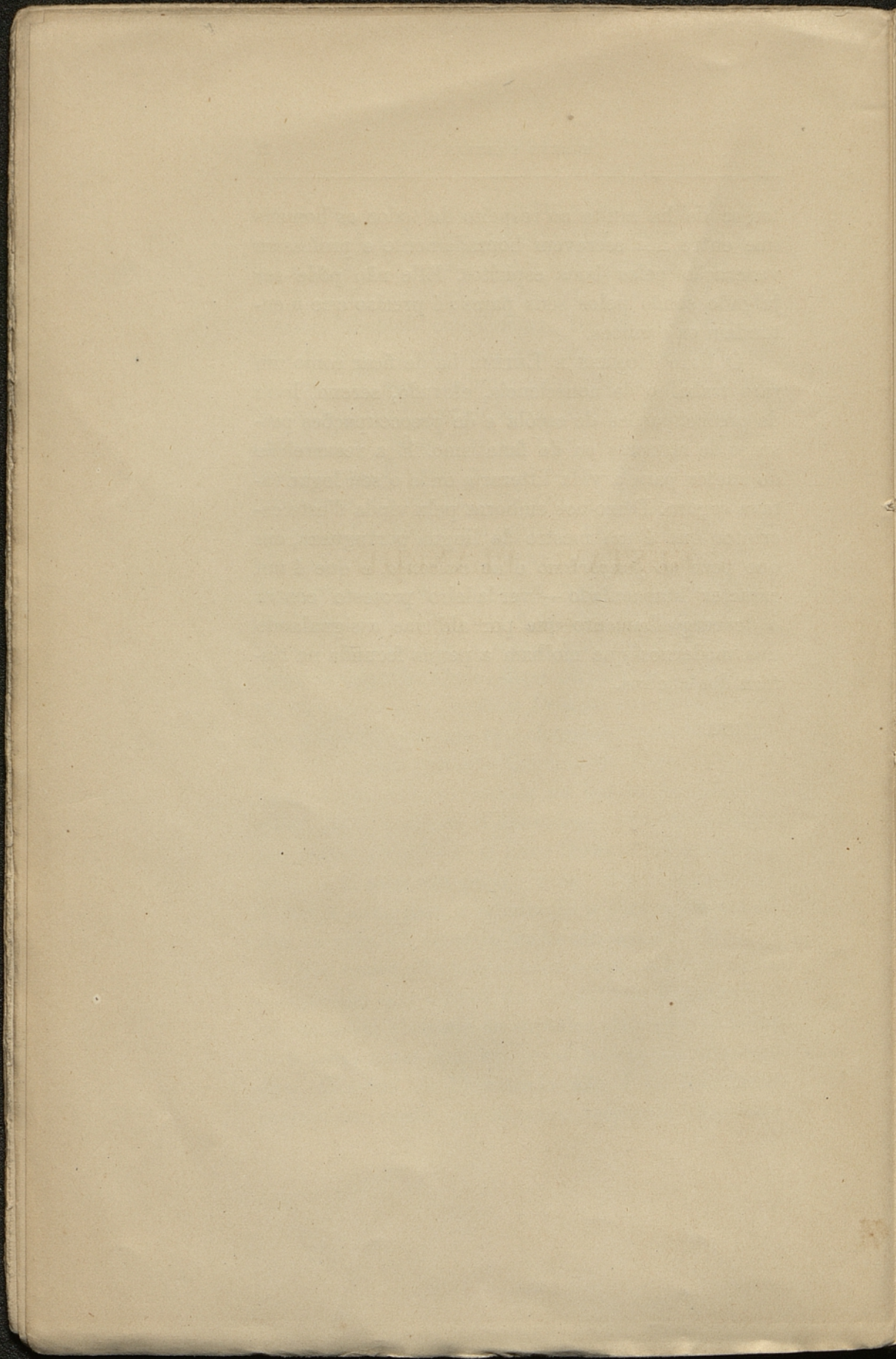
Não quero affrontar o bom senso do leitor culto, dizendo-lhe que o livro de Candido de Figueiredo é um trabalho litterario de superior elevação. O leitor já o sabe, antes que eu possa honrar-me affirmando-o. Candido de Figueiredo não é na litteratura portugueza nome que alguém apresente. Apresen-



tou-se de ha muito ao respeito de todos os homens que entre nós escrevem honradamente e professam veneração pelos bons espiritos. Elle não póde ser julgado senão pelos seus pares: é preciso que o entendam os eunucos.

O livro HOMENS E LETRAS ha de ficar como um raro trabalho de consciencia, elevado, sereno, livre de preocupações de escola e de preocupações pessoais de rancores ou de fanatismo. É a resurreição do auctor para a vida litteraria onde o seu logar estava seguro. Dêmo-nos emboras pela vinda d'este escriptor que é um mestre da lingua portugueza, em que peze ao *gongorismo* e ao *vasconço*, e que é um character immaculado — verdadeiro protesto contra o desvergonhamento que por ahi vae assignalando uns modernos que molham a penna fecunda na *tintura* dos cueiros.







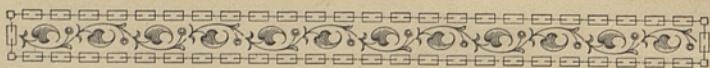
GUSTAVO PLANCHE

E O ROMANTISMO









## GUSTAVO PLANCHE

### E O ROMANTISMO



CRIMINOSA indulgencia do publico francez, perante os desatinos praticados pelos chefes do Romantismo, traduziu-se deploravelmente aos olhos d'esse publico, na explosão revolucionaria de 48: em face do cahos litterario, politico e social,—das interrogações, a um tempo allucinadas e severas,—das reclamações da moral e do bom senso, impudentemente violadas,—o espirito publico illuminou-se ao clarão do remorso; os apostolos do Protesto, outr'ora desattendidos pela turba, sentiram robustecer-se na gratidão d'esta ultima a auctoridade da palavra austera.

As extravagancias politicas do movimento de fevereiro firmavam-se na espantosa anarchia intellectual, apregoada por Hugo, com applauso dos lebreus litterarios, ao serviço do *propheta*; no dia em que a reflexão serena abafou os pueris enthusiasmos, a critica exclusiva dos *detalhes*, da *fórma* — critica



materialista<sup>1</sup> — cahiu fulminada, e sobre os restos da deusa polluida ergueu-se a insultada critica das idéas: — a critica de reconstituição.

Desde esse dia os esforços do *premier-venu*, tendentes á imposição *a priori* de theorias subversivas no campo litterario, tornaram-se do dominio da reflexão publica; o tribunal do bom senso estabeleceu-se na arena sagrada; os deuses cahiram fulminados; extinguiu-se o culto pagão das divindades grutescas; o iniciador renunciou, em face da liberdade da Critica, aos direitos de imposição; Leconte de Lisle encerra-se, — a seu pezar, talvez, — n'uma *impessoalidade* eminente e altiva; os combatentes isolados e dispersos perderam o direito ao vinculo da admiração inconsciente, que outr'ora os unira entre si. Em litteratura, extinguiu-se o *heroe* em frente da Consciencia.

O homem extraordinario, que lançára primitivamente as bases do Protesto, em luta com o geral assombro do publico e a resistencia dos innovadores, chamava-se Gustavo Planche.

\*

Os dotes proeminentes do severo annotador do Romantismo avultam no periodo contemporaneo, em meio das affirmações de honrada severidade da critica franceza militante. Montégut, Aurevilly e Paulo

---

<sup>1</sup> Vid. Clément de Ris: ESTUDO SOBRE G. PLANCHE.



de Saint-Victor perpetuam as tradições de probidade rigorosa do critico iniciador. « Se ao pobre Planche fosse dado regressar — diz um dos seus commentadores — sentiria orgulho ao vêr seguidos pelos seus herdeiros a sua lição e o seu exemplo ».

O *ideal* de Gustavo Planche resume-se na harmonia rigorosa da fórmula e do sentimento: accôrdo completo entre a concepção e a execução. Sem duvida, em meio da critica risonha do venal e grutesco Janin, das *amaveis* condescendencias de Gautier, das contradicções de Sainte-Beuve e da methodica e vil aggressão de Armand de Pontmartin, a palavra do honrado critico destoava poderosamente: mas, se documento houvessemos de exigir á geração de hontem sobre a legalidade dos juizos de G. Planche, abastaria, como documento do processo, a mesquinhez dos insultos, symptommas de inaudito furor dos seus tristes adversarios.

Os homens que seguiram, com olhar attento, a lucta sustentada pelo critico da *Revista dos Dois Mundos* contra os corypheus romanticos não esqueceram ainda as injurias arremessadas aos pés do combatente, com um encarniçamento comparavel á serenidade do aggredido. O proprio pontifice da estranha religião — pontifice e Deus... — não duvidou macular o seu renome na aggressão desleal ao homem que o avocára do tremedal da vaidade para a serena região da consciencia.

No campo da Arte (pintura) a attitude de Planche, em frente da escola do Imperio, não é menos imponente e serena, nem menos fertil em ensina-



mento doloroso. Do immenso grupo de vaidades, asopradas pela critica tolerante e conservadora, destacam-se aos olhos da geração de hoje os vultos que ao auctor do SALÃO de 31 mereceram saudação respeitosa. Ingres e Delacroix são os renomes consagrados em plena gloria pelo omnipotente julgador. Recentemente afundam-se, ao impulso do athleta, os Delaroche e os Ary Scheffer, sem que uma voz de protesto appelle, para o juizo do futuro, da condemnação terminante <sup>1</sup>.

Gustavo Planche tem sido por vezes accusado de inocular nos alvos da sua critica o profundo desalento pessoal, que, no dizer dos accusadores, lhe minava a existencia, amargurando-o e exaggerando-lhe a severidade: accusação perfida, ou irreflectida, mentirosa affirmação, emfim! O homem que antevê para os seus julgamentos a consagração indisputavel do tempo e que firma a condemnação no relampejar d'olhos de vidente é inaccessivel ao desanimo. O dogmatismo de Planche, tão util no periodo de incertezas, não tem o cunho de pedantismo balôfo de uns sabiosinhos de hoje. A cathedra do severo critico illumina-a clarão prophético.

Vêde:

« Quand toutes les œuvres qui s'entassent chaque jour auront cessé de nous préoccuper par leur

---

<sup>1</sup> Vid., afóra os artigos de Planche na *Révue des Deux-Mondes*, 1831-1838, — os estudos biographicos e criticos de Clément de Ris, Levallois, Mazade, Montégut, e ainda os apontamentos de Larousse sobre o critico, e *LES VOIX INTÉRIEURES*, de V. Hugo.



nouveauté d'hier; quand les perpetuels rajeunissements des mêmes idées, que l'ignorance ou l'inattention veulent bien prendre pour des créations, n'auront, pour survivre à leurs auteurs, d'autres droits que leur mérite; quand toutes les amitiés seront devenues silencieuses, alors l'oubli fera justice de toutes les gloires factices, de toutes les immortalités si facilement promises et acceptées, et le flot, en se retirant, ne laissera debout qu'un petit nombre de cimes élevées: le reste aura disparu, et l'œil en cherchera vainement la trace <sup>1</sup> ».

Vae decorrido perto de meio seculo depois que estas palavras cahiram nos arraiaes dos innovadores, e os olhos da geração de hoje contemplam as ruinas d'aquellas *glorias ficticias* do critico e acceitam, mau grado enthusiasmos de momento, a condemnação terminante. A voz severa da consciencia pede aos homens de hontem estreitas contas do bom senso e da dignidade critica, conspurcados e envilecidos. Que monumento legou á posteridade consciente a laboriosa geração de 30? Como legitimaram os pontifices a idolatria dos seus adoradores? Tirae á França de hontem Balzac, Stendhal, Musset e Lamartine, e tereis o vacuo: dolorosa verdade que a sonora declamação não póde destruir, — que a adoração cega e inconsciente não destruirá nunca!

E Victor Hugo? A elle, principalmente, alludimos. A *base de operações* do luctador, desde o perio-

---

<sup>1</sup> LE SALON de 1831.



do inicial do romantismo, tem sido a systematica alliança do grutesco e do sublime. Aberrações á parte, e em limitado numero, só vemos a reproducção da mascara humana. O coração está ausente. Áquelle processo (?) junte-se o descriptivo das coisas e sempre o estylo prophetico deslumbrando o auditor simples. No HAN DE ISLANDIA o *monstro* é o protagonista; na NOTRE-DAME é Quasimodo; na MARION é Laffemas; nos MISÉRABLES é Thenardier; o mais poderoso ensejo para a affirmação da vida psychologica em violenta agonia — LE DERNIER JOUR D'UN CON-DAMNÉ — representa o simples estremecimento da carne. A *alma* está ausente. N'aquella galeria de Hugo avultam os cadaveres *fallantes*, cobertos de opulentas armaduras, ou envoltos em esplendidas roupagens. A admiravel theoria de Planche, theoria triplice — *l'amour de tête, l'amour des sens et l'amour du cœur* — não tem que vêr nos sentimentos affectivos d'aquelles heroes. Elles amam ou aborrecem como feras. Ha o instincto e nunca a reflexão.

Somos severo? Não; somos justo. Os documentos do processo não se archivam em chancellaria privada; são do dominio do publico <sup>1</sup>.

No derradeiro periodo de combate (1851-1857) Gustavo Planche encerrára-se no limitado circulo da *correccção* na arte e oppunha ás tentativas demagogicas dos recém-chegados a mais fria intransigencia. O rigor implacavel, que lhe deu a feição caracteris-

---

<sup>1</sup> Esta justiça — severidade, se quizerem, — não implica uma quebra de veneração pelo homem dos MISERAVEIS e do NOVENTA E TRES.

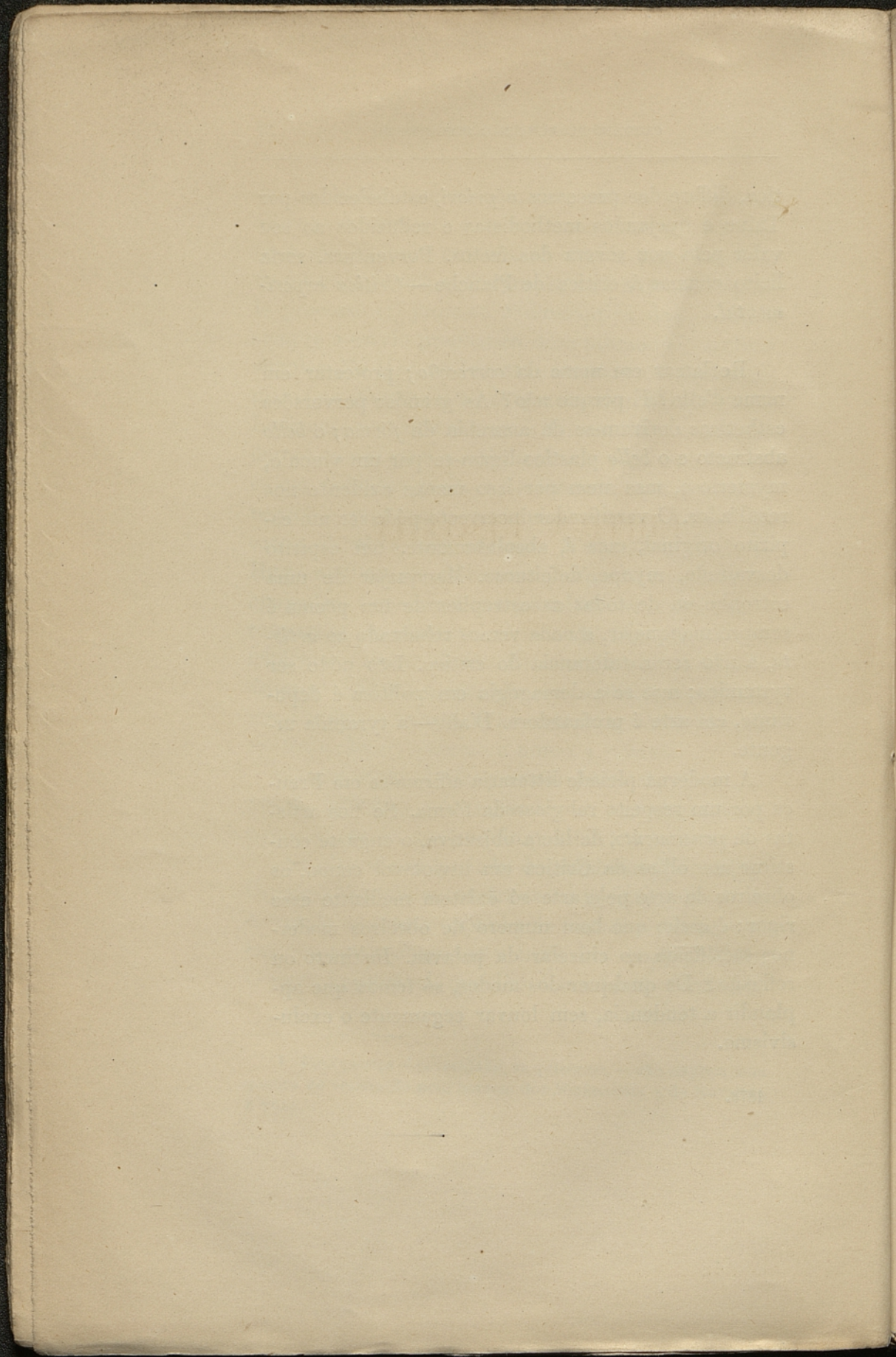


tica, differe dos processos *a priori*, estabelecidos por Taine e quejandos methodistas e reduzidos ao seu valor pela voz severa dos factos. Porventura, seria licito chamar á critica de Planche — *Critica experimental*.

Reclamar em nome da *correccção*; protestar em nome d'ella? E porque não? As grandes perversões estheticas derivam-se da anarchia da *fórma*; o *bello abstracto* e o *bello plastico* ligam-se por um vinculo, mysterioso, mas nem por isso menos evidente nos resultados. O versificador incorrecto póde ser um espirito original, mas é, absolutamente, um espirito desvairado, myope, defeituoso. Manquejar de uma estrophe ou de todas as estrophes de um poema é sempre manquejar, e nada vemos rebaixado ao *artista*, a não ser a tolerancia do critico. Isto póde ser tyrannico; mas se a demagogia em politica é depurante, em arte é profanadora. D'ahi — a tyrannia urgente.

A moderna pleiade litteraria affirma-se em França por um respeito religioso da *fórma*. Se nos artistas de *pensamento*, de lucta objectiva, o engaste constitue aos olhos da Critica um inviolavel canon, os obreiros da arte pela arte só existem mediante esse rigor: é assim que bom numero de obreiros modernos sacrificam ao cinzelar da palavra. Instincto ou reflexão? De qualquer dos modos, só temos que applaudir a tendencia, sem louvar cegamente o exclusivismo.





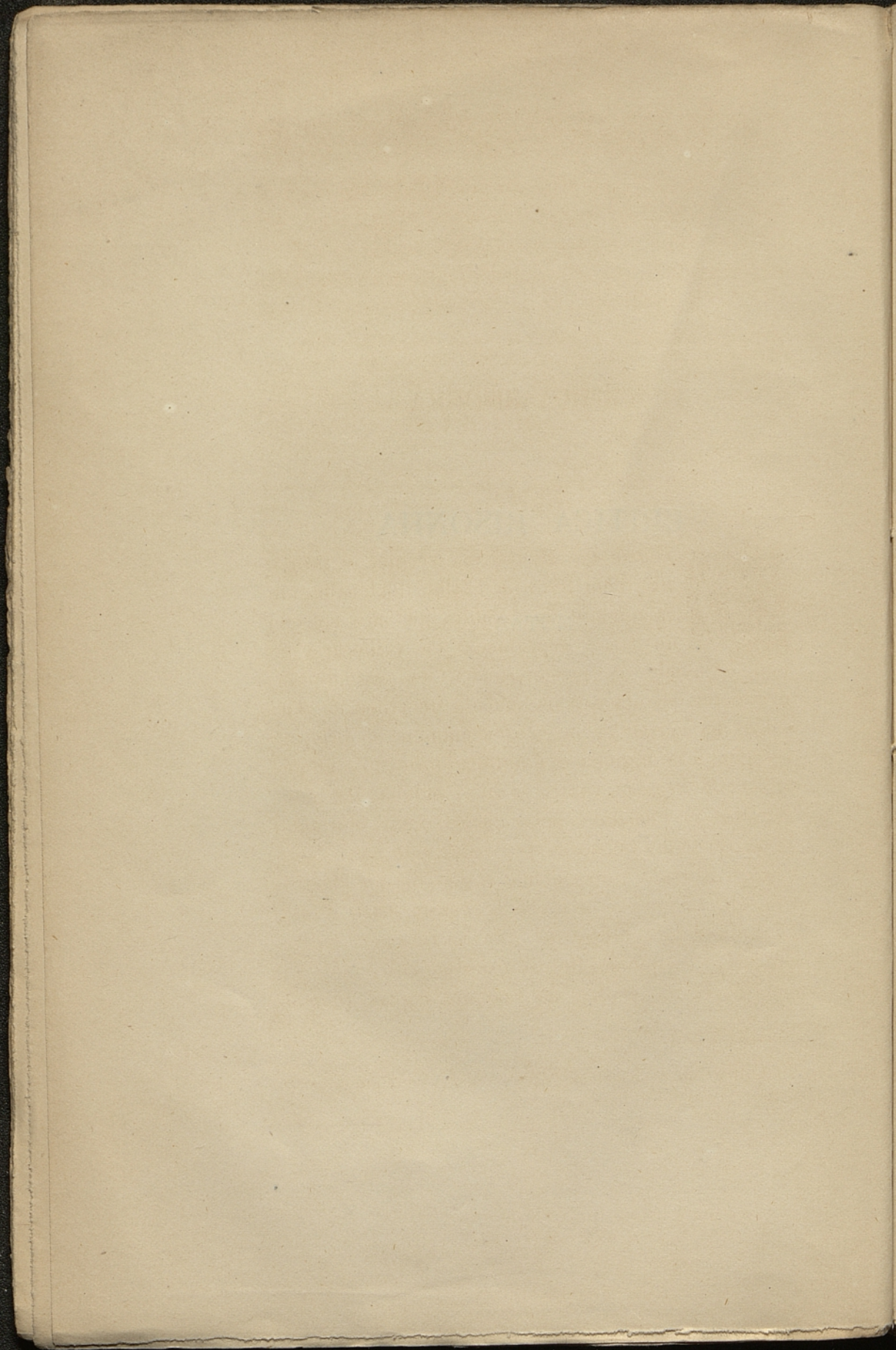


# CRITICA RISONHA

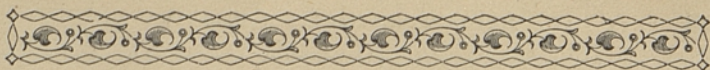
---

NOTAS









## CRITICA RISONHA

### NOTAS



*Diario da Manhã* offerece-nos, a proposito d'um livro de Fialho d'Almeida, um documento de candura que nos consola do triste espectaculo da velhacaria de hoje. Quando os recém-nascidos nos assombram, mercê terrível da espontaneidade uberrima de seus coices na vergonha, no senso-commum, no brio, na coragem e na dignidade, é um bom protesto o do jornalista *Z. Segredo*, contra as ruínas manhas dos noticiaristas. *Z. Segredo* é, pelos modos, o snr. Marianno Pina. Eu tenho beliscado, por vezes, este joven laborioso e fecundo <sup>1</sup>, attendendo a que elle me classificou, em tempos, — o muito conhecido *Silva Pinto*. Uma iniquidade do joven! Não ha ninguem menos conhecido do que eu. Se não existisse entre mim e o snr. M. P. um espaço de sessenta leguas, quando

---

<sup>1</sup> Hoje (em 1884) podemos accrescentar : — e muito progressivo.



s. exc.<sup>a</sup> me classificou, s. exc.<sup>a</sup> ficaria conhecendo-me. Assim, pelas beliscaduras, mal póde fazer ideia.

Eu ia, porém, fallando da candidez do snr. M. P. Elle produz contra o silencio dos noticiaristas algumas allegações fulminantes. Diz, por exemplo:

« Este silencio (que recebeu o livro de Fialho d'Almeida) eu só o posso explicar por dois modos. Ou que a imprensa portugueza é mais romantica *que* os proprios romanticos de 30, *que* ainda assim, tinham a honestidade de *entrarem* nas discussões — ou que a imprensa é tão ignorante que não está á altura de comprehender o livro que recebe. E eu inclino-me mais *pelo* segundo caso. Nos jornaes, vulgarmente, o jornalista mais educado está entregue completamente á sua parte politica que o absorve todo, e que *mesmo* lhe não dá tempo para acompanhar *em* (ou *um*?) qualquer movimento artistico. Immediatamente os outros redactores *ou* são umas nullidades ou são uns invejosos. E as excepções infelizmente são pouquissimas ».

Pondo de parte umas ratices na construcção grammatical, estas reflexões, ainda assim, não estão correctas. Nenhum dos *redactores principaes* das folhas de Lisboa sustentaria hoje uma simples discussão litteraria transportada a um terreno *moderno*. Entende-se que alludo aos jornalistas *officiaes*: aos snrs. Sampaio, Marianno, Navarro, Chagas, etc. Pelo que toca aos outros redactores, aos que o snr. M. P. colloca *immediatamente* (?), concordo em que as excepções são limitadissimas. O snr. M. P. classificou os taes outros — *nullidades* ou *invejosos*. Mais grammaticalmente, diria: *nullos* ou *invejosos*. Com mais verdade, alludindo ao maior numero, diria: — ignorantes simples, ou ignorantes malevolos. O snr. M. P. está-se lembrando e está concordando. Ou não?

Mas ha nas reflexões do snr. M. P. outro ponto, que mais desvenda a candura de s. exc.<sup>a</sup>: é quando diz:



«Este silencio (o tal) traz immediatamente o desanimo ao artista. Fialho d'Almeida amanhã deixará de publicar um segundo volume, porque o *desprezaram*. Um artista futuro deixará de trabalhar para uma obra d'arte, de lhe dar toda a sua alma e todo o seu entusiasmo, porque terá a certeza de que será recebido *com o silencio dos que são desprezados!* Este desmazêlo ou este silencio é pois um insulto e um crime!»

Não está bem. Espantosamente se engana o snr. M. P. — crendo que algum artista digno de tal classificação produz um livro, ou qualquer outro trabalho, com a mira na opinião dos noticiaristas. Não produz. Este desprendimento implica um soberanissimo desprezo em frente do que *elles* possam dizer, ou do que *elles* possam calar. Aqui, onde me vê o snr. M. P., considero-me um trabalhador um tanto mais instruido e mais digno do que o noticiarista Zebedeu: ora, imagina s. exc.<sup>a</sup> que o meu trabalho é por mim offerecido ao noticiarista Zebedeu? Está o snr. M. P. perfeitamente enganado. Para que diabo me serviria a opinião do Zebedeu? Raios do diabo! Se eu quero escrever dez paginas sobre o CRIME DO PADRE AMARO, com applauso especial do auctor á comprehensão, que manifestei, do seu trabalho e da sua escóla: se quero fazer isto, que nenhum litterato *official* é capaz de fazer, estudo os processos da escóla, estudo o romance, e derivo d'esse duplo estudo á sentença que tenho a formular. E cuida o snr. Pina que estou esperando a opinião do noticiarista indigena sobre tal sentença? Ai! como o snr. P. é candido! Ai! que triste ideia a que s. exc.<sup>a</sup> fórma do meu juizo, do meu senso critico e da minha dignidade!

Ha ainda mais: o snr. M. P. crê nas represálias



dos artistas *desprezados*! Suppõe que um artista como Fialho d'Almeida vingar-se-ha ámanhã da pobre ignorancia dos noticiaristas, — guardando silencio sobre um livro de outro artista notavel. Entende o snr. Pina que eu vou estupidamente calar-me em presença do livro de Fialho d'Almeida — porque o noticiarista Zebedeu não parvoejou sobre o meu livro. Mas isso é suppôr-me tão estúpido, pelo menos, como o noticiarista! Não, joven jornalista: pelo que me toca, não desprezarei Camões, movido pelo intuito de vingar-me de Brito, o Aranha, nem chamarei *besta* a Victor Hugo, arrastado pelo goso de desancar a *besta joaquim d'araujo*. Honra ao merito! Isto é de Accacio e dos ENSAIOS de Montaigne.

Agora indicarei ao snr. M. Pina um specimen da calhandrada jornaleira que lhe arrancou brados de indignação. Tape o nariz e examine este mimo. É do *Diario Popular* de hoje, 29 de julho:

— « A bibliotheca universal, dedicada ao visconde de Castilho, acaba de editar o romance original do muito conhecido escriptor o snr. João José Lopes, *O Padre Trousseau*.

« A nosso vêr é este um romance de que em breve deve estar extincta a edição, pois basta para o tornar recommendavel o nome do seu auctor.

« Preço de cada volume 500 reis. » —

O muito conhecido João José Lopes! *Muito conhecido* é a classificação que o snr. M. P. me arranjou, nas suas horas de escuridade interior sem nesga de luz cerebral. *Muito conhecido! E basta o nome do auctor!* De modo que, se o snr. Pina conservasse ainda hoje, a meu respeito, a tal opinião primitiva, eu arriscar-me hia a soffrer a seguinte variante: — O João José Lopes — Silva Pinto.



Tambem... que o snr. P. tremesse!...

Ahi vai outro specimen, ainda do *Diario Popular*:

— « *Rosalino*, que ainda hontem provocou a mais estrondosa ovação, segue amanhã a sua carreira de triumpho.

« Joaquim d'Almeida, todas as noites, além da extraordinaria ovação do publico tem sido cumprimentado no camarim por muitos jornalistas e dramaturgos. Todos concordam *que* é dos trabalhos mais notaveis, que se tem visto no nosso theatro. » —

Acho muito bem que *muitos jornalistas e dramaturgos* — modo de dizer, muitos Lobatos — visitem, no camarim, o actor Joaquim d'Almeida. Mas, seria bom saber-se e dizer-se, para completa honra do actor visitado e dos *muitos* jornalistas visitantes — se esses *muitos* são os mesmos que visitaram as mediocridades do Porto... Se são *elles*, se realmente são os mesmos, — hein? — a *honra* dispensada a Joaquim d'Almeida parece-me um tanto safada. Poderão objectar-me — que os visitantes da companhia portuense foram attrahidos pelos bonitos olhos de umas rapariguitas e que os mesmos visitantes saudaram hoje o merito artistico de Joaquim d'Almeida. Mas, — o snr. M. Pina tambem acha um *mas*, — mas os visitantes das rapariguitas procederiam mais seriamente — corrigindo a exploração, que por ahi se fez, dos seus nomes d'elles. Por tal modo teriam auctorisado, de antemão, as suas futuras visitas a qualquer artista digno de ser visitado.

Parece-me que vou sendo *maçador*! É preciso terminar. Descancemos um pouco, snr. Pina, e logo acabamos. Tómo uma pitada; não lhe offereço: poderiam sabel-o no Martinho... Mas convidado a ap-



proximar-se da janella do meu quarto e a contemplar tudo isto:

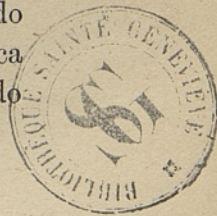
Em baixo, alli, a dez passos — o rio Douro, rude e tranquillo, digno rio do Porto! Barcos vareiros descem com carregamento de batatas mais grossas do que as do *Diario de Noticias*. Barqueiros seminús, tostados, teem gestos aggressivos para uns tanoeiros de Gaya, que lá da outra margem os mandam á tabúa. Barqueiras de Avintes remam, Douro acima, conduzindo ao Areinho uns brasileiros frascarios, e cantam bréjeirices canalhas em tom plangente de Hintze Ribeiro. A fortaleza da Serra do Pilar ostenta-se robusta, ennegrecida, cheia de buracos e de gloria, a olhar os horisontes, — á cóca. Villa Nova de Gaya trabalha, com um ruido de todos os diabos. Depois, Val d'Amores, S. Paio e o castello mourisco do meu bom amigo Agostinho Albano. Do lado de cá, agitação; ruas novas, construcções, um inferno de *americanos*. Todo este Porto formidavel e amado, que não foge dos municipaes, nem quebra esquinas com o peso dos madraços, tracta da vida com uma actividade cheia de raiva, grandes pontapés na Miséria — a bebedeira. Manda-a para Lisboa, bugiar. Não conhece arcadas de secretarias, nem consome os rendimentos em pandegas — vivendo do resto. Muita energia alegre. Trabalhar! Trabalhar! E agglomerado ao longe do seu Douro, tem um olhar terrivel sobre um riso bom. — Na hora do sacrificio cá estou eu!...

Mas, dizia eu ao snr. M. Pina: — É preciso terminar. Terminemos. Não lhe peço as Ave-Marias do estylo, pela salvação dos peccadores: é inutil: esta-



mos todos condemnados, exceptuando o visconde da Gandarinha. O que eu peço ao digno ornamento da «Associação dos jornalistas e escriptores» é um bocadinho de reflexão sobre as coisas triviaes que ali lhe deixo. Antes de condemnar a sua indignação, tenho de condemnar as suas preocupações *corajosas*. O snr. Pina sentiu na mão alguma coisa que reputou um *punhado de verdades*. Como o outro, abriu a mão e deixou cahir. (Está o diabo a pedir-me chalaça, mas eu resisto!) Ora, suppõe o snr. M. P. que tal acto de coragem lhe valerá bom numero de dissabores. Ahi está o erro: as suas verdades sobre a ignorancia dos seus collegas são umas verdades que eu apregoei ha muito tempo, sem me preocupar nos funestissimos resultados da minha bravura. O snr. Pina diz vèlharias a homens que já provaram, perante mim, a sua incapacidade vingativa. Outra coisa: o snr. Pina crê que alguém, aguilhoado pela sua prosa incorrecta, escreverá artigos sobre o livro de Fialho d'Almeida. Crença errada! Quem não sabe escrever conservará o silencio, e quem sabe e quer escrever está muito acima das reflexões amargas do joven noticiarista. O snr. Fialho d'Almeida sabe que os seus livros não ficarão sem annotações dos homens que as não concedem a insignificancias.

Temos agora a indignação do joven jornalista: é infundada: nem o silencio dos asnos prejudica, nem a tagarellice d'elles favorece. Creio na vontade e nos sentimentos bons de grande numero de ignorantes palavrosos: mas o tempo não chega para tudo (mais uma coisa trivial!): a contemplação seraphica tributada aos sapatos do snr. Ortigão e á rabona do





mesmo escriptor não me parece destinada a produzir um fecundo e operoso movimento intellectual. O abuso da *pose* está sendo enorme: d'ahi — torrentes de banalidade; a ironia d'estes *pequenos* é uma fétidissima ejaculação de pus, e os seus insultos d'elles não teem o cunho da generosa indignação, a espaços temeraria, da mocidade que entra em scena: teem o cunho da imbecilidade covarde. Litterariamente, as phrases convencionaes superabundam e a falta de ideias mascara-se com a exuberancia de dichotes. Em nome do Naturalismo, que nunca estudou, um insignificante escouceia o Romantismo, que absolutamente desconhece. Pedantes, ou impotentes, ou impotentes-pedantes affirmam a morte do Lyrismo, a morte da Poesia, e abrem excepções grutescas para os comicos adoradores das suas personalidades. Entrando nos dominios da sinceridade, onde alguns se acoutam:—Hugo perdeu mais de um espirito transviado, desde a sua lucta do Romantismo até hoje; mas os desvairados do Sentimento não attingem o ridiculo dos desvairados do Pedantismo. Estes são os eunucos, os phrasistas, os que citam Zola, Comte e Littré, e que nada viram, nada sabem, nada construirão e nada saberão demolir do torpe e do inutil. Elles passam, entre a escuridão do estacionamento e a luz da ideia, desapercibidos, ou apenas entrevistos por algum espirito que descansou do trabalho util no exame dos infinitesimos e dos tristes nadas da vida infima que se furta á observação — pela insignificancia. Que importa a opinião d'estes homens?



## O NOVENTA E TRES



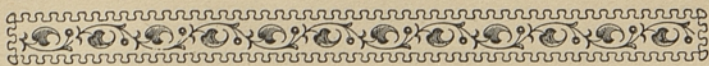
CHAPTER I

The first thing I noticed when I stepped out of the train was the cold. It was a sharp, biting cold that seemed to penetrate to the bone. I shivered as I walked towards the station entrance, my hands tucked into my pockets. The air was thick with the scent of coal smoke and the sound of distant whistles. I felt a sense of unease, as if I had entered a new world, one that was both familiar and strange at the same time.

I had heard so much about the city, the stories of its grandeur and its mysteries. But now, standing in the heart of it all, I felt like a small fish in a vast sea. The city was a labyrinth of streets and buildings, each with its own secrets and stories. I knew I was going to find out what I had come here for, but I also knew that I was going to find out a lot more than I had bargained for.

The first thing I noticed when I stepped out of the train was the cold.





## O NOVENTA E TRES <sup>1</sup>



PRIMEIRO movimento foi de pasmo; houve depois um risinho desdenhoso — ao saber-se que no theatro portuguez teriamos Robespierre, Marat e Danton, e *Lantenac*, *Cimourdain* e *Gauvain*; e a Vendée e o Terror: os grandes nomes sagrados e os bellos nomes symbolicos, e *Hugo Barère* na tribuna, de relatorio em punho...

Confesso que me senti indignado. Eu posso conceber a injuria d'um malandro jornalístico á memoria dos paes da Revolução, — que o miseravel só de nome conhece. Mas o tributo aos lidadores sagrados só o admitto com os esplendores do culto. Eu expli-

---

<sup>1</sup> No theatro da Rua dos Condes.



co melhor: Afigurou-se-me que a evocação dos chefes da Montanha sobre o palco da rua dos Condes — ou sobre qualquer outro — daria um completo assumpto á *laracha* nacional. Sem duvida, Fernando Leal garantia — traduzindo a palavra de Hugo — a seriedade e a distincção do trabalho: da traducção, bem entendido. Mas, os vultos plasticos? Mas, o fogo sagrado que os animasse? Porque, emfim, o *fogo sagrado* não é coisa que se petisque na cabeça do snr. Arrobas, — pederneira, como é sabido. Quem quer fogo sagrado, petisca a intelligencia no estudo; e, se lhe não sae faisca, resigna-se á branda luz da alvorada perpetua, — premio de consolação.

Remetto-me ao *caso*. O NOVENTA E TRES subiu á scena, e, como quer que á minha veneração, aterra-da, pelo trabalho de Hugo, accrescesse uma velha estima pelo traductor primoroso, uma covardia rara apoderou-se do meu sêr: fugi para longe do theatro, e, ao findar o espectáculo, fui espreitar, *mais morto do que vivo*, por detraz das vidraças de um café, a *physionomia* d'alguns *amigos* do traductor.

Senti-me renascer vigorosamente. As *physionomias* estavam transtornadas!

N'este ponto uma divagação:

O leitor tem, decerto, presente o capitulo que nos MISERAVEIS, de Hugo, se intitula *O campo de batalha durante a noite*. A batalha de Waterloo findára n'um grande horror: montões de cadaveres formavam sombrios escolhos n'um mar de sangue — formidavel; ao longe, sentinellas do exercito inglez guardavam o matadouro, á vista, — que não fossem os heroes do grande exercito resuscitar como o



Christo. N'um e n'outro ponto, uns vultos caminhavam receiosos, tremendo, olho álferta; de quando em quando debruçavam-se sobre os mortos, e, quando se erguiam, tinham empalmado uma bolsa, um relógio, o espolio do soldado morto.

Os exercitos em campanha são, ordinariamente, seguidos por aquelles miseraveis que deshonram e enlameiam a guerra, e que d'ella vivem.

Nas batalhas da vida artistica e da vida litteraria ha d'aquelles ratoneiros da peor especie. Apparecem na primeira noite d'uma peça, farejando, e pedindo aos deuses a morte dos luctadores. Não tiram bolsas, nem relógios, das algibeiras dos mortos, mas esperam tirar uma laracha para o seu circulo de canalhinhos e uma grande consolação para a negra tristeza da mediocridade impotente. Elles teem o sorriso da dulcissima ventura em face do trabalhador feliz que viu recompensado o seu trabalho pelo entusiasmo da multidão; mas lá a dentro das almas-sentinas ha desespero que vinga toda a gente honesta — das torpezas dos covardissimos gaiatos. Ao mesmo passo, teem a expressão amarga e melancolica em frente do luctador cahido; mas, no fundo, ha a alegria de hyena farta — em digestão pacifica. O *ratoneiro litterario* é o poetastro escarnecido; é o traductor de lérias, tolerado; é o critico faceto, malevolo, estúpido, ignorante; é, em summa, o *litteratiço* — a derradeira praga.

Derivo-me ao *facto*. Quando, atravez das vidragas, contemplei as tragicas physionomias dos *amigos* senti um momento de felicidade: — tinha a registrar uma victoria.



\*

O drama NOVENTA E TRES evade-se, como o romance do mesmo titulo, á acção da Critica. É um caso formidavel! Póde-se erguer a vista ao prodigioso velho que ha meio seculo fustiga a Noite e que, aos oitenta annos do seu viver sagrado, ergue as mãos á Aurora, em fervente evocação. Póde-se erguer os olhos ao Propheta, em admiração — e em ultraje: que o diga o snr. *Emilio Zola*, porcalhão illustre, que a seu turno fareja a Aurora no bacio da NANA — e que vae engordando os seus fanaticos com as lambarices que de lá tirou. Mas, quando á beira do Propheta, surgem os Semi-deuses, o espirito eleva-se n'uma concentração que, de certo modo, o liga aos immortaes, na obra da redempção.

Evade-se o drama á Critica. Transportamo-nos ao periodo sagrado da Revolução-mãe e assistimos ao desfilhar dos assombros. Tudo é grande: a coragem, a dedicação, o patriotismo, a fé, a abnegação. Os vicios e as virtudes de cada um fundem-se na aspiração collectiva, e d'este amalgama formidavel rebentam jorros de luz, que purificam e redimem, e vem por todo esse seculo XIX em fóra, a libertar as almas e a fomentar a revolta dos espiritos em prol do direito humano.

Não posso furtar-me a um estremecimento prolongado quando no palco da rua dos Condes, no *quadro da taberna*, vejo assomar ao fundo o luminoso *trio* da Convenção. Vou vêr, quasi diariamente, esse quadro. Esqueço os artistas que estão no palco, os amigos que estão á minha beira e o publico de toda



a sala. São *elles* — Marat, Danton, Robespierre! — São *elles* — *os paes!* Estão alli, a vinte passos de mim — pobre legionario do Direito! E a discussão alevanta-se: violenta por parte de Danton, ameaçadora na bocca de Marat, fria e monosyllabica na de Robespierre; e sobre os tres artistas do velho theatro parece ter descido uma estranha luz!

Mas, desfaz-se o encanto após este quadro, e o *interesse* do espectador pensante transporta-se aos vultos symbolicos de *Cimourdain* e *Gauvain* e ainda ao vulto de *Lantenac*. Ha o episodio da torre; depois Lantenac libertado; o conselho de guerra; o *dialogo* de *Cimourdain* e *Gauvain*, no carcere; e o epilogo.

O dialogo no carcere! Á sexta representação, que hoje vi e ouvi, senti abrir-se a repreza das lagrimas; e hei de sentil-o ámanhã! O bello quadro — digno de Socrates e de seus discipulos, na hora extrema do *justo!* Se esse Victor Hugo abençoado, se esse bemfeitor, se esse consolador não houvesse escripto senão aquelle dialogo, seria ainda o alentador maior! — *Sim, fallemos do futuro, meu filho...* É na extrema hora, aureolados pelo sacrificio, santificados pelo dever cumprido, que *elles* fallam do Futuro; e foi pelo Futuro — por nós! — que *elles*, os da santa Revolução offereceram peito firme á calumnia e a cabeça á morte...

\*

Deve-se uma palavra de justiça ao actor que traduziu no palco o bello vulto de *Cimourdain* (*Posser*):



soberbamente! E não será de mais registrar os nomes dos artistas que nos deram o *trio* da Convenção, o marquez de Lantenac, a Fléchard, o Imanüs e o sargento Radoub: — *Mathias d'Almeida, Roque, Lima, Salazar, Amelia Vieira e Pinheiro*. Nos theatros de primeira ordem, onde os resultados estão sempre abaixo das pertenções, o drama NOVENTA E TRES não seria, no desempenho, sustentado com mais escrupulosa intelligencia, nem com mais vigor.

1882.

---

#### NOTA

Este artigo, publicado na *Folha Nova* do eminente jornalista Emygdio d'Oliveira, foi reproduzido pelo *Jornal da Noite*, pelo *Seculo* e pela *Democracia*. Apraz-me registrar no meu livro as palavras que n'este ultimo jornal precederam a transcripção do artigo. Os meus irmãos em letras não me teem estragado com mimos. Registre-se pois esse mimo, com reconhecimento e pasmo — e sem desvanecimento.

Diz assim a *Democracia*:

«O nosso esclarecido collega da *Folha Nova*, do Porto, insere, no seu numero chegado hoje a Lisboa, um notabilissimo artigo do snr. Silva Pinto ácerca da representação do NOVENTA E TRES de Victor Hugo no theatro da Rua dos Condes, artigo que transcrevemos com a devida venia.

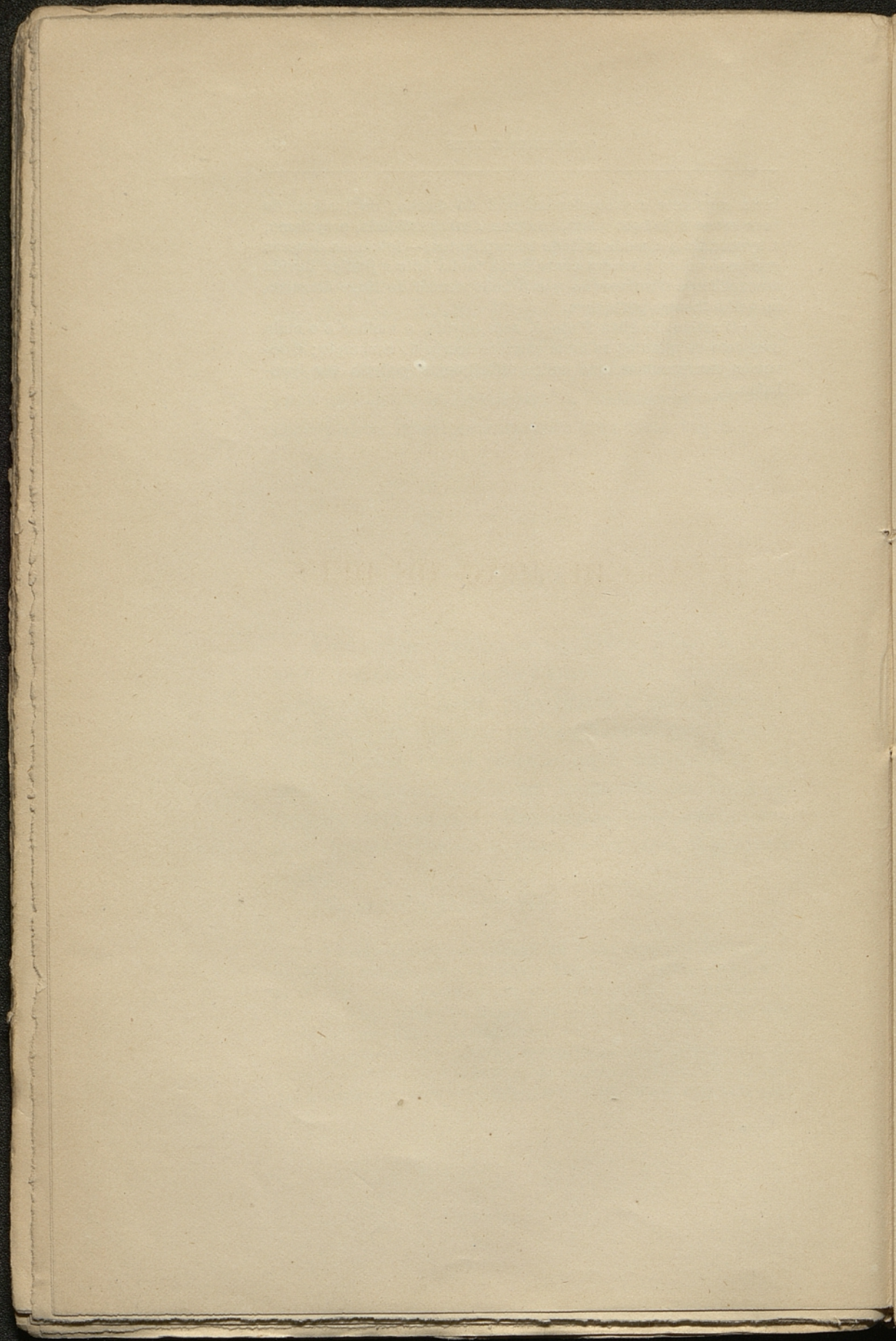
«Folgamos que a palavra, excepcionalmente auctorizada, do valente e austero pamphletario, do eminente critico, do indomável trabalhador, cuja vida, felizmente ainda breve, tem sido uma



lucta constante e exemplar em prol do direito, da justiça, do bom senso e do bom gosto, contra a deshonestidade, o cynismo, a hypocrisia e a mediocridade triumphantes, — folgamos de veras que essa nobre e severa consciencia tenha feito a justiça devida ao excellente desempenho que o bello drama de Hugo alcançou no velho theatro portuguez.

« O artigo de Silva Pinto é, sem duvida, o melhor e o mais completo de quantos se teem escripto ácerca do assumpto; e devemos acrescentar que muito difficilmente poderia ser igualado ».

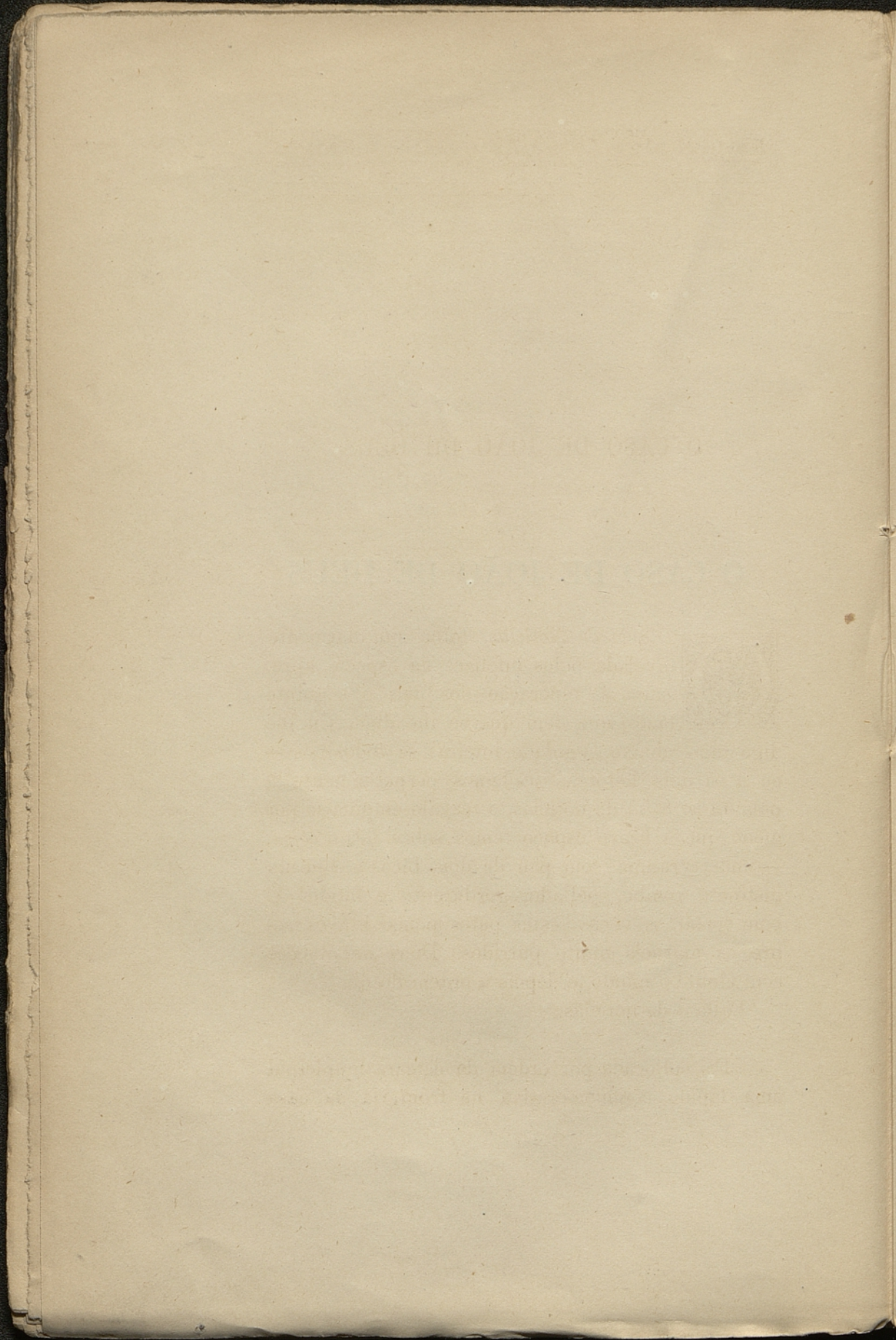




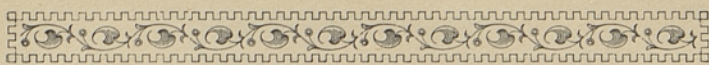


O CASO DE JOÃO DE DEUS









## O CASO DE JOÃO DE DEUS



*Diario de Noticias*, folha singularmente invejada pelos infelizes da especie, apresenta á veneração dos fieis o seguinte facto que tem que se lhe diga. Eu lhe digo mais abaixo. Verdade inteira: se todos nós — eu e os dois leitores — cedemos perpetuamente a palavra ao *coisa* de noticias, o resvalo empina-se por modo que a breve espaço temos sobre nós o *coisa*, — uma tyrannia com pau de dois bicos e com um instincto rombo, pellado, gordurento e fétido! É bom cortar os vãos d'estes patos pouco bravos sobre os marneis muito putridos. Duas annotações com chumbo miudo, e depois a ordem do dia.

Falla o de noticias:

« Foi collocada por ordem da camara municipal uma lapide commemorativa na frontaria da casa



onde falleceu o nosso poeta visconde de Castilho. Este acto, que é honrosissimo para a camara, deveu-se á iniciativa briosa de um antigo e dedicado amigo de Castilho, o snr. Antonio Maria Baptista, que juntamente com o snr. Simões Raposo requereu á vereação actual o pagamento d'aquella divida. A lapide foi desenhada pelo nosso distincto architecto o snr. José Luiz Monteiro, e é muito singela e elegante. A inscripção é esta:

Em 18 de junho de 1875  
falleceu n'esta casa  
o poeta portuguez  
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO  
1.º visconde de Castilho  
promotor incansavel da instrucção  
popular  
e auctor do Methodo Portuguez.

« Folgamos de commemorar este acontecimento, que mostra quanto os poderes publicos e a opinião vão comprehendendo a utilidade de assignalar os sitios d'esta cidade onde nasceram ou falleceram cidadãos benemeritos... »

Como se vê, não ha momentos d'ocio — parcial sequer — no agitado viver da camara municipal de Lisboa. Tudo se applica e explica d'aquelle bojo em fóra: levemos-lhe esta justiça a dentro! Quando o illustre senado se nos afigura preocupado *no todo* (estyllo do joven Pequito) em funambulescas derrocadas, é preciso vê-lo *por partes* (estyllo do *sabio* Luciano); n'esses momentos dubios, elle — o illustre senado — tem um pé nas derrocadas, outro nos tra-



balhos eleitoraes e joga os outros dois contra a ignorancia popular. Se o leitor só viu no senhor Cócó de Araujo *um todo* (estyllo do joven Pequito) de nata entre canelões, está o leitor em plena desorientação. Tudo aquillo é um anceio vertiginoso — de luz! Já lá o Goethe, nos paroxismos, quando pedia luz, dirigia-se ao senhor Cócó d'Araujo e aos acolytos d'este celebrante papudo. Queira registrar a critica...

Desçamos ao tributo municipal. Pelo dito do *coisa* o tributo ao finado Castilho é de granito — com letras. As letras são um accessorio, perfeitamente dispensavel. Quando um obreiro da instrucção recebe o preito de certas collectividades o preito é de granito. Ahi temos o caso de Castilho, e acima de Castilho — João de Deus. O auctor da CARTILHA MATERNAL e das FLORES DO CAMPO não deixou de receber o quinhão devido pelos taes do granito e pelos outros aos benemeritos da civilisação do seu paiz. Importa aos bons creditos dos nossos contemporaneos deixar bem definidos estes casos de gratidão official a desatar-se em maravilhas. Se algum myope de intelligencia não logrou penetrar a singular equidade dos da camara e dos outros na distribuição das homenagens é porque o jacobinismo lhe assoberba o espirito; — isto ha de pôr-me nas boas graças do sujo vadio que, no lambisco das graças do tio Fontes, me vae chamando *jacobino*.

Antonio Feliciano de Castilho não derramou luz que vingasse levar ao animo timorato das classes dirigentes perturbação grave, ou sequer leve sombra de inquietação. Era uma luz modesta a de Cas-



tilho, uma luz academica, prudente: ficava-se, a bem dizer, ás escuras. Tal moderação, n'um paiz moderado, tinha direito a certas distincções, subsidios — e granito *em lapide*. Não é assim, serena e inoffensiva, a luz que João de Deus vem derramando: é funesta, é subversiva, ameaça gravemente a escuridade intellectual do povo — tão propicia á tranquillidade de acção das boas classes dirigentes. Não se fica a bem dizer ás escuras, como no caso de Castilho. A geração de amanhã corre o perigo de vêr melhor do que a de hoje. Um trabalhão perdido!

João de Deus não obterá depois da sua morte a distincção concedida a Castilho: — o granito *em lapide*; o tributo vae-o recebendo em vida o grande poeta — o maior lyrico d'este seculo na Peninsula, o mais poderoso e generoso agente da libertação dos espiritos em Portugal; com a hostilidade dos governantes, mascarada em cynica indiferença, João de Deus recebe o granito em calhaus vibrados pela rotina ferida na exploração e pelos salteadores — apoz o roubo!

\*

O que muito importa á esqualidez do quadro, como attenuante, é o alto exemplo fornecido á cafila subalterna pelo curioso lyrico Thomaz Ribeiro. Eu disse que a geração de amanhã corre o perigo de vêr melhor do que a de hoje. Importa á severa justiça ampliar o meu dizer: — «Em que peze aos sum-



mos hypocritas », e n'esta referencia involvo o snr. ministro do reino e da *instrucção*. Elle, o bom ministro, nos intervallos placidos que lhe concede a agitada vida governativa (isto é de *Accacio* e para o ministro) elabora profissões de fé, que nos põem n'alma deliciosas doçuras não sonhadas. É assim que elle, cantando *vesperas*, nos affirma em temeraria dissidencia:

*Que a patria canto e o amor e que ainda creio em Deus.*

Este *Deus* do snr. Thomaz Ribeiro tambem tem que se lhe diga! Havemos de descobrir, o leitor e eu, o segredo das boas manhas de sua alteza, não esquecendo as boas manhas da tal *patria*, nem as do *amor*, jungido com tal devassa no supra alludido cantico. E como quer que lidemos na tarefa ingloria e menos limpa, pedimos documentos da bella alma do ministro-poeta aos professores primarios, que, do norte ao sul do paiz, vão *mendigando* os salarios vencidos ás pobres camaras infelizes e ás camaras patuscas e desavergonhadas, e a estas bebedas pedimos conta corrente das mixordias eleitoraes e dos festejos aos reaes viajantes, dado que os festejos e as outras mixordias absorvessem (absorveram) os miseraveis cobres destinados ao pão dos professores; e ao tal poeta-ministro pedimos, o leitor e eu, que

*á luz d'uma véla  
de cêra amarella*

nos deixe vêr o seu risinho cynico de lyrico subalterno em facé das maximas torpezas prosaicas positivissimas...



Não deixa vêr, está bem de vêr. Está-se rindo com o seu *deus*, com a sua *patria*, e com o seu *amor*, em santa paz com todos tres. É um pratico, repleto de sagacidade e lérias. Naturalmente vae fulminando os *modernos*, em nome das virtudes antigas; mas não traz virtudes extraordinarias na bagagem das moralidades, acho eu; e pelo que toca aos versos — teem gatos, remendos, pingos, são:

reliquias, bullas, *coisas*, bagatellas!

✱

Está-me chamando ao caso — isto de versos peiores. Lembra-me os versos melhores: lembra-me João de Deus e a santa obra d'este grande espirito bemfeitor. Ahi teem os homens de hoje, tão descrentes — e quasi sempre tão justamente descrentes — um alvo digno da mais alevantada e pura admiração! Ahi o teem! Ainda n'este paiz não medrou ha dez annos canalha de alto bordo, que não fosse alli arremessar uma pedra á porta da habitação do grande homem! Ainda n'este paiz não se baldeou, ha dez annos, da raza das mediocridades litterarias ás eminencias da mixordia politica, um unico litterato desazado que não traduzisse a inveja furiosa em apparente desdem para com esse homem veneravel que abriga na sua modestia e no seu isolamento uma das mais puras glorias de Portugal.

E quando no parlamento portuguez se presta homenagem, *em nome da instrucção popular*, ao fi-



nado Rodrigues Sampaio — que só teve para João de Deus a indiferença — não se ouve um protesto em nome do verdadeiro benemerito, a proposito do irrisorio tributo! É que ainda então influem contra os sentimentos de equidade as miseraveis condescendencias dos indignos por indole, dos indifferentes por ignorancia e dos vís por dependencia: é que João de Deus, sobranceiro ás vilanias politicas, isolado na sua faina, grande na sua modestia, sublime no seu desprendimento, alheio aos desabafos grutescos, resignado na sua consciencia, cheio de indulgencia — e de compaixão! — para os cynicos despreziveis e para os nullos que vão trepando, afigura-se-lhes — aos pobres diabos da dependencia e da banalidade — um vivo sarcasmo permanente, e ainda porque afóra tal suspeita predomina um singular temor... Hei de explicar isto, quando me disserem que o declamador do D. JAYME perdôa a um grande poeta a offensa de tornar bem frizante a condição subalterna do metrificador que elabora portarias no ministerio do reino *e da instrucção*.

#

Essa Academia das sciencias, essa curiosa Academia que não conta João de Deus no seu gremio, nem Theophilo Braga, nem Guerra Junqueiro, ainda não teve na sua ociosidade perpetua uma hora de aproveitamento sensato e generoso que se traduzisse em honrado preito ao grande obreiro da



instrucção popular; a *pensão* concedida a Castilho ainda não foi, aos olhos myopes da carunchosa collectividade, merecida por João de Deus! nem o foi aos olhos do *tal* ministro, como o não fôra aos dos antecessores, Rodrigues Sampaio, entre elles! Queira notar o meu leitor paciente esta suspeita que me assalta: — Será a animosidade official, até hoje arremessada a João de Deus, o resultado de *mot d'ordre* baixado de altas espheras onde a instrucção do povo é considerada um horror e o nome de João de Deus é, consequentemente, horriavel? O leitor está d'accordo na suspeita. Registremos — e não fallemos mais n'isso.

✱

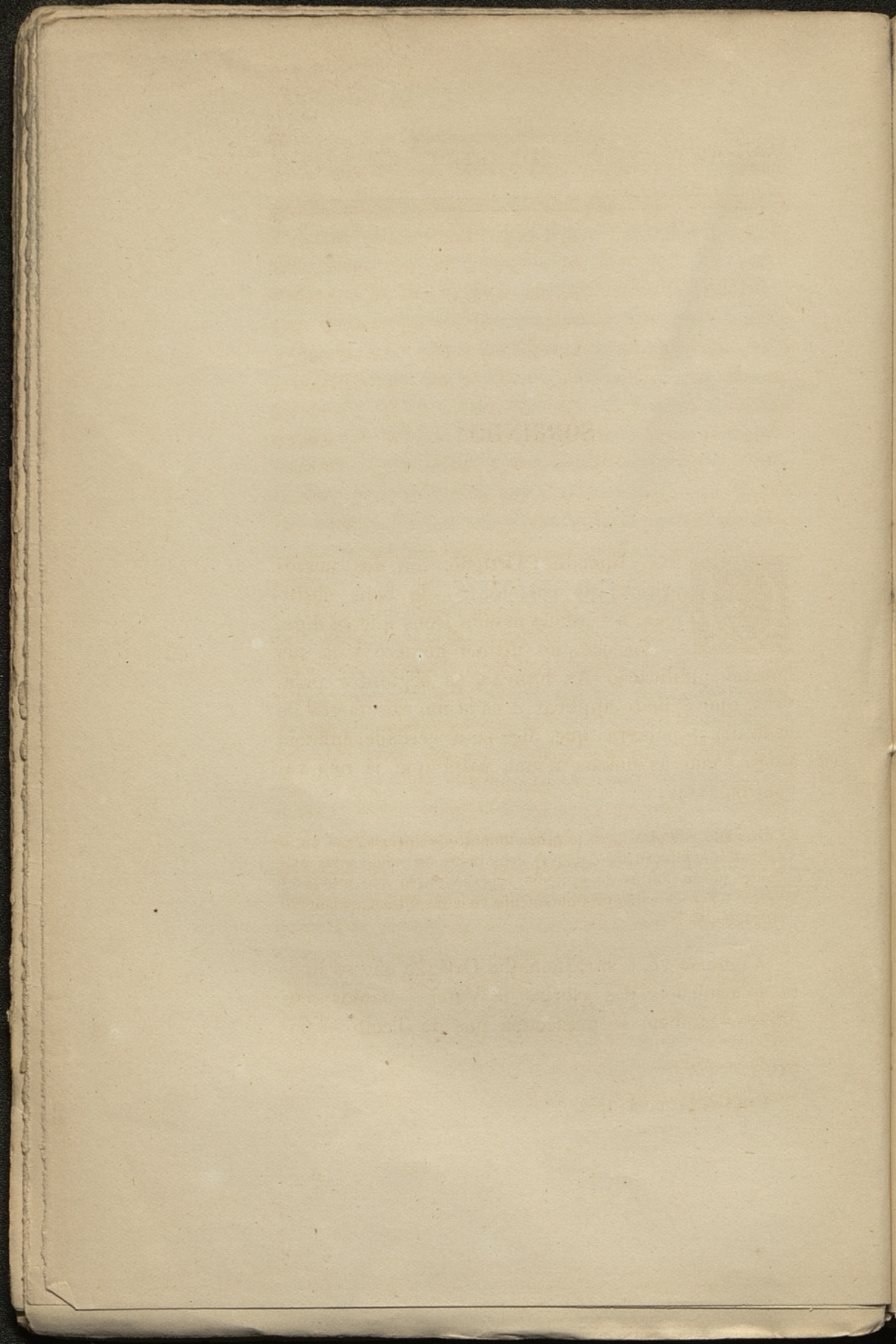
No momento em que vou firmar estas reflexões singelissimas julgo merecer pelo menos uma parvoçada insultuosa d'algun mariola em exercicio activo. Dado que ella venha, eu talvez dê signal de vida — e talvez não... Se na lombada do insultador me apparecerem bossas (*elles* teem as bossas no lombo) assaz promettedoras de auspiciosa carreira desde vadio a ministro, eu vou-lhe ao lombo e ás bossas. Senão — não.

1883.



SORRINDO









## SORRINDO



SNR. Ramalho Ortigão, um dos nossos criticos de costumes,—de bons costumes: a verdade manda Deus que se diga,—fornece, no ultimo numero <sup>1</sup> da sua amavel publicação *As FARPAS*, as seguintes palavras, que é licito applicar a cada um dos factos de cada dia,—palavras que, diga-se a verdade, influem tanto como as nossas n'uma *coisa* que já não vai com palavras:

— « Este simples facto (o procedimento do governo por occasião do Centenario de Camões) demonstra do modo mais evidente que as fontes do systema representativo que presente-mente nos rege estão profundamente viciadas e insanavelmente « corrompidas ». —

Como se vê, o snr. Ramalho Ortigão não se limita ao usufructo das glorias de Vatel — caldos sem ôlha; — tambem se preocupa nas de Tacito — fla-

---

<sup>1</sup> 4.<sup>a</sup> serie; n.º 1; 1882.



gellação dos corruptos. O caso *das fontes do systema* é d'uma originalidade que pleiteia foros com o desassombro; mas, se é licito a um escriptor convulsionario (eu já lhe digo...) anotar semelhantes arrojos que deixam na sombra a aguia de Guernesey, atrevo-me a dizer que o snr. Ramalho Ortigão não está positivamente na verdade: não me parece que *as fontes do systema* estejam como s. exc.<sup>a</sup> as fulmina: a meu vêr, se ha vermes e podridão é *nos fontes* do systema supra. Está o snr. Ramalho Ortigão a concordar, pela primeira vez em sua vida, com um pobre convulsionario (eu já lhe fallo...). Não ha *as fontes* corrompidas; ha *os fontes*. No artigo é que está a coisa.

Prometti fallar (já) ao snr. Ramalho Ortigão sobre convulsionarios e outros, e, em boa verdade, já não tenho vontade de fallar, — tão pouco tenho que dizer e tão pouco merecem as mais recentes originalidades do illustre cavalleiro de Christo — a seu pedido. S. exc.<sup>a</sup> diz (elle diz), no ultimo numero das FARPAS, que os escriptores contemporaneos podem dividir-se em quatro grupos: o academico ou official, o dos convulsionarios, o dos insubmissos e o dos domesticados. Como era de esperar, o snr. Ramalho Ortigão vae-se encafuando no grupo dos *insubmissos* — *uns dez ou doze solitarios*. Está bem de vêr que a Ironia, a deusa de Proudhon, se é certo que livra o snr. Ramalho da ambição do poder, da escravidão dos partidos e d'outras epidemias, não vingou subtrafl-o em absoluto á adoração de si mesmo. É mau! Um homem principia, depois, a girar por essas ruas — como o outro — com a mira na con-



templação dos fieis; d'ahi os excommungados faram-se de contemplar o idolo, contam-lhe os joanetes; recordações e confrontações: e, quando um homem mal se precata, os caras-do-diabo estão-se a rir. Não ha nada mais triste!

Não quero nem devo associar-me aos muitos que já se estão rindo. É meu parecer que no snr. Ramalho Ortigão os dotes de escriptor são prejudicados por uma ideia fixa: elle considera-se um dos *dez ou doze insubmissos* que em Portugal possuem *honestas sinceridade*. Fóra d'esse quadro ha apenas, na sua opinião, semsaborões emeritos, os convulsionarios que estão mal com tudo e os domesticados que admiram Possidonio: é um bando de telhudos, de parceria com um bando de estafermos. O snr. Ramalho Ortigão é *um dos insubmissos que reagem contra as correntes do movimento geral por meio d'algumas razões experimentaes postas em verso ou em prosa*. Elle põe em prosa, e, vamos com Deus, não põe mal; assim não gritasse tanto...

Eu fallo como um dos *convulsionarios que estão em combate acerrimo com tudo e em contradicção com o resto*. O snr. Ramalho Ortigão não está em si; as originalidades que vae fornecendo aos seus adeptos estão como os caldos da sua receita: não teem ôlha; é por isso que os adeptos vão emmagrecendo de corpo e alma, que é mesmo uma desconsolação. Alguns teem, n'uma balburdia afflicta, enviado as citações de Spencer ao esophago e os caldos sem ôlha ao cerebro, e não teem tirado resultado. O que s. exc.<sup>a</sup> — Vatel e Tacito — recíta e receita aos seus fieis sobre o estado da *suciadade* portugueza está velho, reve-



lho, requentado e bolorento: — as energias da nação despertaram com o Centenario, a intelligencia do nosso povo affirmou-se, registrou-se o renascimento moral da nação; — mas, ao mesmo tempo, o bom e intelligente publico renascido confunde a *honesta sinceridade dos insubmissos* com o cynismo de pose, com o charlatanismo da originalidade; antipathisa com esses solitarios, e, se os lê, é porque os considera umas coisas anormaes como as vitellas de duas cabeças.

*Era e não era,  
Andava lavrando.*

O snr. Ramalho Ortigão já habituou os seus fieis a sorprendentes mutações á vista: bate-se em duello e condemna os duellos; pede o habito de Christo e envia os sapatos de duas solas ao trazeiro dos outros cavalleiros; fornece paginas scientificas — sem ôlha, como os seus caldos, — para assombro dos pedantes de quarta classe e ignorantes de primeira, e ao mesmo tempo escreve esforço com *x* (*exforço*) e Veillot sem *u* (*Veillot*) e Galiléio com *y* (*Galyléo*); vê apologos na Biblia (veja parabolos) e resvala a quejandas innocencias de bemaventurado em letras. Ora, isto é que desperta as legitimas antipathias de um publico: é um escriptor com meio seculo de existencia, a educar-se publicamente, a cuspir desdens n'uma geração que, afóra uns sujeitos sem miólos, fanaticos do snr. Ortigão, sabe rir aos vinte e cinco annos de idade do que ha de engraçado nos cincoenta d'um convertido: o que ha de antipathico é pôr a tres quartos a sciencia elementar, é



escolher acintosamente Possidonio, Melicio e Vidal — reconhecidamente incapazes de *levantar a grêm-pa* — para o terreno das personalidades: é ostentar as antipathias que o pedantismo conquista, e explicá-las como um resultado da independência de caracter em meio d'uma sociedade corrompida: o que ha de antipathico é affirmar que o *paiz todo até á raia põe escriptos quando no Terreiro do Paço se toma de aluguel uma consciencia*, — isto é antipathico, porque é uma hespanholada que não vai bem com o genio do nosso povo e porque é uma revoltante injustiça que desauctorisa um escriptor e o rebaixa ás proporções de um triste *má-língua* sem opiniões seguras; — o snr. Ramalho Ortigão ha de encontrar, sem ir até á raia, mas ahi por essas ruas, onde mostra aos fieis a sua magestosa figura, homens que teem na sua vida real — desinteresse, abnegação, sacrificios pelo dever e desprezo pela mixordia publica — tudo isso levado a um tal grau... que s. exc.<sup>a</sup> é incapaz de dar aos seus admiradores incondicionaes a noção exacta do que taes coisas sejam.

Isto é que produz antipathias, e o snr. Ramalho Ortigão não tem o direito de distribuil-as pelos *in-submissos*, solitarios ou não; nem s. exc.<sup>a</sup> pertence a um tal grupo, mas sim á collectividade *toda-a-gente*. É preciso dizel-o bem alto, como diz um noticiarista altíssimo: o snr. Ramalho Ortigão é um vulgar! Quando s. exc.<sup>a</sup> affirma que todo o paiz se aluga, é um vulgar da familia dos furibundos e escreve para a familia supra. Quando deplora que os preoccupados na *duvida* e no *absoluto* não peguem n'uma enxó, para ganhar oito tostões por dia e afugentar pre-



occupações philosophicas, o snr. Ramalho Ortigão é um vulgar da familia dos *incolores* — nas peiores horas da rua dos Calafates: escreve para os alarves que, em homenagem á *industria*, embrulhariam nas folhas das ODES MODERNAS dois kilos de manteiga fresca e para outros alarves que censuram João de Deus, porque o herdeiro de Camões não produz obra vendavel no mercado da Ribeira Nova. Quando diz *que as fontes do systema que nos rege estão corrompidas*, o snr. Ramalho Ortigão é um vulgar da familia constitucional, na opposição, e dirige-se á envinagrada familia que se espulga, phrenetica e desavergonhada, á espera da *sua vez*...

Não desejo abalar a reputação litteraria do snr. Ramalho Ortigão, — que nem tal commettimento é para esforço de homem; aquillo ha de cahir com o tempo, e é coisa triste que não haja de escorar-se com muita prudencia um edificio tão mal construido. Que ha alli muito material excellente não tem duvida alguma. No trabalho de construcção é que transparece a incorrecção dos artifices que officiosamente levaram os seus serviços ao proprietario do terreno.

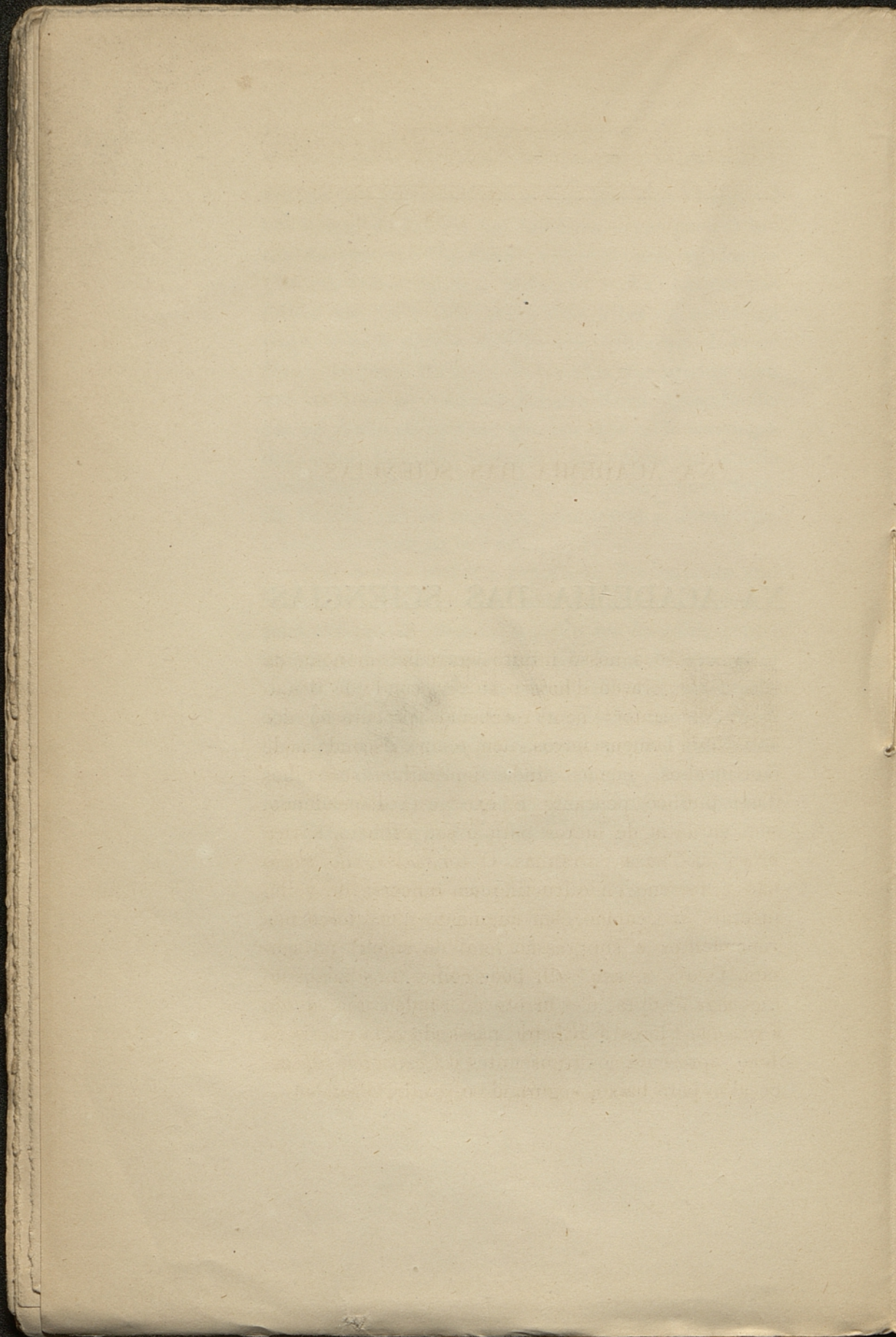
Parece-me que fallei bem.

1883.

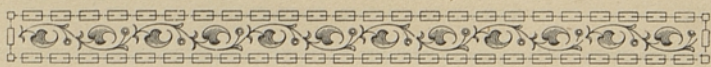


## NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS









## NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS



ão é nosso intuito aggredir em nome da geração d'hoje o snr. visconde de Benalcánfor: nem recebemos procuração dos homens novos, nem o snr. visconde póde mortifical-os, menos ainda deprimil-os aos olhos d'um publico pensante. S. exc.<sup>a</sup> está dispendendo, sem garantia de lucros para o seu espirito, a rica prosa das suas entranhas. O *Commercio do Porto* não é terreno onde fructifiquem rancores de velho litterato aposentado com augmento d'um terço nos vencimentos e suppressão total da admiração sensata. O que s. exc.<sup>a</sup> alli póde colher, nos baixos do *Commercio* supra, é o arroto do sandeu que, desde a rua das Flores á Ribeira, passando pela rua de S. João, apresenta aos transeuntes o *Commercio*, de cabeçalho para baixo, segurando-o — elle, o sandeu —



com os pés de cima. Está s. exc.<sup>a</sup> o snr. visconde no resvalo do abysmo onde Vilhena Barbosa, um erudito, pasce admirações de selvagens que desdenham pennas em redor do craneo, mas que supportam galhos onde se dependuram commendas e reabilitações de fallidos. S. exc.<sup>a</sup> é um mau litterato; mas, com franqueza, não merece tal publico.

Vamos andando.

\*

E afinal é triste coisa que os senhores das velhas gerações, uns Mathusalens preocupados no consumo da Agua Circassiana e na consumição da nossa paciencia, não queiram abrir suas lapellas ao nosso tributo de perpetuas, nem suas almas candidas (hun!) á boa lagrima que os bons rapazes sóem dispensar a moribundos. Elles — os venerandos — preferem o culto da maledicencia contra nós no terreno do botequim ou no da gazeta sorna. Ao mesmo passo, no seu dizer d'elles, somos nós os *dicazes* — termo da confraria dos carecas. Ruim séstro, que tem origem na dolorosa suspeita de que a benevolencia da geração d'hoje póde bem chamar-se misericordia! Póde bem chamar-se, mas veda-nos a cortezia dizel-o. A esta cortezia oppõem elles a insinuação com intuitos ultrajantes. A cegueira do odio chega a ponto de se arremessar á troça publica esta miseria moral:

— « Já se fizeram bons versos! »



Dos *bons versos*, que já ninguém *faz*, tem o leitor um specimen no

*Era noite, sem lua, sem nada.*

Se não prefere:

*As flôres d'alma que se alteiam bellas.*

Passem, que estão damnados!

\*

Mas o snr. visconde de Benalcanfor é da classe dos unctuosos: dôce e mellifluo, todo civilidades e lérias. O veneno está engarrafado; destapa-se no siphão da rua da Ferraria, redacção do *Commercio do Porto*, sem probabilidades de que os novos tenham conhecimento do *caso* e o corrijam, e para gaudio dos ratões sizudos. S. exc.<sup>a</sup>, a desproposito de Gonçalves Crespo, censura os *Boums* da litteratura... lesmas e coisas... que só teem dois ou tres idolos e que denigrem o resto... Se s. exc.<sup>a</sup> averiguar a historia notará que os *Boums*, as *lesmas* e coisas, dado que em muito considerem algum homem d'hontem e consideram de certo, não teem sequer um idolo, nem sombra de semelhante peste. Póde s. exc.<sup>a</sup> dizer que acceitamos a *carapuça*, se lhe não veda a fidalguia o plebeismo de taes dizeres. Acceitamos, por nós e por algum outro delinquente em materia de independencia e de sinceridade. Teria graça que s. exc.<sup>a</sup>



prenhe de rancores, os fizesse escorrer aos pés dos homens a quem odeia e se furtasse ao correctivo pela porta das *carapuças*! A sua auctoridade litteraria é o que nós hoje aquilatamos. Breves palavras, antes que se azéde o espirito...

\*

No *Mandarim* (n.º 12), folha diaria, que em Lisboa se publicou ahi á volta de 1881, ha um artigo do snr. visconde de Benalcanfor, destinado a celebrar os dotes do snr. conde de Casal Ribeiro. N'esse artigo vemos as seguintes palavras:

— « Como Roberto Pitt e Gladstone... » etc.

O snr. visconde tem de elucidar-nos sobre este ponto duvidoso dos seus dizeres: — Quiz referir-se a Pitt? N'esse caso cumpria-lhe escrever William Pitt. Quiz alludir a Robert Peel? N'este caso não lhe cumpria escrever Pitt. Tem William Pitt e Robert Peel. Robert Pitt é que s. exc.<sup>a</sup> não encontra no respeitavel quadro dos estadistas da velha Inglaterra.

N'este ponto, o snr. visconde, ou alguem por elle, faz-me observar que um lapso não constitue prova de ignorancia; e eu digo-lhe que sim, que constitue, pois que logo em seguida á innocencia supra apparecem as seguintes monstruosidades:

— « As estrophes candentes, vingadoras, de Courier, de Carrel... »



O snr. visconde de Benalcanfor é um ex-deputado e um ex-jornalista. Na Academia Real das *Sciencias de Lisboa* é um oraculo em facecias litterarias. Para um grande numero dos seus irmãos em letras é um delicioso camaleão, no bom sentido do termo: muda facilmente de pelle (de estylo) consoante exigencias novas do movimento litterario contemporaneo. Tudo lhe sorri; — nós rimo'-nos. Como deputado, elle fez discursos e não deixou de imprimil-os em volume, — xaropada crua! Como é pois que este jornalista, este deputado, este orador atravessa um longo periodo da vida politica de Portugal, sem conhecer a segunda Restauração em França? Como é que este academico, este litterato apregoadó e festejado percorre o caminho das letras sem conhecer Paulo-Luiz Courier, o maior pamphletario d'este seculo e um dos primeiros eruditos da França contemporanea? Como é que o snr. visconde, este orador parlamentar, este politico, vae medrando á *sombra da Liberdade*, sem conhecer Armand Carrel, o apostolo ardente da Liberdade, o jornalista maximo da causa liberal, a generosa victima da sua dedicação á pureza e grandeza dos principios?! *Estrophes de Courier!* *Estrophes de Carrel!* Deuses immortaes e vingadores! E porque não descobre o snr. visconde, em tão bom caminho, os versos lyricos de Rodrigues Sampaio? *Estrophes de Carrel e Courier!*...

Está bem de vêr que não accusamos iniquamente de ignorancia o snr. visconde de Benalcanfor quando affirmamos que elle desconhece por igual Robert Peel e William Pitt, ao confundir os nomes dos dois inglezes illustres. É pena, por amor da



Arte, que s. exc.<sup>a</sup> não descobrisse estrophes candentes dos dois filhos da Albion infamada.

\*

Resumindo:

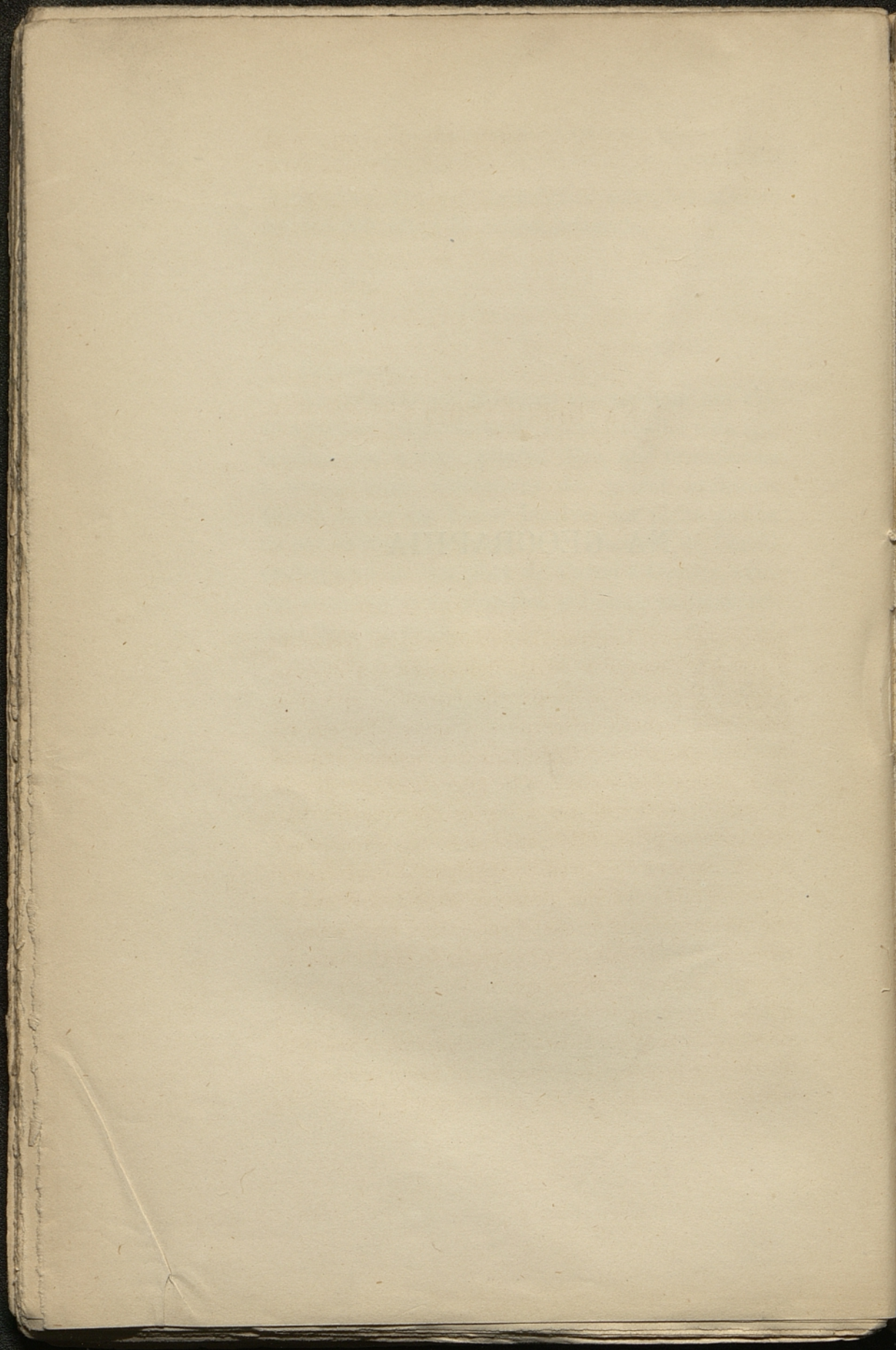
As palavras que ahi ficam representam um aviso a futuros insultadores do nosso trabalho e da sinceridade das nossas opiniões. Nós, que formulamos o aviso, somos detractores dos genios nacionaes (upa!), somos um horror horrivel em plena aurora de paz encantadora; mas o snr. visconde de Benalcanfor, com as estrophes de Carrel e Courier, affirma-se um astro de primeira grandeza na immensidade da ignorancia.

1883.



NA GEOGRAPHIA









## NA GEOGRAPHIA

### I



SNR. Luciano Cordeiro diz — no *Jornal do Commercio* (e das industrias) — a despropósito de Saraiva de Carvalho, que « os homens de merito são aggredidos em vida, mas que sobre o tumulto d'esses homens apparece a justiça dos vivos ». *Elle* quer dizer que depois da sua morte ha de ter a justiça dos que lhe vão chegando ao pello. *Elle* considera-se nas circumstancias de Saraiva de Carvalho. Sempre é bom distinguir: Saraiva era um poderoso espirito orientado, que só mereceu á causa democratica uma accusação: não ter chegado a pronunciar-se positivamente contra o safado systema que n'elle depositava esperanças. Esperanças! Como se hoje em Portugal houvesse ainda uma razão lucida, esclarecida e independente que apoiasse a podridão de meio seculo e o systema governativo que a produziu e sustenta!



Ora, os insignificantes que se apoiam no caso de Saraiva, para esperar reabilitação, patinham n'um ridiculo miseravel. Sim, porque apanhar tosquias dos contemporaneos não é bem uma razão para esperar elogios depois da morte. Ahi está Rodrigues Sampaio que obteve louvores pelo seu passado e o silencio da misericórdia para o ultimo periodo da vida. Ahi está o proprio Saraiva de Carvalho que só foi chorado como uma esperança perdida para a causa democratica — porque Saraiva *cá viria ter*.

Quando, porém, um indigena que entrou na vida litteraria dando-se ares de Gustavo Planche e sahindo d'ella com o poeta *Ulurus* no cachaço e um grande rabo-leva de troça e de gargalhadas: quando esse sujeito, que entrou na vida politica a bater á porta de todos os partidos politicos consecutivamente — incluindo o de *Pinus Puente*, refugio dos pataratas famintos, — dá, como titulos á consideração do futuro, a mijada no pedestal de Garibaldi, as deserções (de todos os partidos), o logar no ministerio do reino — escandalosamente conquistado a pontapés n'um concurso: — esse dentista de feira tem por dever esperar, em paz e grato contentamento, uma pasta ministerial sob o regimen de Fontes — e o *peditum* da gente que ainda ri nos intervallos do vomito.

A justiça depois da morte!? Pois não! Preparem alli duas iscas de justiça — *com ellas* — para a campanha do *Zé-dos-anzoes*! A justiça futura! Quem trabalha com sinceridade (não se allude ao sujeito em questão) prescinde de *justiça por amor de si proprio*, e, se por vezes lamenta as injustiças que soffre, é pelo temor de que ellas levem o desanimo a mais



fracos trabalhadores. Quem trabalha com boa fé não tem direito a esperar louvaminhas e póde receber injurias — porque tem na consciencia do seu trabalho força para recebê-las e consolação para abafal-las. Louvaminhas inconscientes de compadrio são boas para os farçantes que se dão ares de victimas dos contemporaneos e de esperançados em justiça futura, — como se a pallhada presente lhes não bastasse! Se o trabalhador tem jus ao louvor, em si o encontra e em meia duzia de bons espiritos irmãos. O que *fez* na sombra de Garibaldi tem na *maioria* quem o louve. Depois da morte ha de ter o tributo dos homens independentes: — *Um bólas de menos que cá fica!*

---

II

O snr. Luçiano Cordeiro é o que o meu visinho aqui do lado chama *os nossos peccados*. O leitor não esqueceu decerto os ultimos sorrisos que eu dispensei áquelle prototypo da dignidade litteraria, da dignidade politica e da dignidade scientifica — tres dignidades que o nariz de Pequito fareja e considera. Pois o caso é que o animo do sabio não recebeu de alegre feição o meu bom sorriso de galhofa pura. No *Jornal do Commercio* (e das industrias) sua excellencia regouga com muita indignação e muito queixo: — « Que as infamias e as injurias



« dos maus e dos inuteis chovem sobre os homens  
« prestimosos e trabalhadores... » É bom apurar todas as responsabilidades. Se os inuteis e os maus perturbam e apouquentam com grande chinfrim os Moisés do povo portuguez e insistem na bréjeirada de collocar appendices — panellas velhas — no rabo dos Moisés supra, urge contel-os em respeito e ordem. Socegue o snr. Luciano: trata-se da formulação. Entretanto, vá moendo sinceridade politica, austeridade litteraria e seriedade scientifica. Misture e mande.

\*

O leitor inclinado a minudencias estranhará que entre tantos heroes eu fosse escolher Childebrando... digo — este snr. Luciano. Tambem se explica: É certo que o illustre descobridor de *Ulorus* tem no meu cartorio pessoal culpas de certo valor; todavia, eu, com uma generosidade e uma caridade christã que não parecem d'este tempo e que me levam a perdoar as offensas — fiem-se n'isto os animaes! — eu com muita indulgencia e mimo e com duas cava-cas, limitára-me a apontar uma bisnaga com agua-de-cheiro ao pobre sabio-em-bolandas e a borrhifal-o (não lêr *burrifical-o*) em nome e desaggravo de *Ulorus* — velho alcoviteiro da Saxonia, descoberto na sua faina porcalhona e arvorado em *Tântalo da poesia* pelo inconsiderado botecudo.

O que porém não se compadece com os extremos da minha generosidade é a série de cabriolas recentes d'este *homem-publico*. Que a sua qualidade



de *publico* dá-lhe, é certo, uns fóros de arlequim; mas é demais, santo nome de Jesus! Vá o leitor contando: — Filiação no grupo de Pinus Puente; — idem no grupo do tio Fontes; — perna alçada no pedestal de Garibaldi; — entrada para o jornal de Burnay; — estenderete em concurso (mais um!) e logar apanhado, *quand même*, em detrimento dos alheios direitos e de mais singela moralidade: — por fim, defeza dos jesuitas, no órgão do supracitado Burnay, e grandes coleras sagradas contra os *maus* e os *inuteis* que perturbam a santa gente prestimosa no bello arranjo da vida. *In recto decus!*

Eu bem sei, — sou do meu tempo, tenho obrigação de saber tudo..., — eu bem sei que não é com sentimento que se governa a vida. O sentimento é romantico e é jacobino, — duas formulas irmãs. Garibaldi foi uma affirmação do jacobinismo puro, foi um romantico sem geographia e com grandes ingenuidades heroicas que o não levariam a S. Bento se nas amarguras do seu destino coubesse a de ser patricio da snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão. Mas, se é certo que o snr. Luciano, nimiamente escrupuloso, descobriu que o sublime velho estava fóra dos dominios da veneração que aos snrs. *Pinus-Puente* e Fontes se tributa: se o snr. Luciano, interpretando o bom criterio dos parlamentares Cócó & C.<sup>a</sup>, considerou o nome de Garibaldi uma indiscutivel indecencia, eu julgo-me — jacobino incorrigivel — constituido no dever de perturbar com uma troça implacavel as fumaças d'este litterato ridiculo, d'este concorrente reprovado e, por favor, collocado, d'este zaranza mediocre que na triste politica do seu paiz consegue



afirmar-se um escandalo que enche de assombro — e de inveja — os mediocres da sua estofa e da sua facção.

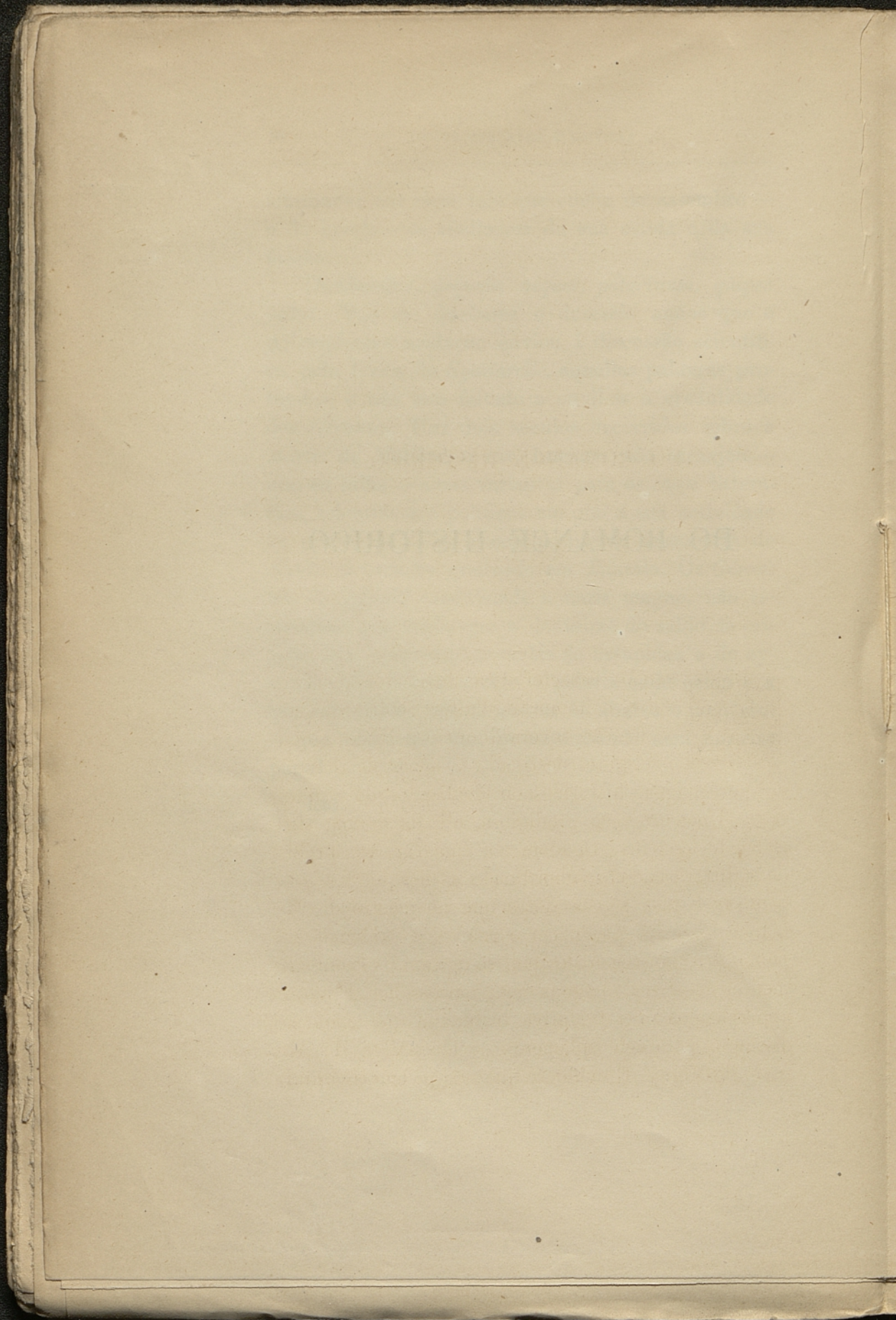
*Ossabundus, nequeis, nequer, potarinum, quipsa milus*: Vae em duzentos e dezeseis annos que o Aristophanes moderno enviou á discussão scientifica, pela bocca de *Sganarelle*, aquellas palavras profundas, e não tem faltado a ouvil-as a credulidade dos *Gérontes*. Uns dois seculos decorridos sobre a morte de Molière, o snr. Luciano não arranjou — que eu saiba — umas variantes para os *casos* litterarios, scientificos e politicos em que a sua actividade se preoccupa, — se exceptuarmos a descoberta do citado alcoviteiro graduado em Tantalos. Os *Gérontes*, de grande credulidade e nariz magno, não escasseiam por modo que o desanimo do sabio se origine. Mas emquanto as ondas da estupidez e do cynismo não deitam abaixo a galeria onde estou e a que me aférro, hei de enviar lá abaixo o meu riso — que não é um riso de contrabando nem um riso pago!

1883.



DO ROMANCE HISTORICO









## DO ROMANCE HISTORICO



FEIÇÃO característica do auctor de IVANHOE, o immortal Walter Scott, consiste na fixação severa do meio politico, social e religioso destinado a servir de theatro aos personagens historicos, ou idealisados, do romanista. Uma erudição prodigiosa, alliada a uma singular lucidez investigadora e a uma rigorosa probidade litteraria, não subordinada a mesquinhos *patriotismos*: taes são os dotes que no mestre do romance historico produzem o relevo, a evidencia do *ponto fixo*, em torno do qual se agitam os acontecimentos e os personagens imaginarios. Em França, apparece-nos uma tentativa brilhante, que mais se distingue pelo seu isolamento: o CINQ-MARS de Alfredo de Vigny. É evidente que não podemos contar



entre os tentamens dignos de serio apreço as brilhantes frioleiras do velho Alexandre Dumas.

Balzac invadiu, em hora de curiosidade, aquelle terreno (vid. CATHARINA DE MÉDICIS), mas as tendencias analyticas do seu genio afastaram-n'o, ainda bem, para a anatomia psychologica, das pisadas do romancista escossez.

Hoffmann distingue na galeria d'este ultimo duas divisões importantes: no dizer do critico, os trabalhos *classicos* de Walter Scott derivam-se dos acontecimentos naturaes, ao passo que os trabalhos *romanticos* filiam-se no terreno do maravilhoso: os terrores supersticiosos e, em geral, as anormalidades do espirito humano. Não discutiremos a classificação das duas feições do romancista: registraremos apenas o poderoso sopro vital que conserva perante nós, palpitantes de interesse psychologico, os vultos medievaes do grande creador.

Abrimos, ao acaso, uma das tentativas que acompanham a formação da galeria de W. Scott: a NOTRE-DAME, de Hugo: n'esta obra portentosa de descriptivo *architectural* é inutil procurar o *homem* nas suas paixões eternas e immutaveis. Quasi-modo é um tributo do auctor ao *monstruoso*: é o antecessor de Triboulet e de Gwinplaine. Frolo antecede Laffemas. O manequim fardado é o avô de Tholomyés. Estes partos monstruosos da potente imaginação de Hugo subordinados a um plano, subsistem na memoria de uma geração, mercê dos esplendores de linguagem. Entre nós, as tentativas do snr. Herculano conservam-se por igual motivo na admiração dos ingenuos. Extrahir d'esses blócos in-



formas da psychologia um character para a galeria contemporanea é obra que o proprio auctor da COMEDIA HUMANA mal conseguiria emprehender.

Em Scott, cada creação medieval, por mais infima, é um documento historico, palpitante da vida do seu tempo. Ao mesmo passo — notae bem — é uma affirmação real, poderosa, profundamente sentida e meditada, do homem interior. Bois Guilbert, o orgulhoso templario; o devasso Alberto Malvoisin; Cedric, o Saxonio; o judeu Isaac; sua filha Rebecca; lady Rowena; o servo Gürth: todos estes vultos *humanos*, subordinados ao meio social, nos usos, nas exterioridades, e ainda nos sentimentos — quando susceptiveis de soffrer a pressão do meio, teem na vida moderna os seus continuadores, tristemente verdadeiros: tirae ao judeu Isaac o terror, em que o meio religioso envolvia os engenhosos filhos de Israel — e tereis o *Gobsëck* e o velho *Grandet* de Saumur.

Nas pisadas do grande vulto que sustenta, a par de Cooper, Dickens e Balzac, o sceptro da soberania nos dominios do romance moderno, lançou-se, vae em dois annos, de entre nós, um dos mais serios e profundos talentos da actual geração portugueza: o snr. Bernardino Pinheiro. Do seu notabilissimo livro AMORES DE UM VISIONARIO disse, com desusado acerto, a pobre critica portugueza. Não é nosso intuito prestar hoje demorado culto ao trabalho a que alludimos. O livro ficou, por honra de todos nós.

O snr. Diogo de Macedo dá-nos hoje o CHRISTÃO Novo, *Chronica do reinado de D. João III*. Pomos de parte o titulo explicativo, para vêr n'aquelle



trabalho um tentamen digno de séria attenção, no terreno que viemos indicando. O romancista estudou a epocha, o *meio*, nos personagens, no viver, na linguagem — a um tempo severa e opulenta de atavios. Inspirou-se na ideia democratica; fez d'ella o alvo do seu trabalho, e toda a acção converge sobre a glorificação d'essa ideia. Mas, cumpre dizel-o — o entusiasmo que se revela no final do livro e que alevanta a honrosa altura o vulto do protagonista, prejudicou a severidade da observação e a traducção d'esta ultima. O leitor mais profano reconhece a ausencia de um capitulo preliminar sobre a epocha de D. João III e as relações do movimento liberal de lá fóra com as aspirações de um e outro espiritos modernos, que protestam em meio da bacchanal ensanguentada do reinado do *Piedoso*.

Na descripção dos typos historicos, João III é indeciso; em Catharina mal podemos entrever a futura avó e mestra de Sebastião I.

O fanatico Simão Rodrigues afigurar-se-ha a muitos de uma ingenuidade anti-catholica; a nós não: o que se nos afigura inverosimil é a scena do carcere, o rapido suborno do carcereiro, a *ausencia do terror* n'este ultimo. Alli, como na maioria dos capitulos, a acção obedece a um plano preestabelecido, sem a hesitação que procede da fatalidade dos acontecimentos. A febre do romancista termina no almejado desenlace: o triumpho moral da ideia moderna e a suffocação, pelo pulso traiçoeiro do clericalismo, do grande brado de victoria.

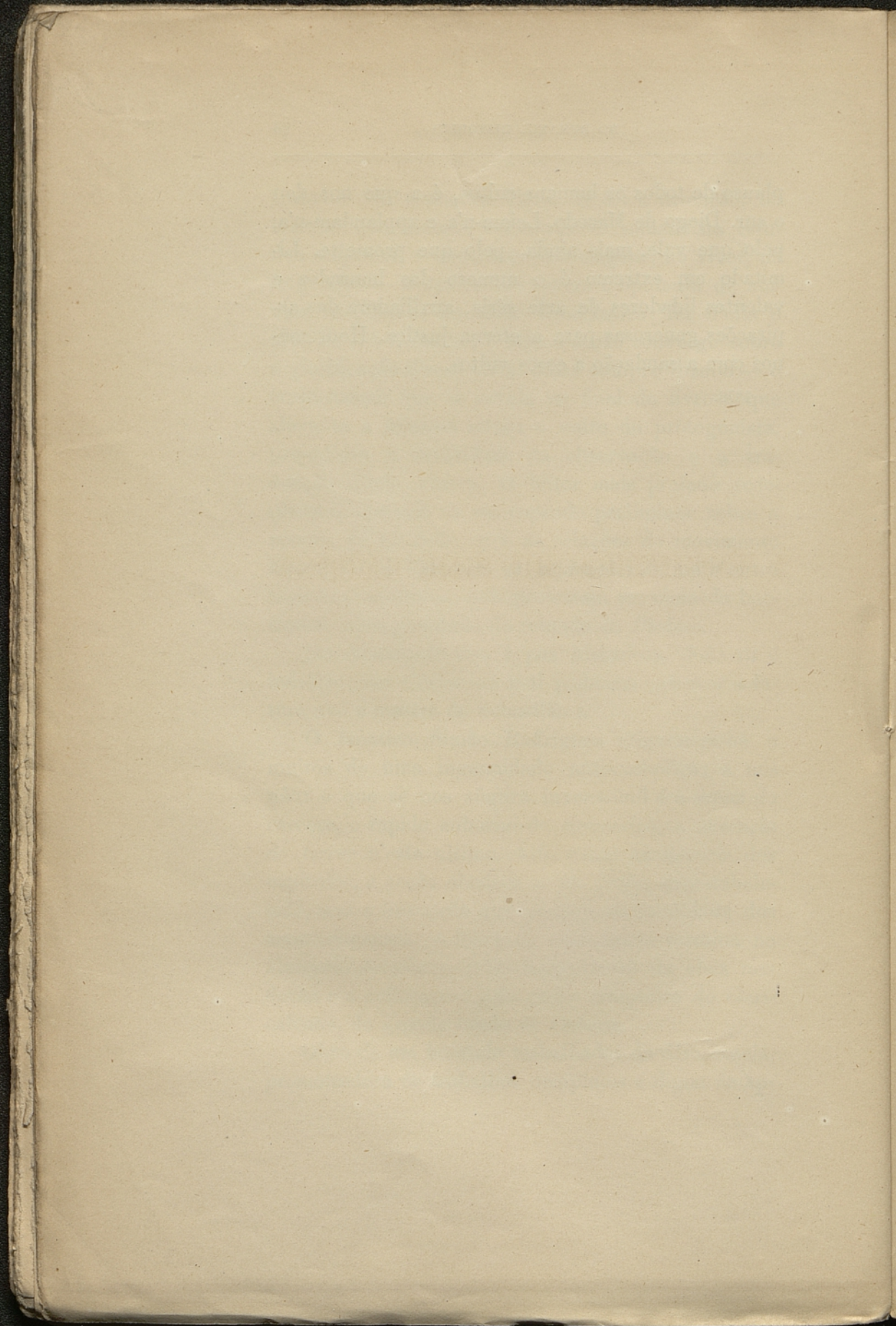
Obra de um honrado trabalhador da democracia, promettedora de trabalhos completos e digna de ap-



plauso de todos os homens cultos, é a que nos deu o snr. Diogo de Macedo. Leiam-n'a e applaudam-n'a, pelo que vale, mais ainda, pelo que promette. Limitado em extremo é o numero dos honrados e valentes lidadores da arte séria, auxiliadora das aspirações generosas para a eterna justiça. Honrem-nos com a saudação a esses vultos.

1876.







A ESTHETICA DO SNR. LATINO



A TESTIMONY TO THE FAITH





## A ESTHETICA DO SNR. LATINO



SNR. Latino Coelho entrou de ha muito na vereda dos prologos *pontificaes*; da auctoridade do pontifice é tempo de falar, em nome do estudo, que o talento não atropella; da Critica, que o estylo não representa, e da dignidade litteraria da geração de hoje, que não deve ceder o passo a um renome firmado na admiração inconsciente, — renome, por mais de um titulo, discutivel.

O apontado de blasphemias litterarias e de ignorancias sem nome, que o snr. Latino Coelho exhibiu no seu prologo ás VOZES DO ERMO <sup>1</sup>, impô-nos-hia a elaboração de um protesto energico, ainda quando o snr. Latino Coelho não houvesse, escudando-se com a admiração do gentio, insultado a Arte moderna, que desconhece e a Critica moderna, que prostitue, em homenagem a um livro *indiscuti-vel*.

---

<sup>1</sup> VOZES DO ERMO, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Lisboa, 1876.



« O estudo, o trabalho, a perseverança, o esforço, a energica vontade (diz no seu prologo o snr. Latino), podem ás vezes simular a originalidade e o talento: mas, se aprofundarmos a questão, veremos que é apenas correcta mediocridade o que se nos afigurava genial inspiração e alteza de entendimento ».

A base das paginas que vão ser lidas reside na seguinte variante, que nos é suscitada pelas palavras do snr. Latino Coelho:

As argucias palavrosas, a redundancia do estylo, a erudição tautologista e bolorenta, a affectação de indolencia litteraria podem ás vezes simular, aos olhos dos nescios, o estudo, o trabalho, a perseverança, o esforço, a energica vontade; mas se observarmos a questão, veremos que é apenas charlatanismo e vaidosa mediocridade o que a outros se afigurava esforço de illustrado entendimento.

E vamos proval-o:

Na evolução contínua da Arte moderna, o *obreiro* por momentos estacionario morreu para o movimento. É evidente que não reputamos digno da honrosa classificação os *dilettanti* das letras, — especie de socios honorarios de humanitaria e espinhosa instituição. O exemplo do historiador Herculano, collaborador do ALMANACH DAS SENHORAS, é doloroso, mas fertil em ensinamento. O snr. Latino Coelho, afastado da corrente litteraria do seu tempo, apresenta-se desarmado na arena do elogio banal, que nos seria licito conceber dirigido á *mulher*, mas que temos de condemnar como indecorosa mentira



no tribunal da Critica honrada, desde o momento em que a banalidade busca impôr-se á boa fé e á ignorancia publica.

Citemos:

Pag. VI — « *Paginas (as das VOZES DO ERMO)* « onde ha só formosuras e não senões, onde não ha « que *cegar* hervas humildes e agrestes ».

Passemos e, passando, vejamos e saboreêmos algumas paginas, *onde ha só formosuras e não senões*, no bucolico dizer do snr. Latino.

Abrâmos ao acaso:

Pagina 21:

Fernando vira a pallida Isabel  
e prendera-se-lhe a alma pura e crente  
em ferreo anel dos seus grilhões fataes.

Elle tem olhos castanhos,  
lisa testa de marfim,  
finos cabellos escuros,  
bocca de puro carmim.

O *pavoroso* ultra-romantico d'aquelle terceto, em connubio santo com o dizer descriptivo, ultra-popular, dos versos seguintes, é de um ridiculo assombroso. O snr. Latino Coelho não reparou n'estes senões. Já é cegueira! (com c).

Transcrevâmos ainda:

A paginas 24:

Um segredo... uma leve resistencia,  
e a bella ergueu-se emfim...  
Acolhe-os no recinto perfumado  
o placido jardim.

Para intelligencia do leitor, cumpre fazer-lhe observar que é um *homem limpo*, quem diz o segredo, e que é uma *mulher honesta*, aquella que o ouve e



que, em seguida a *uma leve resistencia*, vae com o homem a sós, alta noite, para o placido jardim...

As reticencias do dizer e o despejo da matrona poderiam fazer córar por suas filhas qualquer mãe honesta que lhes visse nas mãos o livro de que vimos fallando.

O snr. Latino Coelho não viu estes senões.

Segue o dialogo no jardim:

Pagina 28:

Meu Deus! meu Deus! o impossivel!

Não saber eu *convencel-a!*

*Vel-a* assim muda, e insensivel  
tão despiedosa e tão bella!

Foi *elle* quem fallou. Agora — um devaneio da bella:

*Deixae-me ser borboleta,  
pousar em todas as flores:  
quero ser livre, sem meta,  
não quero prisão de amores!*

Concebe-se, acaso, que um cabelleireiro romantico e uma modista lida em farfalhices da snr.<sup>a</sup> Guio-mar Torrezão possam tolejar d'outro modo?

O snr. Latino Coelho nada viu.

Pagina 31:

*Mostrei-me qual sou, bem vêdes,  
toda, fogo e inconsequencia!  
o irritante ardor das sêdes  
que me abraçam, não m'o acalma,  
do vosso affecto a innocencia!*

Se alguma coisa póde sobrepujar o ridiculo d'estas cinco linhas é a abjecção do vulto feminino, creado pela poetisa. Um livro que encerra taes versos não pertence só aos dominios da Critica litteraria: affronta a moralidade, não como o *realismo* de



Flaubert, condemnado pela imbecilidade, mas como uma cantiga *fresca*, de esturdia em romaria.

Fechemos o livro para as citações dos versos, e vejamos o como a *cegueira* do snr. Latino Coelho se compraz em phantasiar dislates, engaste de profanações:

« O realismo, como de presente é moda o enten-  
« del-o (?), confesso que não quadra á estreiteza do  
« meu espirito, nem ás minhas predilecções estheti-  
« cas, fortalecidas pela minha educação litteraria ».

Bella educação! Mas, veja-se o que ella dá ao snr. Latino Coelho, como *realismo* moderno:

« Dar por assumpto á poesia o aspecto mais es-  
« qualido, repugnante, odioso da pobre humanidade,  
« parece-me destoar d'aquelle *simples* e *aprazível* na-  
« turalismo idealisado, em que eram mestres os va-  
« tes da antiguidade ».

Inepcia, snr. Latino Coelho! Qual é a antiguidade poetica, de que nos falla? A antiguidade biblica? Mas o LIVRO DE JOB não se nos afigura destinado a satisfazer de um modo completo o ideal poetico do snr. Latino (pag. x): « um cantico *sentido*, *amoravel*, *consolador* » (*sic*). A antiguidade grega? Mas a ILIADA mais se afasta do seu ideal *amoravel e consolador*, do que o livro do hebreu <sup>1</sup>. Não se circum-

<sup>1</sup> Este hebreu é, na opinião de Bossuet, o legislador *Moisés*. Quando pela primeira vez enviámos a publico as linhas que acima ficam, uma certa critica de soalheiro accusou-nos de ignorancia, firmando-se em que o auctor do LIVRO DE JOB é Job, naturalmente de Iduméa e, portanto, não hebreu. Se á stulticia atrevida se afigura auctoridade na materia o grande bispo de Meaux, córe pela petulancia, — se ainda córa.



screve, porém, á Antiguidade o snr. Latino? Offerecemos-lhe o INFERNO do Dante. Ou não se lhe afigura o nome do Dante á altura da cathedra para que appellou? Mas, não nos demoremos no lastimoso assumpto...

« O *bello* é o seu unico fim (dos poetas) », diz o snr. Latino Coelho.

A sentença, proferida por um rapaz de escóla, não fugiria ao correctivo da palmatoria. O *bello* na Arte, no restricto sentido em que o snr. Latino o considera, não reside no assumpto, mas na *fórma*. Um Antinous moderno, descripto por um imbecil, é uma deformidade. Quasimodo e Gwinplaine, descriptos por Victor Hugo, são monumentos da Arte moderna: o *bello* artistico é Ursula Miroüet e Valéria Marneffe; é Valjean e Thenardier; é Julieta e Lady Macbeth; é o *bello natural* e o *natural disforme*. Lamartine escreve o JOCELYN: admiravel! Baudelaire escreve UNE CHAROGNE: admiravel ainda! Em detrimento das insinuações do snr Latino, o poeta das FLORES DO MAL — das flores doentias (*fleurs maladi-vés*) — brinda o céu da Arte, na phrase de Hugo, com um *rayon macabre* e cria na alma humana um estremecimento novo e formidavel.

*Pacem summa tenent*: esta é a divisa de outro poeta, o mais illustre da geração franceza de 1850, o grande Leconte de Lisle. Collocado nos pincaros luminosos da Arte, volve o olhar poderoso e tranquillo á primeira idade genesiaca, arrasta á beira da



Arte moderna a sombria lenda de Cain e transforma-a em monumento, que os olhos dos *dilettanti* literarios não sabem vêr.

O snr. Latino Coelho não encontrará decerto n'esses gigantes o seu ideal *amoravel, sentido e consolador*.

« Ser poeta, diz o snr. Latino, é sentir, cantar, devanear ».

Sentir? — o que? Cantar? — o que? Deixemos o *devanear*, que é inepto em todos os sentidos. Nós sustentámos algures que combater Lamartine com Proudhon é tão absurdo como antepôr o lyrismo á poesia social. Mas o snr. Latino diz (pag. x) « que ás mulheres cabe o *sentir e cantar* porque o periodo é de lyrismo subjectivo ».

Quem tal diria? Anthero de Quental e Theophilo Braga e Guilherme Braga e Guerra Junqueiro e Gomes Leal e Guilherme d'Azevedo e tantos outros são atirados ás feras pelo snr. Latino Coelho, em homenagem... a quem? a João de Deus, o grande lyrico? Se tal fôra, o fanatismo explicaria o desacato.

Mas, o snr. Latino, pontifice moderno, com fabrica de prologos alambicados, decreta, em homenagem ás suas leitoras *bas-bleus*, que o são por igual da escriptora recommendada, o sacrificio dos homens que dão lustre á nossa Arte, no periodo contemporaneo. A poesia historica é supprimida, desde Quinet a Theophilo Braga: a poesia de combate é



eliminada, desde Koerner, de Rouget de L'Isle e do poeta anonymo da Polonia, a Guilherme Braga; toda a poesia social, desde o *Satyro* da LENDA DOS SECULOS até ás ODES MODERNAS, á MORTE DE D. JOÃO e á ALMA NOVA é posta em holocausto. Vergonha! Enormissima vergonha!

No caso, possivel e improvavel, de que as criticas-prefacios do snr. Latino Coelho houvessem de ser lidas por um *critico* estrangeiro, digno da classificação, que diria este ultimo da falsidade suprema, ou da suprema ignorancia, affirmada n'aquellas paginas, ao saber que a maioria d'este desgraçado paiz, cega, fanatisada, embrutecida pelas mentiras e pelo desvergonhamento dos seus mentores, vê no snr. Latino uma summidade litteraria? As suas deploraveis insinuações nem sequer se apoiaram em trabalho que lhes attenuasse o sacrilegio: os versos *lubricos*, que acima transcrevemos, serão para o snr. Latino Coelho o lyrismo subjectivo, a missão da mulher litteraria no periodo contemporaneo, o ideal *amoravel e consolador*: serão, decerto; mas o snr. Latino Coelho — litterato — acha-se collocado, d'hoje em diante, fóra dos limites da discussão.

Inutil é accrescentar, sobre o livro VOZES DO ERMO, — um pretexto, no fim de tudo, — duas palavras, sequer. As transcripções, que deixamos acima, auctorisam o nosso silencio e impedem que, litterariamente, classifiquemos o livro miseravel recomendado pelo snr. Latino Coelho.

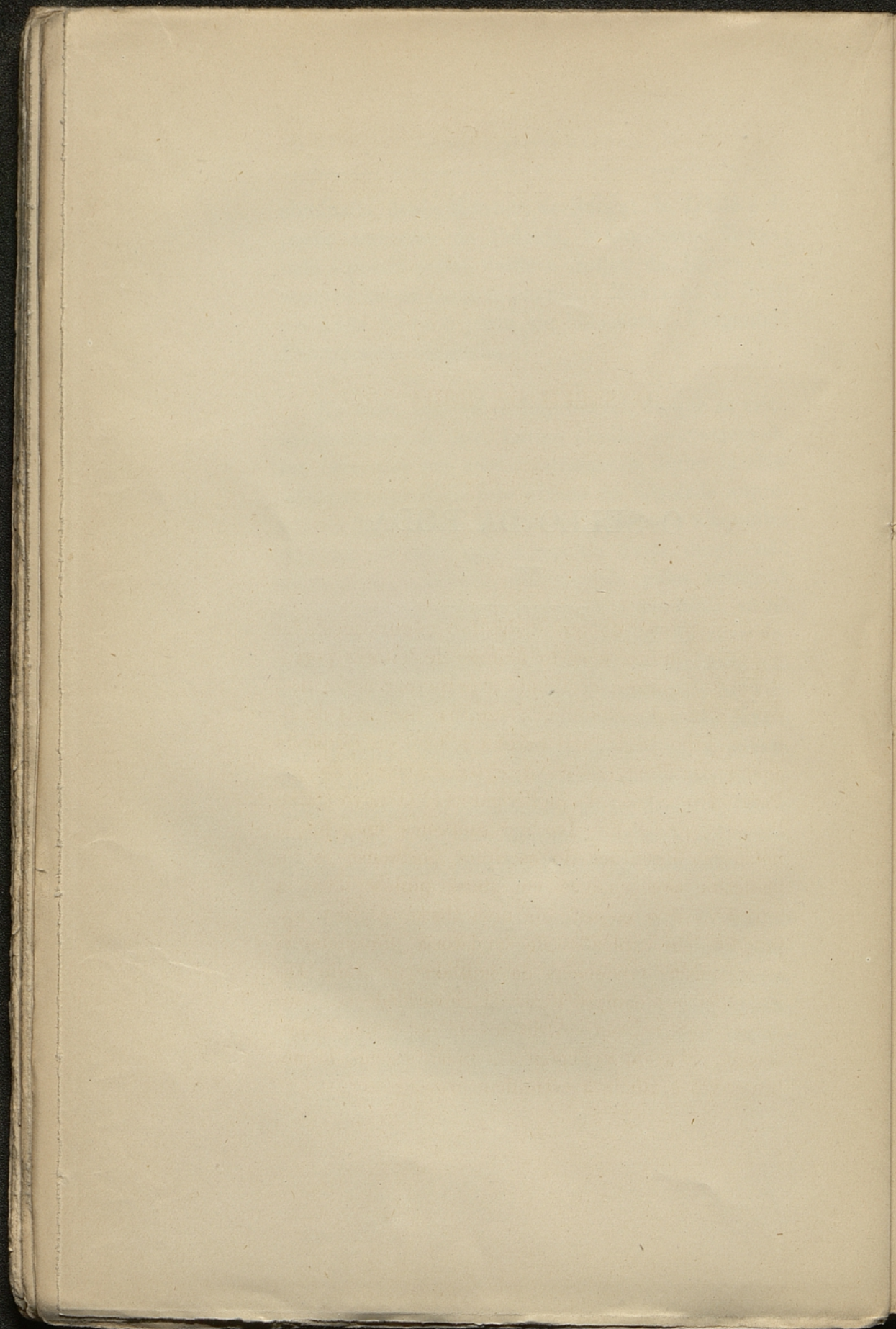


O SELLO DA RODA

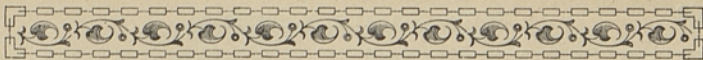
POR

PEDRO IVO









## O SELLO DA RODA

POR

PEDRO IVO



NOME do snr. Pedro Ivo afigura-se, de ha muito, a certo numero de leitores portuguezes, destinado a perpetuar entre nós, pelo exemplo, a *maneira* litteraria do illustre Julio Diniz; um pallido reflexo da fórma do auctor das PUPILLAS constituiu nos CONTOS do snr. Pedro Ivo a base d'aquelle parecer. O novo trabalho do snr. Pedro Ivo apresenta-nos uma feição nova nas intenções do escriptor portuense; o romancista preoccupa-se em these philosophica; a narrativa é o engaste de uma these. Alguem applaudiu, em explosões de laudatoria phraseologia, as modernas tendencias do imitador de Julio Diniz. Não nos cumpre dizer da sinceridade dos louvores: mas cabe-nos o direito de oppôr ao entusiasmo, falso ou verdadeiro, a razão serena, inquebrantavel e alheia a estranhas prevenções.



Importa demonstrar: que os primeiros passos do snr. Pedro Ivo na vereda hoje encetada constituem um completo desastre; que os louvores tributados a essa producção não logram salvá-la perante a Critica honrada e só sim desauctoram os sabujos; que o snr. Pedro Ivo, inspirando-se no seu primeiro modelo, faria jus a um logar distincto na galeria dos imitadores de consciencia, ao passo que as pertenções de hoje lhe maculam o renome conquistado; que a Critica (?), abeirando do nome de Julio Diniz o do auctor do SELLO DA RODA, commette um sacrilegio duplo: affronta a memoria do distincto creador e incita o novel romancista á consummação de novos attentados.

Isto importa dizer e demonstrar, em que peze a divergencias, porventura muito respeitaveis pelas intenções que as dictaram, mas decerto muito discutiveis.

Isto posto, demonstremos.

Desde o momento em que um auctor abandonou a tarefa — já de si gloriosa, quando não risivel, — da Arte pela Arte, e collocou esta ultima ao serviço da *these*, correu-lhe o dever de supprimir perante o publico a sua personalidade de *pensador* e deixar a esse publico a tarefa de descobri-la. O romancista que interrompeu o seu trabalho — descriptivo e dialogo — para embrenhar-se em divagações, prejudicou a um tempo os seus credits de *moralista* e os de artista: porque, ou contára com os seus recursos de creador para impôr-nos, sem prevenções, a irresistivel força da sua doutrina — e n'esse caso



as divagações são uma excrescencia condemnavel, ou não julgára as suas faculdades de artista em extremo amplas para a evangelisação da sua these e, em tal caso, dispensasse-nos do romance e apresentasse-nos sem involucro as suas opiniões.

Tal não fez o snr. Pedro Ivo. Entre as paginas 101 e 123 do seu trabalho apresentou-nos um artigo de jornal litterario *ad usum* dos corações sensiveis, declamatorio na fórma, porventura entusiastico, certamente falsissimo. O snr. Pedro Ivo abonar-se-ha talvez com os exemplos de Hugo, mas é geralmente sabido que o maior crime litterario do chefe do Romantismo consiste na affirmação constante da sua personalidade. O maior creador d'este seculo, Honoré de Balzac, deu-nos, é certo, na introdução á COMEDIA HUMANA, o porquê do seu prodigioso labor anatomico, mas aquellas paginas severas como que constituem a explicação da sobrehumana tarefa do artista giganteo: d'ahi, a introduzir palavrosas e ôcas divagações em um romance de propaganda, vae um abysmo, que a debilidade esthetica do snr. Pedro Ivo tornou por demais profundo.

Falla o snr. Pedro Ivo:

« O Sello da Roda!...

« O Sello!?... Não sei porque repugna-me esta palavra.

« A Roda!...

« Quando deixará de existir essa cumplice de um immenso crime, que se decompõe em myriades



de crimes?... Quando veremos por terra esse padrão de immoralidade ainda hoje erguido no centro d'algumas povoações!?...

« Ah! Calae-vos, poetas!... Eu sei, eu adivinho o que ides dizer-me; mas por piedade... Calae-vos!... »

« Que me importa a deshonra da mãe, se a mãe seria a meus olhos sublime e augusta, apresentando-se martyr do seu erro », etc.

« Ah! não me falleis em considerações de família! »

.....

E n'este estylo, recamado de interjeições e reticencias, qual o dos heroes do romance — o que nos leva a crêr que os heroes e o auctor soffrem soluços ou intenções perfidas — n'este estylo, dizemos, vae proseguindo o snr. Pedro Ivo, como que assombrado dos horrores mundanos e assombrando-nos com o espectaculo de humanas fraquezas, muito para proficuas meditações e de salutar ensinamento.

Urge porém interromper nos seus devaneios o snr. Pedro Ivo e esmiuçar os devaneios em questão.

Primeiramente, confessa o snr. Pedro Ivo que sente pela palavra *sello* uma repugnancia, cuja origem *não sabe* explicar.

A confissão é pueril, mas significativa.

*Pueril*, porque nem a critica, nem o publico teem que vêr nas repugnancias e nas sympathias do auctor.



*Significativa*, porque, desde o momento em que o snr. Pedro Ivo aggride uma palavra, que é, no caso sujeito, symbolo de uma instituição, — confessando ao mesmo passo *que lhe repugna sem saber porque*, — deixa-nos suspeitar a existencia de certa ignorancia, pelo menos de muita irreflexão nas origens da sua repugnancia em face da instituição alludida.

« A Roda!... » continúa — e esta interjeição tem pertenções a eloquente. Iremos provando que é insensata.

« Quando veremos por terra esse padrão? » etc.

« A mãe seria sublime, apresentando-se martyr do seu erro ».

Em seguida a estes devaneios, exclama o snr. Pedro Ivo:

« Ah! calae-vos, poetas! »

E entra, com o indispensavel cortejo de reticencias, no periodo das desventuras, que acolhem a creança engeitada, á sua entrada na vida e no decorrer d'esta ultima.

Ora, imagine o snr. Pedro Ivo lançado por terra — *em vez de reformado e devidamente fiscalizado* — o seu phantasma da Roda, esse padrão que o aterra e lhe arranca reticencias e interjeições sem conto. O auctor do SELLO DA RODA, supprimindo o *padrão de immoralidade*, não expurgará decerto dos amores illegaes (*sic*) a civilisação contemporanea, — pelo menos, não denota o seu trabalho de hoje tão ambiciosa e moralisadora pertença... Pois bem: dos



taes amores condemnados irão surgindo os innocentes fructos; e do destino que as pobres mães — sem pão e sem leite, tantas vezes — darão a esses fructos não ha de testemunhar a Roda, maldita e proscripta pela *sã philosophia* do snr. Pedro Ivo; mas, em troca, recebem-os-hão os portaes, os barris do lixo e os canos de esgoto. Não será a mercenaria camponesa quem receberá nos rudes braços as innocentes victimas: mas os ratos do monturo e os cães vadios darão largo e succulento pasto á sua voracidade.

Estas considerações estão no animo de todos: dissemos outr'ora. A apparição dos criticos ineptos do snr. Pedro Ivo impõe-nos differente parecer.

Repugna lançar á conta de suspeitosa condescendencia applausos d'aquella ordem, mas é dolorosa a insensatez quando estriba as suas affirmações na barbaridade involuntaria.

É repugnante!

Quando o snr. Pedro Ivo conseguir — mercê de energica propaganda — obter da justiça social um severo castigo e da Opinião Publica um ferro em braza para o seductor de uma pobre rapariga, innocente e indefesa; quando, em vez do gargalhar mundano, obtiver a mulher ultrajada a compaixão sem ultraje e a protecção devida á fraqueza; quando um crime de seducção não fôr applaudido e minuciosamente descripto nos botequins de má nota, onde os garotos afidalgados se acoitam, e sancionado pelo sorriso indulgente da maioria *sizuda*: então nos dirá, com justiça, das suas exigencias de



coragem feminina o auctor do SELLO DA RODA. Até lá não ha reclamar heroismo, a que o descaramento seria engaste.

Falla-nos o snr. Pedro Ivo nas miserias que na vida aguardam o *engeitado*. Devaneiou mais uma vez, mas a desculpa ha de tel-a o snr. Pedro Ivo quando lançarmos á conta de ignorancia a sua chorosa declamação. Para os seguintes dados chamamos a attenção do auctor do SELLO DA RODA:

Nos arredores de Lisboa existe avultado numero de estabelecimentos fabris, nos quaes se empregam, em trabalhos superiores ás suas forças, creanças de 5 a 12 annos. É de oitenta reis por cada dia de trabalho — os dias de verão teem alli *quatorze horas*, — o salario d'essas creanças. Nós, que isto affirmamos, tivemos ensejo de descobrir entre ellas um certo numero de *engeitados* e — coisa para nós então estupenda e depois explicada — descobrimos mais que as creanças melhormente enroupadas e alimentadas eram — os *engeitados*.

Investigámos, sondámos, evitando o risco de devaneiar um dia sobre o assumpto, e, das nossas investigações, resultou o conhecimento de que as mães adoptivas dos *engeitados*, temendo *uma denuncia á Santa Casa*, tractavam melhor essas creanças do que as mães naturaes aos proprios filhos.

Isto dizemos: isto vimos: mas o snr. Pedro Ivo allude aos soffrimentos moraes do *engeitado*: é este o seu ultimo baluarte. Não o largaremos n'elle.

Mas o baluarte arruירá sem esforço: facil é prevê-lo. Não ha argumentar com aquellas tautologias



engastadas no soluçar dos personagens e assentes nas incorrecções do deploravel estylo.

Vejamos:

O snr. Pedro Ivo impõe á mulher, victima possivel da seducção, a coragem de ostentar aos olhos do mundo, escudada por essa coragem, os fructos do seu amor: tal mulher será *sublime* — para o auctor do SELLO DA RODA. A recompensa da coragem não é lá muito tentadora perante os desdens d'uma sociedade torpe, mas o romancista é tambem legislador.

Ora, ao passo que o snr. Pedro Ivo exige tal heroicidade á mulher, expondo-a aos escarneos do mundo, julga pavorosa a sorte do *engeitado*, porque este ultimo andar á exposto ás cruciantes vistas do mesmo mundo: por outra, a mulher será *sublime* acceitando a vergonha, — mas a sorte do engeitado é intoleravel perante a sociedade. Não ha, que nos conste, exemplo de assuada a um individuo; motivada pelo abandono que elle soffreu; mas o snr. Pedro Ivo (a pag. 113 do seu livro) assevera que as proprias arvores, de parceria com os proprios passaros, chamam *engeitudo* ao sujeito e, pelos modos, em tom repassado de cruciantes ironias. Já é tristeza de destino e barbaridade de passarada!

Importa concluir e vamos fazel-o.

O decorrer da acção firma-se em falsidades. O desfecho é inexcedivel em aprumo de leso-realismo. Não sendo o romance *realista*, conseguiu o auctor collocar-o fóra dos dominios do romance *phantasista*: é estupendo, mas exacto. Fugindo á generalidade, para refugiar-se no terreno das aberrações, con-



seguiu faltar á verdade e não crear coisa alguma: nem observação, nem idealisação: apenas bisbilhotice, explorada pelo sentimentalismo piegas e engastada nos moldes de uma declamação balofa <sup>1</sup>. Forma e ideia disputam primazias em falsidade, e estabelecem um conjuncto de imperfeições, que só um grande esforço de vontade, coadjuvado por enormes recursos de estudo e de talento, poderá obliterar um dia nos annaes dos escandalos litterarios. Terá o snr. Pedro Ivo na sua consciencia o vigor que reage contra os applausos não merecidos e os reduz ao seu valor? O tempo resolverá esta questão <sup>2</sup>.

1876.

---

<sup>1</sup> Alludindo a este capitulo, outr'ora publicado na *Revista Litteraria* (portuense), escrevia o illustre jornalista J. Ribeiro Guimarães (o auctor do SUMMARIO DE VARIA HISTORIA) no *Jornal do Commercio*, de Lisboa (n.º 6796), as seguintes palavras, que a ausencia completa de relações, entre nós, auctorisa nobremente:

«As arguições do snr. Silva Pinto ácerca do *Sello da Roda*, a nosso vêr, são justas; os reparos do critico fundam-se na realidade dos factos, que contradizem uma certa philosophia a que os francezes chamam *sensiblerie*, e nós diríamos *choramigas*.

«O snr. Silva Pinto não é critico de louvaminhas, passa antes pelo excesso opposto. O seu espirito reage contra os louvores immerecidos, e por isso, ás vezes, é mais duro. Depende isto do character litterario do individuo, mais inclinado á rectidão do que á benevolencia.

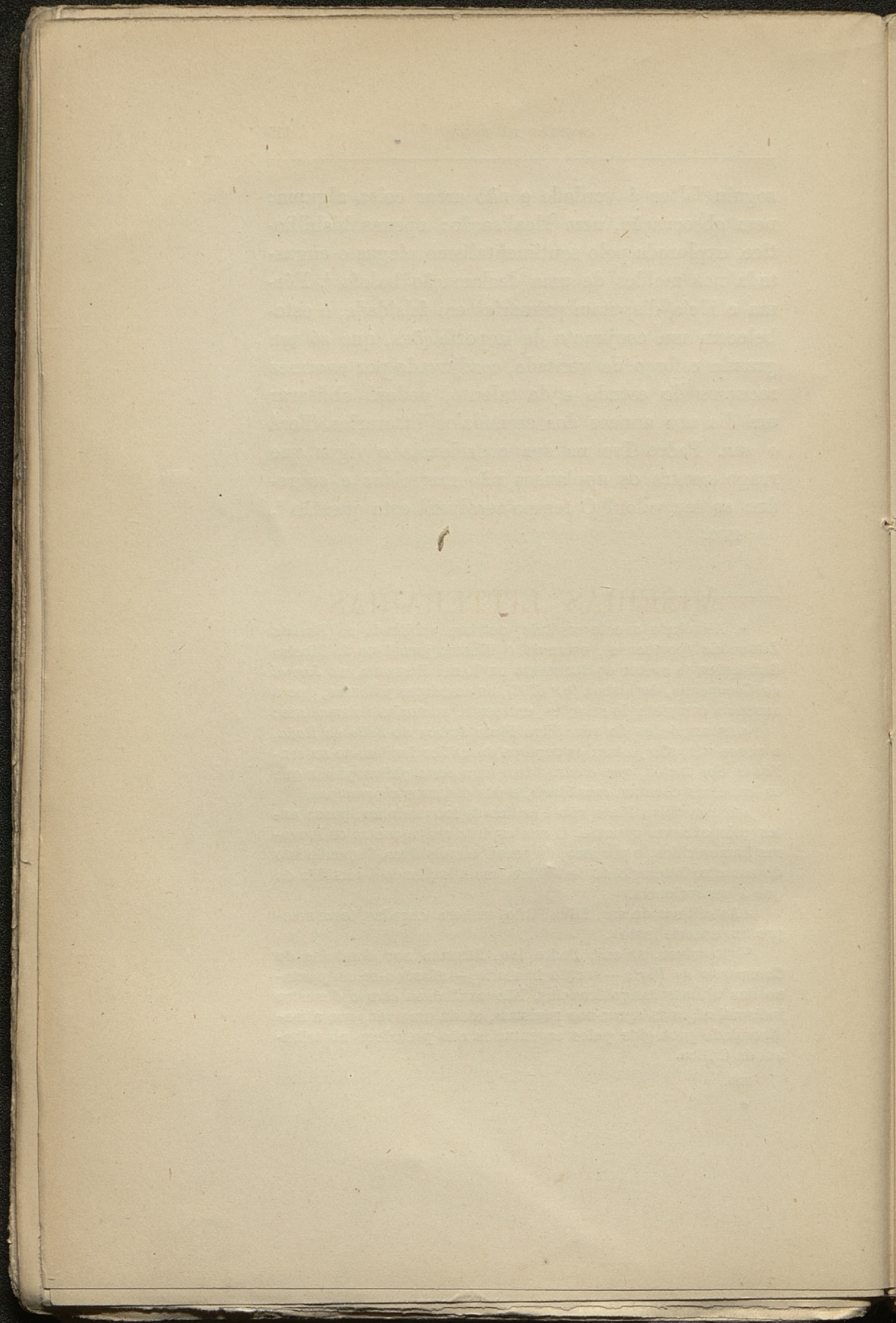
«As criticas do snr. Silva Pinto, embora aceradas, teem sempre um criterio justo».

<sup>2</sup> Resolveu. O snr. Pedro Ivo, litterato nos dominios do *Commercio do Porto* — secção bancaria, — afundou-se no pantano das ultimas insignificancias. Não exultamos com o desastre indiscutivel, mas apraz-nos registrar, ainda uma vez, que a mediocridade protegida pelos argentarios não prevalece no tribunal da Critica.

1884.

\*

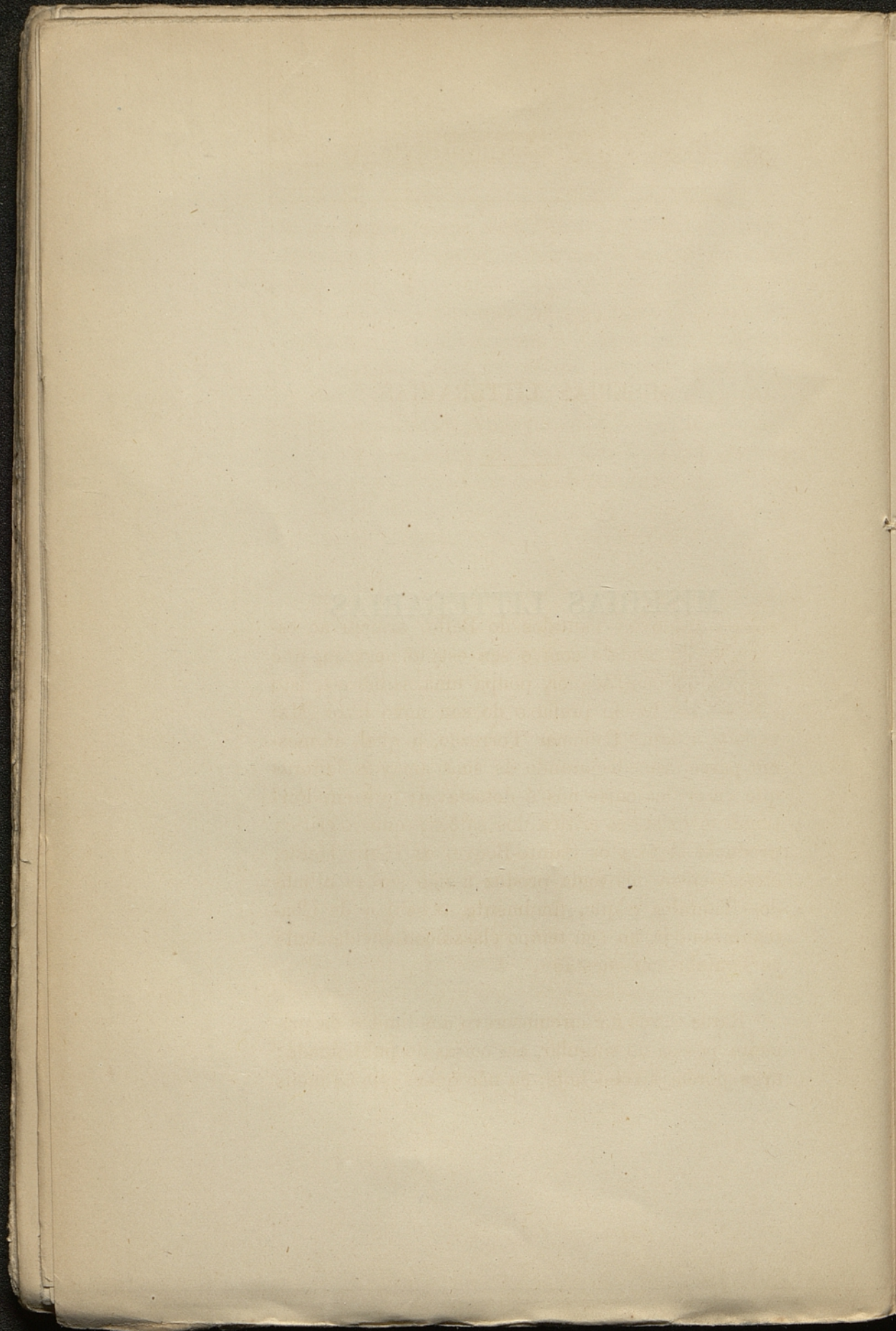






MISERIAS LITTERARIAS










## MISERIAS LITTERARIAS

---

### I

«  OVOS Tantalos do Bello, armam ao escandalo com o seu estylo nervoso, que nem, sequer, poupa uma senhora », isto diz no prefacio do seu novo livro (METÉOROS) a snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão, a qual, ao mesmo passo, vae declarando ás suas amaveis leitoras que « a critica entre nós é detestavel; que em Portugal só existe a critica dos salões; que a critica produziu lá fóra os Sainte-Beuve, os Henri Heine, etc.; e entre nós nada produz a não ser os alludidos Tantalos e que, finalmente, o senhor de Chateaubriand já no seu tempo classificou devidamente os Tantalos em questão ».

Raras vezes me circumscrevo aos limites da primeira pessoa do singular, em coisas de publicidade; urge porém fazel-o hoje; eu não quero que os meus



attentados de lesa-etiqueta ponham em duvida, por um momento sequer, a indulgencia dos criticos portuguezes para com a litteratura feminina do seu paiz.

E nem se julgue que me proponho, seguindo o exemplo de Veuillot no seu estudo sobre *LES FEMMES AUTEURS*, desentranhar-me em accusações injuriosas á snr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão. De modo nenhum: escasseia-me a auctoridade do jornalista ultramontano e, além d'isso, não me parece que a snr.<sup>a</sup> Guiomar tenha em vista representar entre nós o papel de George Sand.

Decididamente, a snr.<sup>a</sup> Guiomar não é bem a George Sand.

E agora me applaudo, antes de entrar no assumpto, por haver destruido a solidariedade da Critica portugueza, com a adopção do *eu* n'estas divagações. Pois a Critica pôde lá descer a um livro da snr.<sup>a</sup> Guiomar sem prejudicar a seriedade da sua missão? Não ouço eu acaso dentro em mim uma voz severa que me brada: — É contagiosa aquella ignorancia medonha: ámanhã nem saberás lêr?...

Ah! isso não: eu terei cuidado, ao subir do livro da snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão ás regiões do estudo e do trabalho, em purificar o maculado espirito. Á dolorosa missão, que me impuz, obriga-me a desvergonha dos jornalistas em extremo *cortezes* e a crassa ignorancia das massas, que dá fóros de seriedade áquelles extremos de *cortezia*.

É por isso que vou descer.

Convém estabelecer as bases da cólera da snr.<sup>a</sup>



Guiomar Torrezão em frente dos Tantalos do Bello e do seu estylo nervoso, d'elles.

Em 17 de maio de 1873, sahiu á arena da discussão Faustiana, em defesa dos snrs. Castilho e José Gomes Monteiro, a snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão. S. exc.<sup>a</sup> *deitou* folhetim. Folhetim de mais, ou de menos, pouco importava ao desastre do snr. Castilho: mas, como se a Providencia houvesse resolvido cobrir de eterno ridiculo os profanadores de Goethe, a auctoridade da snr.<sup>a</sup> Torrezão firmára-se, pouco antes, nas seguintes palavras solemnes em folhetim de *illustrada* folha:

— « A Roma dos explendidos genios, — onde *havi*am mães que se immortalisavam, etc., — onde *Platão, Aristoteles, Hypocrates e Cursino* ultrajavam a mulher, negando-lhe a virtude e até a alma, deitando-lhe ao mesmo tempo nos hombros a purpura da realleza! O assombro das nações, o collosso que tinha um pé no Capitolio e outro pé na rocha Tarpeia, descobre-se nas suas diversas faces, levanta-se aos nossos olhos magnificamente accentuado. » —

E assevera a snr.<sup>a</sup> Guiomar que o meu estylo nervoso não respeita, sequer, uma senhora! Respeitei a snr.<sup>a</sup> Guiomar. Outros foram implacaveis. O *Correio Medico*, em face dos insultos á pobre Grecia e aos pobres gregos baralhados com os filhos de Roma, aventou a ideia de *mandar fazer meia* a auctora do folhetim. Eu só tive um riso de piedade: é isso o que a snr.<sup>a</sup> Guiomar chama estylo nervoso e menospreço pelas mulheres — e pelo Bello.



E todavia a snr.<sup>a</sup> Guiomar Torreção não occultou para sempre a sua penna e o jornalismo « cortez » não deu de mão á cortezia; a critica do salão (*sic*) continuou a ser a verdadeira critica para a snr.<sup>a</sup> Guiomar, e os snrs. Castilho e José Gomes escreveram á auctora do folhetim, complimentando-a pelo seu trabalho.

E d'aqui as seguintes conclusões:

Ou os snrs. Castilho e José Gomes acceitaram opportunamente a salsada de gregos e romanos e aquelle *havião*, de eterna risada;

ou não leram o folhetim da snr.<sup>a</sup> Guiomar;

ou leram e perceberam e applaudiram.

No primeiro caso (que rejeitámos) seriam dotados de ignorancia igual á da snr.<sup>a</sup> Guiomar;

no segundo teriam em triste conta o nome litterario da folhetinista;

no terceiro teriam rido á custa da pobre dama.

A communhão na ignorancia;

ou o desprezo ingrato;

ou o riso mais ingrato ainda.

Eis o que elles lhe concederam.

Pobre senhora!

Mas, a snr.<sup>a</sup> Guiomar falla-nos de Chateaubriand, como poderia fallar-nos de Montaigne: são nomes que apparecem nos livreiros.

Sabe s. exc.<sup>a</sup> quem foi Chateaubriand? não, decerto. Pois sabel-o-hia se a critica de *cortezias*, quando vê uma pobre mulher, cheia de ignorancia e de vontade, sahir á arena litteraria sem outros dotes além d'aquelles, a encaminhasse, e lhe dêsse, de



quando em quando, umas lições rudimentares da historia das litteraturas mais ao alcance dos espiritos terrenos.

Mas essa critica de *cortezia* tem encantos para os espiritos feminis; tem camelias no *frague* e esconde as mãos polluidas em luvas do Baron, de dois botões. A critica detestavel, sem cortezias, sem camelias e de mãos limpas — e sem luvas se o quizerem, — offerece hoje por intermedio do seu mais *nervoso* sectario uma lição á snr.<sup>a</sup> Guiomar — e oxalá não seja improficua...

Chateaubriand é o auctor de diversas paginas bem escriptas, mas não deixou um unico livro á altura do seu renome. É o mais alto, o mais graduado e o mais respeitavel charlatão da litteratura franceza. Traduziu o PARADISE LOST, de Milton, sem conhecer a lingua ingleza e declarando conhecê-la como nenhum dos seus compatriotas. O seu GENIO DO CHRISTIANISMO, reputado a sua obra-prima, é um livro para creanças e para intelligencias incultas; os problemas religioso, philosophico e litterario, não só não encontram solução n'aquelle monumento de frivolidade, mas nem, sequer, são discutidos. Qualquer Paul Janet deitou a barra adeante do senhor de Chateaubriand. Os NATCHEZ, os MARTYRES, a ATALA e o RENATO descem a um terço da supposta altura, perante uma critica severa — critica *detestavel*.

O snr. Chateaubriand litterato está á altura do Chateaubriand estadista: isto diz tudo <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Consulte-se G. Planché; art. sobre Chateaubriand; PORTRAITS LITTÉRAIRES.



« A critica lá fóra produziu os Sainte-Beuve, os Henri Heine, etc. » Dil-o a snr.<sup>a</sup> Guiomar. Diz mal, e aqui farei observar:

1.<sup>o</sup> Que Sainte-Beuve, poeta e romancista notavel, é um critico miserando; a sua HISTORIA DE PORT-ROYAL é o maior receptaculo de disparates que a França tem produzido. Os dislates em epigraphia atordoam; os erros grammaticaes provocam engulhos. Se o acaso levar um dia, ás mãos da senhora a quem eu estou leccionando, a REVISTA PARISIENSE de H. de Balzac, estou que o nome de Sainte-Beuve irá fóra do catalogo da snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão <sup>1</sup>.

2.<sup>o</sup> Que Henri Heine não é um critico; a snr.<sup>a</sup> Guiomar queria dizer Henri Taine. O primeiro já

---

<sup>1</sup> Sainte-Beuve não vingou até á ultima hora comprehender a obra de Balzac nem a influencia d'essa obra na litteratura contemporanea. Menos ainda comprehendeu os trabalhos de Stendhal e Flaubert e a ambos dispensou phrases desdenhosas com a sem-ceremonia que lhe dictára contestações insolentes á beira do auctor da COMEDIA HUMANA. Quando o eminente critico Taine entrou na liça, o miseravel Sainte-Beuve, filho bastardo de Boileau, atreveu-se a discutir-lhe os fóros de iniciador no terreno da critica scientifica. Zola — insuspeito, como panegyrista de Sainte-Beuve, — registra este facto vergonhoso: o *critico* nem sequer distinguia entre Musset e Gautier; via o abysmo que separava as duas reputações, e escancarava a bocca em interrogação!

Homem desprezível pela hediondez do seu carácter, affirmada em diversos factos particulares derivados ao dominio publico, Sainte-Beuve foi coherente para com o seu renome, mendigando á esqualidez do Segundo Imperio as prebendas que lhe garantissem a vida torpe e lhe premiassem as bajulações, e mais se affirmou tal coherencia nos insultos ás boas glorias da França. Desprezível e correcto!



falleceu; é o auctor de LUTÈCE e representa o espirito francez engastado no bom-senso allemão. Foi um vivo demonio: uma reproducção do riso de Voltaire. O Henri Taine é o celebre critico de quem a snr.<sup>a</sup> Guiomar ouviu dizer alguma coisa. É o historiador da litteratura ingleza, o severo observador das NOTAS SOBRE A INGLATERRA; o critico methodista dos ENSAIOS DE CRITICA E DE HISTORIA. As obras d'este homem illustre estão á disposição da snr.<sup>a</sup> Guiomar, *bem como todas as que cito.*

A snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão nada mais diz. Eu subo. Volto ao meu trabalho, ao meu estudo, á minha lucta ingloria, violenta e improductiva; a snr.<sup>a</sup> Guiomar nada me deve; se o seu amor proprio offendido lhe indicar n'estas palavras um desprimor de civilidade para com a mulher, esperarei de cabeça descoberta a accusação e tractarei de apagar o erro: a litterata, porém, nada tem a pedir-me *porque nada lhe concedo.*

---

## II

Em detrimento da promessa que ha dias formulei — a de não descer de novo aos abysmos da snr.<sup>a</sup> Guiomar — impelle-me um dever de moralidade a dar de mão aos naturaes escrúpulos n'este assumpto vergonhoso.



Farei, notar, de passagem:

A classificação de *pequenos philosophos* dirigida (via da insinuação) pela *litterata unica* ao snr. Theophilo Braga e a outros: — a synthese da mais triste ignorancia a arremessar apodos ao primeiro trabalhador da litteratura portugueza na segunda metade d'este seculo!

E, proseguindo:

A paginas 48 do seu deploravel livro, diz a snr.<sup>a</sup> Guiomar:

— « Não se sabe bem em Portugal... o que venha a ser o espirito do toque do ouro da lei (*sic*). Este segredo tinha-o H. Heine, J. Janin e um pouco, talvez, A. Karr. » —

Alphonse Karr, — o descendente de Rabelais: o velho riso gaulez temperado com o bom-senso germanico, o homem das GUÊPES, não obteve ainda para o seu espirito de lei a approvação *plena* da snr.<sup>a</sup> Guiomar! O ideal absoluto do ridiculo guindou-se a um *talvez* e não ha sacudil-o a lições de seriedade do grutesco poleiro que escolheu! Ó assombrosa petulancia dos réprobos do pensamento!

« Não se sabe bem em Portugal o que seja o tal espirito que Affonso Karr possui *talvez, um pouco* » — dil-o a snr.<sup>a</sup> Guiomar; e, mais abaixo, para nos provar que o ridiculo não tem limites, accrescenta: « essa graça, essa, etc.... possui-a Julio Cesar Machado... »

Eu não sei se o nosso folhetinista sentiu escalar-lhe as faces o rubor do pejo, em frente d'aquel-



le attentado: creio-o por honra do meu bom amigo. Aquillo attinge o ponto em que o gargalhar se converte em nausea. Deitar a barra mais longe no genero parece-me impossivel, ainda n'este paiz.

A snr.<sup>a</sup> Guiomar não fica por alli: aquella intrepidez não enxerga nos abysmos escuridão para calefrios. Depois de conceder um *pouquinho* do espirito de Julio Machado ao pobre do Affonso Karr, atira-se aos satanicos, e firma na accusação, de *ridiculos*, dirigida pelo gordo Janin aos blasphemos (*sic*), a sua leonina aggressão.

Ninguém escapa: desde Byron, o maior vulto poetico do seculo XIX (com Planché, salvamos o grande nome de Goethe, collocando-o no seculo XVIII) até Musset e Espronceda e Baudelaire, tudo vae adeante da vassoura litteraria da snr.<sup>a</sup> Guiomar, em homenagem á critica dos salões e em detrimento da critica detestavel, da critica nervosa...

*Ah! je t'en donnerai, du détestable!*

A duvida pungente, o aneio terrivel, gerados pela espantosa laboração psychica das gerações filhas da Revolução, synthetizam-se n'aquelles espiritos luminosos. O Satanismo não é uma escola; é mais do que isso: — emquanto o Romantismo representa a reacção do *sentimento* contra o exclusivismo da *fôrma*, o Satanismo representa o supremo e duplo grito de interrogação e angustia: gritos sufocados e calcados na sua consagração suprema — a Poesia — até que os clarões de 89 banham em



formidavel claridade os horisontes do espirito humano!

A risada de Voltaire, é Byron quem a legalisa.

Snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão, desconhecer estas bases fundamentaes da evolução artistica do seu tempo, é triste, é doloroso, quando essa ignorancia é o diadema unico de um escriptor, embora dos mais rasteiros: cuspir, porém, sobre a arca santa do estudo e do trabalho, com applauso das *bas-bleus* e dos jornalistas sem miólos, é tão baixo... tão baixo... que nem eu sei dizel-o — a uma senhora!

O meu estylo nervoso tem ainda condescendencias, que oxalá não hajam de perder-se...

Eu já não me admiro de vêr artigos de *critica litteraria* firmados pela snr.<sup>a</sup> Guiomar; não me admiro das condescendencias dos jornalistas *cortezes*; tampouco me assombra o vêr que um e outro auctores enviam os seus livros áquella entidade litteraria, com a mira nas apreciações: sei até onde desce um qualquer charlatão das letras em busca dos elogios banaes e sem imputação alguma. Não me assombra o vêr o snr. Paiva Manso a mendigar encomios da snr.<sup>a</sup> Guiomar para os seus *Opusculos* juridicos: decerto os não pediria ao dr. Hübner, nem ao snr. Adolpho Coelho. Tudo isto é coherente no rebaixamento intellectual, e, da parte dos asopradores officiaes, na mais absoluta desvergonha: o que me assombra n'esta hora, é, simplesmente, a minha paciencia ao occupar-me da snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão e dos deploraveis documentos que esta pobre senhora nos deixa dos seus dotes litterarios e da sua intelligencia!

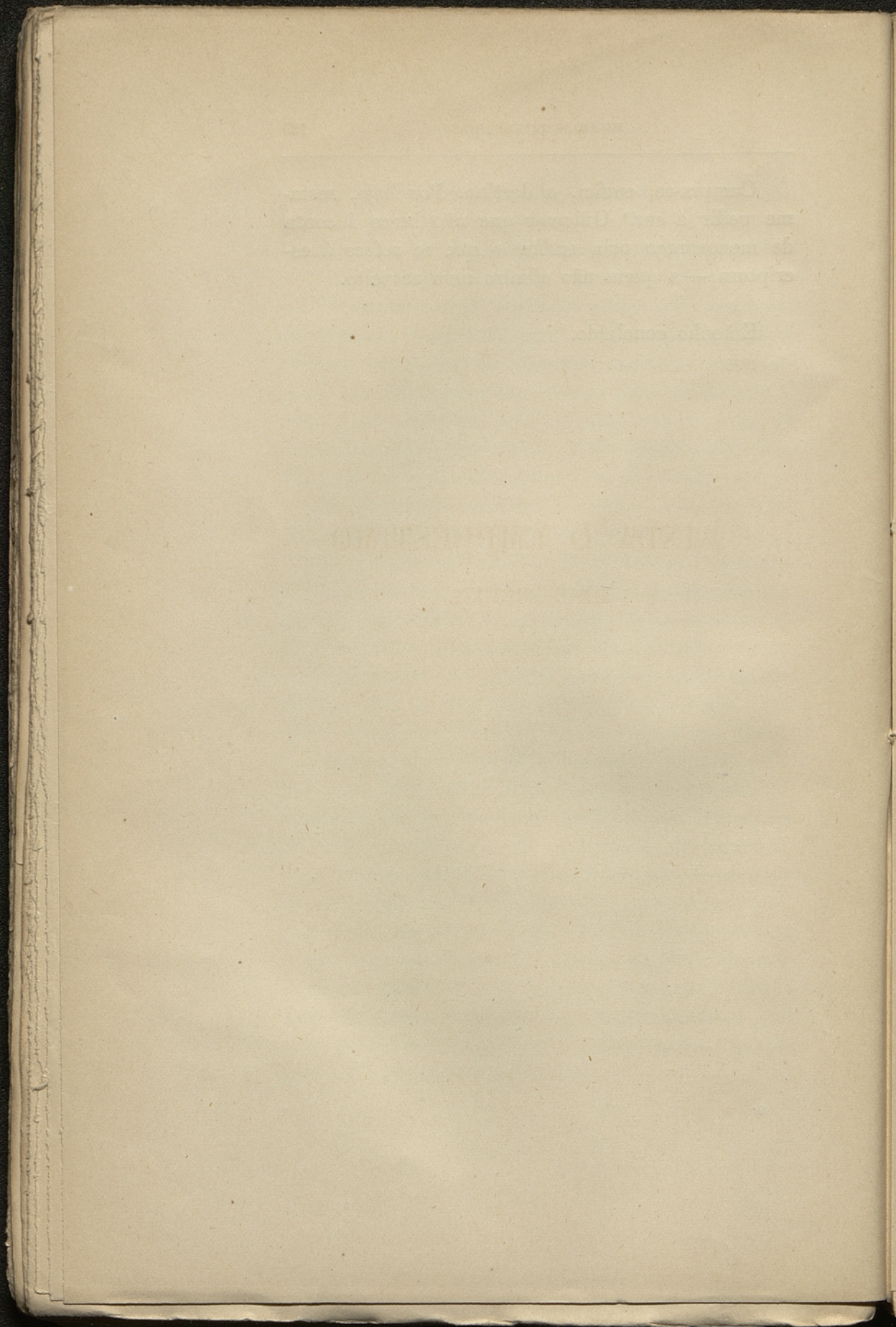


Cumpra-se, enfim, o destino. Por hoje, resta-me pedir á snr.<sup>a</sup> Guiomar que não lance á conta de menospreço pela *mulher* o que se refere á escriptora, — a quem não admiro nem respeito.

E tenho concluido.

1875.







AINDA O EMPRESTIMO

DE D. MIGUEL



ALTA O EMBLEMA




---

## AINDA O EMPRESTIMO DE D. MIGUEL <sup>1</sup>

---

### I

s paginas que constituem a primeira parte d'este singelo trabalho foram reproduzidas n'um livro eloquente, documentado e irresponsivel no terreno da sinceridade, onde viu a luz. Allude-se ao livro *LE PORTUGAL ET SON EMPRUNT DE 1832 DEVANT LES TRIBUNAUX FRANÇAIS — Paris, Londres, Amsterdam et Bruxelles. 1880.* Tiveram, pois, uma publicidade superior á que o *Diario de Noticias* faculta aos mexericos e perfidias de que são um specimen as linhas que adiante se reproduzem. Se descontarmos na temerosa lista de assignantes do *Diario* as costureiras, as mulheres aos dias, os marçanos recém-chegados do

---

<sup>1</sup> Vid. a primeira parte, no livro *COMBATES E CRITICAS.*



Cartaxo, os chefes de familia que buscam manteiga fresca e as meninas idiotas que aspiram ao hymeneu com sahida para a travessa equivoca: se exceptuarmos esse agrupamento de infelizes *orientados* na rua dos Calafates, não vemos a quem possa dirigir-se a prosa lerda, grávida de crassissima ignorancia, que o singular *Diario de Noticias* expelle no seu numero de 30 de julho, — prosa que ahi transcrevemos:

— « Parece que os portadores dos titulos do denominado emprestimo de D. Miguel voltam, de novo, á sua campanha contra o credito do governo portuguez; ou antes, é o grupo de individuos, constituido em representantes d'esses portadores, que aproveita o ensejo para fazer entrar a questão em nova phase, depois de tantas e tão repetidas contrariedades, e de tantos e tão reiterados desenganos.

« Segundo informações particulares de Paris, appareceram alli annuncios, em que procuram desacreditar Portugal, alcunhando-o de nação que não paga os juros de seus titulos de divida publica, como se não estivesse provado, nas instancias competentes (!) que não póde ser reconhecida tal divida, por não ser hoje possivel averiguar o numero, a importancia e a legalidade dos proprios titulos com que é ameaçado o governo portuguez (!).

« Diz-se até que os referidos individuos se serviram, não só em França, mas em outros paizes, onde julgaram que isso podia iufluir, de boatos de tumultos em Portugal (como vimos em telegrammas e correspondencias de algumas folhas estrangeiras); mas essas noticias imaginarias, evidentemente de origem



malevola, nem foram acreditadas em nenhuma praça, onde era facil a averiguação da sua falsidade, nem por modo algum influiram, segundo refere o nosso collega da *Correspondencia de Portugal*, no preço dos fundos portuguezes, pois «não soffreram o abalo de um centime, sequer, com estes manejos».

«Ora, em vista do que se tem escripto por parte de Portugal e em abono do seu credito, e da ultima palavra dada pelo illustre procurador geral da corôa, um dos jurisconsultos mais distinctos do nosso paiz, os ditos portadores deviam estar já desengannados de que não é muito facil, por meio de intrigas, cuja traça de especulação é patente desde logo, nem abalar a honra, nem o credito de uma nação, nem conseguir a solução de um negocio, que, para ser equitativo e justo, necessitava de melhores, mais claros e mais solidos esteios.» —

Como é dubia, pelintra e desgraçada esta escorrença critica do singular *Diario*! É o parece; é o diz-se; é o que se tem escripto; é o segundo informações particulares. Mas quem é que lhe diz? Porque é que lhe parece? O que é que se tem escripto? Quem é o informador? Farelório! Ninguem lhe diz, não lhe parece coisa alguma, não sabe o que se tem escripto; e, se alguém o informa, é o curioso ministro Mendes Leal, o missionario que em Paris converteu o *Mémorial Diplomatique* á santa religião do calote e do cynismo. Releia-se a miseravel prosa do *orgão de maior tiragem*, e veja-se, mais uma vez, que é bem merecida a reputação de ineptia que lhe dá engaste ás insidias. Elle protesta pela *honra da nação*,



e declara que é já impossivel averiguar o *numero*, a *importancia* e a *legalidade* dos titulos. Segundo este oraculo das mercearias e dos hervanarios, quando um devedor, ao cabo de 50 annos de calote, sente *duvidas* sobre o numero, a importancia e a legalidade dos documentos da sua improbidade, resgata os seus compromissos e a sua vergonha — não pagando coisa alguma! A decencia chegou aqui, e estacou...

Da singular doutrina deriva o *orgão de maior tiragem* á transcripção dos graves dizeres da *Correspondencia de Portugal*, curiosa gazeta que tem como redactor o ministro da Fazenda, Antonio de Serpa, outro poeta de antigas éras, que, como o snr. Mendes Leal, trocou os desacatos lyricos pela exploração da *bórga*. É n'este ponto que o amor patrio, alheio a porcarias de patriotismo de matricula, tem doloroso ensejo de afirmar-se, e afirma-se: o nosso trabalho será lido, e porventura traduzido, algures d'onde se pede ha meio seculo o dinheiro que de lá veiu; e porque ha de ser lido o trabalho em paiz extranho não receberá o snr. Serpa todo o correctivo que os seus dons de ubiquidade estão reclamando.

Todavia, não ficará sem prestação á conta da nossa divida. Mais feliz do que os portadores de titulos, tem o snr. Serpa pela frente um devedor que não lê pela singular cartilha do patriotico *Diario de Noticias*; e porque o cumprimento d'um dever nos dispense de exuberancias de rhetorica, diremos em breves palavras quanto importa ao reconhecimento da auctoridade com que sae a terreiro a folha que o snr. Serpa redige.

Ha perto de oito annos fundou-se em Lisboa um



jornal destinado á America do Sul. Redigido por escriptores de alta plana e não por velhos poetastros reformados em exploradores de mixordia constitucional e em *caricatos de politica positiva*, o esplendido jornal *La Europa* abalou a caranguejola da *Correspondencia de Portugal*, e ia remettel-a ao abysmo das bagatellas ridiculas quando o governo regenerador *Serpa & C.<sup>a</sup>* resolveu acudir ao pastelão. Os redactores da *Europa* (hespanhoes) foram politicamente perseguidos, de combinação entre o illustre Canoyas e a firma *Serpa & C.<sup>a</sup>*, e como quer que um dos jornalistas entrasse inesperadamente no gabinete do Governador Civil de Lisboa, viu alli os numeros do seu jornal, cintados e franquidados. Os poderes publicos tinham empalmado no Correio o jornal que prejudicava a *Correspondencia do ministro Serpa*. Praticára-se uma asquerosissima infamia; mas destruiu-se um concorrente perigoso — superior pelo talento, pela illustração e pela hombridade.

É a tal *Correspondencia* a folha que ha dias participava ao Brazil que os portadores de titulos projectavam *intrigas*, de parceria com as sacristias e com os republicanos. O snr. Serpa e a sua gente não concebem que os crédores de Portugal — crédores que viram o seu dinheiro desaparecer na voragem constitucional — possam ter esperanças n'um pagamento honrado, a não ser de mãos dadas com os partidos que não *comeram* os milhares de contos do emprestimo! É logico: a *troupe* famelica, que ha meio seculo nos deshonra e explora, *comeu* o dinheiro destinado ao pagamento da divida, e os portadores de titulos — os crédores — dirigem-se ás sacris-



tias e aos republicanos, para obterem aquelle dinheiro! Sabemos que cabedal de cynismo se gasta nas emprezas jornalisticas que exploram o crédulo Brazil: aquillo nausêa, por amor da especie humana.

Sim, honrada gente! a exploração dos sentimentos *liberaes*, mediante o phantasma da sacristia é medida segura junto ao alarve que ha meio seculo papagneia Liberdade, sem conhecer similhante coisa. A exploração do pavor, mediante o phantasma da Republica, tambem é de effeito junto ao mesmo alarve que ha cincoenta annos se deixa explorar em nome da Ordem e das instituições. Tudo isso é moeda corrente no mercado infame, mas a questão é simples e não se abafa com espertezas de cigano. Devorastes, em tempos mais felizes, o dinheiro do empréstimo, como devorastes o das corporações religiosas e o producto de todos os expedientes; hypothecaste'-nos, exploraste'-nos; vendeis-nos a retalho, com applauso de toda a mariolada que se aluga, — e, no fim de contas e ladroeiras, daes aos vossos orgãos jornalisticos o *mot d'ordre* contra os explorados. Seriamos dignos do quinhão da injuria que se nos dirige se pudessemos ainda sentir espanto; mas sel-o-hiamos, por igual, se não registrassemos o attentado, sem exaltações, sem hyperboles, sem explosões de rhetorica *jacobina*, com a serenidade de quem não soffre contagio ao receber diariamente na sua mão algumas dezenas de mãos que tornam dolorosos os dictames da cortezia.

Sobre o *orgão de maior tiragem* — nem uma palavra mais. Distribuiu-se o logar que lhe convinha: na Convenção Franceza tomaria assento no *Marais*:



applaudiria a morte dos Girondinos na hora em que os visse prostrados; depois estaria com Robespierre contra Danton, e mais tarde daria palmas ao *thermidor*: a honra da nação tem alli uma sentinella vigilante contra as *intrigas* dos crédores, e quando os nomes de Lachaud, Dufaure, Laboulaye e Odilon Barrot firmam as reclamações dos *intrigantes*, o bom *Diario de Noticias* indica aos aguadeiros do Bairro-Alto o juizo do *austero Serpa* e o do *sagaz Mártens Ferrão*.

---

## II

Mas a questão parece interminavel; e, todavia, nada existe mais simples. Aqui o snr. Thomaz Ribeiro perde as suas flôres... d'alma, e as boas-almas Mendes Leal e Serpa arriscam os grêlos das suas velhas batatas constitucionaes, — perdoae estes plebêismos. Todos perceberam. O governo de D. Miguel I, rei de Portugal, contraíu um emprestimo durante a guerra civil. Sem espirito, sem vontade, desorientado, á mercê d'uns estafermos de má indole, D. Miguel I succumbiu na lucta. O seu governo não gastou o dinheiro do emprestimo; os vencedores tomaram posse do governo e do dinheiro em questão, e D. Pedro IV, irmão de D. Miguel, chefe do partido *liberal* — vencedor, prometeu solememente restituir aos crédores o dinheiro que lhes pertencia. Essas



sommas figuraram por alguns annos no orçamento; um bello dia foram alli supprimidas, — havia a recompensar muitos liberaes barrigudos, pela sua *desinteressada dedicação* á rainha D. Maria II e á *Libber-da-de!*

Adiante: Decorrem tempos. Os governos constitucionaes querem dinheiro, — quem quer cartas de alforria paga-as, e o povo portuguez tem pago tanto pela sua, *que nem elle faz ideia...* Mas, para contrair empréstimos novos torna-se mister tranquillisar os portadores de titulos do *tal empréstimo de 1832*. Não tem duvida nenhuma: os diplomatas não servem para outra coisa, a não ser — para tranquillisar. Em 1839 bastou um simples agente (Soares); em 1862, novos apuros: foi o visconde de Paiva quem tranquillizou (governava então um ministerio Loulé); em 1878-79, tivemos o snr. Mendes Leal. Os portadores de titulos desconfiaram do nosso homem; fizeram bulha; o governo portuguez chamou-os aos tribunaes — e foi condemnado nas custas.

Episodios comicos: Em julho de 1880, a *Correspondencia de Portugal* — regeneradora — preoccupou-se no caso; receiava perigos. Estavam no poder os progressistas. Em 1882, a *Correspondencia* despreza os intrigantes « que se apoiam no clero e nos republicanos ». Estão no poder os regeneradores.

Ao mesmo passo — hoje — o *orgão de maior tiragem* diz que a *coisa* está discutida, e passa á ordem do dia. A ordem do dia é o Bragança aos tombos, do norte ao sul do paiz, entre vivas e troça da brêjeirada politica; é o redactor do *orgão de maior tiragem*, a recitar (*arre-citar*) versos da sua lavra á glo-



ria da dynastia; é uma pandega de argentarios e pelotiqueiros, applaudida por uma ganilhada que só interrompe os applausos para apanhar os *cahidos*.

### III

Ha porém uma duvida, — quando dizemos que ha uma duvida, importa-nos accrescentar que nós não temos duvida alguma. Dizem *elles* que a *realeza de D. Miguel*... o leitor entende-os; mas sabe, como nós sabemos, que D. Miguel 1 vencedor seria hoje tão real e verdadeiro rei como é real e verdadeiro, por obra e graça da fortuna, o neto de D. Pedro iv. Os velhos casos, muito apreciaveis — ninguém diz o contrario — das forcas e dos cacetes nada provam em favor de D. Pedro iv. Todos sabem que este conspicuo sujeito era filho de sua mãe, exactamente como D. Miguel, e ninguém esquece a bella alma que no Brazil se desatou em maravilhas de chibatada e que acceitou a *Li-ber-da-de* para arranjar a vida. N'esses negocios de familia a nação só teve que perder e hoje não tem que discutir. Quando um jornalista sizudo — o snr. Rodrigues de Freitas — diz a um chronista melancolico — o snr. Oliveira Martins — que o movimento liberal de 1828-34 se explica e glorifica pela incompatibilidade do governo de D. Miguel com o progresso da nação, cum-



pre ao jornalista abstrair positivamente da entidade D. Miguel, afim de que a entidade D. Pedro não usurpe o minimo quinhão de gloria a esse mallogrado movimento. Grande só o foi o povo — na sua boa-fé, e tão grande como essa boa-fé só vemos a burla que lhe neutralizou os esforços e lhe traíu a confiança.

É preciso terminar. As paginas que ahi ficam não produzirão nos espiritos um reviramento, porque os interessados *directamente* no assumpto teem o *juizo* formado; afóra esses individuos existe um certo numero de outros que não influem na côrte dos milagres; depois, abaixo de tudo e formando o maior numero, está a grande massa — os indifferentes. O trabalho que ahi deixamos é, pois, um simples *voto* documentado sobre a questão, — voto desinteressado de quem vive alheio a intrigas e superior a classificações de pedantes.

Nada mais.

1882.



NO BRAZIL  
NOTAS DE VIAGEM

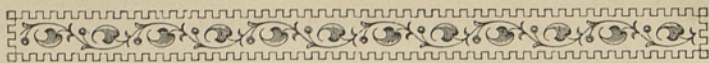
---

1879









## NO BRAZIL

NOTAS DE VIAGEM

1879

### I

No mar alto



FEL das injustiças e das ingratidões escurece-nos, um dia, o horisonte do espirito; á luz baça de um surdo desespero o futuro afigura-se-nos incerto, a terra cheia de desolação e cada homem um inimigo implacavel, de emboscada na vereda que trilhamos; é menos claro o céu, menos dôce o clima; o despontar do dia é ironico, o cahir da tarde ameaçador; entre as amizades leaes e a nossa confiança cava-se lentamente um abysmo; após a condemnação que arremessamos á justiça dos homens, surge vagamente em nosso espirito uma duvida sobre a nossa justiça; volvê-mos ao passado um olhar doloroso: cortámos pela *linha recta*, é certo, com desinteresse e lealdade: mas a lucta cruel, que nos dá, com a velhice preco-



ce, o calix da amargura, não nos deu, sequer, conforto na solidariedade dos justos. — Será a justiça um embuste? será a consciencia um erro? — isto perguntamos ao abysmo, e um vasto mundo desolado alarga-se, mais e mais, no horisonte. *Væ soli!* *Væ soli!* ai de ti, miseravel! ao destino não bastou a tristeza!

Só, horivelmente só, na altura do seu ermo, o homem sente, pela vez primeira, que ha outros espaços e mundos novos, onde transportar o campo da luta com o infortunio,— e, na hora de desolação em que tal sentiu, ao primeiro esforço para lançar-se no espaço, achou-se vinculado ao *seu mundo*, ao mundo de recordações que lhe vem da primeira hora do seu dia: os primeiros longes da infancia descuidosa, o despontar da vida, a terra da sepultura abafando a sofreguidão dos beijos maternos; depois, a candura da mocidade, dando vida e calor aos primeiros beijos falsos de mulher; a seiva generosa do espirito e do coração, explorada, espesinhada e sempre renascente; além, na alameda solitaria, o expandir-se da alma n'outra alma irmã que se finou; depois, o rosto entristecido e severo do amigo que perdemos na hora das divergencias e dos orgulhos feridos; hontem o ardor da luta sem trégoas, os applausos, as contestações, os insultos... os insultos até! na hora temivel do *abandono* parece que um raio de sol vem dourar a face do adversario, por mais despietosa e escura!

Então, a cada impulso do desespero que se afasta, ouve-se um grito surdo de desespero que se prende... prende-se por impalpaveis fios, que vibram,



que se contorcem e despedaçam; que teem voz, echos, soluços dilacerantes; que nos fallam da patria, entre o berço e o tumulto; que avocam da noite da morte, ou do rompimento, a face de nossa mãe, a do primeiro mestre, a do primeiro amigo, a da primeira amante; todas as crenças, todas as saudades!

*Vae soli!* Ai de ti! ai de ti, solitario! por mais que o protesto do coração se prolongue e tumultue, e quanto mais referve e quanto mais nos despedaça, mais o espirito se ergue sombrio, na immensidade da sua noite. É o desespero meditado e severo, assistindo, qual juiz implacavel, á tortura do padecente. Na sua resolução impiedosa ha a nota terrivel da maldição de Frank:

*Malheur aux nouveau-nés!...*

E, emquanto o coração soluça e os vinculos sagrados se distendem, *elle* precipita-se no espaço...

\*

Ao largo o coração! choras, creança?! que olhar doloroso é esse teu, arremessado, sobre as aguas, á terra que se esconde? Prendeuse-te a alma áquelle negrume que se dissolve? tens ainda no peito o calor do peito do teu irmão, o calor do derradeiro abraço? ouves ainda o ultimo soluço que elle te deu, como derradeira offerta? deslisam a teus olhos as sombras dos que te amaram? ao largo tristezas,

\*



miseravel! ouve o canto soluçado dos emigrantes que abandonam as aldêas do seu Minho, em conquista de miserias, de insultos, de enfermidades, de isolamento e de morte entre os estranhos: destino igual ao teu! a alegria do cahir da tarde, a palestra amiga, — após o trabalho rude, estrada em fóra, entre os pinhaes gementes do seu Norte; — a harmonia triplice do canto das ceifeiras, dos pardaes libertinos e alegres e do vento grave e sonoro no pinhal verdejante da encosta, tudo passou para elles — e para ti tambem! choras sobre o convez, despedaças-te, coração?! chama em teu auxilio a *reflexão* serena: escuta, ao longe, na prôa do teu barco: é uma canção germanica; é um velho maritimo allemão que destroe mágoas e saudades da viagem breve. Cedo voltará ao seu lar; será pobre e feliz na sua lucta com o mar e com a noite: o seu horisonte é limitado: dois mezes de soffrimento e, após, o beijo dos seus. Lá se ergue de novo a toada funebre dos emigrantes! adeus, alegre nota do canto das aldêas, trocado em musica de suspiros! Ao Brazil: á *fortuna*, ao insulto, á escravidão, á ignominia, á miseria, á enfermidade, á morte no abandono! Coração ao largo! olha o mar, o leão captivo, soluçante e feroz, com os seus milhões d'olhos de diamante fitos nos teus olhos de afflicção! ouves-lhe o gargalhar de escarneo? escuta-lhe o rumorejar continuo: — Coração ao largo, miseravel! foge ao isolamento, de entre os teus; caminha, *reflexão* austera! repelliste a luz do sol: vae pedil-a á voragem! queres consolação, ó solitario!? aqui tens o meu seio: é uberrimo, é grandioso: é seio e sepultura para os heroes!...



\*

Voz mysteriosa e ironica! Ouvi-te; reconheço-te do berço e espero ouvir-te no tumulto, consoladora. Feliz quem poud ouvir-te e, ouvindo-te, renasceu para a crença, o eterno *porquê* da vida.



## II

Os Portuguezes no Brazil. — Perseguições

Vamos colligindo, ao correr da penna, sem sentimento e sem cólera, simples annotações. Á semelhança de bom numero de «martyres», leváramos ao mundo novo o trabalho do nosso espirito — o mais sagrado de todos. Reputáramos, em nossa candidez, um total de civilisação o que é apenas agglomeração cahotica de ruins paixões, de preconceitos, de odios ferozes, de pertenções comicas e insolentes, de atrevida ignorancia e de profunda immoralidade: Homunculo verminado, que um Wagner pedante, um imperador de entremez embala e maneja com a habilidade d'um velho saltimbanco, ex-discipulo de frade, em que peze aos protestos — um tanto declamatorios, vá-se dizendo — da geração nova e aos evidentes symptomas de proximo desmoronamento, apresentados pelo burlesco imperio ao espirito reflexivo dos homens cultos.



«Martyres» — dissémos. Não vimos mar em fóra nos dominios da hyperbole; estamos no terreno da demonstração. Por agora, citaremos um nome, o mais illustre de portuguez illudido, atirado n'estes ultimos tempos ás terras de Santa Cruz:

Raphael Bordallo Pinheiro.

Encontrámol-o, n'um dos ultimos dias de fevereiro, á beira do theatro de D. Pedro II, no Rio — alguns dias depois da nossa chegada. O grande artista era sempre, — após tres annos de residencia no Brazil! — o cavaqueador inimitavel, mas a sua jovialidade adquirira uma nota de agreste melancolia. Disse-nos os horrores da sua lucta e da de um sem numero dos nossos compatriotas. Conduziu-nos á beira d'estes ultimos. Por elles obtivemos, então e mais tarde, os pormenores do «martyrio».

Raphael Bordallo abandonára Portugal em fins de 1875. Illustrava a esse tempo, em Lisboa, a *Lanterna Magica*, redigida por Guilherme d'Azevedo, Guerra Junqueiro e Luiz d'Andrade, á altura do caricaturista. Á sua chegada ao Rio, a caricatura achava-se no terreno em que a deixou ha dois mezes o regresso de Raphael á Europa: em plena lama. Pullulavam os Angelos Agostinis e quejandos energumenos, que alimentam o sacro fogo da estupidez, da infamia e da covardia da ralé brasileira, com os productos do lapis alugado. De par com o acolhimento entusiasta da familia portugueza, Raphael Bordallo encontrou pela frente a quadrilha dupla: os mercenarios imbecís e a ralé que os protege. Varios titulos militavam contra o eminente artista no animo da maioria brasileira: era honrado, e a sua



probidade cobria de ignominia o *carcamano* infame que, nas paginas d'uma *Revista Illustrada*, pertendeu ennodar-lhe o renome; era cortez por educação e por indole, e tal dom na terra das *mofinas* é titulo ao apedrejamento; era uma gloria da Arte — felizmente restituída ao seu paiz — e o seu merito ia pôr em relevo a insignificancia dos vadios e a da turba protectora.

Mas, e sobretudo — era *portuguez*.

Desde os seus triumphos no *Mosquito*, saudados pelo illustre Bourgomainero — outro martyr, fallecido para descanso — até ao ultimo numero do *Besouro*, que terminou com a vinda de Bordallo, a existencia do artista foi minada pela tortura que aquelles selvagens sóem preparar aos bons e alevantados espiritos. O coice final — encarregou-se de dál-o o proprietario do *Besouro* e de certo modo nos constituiu, a todos nós portuguezes, em divida de gratidão: abreviou a partida do artista para o meio destinado aos seus triumphos.

Em plena rua do Ouvidor — a principal do Rio — o gabinete de trabalho do artista foi, nos ultimos mezes do anno findo, assaltado pelo populacho. Intervenção policial, após a resistencia dos assaltados — companheiros de trabalho do artista. Instrucções policiaes: protecção aos energumenos contra o *elemento portuguez*. A narração do facto ouvimos-a de brasileiros *sérios*, commentada em galhofeiro applauso ao proceder da auctoridade. Á hora em que escrevemos não reza a chronica brasileira de intervenção, nem de protesto, do consulado portuguez. O governo de D. Pedro II, prompto para as satisfações



mais humilhantes em face da energia, cerra os olhos a todos os insultos disparados pelo Brazil á inercia dos nossos governantes e dos delegados d'estes ultimos. Verdade cruel, que é força dizer-se, em homenagem á consciencia: é o avultado numero dos portuguezes que os salva do exterminio completo, sem poupal-os á mais vil e traiçoeira perseguição.

Um nosso compatriota, que durante annos residiu no Brazil — o snr. Gomes Percheiro — apprehendeu entre nós uma denodada e activa propaganda contra a emigração dos portuguezes para o burlesco imperio. Em consecutivos artigos, compilados em volumes, disse a historia infamissima dos acontecimentos do Pará: os assassinatos impunes, a animação occulta das auctoridades brazileiras, a propaganda feroz da imprensa d'aquella provincia contra os nossos compatriotas. Não crêmos na efficacia immediata do relatorio, nem do protesto: no entanto elaborem-se como dever honrado. *Scripta manent.*

Uma associação benemerita de portuguezes — *Caixa de soccorros de D. Pedro V* — fundada no Rio de Janeiro, ha quinze annos, ostenta-se como affirmação consoladora da philantropia portugueza — especie de oasis n'aquelle deserto de carinhos e de conforto. De um relatorio da alludida sociedade extractamos, para sua gloria e para vergonha do *hospitaleiro* paiz, o seguinte quadro eloquente:

Emigrantes portuguezes para o Rio de Janeiro, nos annos 1861-71..... 49:610

---



---

REPATRIADOS PELA BENEFICENCIA.....	4:000
REPATRIADOS, voluntariamente, em MÁ	
CONDIÇÕES <sup>1</sup> .....	2:000
MORTALIDADE.....	11:000
	<hr/>
	17:000
	<hr/>

Addicionae os miseraveis dispersos no interior do paiz, os que vegetam na miseria, sem recorrer á Caixa portugueza e tereis o mais tentador dos quadros para a «conquista da fortuna».

A bordo d'um paquete francez, entrado em Lisboa, em fins de março, e procedente do Rio, chegam vinte passageiros de prôa. Interrogo cada um d'elles: só dois obtiveram fortuna, — o primeiro alugando escravos, aos mezes; o segundo (uma mulher) alugando-se diariamente. Os restantes, artistas, caixeiros, trabalhadores, voltam á patria doentes, arruinados, cheios de dividas. Um velho de oitenta annos, outr'ora fazendeiro no Minho, mendigou durante dez annos no Rio o pão da caridade; a benemerita sociedade D. Pedro v facultou-lhe passagem a Portugal; o infeliz queria morrer de olhos fitos no campanario da sua aldêa; morreu no Lazareto de Lisboa, entre estranhos, verminado e miseravel.

---

<sup>1</sup> É de presumir que os 4:000 emigrantes da primeira addição, repatriados pela beneficencia, não regressassem nas condições de Cresus.



Rio de Janeiro; no caes. Um catraeiro portuguez, algarvio, offerece-me o seu bote. Perdeu a vivacidade, a alegria dos filhos da sua provincia. Interrogo-o. Partiu ha doze annos de Portugal, em busca de fortuna; encontrou a molestia, a carestia da alimentação, os maus tractos, o odio furioso dos brazileiros. — «Tenho na terra mulher e filhos... devo têl-os; não lhes escrevo, nem elles a mim; para voltar á patria mais pobre do que vim, quero antes não tornar a vê-la». Conduz-me a bordo do paquete. — «O senhor é feliz: vai vêr os seus, vai vêr Portugal... conte aos desgraçados da minha classe o que por cá viu...»

Excursão ao Bota-fogo. O conductor do *bond* (carro americano) olha-me com fixidez. Interrogo-o. É filho de Lisboa; reconhecera um patricio; veio de Portugal ha seis annos para o commercio; intelligente e activo, notou breve que o primeiro de taes predicaos era um titulo ao desfavor do patrão. Viu-se preterido, governado, insultado por um analphabeto, selvagem que vivia em relações *singulares* com o dono do estabelecimento: uma especie de Ganymedes, que tem no Brazil rebentos de especies varias. Sahiu do commercio para os carros americanos; uma parte do salario é-lhe descontada em multas arbitrarías. Tem dias de profunda miseria. Não voltará a Portugal: envergonha-o a sua desventura.

Justiniano Nobre de Faria, um dos nossos actores dramaticos mais dignos de apreço, mercê de um caracter honesto a sobredourar-lhe os meritos artis-



ticos — partiu ha poucos annos para o Brazil; lidou com energia, *mas pelo caminho recto*, na conquista de uma situação feliz; gradualmente, de par com o desdem alheio e com o desespero proprio, desceu na escala social do Brazil ao mister de *carregador*. Foi alli que um patricio nosso o descobriu avergado ao peso do entulho nas obras de um salteador condecorado.

Ha perto de um anno, um nosso compatriota — o professor Franco — levou ao Brazil o methodo de leitura de João de Deus. Foram dois os portadores, crêmos: elle e o dr. Zeferino Candido. Da sorte d'este ultimo não sabemos. Franco, homem trabalhador, honrado e intelligente, dedicado ao seu nobilissimo intuito civilisador, só pedia ao cafres, em troca da luz que lhes levava, o pão de cada dia. Isso obteve: façamos justiça inteira ao *hospitaleiro torrão*. Franco falleceu no Rio, no passado mez de março, legando aos seus um nome honrado — e duzentos reis *brazileiros*.

\*

O arcebispo de Braga, D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, enviava ha poucos annos aos illudidos filhos do Norte a seguinte *pastoral*, repleta de bom-senso, de verdade e de boa-fé, e que, por isso mesmo, não valerá ao digno arcebispo o barrete cardinalicio, conquistado pelo bispo do Porto D. Americo, o réles fautor de *pastoraes* hypocritas e protector



convicto dos sacerdotes que são a vergonha da classe e da religião que representam.

Falla o prelado bracarense:

— « Quando a nossa patria deplora o ingrato abandono, a que seus filhos mais válidos, na flôr da vida, e com repugnante ingratidão, a sacrificam, privando-a de seu valioso e honesto trabalho, cuja falta vae reduzir seus campos a completa esterilidade, abandonando-a a braços invalidos e impotentes para poderem prestar-lhe trabalhos agricolas, que possam evitar a penuria que já se antolha; não ha coração verdadeiramente portuguez que não a acompanhe em seu justo presentimento do sinistro futuro, que ameaça estes reinos, essencialmente agricolas.

« Seduzidos estes mancebos pelas fallazes esperanças, que arteiros e assalariados engajadores lhes sabem incutir, pintando-lhes aleivosamente sua independencia e colossal fortuna, que em pouco tempo podem conseguir, empregando seus braços em trabalhos agricolas, que, ingratos, negam á sua patria, são levados a remotissimos e inhospitos paizes, onde a insalubridade do clima, a rudeza do trabalho, a intemperie das estações, a mudança de alimentos e as molestias indigenas d'aquellas incultas regiões ceifam, pela maxima parte, as vidas dos naturaes do occidente da Europa; e se alguns sobrevivem perdem para sempre sua saude e vigor. E com quanto hajam alguns conseguido alguma pequena fortuna, não equivale, nem compensa a perda de sua saude, nem o sacrificio, privações, e improbo trabalho, que



os proprios indigenas não podem supportar constantemente.

«Depois que o imperio do Brazil deixou de fazer parte integrante dos dominios d'estes reinos, não deixou a juventude portugueza de emigrar em menor ou maior escala, e quasi exclusivamente, para as terras de Santa Cruz; pois que sempre houve engajadores, e ambição de melhoramento de fortuna, que, comquanto imaginaria e fallivel, não desvia os emigrantes dos gravissimos perigos e sacrificios, enfermidades, privações, desamparos e provavel fimamento a que vão expôr-se, como se demonstra pelo numero obituario dos portuguezes fallecidos mensalmente no imperio do Brazil, publicado officialmente nos jornaes d'aquelle imperio e d'estes reinos. E, comquanto muitos portuguezes, bafejados pela fortuna, hajam elevado seus cabedaes a maior ou menor escala, não é pelo emprego physico de seus braços em trabalhos agricolas: outros são os meios e as fontes d'onde dimanam suas avultadas fortunas; provindo as mais colossaes da dedicação á vida e empregos commerciaes..., mas hoje os mancebos emigrantes, que abandonam a sua patria para se dedicarem ao serviço braçal e agricola no imperio do Brazil, não se acham pela maior parte habilitados para exercer os misteres indicados.

*« Se alguns d'estes teem a fortuna de não encontrar sepultura n'aquellas mortiferas paragens, e podem voltar ao seu paiz, de ordinario veem mais pobres do que foram, e com suas saudes perdidas, perpetuamente inuteis, e pesados á patria!*

« Se em tempos mais remotos não deixaram de



verificar-se frequentes emigrações de mancebos portuguezes, válidos para o trabalho rural, em maior ou menor numero, comtudo não ascendia a ponto tão subido, que ameaçasse a completa ruina agricola d'estes reinos: hoje, porém, que este abandono da patria se eleva a milhares de seus filhos robustos, a ponto de se encontrarem freguezias absolutamente desertas de braços válidos, a agricultura se definha e entorpece.

.....

«Entre as obras de misericordia... teem logar distincto o ensino dos ignorantes, e dar bons conselhos aos que carecem d'elles: *dilige proximum tuum sicut te ipsum*. E sendo este humanitario preceito imposto a todos os homens para com seus semelhantes, muito mais recommendavel se torna aos pastores de almas, que, em mais immediato contacto com seus parochianos, de mais perto conhecem sua capacidade moral e peculiares circumstancias, e mais facilmente podem dar-lhes conselhos salutaes, que os desviem do abysmo em que se vão precipitar.

«E, cumprindo ao nosso pastoral ministerio evitar, quanto nos fôr possivel, o funesto fim que os nossos queridos diocesanos, na flôr de suas edades, vão encontrar no terreno de suas perigosas e multiplicadas emigrações, exhortamos a todos os reverendos parochos, cooperadores do nosso ministerio, para que, usando da caridade que lhes é propria, exponham e façam convencer os mancebos seus parochianos, os seus paes e familias, do risco a que vão expôr suas vidas em tão temerarias emigrações, ou



pelo menos da completa ruina de sua saude, em regiões inhospitas e mortíferas, a cujos lethaes climas apenas podem resistir os proprios negros indigenas. Não deixem os reverendos parochos de descrever a seus jovens parochianos as lamentaveis ciscumstancias que acompanharão seu finamento, abandonados de suas familias, parentes e amigos, e de lhes insinuar que, antes de deixarem seduzir-se pelos engajadores, recorram ao conselho de seus proprios parochos e de pessoas prudentes e humanitarias. » —

O discreto dizer do prelado não teve echo vigoroso em ouvidos quasi sempre abertos a exhortações de differente origem. Aquellas palavras, eloquentes e singelas, destoavam da lamuria grutesca e « piedosa » dos missionarios que lhes salteiam, aos campônios credulos, a bolsa, a tranquillidade do lar, a honra e a consciencia das familias. Foi um novo protesto perdido; — mas não foi o derradeiro.

Não o será este livro. Á hora em que um dever de consciencia nos impõe a sua elaboração, a cegueira não está destruida — e todavia a situação aggravava-se mais e mais; importa resumil-a:

De um lado — EM PORTUGAL — as difficuldades da vida, tarde ou cedo destruidas pelo trabalho e pela resignação; o amparo moral dos que nos amam; o apoio aos entes que amamos; a doçura do nosso clima; o equilibrio financeiro individual, quasi sempre sustentavel; a solidariedade na hora da desventura; apoio moral que farte aos dissabores da vida: ás ingratidões, aos insultos e á pobreza.

Do outro lado — NO BRAZIL — a impossibilidade



actual, quasi absoluta, da fortuna *licita*, o odio dos naturaes, a desprotecção official dos nossos, o progressivo e espantoso desequilibrio do orçamento particular; a diminuição diaria dos salarios e a carestia progressiva da alimentação; o descredito, o atrazo geral, o terror motivado pelos prenuncios de uma revolução proxima e de um desmoronamento inevitavel; os rigores do clima, as enfermidades, a difficuldade, e, para o maior numero, a impossibilidade do regresso; a morte em meio de estranhos; e a duas mil leguas uma familia que interroga, em vão, a immensidade dos mares e dos céos sobre aquelle que algures foi conquistar-lhe a fortuna e que só lhe deu o abandono.



## III

A tribuna parlamentar e a tribuna «livre». — O espirito publico. — Estado financeiro do imperio. — Administração. — O snr. D. Pedro II, imperador, e a monarchia constitucional no Brazil.

O seguinte discurso, proferido no senado brasileiro, em 18 de fevereiro d'ó anno corrente, pelo snr. barão de Cotegipe (ex-ministro da fazenda no gabinete conservador de 25 de junho), fornece-nos um specimen da discussão parlamentar n'aquelle paiz e é documento importante sobre o estado das finanças e da administração actual do imperio.

Isto, á parte as idéas ultra-conservadoras e, a espaços, ultra-reaccionarias, desenvolvidas pelo snr. de Cotegipe.

Assim, na lingua *de trapos*, que não abandona o orador brasileiro, vêmos amargas referencias á *falta de raizes* que prendam no sólo as idéas: — *Desde a monarchia até á religião*, papagueia o orador, *sobre tudo quer-se passar uma rasoura*.

A tribuna livre — a das conferencias democraticas — serve-nos de pedra de toque, pelo que res-



peita ao espirito publico. Evidentemente, a *rasou-ra* que tanto preoccupa o snr. barão de Cotegipe, os conservadores liberaes e os liberaes conservadores, *ha de passar sobre a monarchia — e sobre a religião tambem.* Ora, o que nós tememos, não pelos embusteiros de sotaina, não pelos embusteiros coroados, mas pela liberdade d'um povo, diariamente explorado e esbofeteado, em plena America livre, pelo mais tartufo dos *soberanos*, — o que nós tememos por esse povo é o pruído declamatorio dos seus homens de hoje: em uma conferencia publica celebrada no Rio de Janeiro, ha poucos mezes, ouvimos o orador, após enorme série de appellações para os manes de Tiberio Graccho, declarar, em meio d'um auditorio republicano, que «só podia ser na livre America — um republicano de pensamento!»

De pensamento, talvez: de palavriado certamente. A energia d'aquelles homens espraia-se no *discurso*. Regra geral: o brasileiro illustrado é orador ou poeta — ou tudo junto. Imaginação, estylo, amor da hyperbole — e a mais deploravel madra-ceira: ahi tendes o homem.

A provincia do Rio Grande do Sul, limitrophe das republicas hespanholas, tem muito da energica actividade d'aquelles povos. A opinião geral espera do Rio Grande o primeiro passo no caminho da revolução. Na guerra desastrosa do Paraguay deve-se, porventura, áquella provincia a salvação do imperio. É uma excepção benemerita.

Ha outra:

Falla-se da energia do Pará. Crêmos n'ella. Tra-



duz-se, porém, de um modo especial: pelo assassinato. A face da America não apresenta mais afrentosa e esqualida nódoa ao exame dos povos cultos.

(Supprime-se n'este livro o discurso pronunciado pelo barão de Cotegipe, em attenção ás dimensões enormes do aranzel edificante e á facilidade que o leitor curioso encontra em consultar esse documento. Veja-se o nosso livro NO BRAZIL — 1879).

\*

Sem a auctoridade que a Napoleão III conferia a Constituição do Segundo Imperio, o snr. D. Pedro II usufrue no continente americano auctoridade igual á do homem do 2 de dezembro. Pede-a ao falseamento do voto e á espantosa corrupção derramada entre os homens publicos. Quando, a espaços, um nome se alevanta immaculado, e o respeito e a sympathia acolhem esse nome, o snr. D. Pedro II abeira-se do alvo das acclamações populares; atordôa-o com perfidas exclamações jubilosas, desnorteia-o com abraços de Judas, esmaga-o com o fardo das honrarias publicas: a commenda, a cadeira senatorial, a pasta de ministro. « É o seu homem! » — « Esperava-o! » — « Congratula-se pelo fausto successo ». E o povo, n'um assombro comico, vê os *Lafayettes*, os *Ottonis*, os *Osorios* e tantos outros dos seus idolos, empalmados, escamoteados pelo *homem de S. Christovão*, em quanto o « de-



fensor perpetuo do Brazil » volve á exploração tranquilla da sua innocente manada.

A lyra cesarea de Portugal e do Brazil tem vibrado, na risonha tarefa de celebrar os feitos d'aquelle Cesar burlesco. O mais denodado dos apologistas, Antonio Feliciano de Castilho, cantou-lhe a *épica, a vingadora espada*, saudou-o *heroe, semi-deus*. Importa aquilatar de vez a seriedade do heroe, em face da sinceridade do cantor.

Temos presente uma carta do citado Antonio Feliciano, concebida nos seguintes termos. Que o Brazil imperial a registre, para sua gloria:

« Ill.<sup>ma</sup> e exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup>

« O espirito de v. exc.<sup>a</sup> não anda satisfeito, vejo-o n'esta sua carta de 5 do corrente. Não lhe faltam para isso razões; ruim mundo é este na verdade, não valia muito a pena de se nascer! Se alguma coisa floresce n'este valle de miserias são os tolos maus.

« Eu quizera dizer alguma coisa a v. exc.<sup>a</sup> que a animasse, mas se realmente a não ha! pelo menos não a conheço eu. Nós, quanto a saude, não temos razão de queixa; quanto a guerra, estamos n'uma especie de armisticio tacito.

« A opinião em favor do methodo melhorou notavelmente desde que publiquei o Discurso preliminar á 4.<sup>a</sup> edição do *Methodo*; a imprensa, de então para cá, tem-se deixado de brutalisar; pelo



contrario, grande parte d'ella tem prestado homenagem á reforma; no Brazil tem progredido lentamente, mas progride: tudo isto de pouco serve, porque o inerciado governo, a resistencia de penhascos do professorado, e a infamia do traidor cobardissimo e crassississimamente ignorantississimo conselho superior, vão moendo e matando as esperanças e os naturaes e generosos impulsos dos homens de bem.

« Eu persevero pôr fadario, por birra, por envergonhar, não a elles, mas á fortuna. *No Brazil*, algum desenvolvimento que se nota nas escolas é quasi exclusivamente de iniciativa particular e provinciana: o governo central de lá é como o governo de cá.

« Decididamente, NÃO É DOS THRONOS QUE HA DE JÁMAIS VIR REGENERAÇÃO AO POVO. NÃO OBSTANTE ESTA CONVICÇÃO, *em que os factos me tem confirmado, eu lá mandei por este ultimo vapor* UMA EPISTOLA EM VERSO Á IMPERATRIZ, *acompanhada* D'UMA CARTA EM PROSA AO IMPERADOR, agradecendo-lhe a absolvição do velho por quem eu intercedera; e tanto n'uma como n'outra peça, invocando a sua protecção para a escola primaria. *Sei que nada hão de fazer, e se fizerem alguma coisa, ficarei a tremer com medo de que esteja o mundo para acabar*; PORQUE PESSOAS QUE TEEM TRATAMENTO DE *magestade*, FAZEREM COISA QUE TENHA UMA SIGNIFICAÇÃO REAL PARA BEM, SERÁ PHENOMENO DE APOCALYPSE.

« Não mando a v. exc.<sup>a</sup> estas duas composições, por não haver agora modo de as copiar, e porque



será melhor lê-las impressas; o que não tardará muito...

« Lisboa 10 de setembro de 1857.

« *Castilho* ».

Cederemos a palavra a um amigo nosso arrebatado pela morte á admiração e ao amor dos seus, em plena aurora do seu dia de triumphos.

Permittir-nos-hemos breves annotações ao dizer eloquente do honrado e mallogrado moço.

Tem elle a palavra <sup>1</sup>:

— « Um dos *paquetes* inglezes trouxe para a Europa, afim de repousar das fadigas produzidas pela *gestão* dos negocios publicos, o snr. D. Pedro II, imperador do Brazil.

« Causaram-nos pasmo as lóas entoadas pelo jornalismo portuguez, pertendendo realçar a direcção constitucional, dada por aquelle soberano ao mundo politico brasileiro, e o diploma de *modelo* de monarchas constitucionaes, que, sem direitos de mercê, lhe conferiu o *Diario de Noticias* <sup>2</sup>.

« Uma das caracteristicas de parte da imprensa portugueza consiste na falta de conhecimento com que tracta as questões, e no tom *dogmatico* com

---

<sup>1</sup> M. de Campos Carvalho, academico de Coimbra: *O snr. D. Pedro II e a monarchia constitucional*. 1871.

<sup>2</sup> O mais deploravel specimen da ignorancia e da bajulação, na imprensa portugueza contemporanea.



que pertende ás vezes emittir a sua opinião sobre factos e assumptos, que lhe são completamente desconhecidos.

« Um dos prelectores do Casino, o snr. Soromenho, determinou, de um modo evidente, a ignorancia como causa d'este phenomeno.

« E, com effeito, os artigos, escriptos n'esta época, revelam ignorancia supina da marcha constitucional do governo brasileiro, e da influencia nefasta, que o *D. João VI* americano tem exercido sobre a vida politica e economica d'aquelle malfadado paiz.

« Antes de citarmos alguns factos demonstrativos da asserção feita, é mister que seja conhecido pelo publico o conceito e estima, em que o snr. D. Pedro é tido pelos partidos que representam a idéa *monarchica*.

« O partido *conservador*, actualmente *governo*, não obstante gozar das sympathias do *paço* e da *camarilha*, tem verberado, quer na imprensa, quer no parlamento, a *pressão* anti-constitucional que o imperador pertende exercer na politica interna e externa. E facil seria para nós citar os homens mais notaveis do partido que teem atacado o *eleitor* dos ministros, como lá o denominam.

« O partido *liberal*, em todas as occasiões, tem-se distinguido pela valentia da aggressão, e por algumas lições de seriedade dadas ao dito senhor.

« Estes factos são conhecidos por todos os que estudam os negocios brasileiros. A animadversão que lhe consagram as parcialidades politicas é de tal natureza, que se no Brazil rebentasse uma re-



volução anti-dynastica, nenhum partido desembainharia a espada para o conservar no throno.

« Como prova do que affirmamos, faremos conhecer aos leitores a queda anti-constitucional do partido *conservador* em 1863 a 1864, e a do partido *liberal* ha pouco tempo.

« A historia da crise revela falta de franqueza, de dignidade, e nenhum desejo de se limitar á esphera de acção, que lhe é traçada pela Constituição do imperio. Vejamos:

« Um dos artigos da Constituição concede ao monarcha a escolha dos senadores, entre uma lista triplice fornecida pela votação. A lei faz ao monarcha uma concessão absoluta; o mecanismo politico porém tem limitado a interpretação da lei, e o imperador, na nomeação dos senadores, tem seguido as indicações feitas pelo presidente do conselho, em harmonia com as idéas politicas da situação.

« O ministerio *ligueiro*, ou fusionista, como em Portugal se diz, tinha minoria no senado, e via-se contrariado na realisação do seu programma pela guerra promovida por esta *excrecencia*; e, como os senadores são vitalicios, só a morte podia transformar a feição d'esta assembléa, a qual, eleita durante os quatorze annos do dominio conservador, era composta da velha guarda d'este partido. Morre um senador, procede-se a eleição, e o partido conservador, n'esta época um dos opposicionistas, consegue que faça parte da lista triplice um dos seus membros, que tinha promovido á *situação* uma guerra sem treguas. Tracta-se de preencher a vagatura;



e n'esta occasião o snr. Zacharias, presidente do conselho, propõe o candidato que representava as idéas do governo, sem ao menos pensar em que a nomeação do seu correligionario, aconselhada pela politica, estivesse um só momento em perigo.

« Qual seria o seu espanto quando o monarcha lhe *ordenou* que fizesse lavrar um decreto nomeando o adversario do ministerio?! Impressionado por esta falta de lealdade, o snr. Zacharias respondeu, — que sendo presidente do conselho e não tabelião do paço, ou lavrava o decreto demittindo o ministerio, ou o decreto nomeando o seu amigo politico.

« O imperador, inabalavel na sua resolução, escolhe o primeiro alvitre; e o governo, com a maioria na camara popular e com a opinião publica do seu lado, vê-se, *por um capricho*, obrigado a largar o poder.

« Cahido o ministerio, os aulicos representam uma pequena comedia, para destruir a má impressão produzida no paiz pelo *arbitrio* imperial.

« Em resultado d'esta comedia, o snr. Zacharias é chamado ao paço, e offerecem-lhe de novo o poder, com a condição, porém, de ceder quanto ao ponto principal da questão. Ora o ministerio tinha pedido a sua demissão, por não poder acceitar, obedientemente, as *ordens* do monarcha, pois julgára que ellas envolviam um ataque ás praxes constitucionaes, e a sentença annulladora da sua individualidade politica; logo, esta offerta, além de astuciosa, era uma bofetada jogada á face de um partido distincto por mão *irresponsavel*, porque o mesmo



era consideravel-o com falta absoluta de convicções e sem dignidade.

« Vejamos como foi resolvida a crise. A opposição era representada pelos partidos liberal puro e conservador, sendo o elemento predominante o liberal puro; logo, a minoria era conservadora; e contra os preceitos constitucionaes, e com geral indignação soube-se que o partido conservador, *enfant gâté*, era o escolhido para resolver a crise engendrada pelo machiavelismo do chefe da nação.

« O partido *conservador* no Brazil, e em toda a parte, não tem razão de ser; porque representa um anachronismo ou um defeito no meio politico em que figura.

« Castelar, antes de se revelar como o primeiro orador do seculo, escreveu um livro intitulado LA FÓRMULA DEL PROGRESO, em que estuda a evolução d'esta lei, na civilisação hespanhola, e ahi proclama o aniquilamento do partido *doctrinario*; e este facto applica-se por uma simples generalisação a todo o mundo politico, em que o principio *liberal* tende a predominar sobre o supposto principio *auctoritario*.

« Accrescem, a este *veredictum* da philosophia politica, as tradições deixadas na gerencia das provincias da administração publica pelo partido conservador brasileiro; pois via-se um phenomeno notavel — o paiz marchando, porque o movimento é eterno, e o governo fazendo eleições, ou corrompendo.

« Durante o periodo da gestão conservadora, cem



mil contos fortes foram consumidos pelo exercito e pela armada, não se encontrando um batalhão militarmente organizado, nem espingardas, nem canhões; achando-se os arsenaes despidos, a frota sem navios capazes de combater, e por toda a parte uma prova evidente da incapacidade administrativa dos homens encarregados da gerencia dos negocios de marinha e guerra <sup>1</sup>.

«Copiando servilmente a Europa, tinha adoptado uma politica anti-americana: portanto, anti-nacional. Os rebeldes sul-americanos eram pelo governo brasileiro considerados como belligerantes, quando os Estados-Unidos não quizeram, durante os onze annos de revolução, fazer igual concessão aos revolucionarios rio-grandenses.

«Erro politico, que, se não fosse commettido pela grande nação, teria libertado o Brazil do pesado encargo que pelo povo portuguez lhe foi legado; teria evitado a guerra do Paraguay, e poupado milhares de vidas e centenas de mil contos.

«Na politica interna realisava as tradições do partido, porque procurava na corrupção o apoio que os seus principios politicos não lhe facultavam, e a convicção que o direito e a justiça dão áquelles que architectam o seu programma n'estes dois principios, alma da ordem e do progresso.

«Este partido em toda a parte tem procurado

---

<sup>1</sup> A questão com a Inglaterra, por causa da fragata *Forte*, denunciou este desgraçadissimo estado militar e o alludido esbanjamento. Idem no tocante á deploravel guerra do Paraguay.



acobertar as suas tendencias auctoritarias, outorgando-se, com uma modestia invejavel, o epitheto de *partido da ordem*, quando o pertendido principio da auctoridade é por simples instituição a causa perenne de todas as revoluções, de todas as guerras e de todos os males que teem impedido uma constituição harmonica do mundo social; portanto, a ordem não se póde encontrar n'aquelles partidos que teem por fim conservar as creações fataes da humanidade, negando-se a coadjuval-a na eliminação da *espontaneidade*, e a substituil-as pelas creações do livre arbitrio; e quando não fossem estas as vistas do partido conservador, é bom lembrar-lhe que são correlativas as idéas — sociedade, progresso e ordem; portanto o monopolio é ridiculo e só proprio para enganar os intellectos sem cultura.

« Eis em poucas palavras a quem foi confiado o governo do Brazil.

« Desafio todos os admiradores do monarcha para me demonstrarem se a historia da monarchia constitucional, em toda a parte, apresenta o exemplo de um *golpe d'Estado* tão cavillosamente dado, e da maneira pouco leal como é despedido um governo, ao qual não faltavam intelligencia, sympathia, e apoio na opinião publica.

« Alguns incautos, seduzidos pelos *ares* democraticos com que o imperador se tem apresentado na Europa, querem d'ahi deduzir um argumento para provar os sentimentos liberaes do monarcha.

« Os monarchas da Russia e da Prussia, em 1867, viveram em Paris sem fausto algum, e a im-



prensa franceza d'aquelle tempo, annunciou por toda a parte o viver dos imperadores em França; logo, se o viver despertencioso e commodo de um monarcha fóra dos seus Estados é um facto com que se prova o seu liberalismo, segue-se que são liberaes os imperadores da Russia e da Allemanha!

« O imperador, no Brazil, desprezando o pedido da imprensa e dos homens de coração, obriga os *aulicos* e os que lhe pedem audiencia, á cerimonia do *beija-mão*; ora o beija-mão está abolido em todas as côrtes em que existia, porque, os monarchas, de *senhores* converteram-se em *mandatarios* do povo, ou, quando muito, em primeiros cidadãos do Estado; logo, a conservação d'esta cerimonia denotará tudo, menos espirito liberal.

« A conservação d'esta cerimonia e o facto de andar constantemente rodeado de guardas e de todos os apparatus da realleza demonstram á saciedade que a casaca democratica foi envergada a fim de attrahir os applausos dos incautos e lançar poeira aos olhos dos ignorantes.

« Seria prolixo citar muitos outros factos, d'onde se deduz evidentemente que Pedro II não é, nem tem sido, verdadeiro monarcha constitucional durante o periodo do seu governo.

« Vejamos o que é a monarchia constitueional, a sua historia, o seu desenvolvimento nas raças latinas.

« A monarchia constitucional, producção ingleza, transplantada para diversos paizes, como satisfazendo as aspirações democraticas e as tradições



monarchicas, tem desilludido todos os que a consideravam como o ideal do governo.

« A monarchia constitucional, fundando-se no *equilibrio* dos poderes, produziria a immobildade, se este equilibrio em Inglaterra não fosse deslocado pelo elemento aristocratico, e nos paizes latinos pelo monarchico.

« Na propria Inglaterra a theoria do equilibrio dos poderes, segundo o dizer de dois jurisconsultos, só serve para debates nas *sabbatinas* escolares, e os publicistas consideram-n'a como um *hors d'œuvre* scientifico.

« A monarchia constitucional representa na Inglaterra uma transacção entre os dois elementos que a constituem: entre o normando — elemento aristocratico e cavalheiroso, e o saxonio — elemento rude e democratico: na Inglaterra portanto esta fórma de governo tem razão de ser, e é um producto da formação do mundo politico inglez.

« Accommodar aos paizes latinos uma fórma de governo, nascido de circumstancias especialissimas, que está em contradicção completa com o genio e natureza da raça latina, é absurdo. Tal naturalisação, representando um elemento negativo, só póde trazer comsigo a desordem ou a desmoralisação: verdade esta, que a historia do movimento constitucional na Europa e America plenamente confirma.

« Em França o primeiro periodo começa com *la terreur blanche*, e acaba com a revolução de 30. O segundo, começando com o cataclysmo de 30, termina em 48, em que a monarchia burgueza recebeu o golpe de misericordia.



« Durante aquelle primeiro periodo conspira-se, fuzila-se, é distribuida pelos emigrados que tinham tomado armas contra a França nos exercitos da contra-revolução a quantia pasmosa de mil milhões de francos, enquanto os velhos soldados da republica e do imperio mendigavam o pão que tinham conquistado, mediante o derramamento do proprio sangue, na grande epopêa que devia guiar a Humanidade á solução de todos os grandes problemas sociaes, politicos, economicos e religiosos.

« O segundo periodo é o periodo da corrupção.

« A *republica-rei*, de Lafayette, dirigida pelos doutrinarios, soffria uma transformação completa: o constitucionalismo cedia o passo ao governo pessoal.

« Felizmente, no mez de fevereiro (1848) o povo francez expulsava os Orléans.

« Em Hespanha, a historia do periodo constitucional, em todo o seu desenvolvimento, apresenta muitos pontos de contacto com os principios do primeiro periodo do movimento constitucional francez. A Hespanha ainda hoje chora os milhões desperdiçados e os filhos que foram abatidos nos quadradados pelas balas *leaes* <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Manoel de Campos Carvalho escrevia estas linhas, durante o periodo republicano em Hespanha. Cria na duração d'esse periodo e mal suppunha que o rebento de Isabel II lhe desmentiria breve as esperanças. Hoje Affonso XII está em Hespanha, no throno dos seus avós — e está bem. Pelo *heroismo*, o desfallecido e sangrado combatente de Lacar descende de Fernando VII; pela *dogura* de character, o assassino de Moncasi vem directamente de Isabel II.



« Thiers, o estadista de expedientes, determinou a fórmula que traduz a lei do governo constitucional: — *o rei reina e não governa*. Esta fórmula, de nenhum valor pratico, é, como muitas outras que tratam de marcar as relações entre o Estado e a Igreja, simples abstracção, de que os jornalistas se servem para arredondar um periodo, ou dar logar a uma furibunda apostrophe.

« O proprio Thiers confessava, pouco antes da sua morte, a pouca fé que lhe inspiravam os governos constitucionaes, attendendo á attracção que os impelle para o governo pessoal.

« O governo pessoal só produz Waterloo, ou Sédan: — Waterloo, se um homem de genio dirige os destinos do povo, — Sédan, se o chefe do Estado é um simples aventureiro...

« No Brazil, um deputado, historiando na camera baixa o estado moral d'aquelle povo, dizia: — « que elle parece arremessado ao Novo Mundo por uma revolução geologica, com o cortejo proprio das sociedades decrepitas e sem nenhuma das virtudes do povo americano ».

« Em um paiz, *no qual o chefe do Estado é irresponsavel* e que, por um phenomeno de facil explicação, *acoberta todos os encarregados da execução da*

---

A esta hora surgirão protestos sobre o supplicio de Moncasi. Aceitámo-los. As nossas recordações abasta o assassinato commettido pelo duque de Sexto, de parceria com seu real amo, na pessoa de certo marido ultrajado pelo filho de Isabel II, — no primeiro anno do reinado d'este ultimo. O povo hespanhol esqueceu. Que a *Historia* não haja de esquecê-lo.

S. P.



*lei com a irresponsabilidade que lhe é concedida pelo pacto fundamental, é necessario que os homens possuam uma virtude antiga para não serem seduzidos pela immensa latitude que a lei concede á sua acção. Infelizmente, os factos demonstram a não-existencia de tal virtude.*

« Em todos os paizes, depois de uma longa e duradoura guerra, a justiça quer o castigo de todos os que especularam com as desgraças da patria e encheram os seus cofres, defraudando a fazenda publica. Em França, depois da ultima guerra, calcula o snr. d'Audrifet Pasquier em oitenta mil os processos intentados contra os fornecedores. Na Prussia, o governo de Bismarck trata de castigar severamente os defraudadores do thesouro allemão. No Brazil, a guerra do Paraguay dá origem aos mais escandalosos roubos — e nem sombra d'um inquerito !

« O estado social do Brazil, a maneira fementida como aquelles governos cumprem o pacto fundamental, a ingerencia nefasta do monarcha denotam ao observador um estado de decomposição lenta, que reclama como unico e urgente remedio a destruição da monarchia, do favoritismo, da centralisação e de todos os elementos constitutivos do velho regimen.

« Accrescem os perigos externos. Todos os povos da America escolheram, no seu periodo de formação, a republica federal; o Brazil aproveita um membro da dynastia de Bragança, deixado no Brazil pelos azares da guerra e acceita a monarchia constitucional.

« D'ahi o seu isolamento politico entre os seus visinhos e a hostilidade d'estes ultimos.



« Reformas profundas importa fazel-as no exercito <sup>1</sup>, afim de o poupar á repetição de vergonhas como as do Paraguay; essas reformas, reclamadas pela situação especial d'esse paiz monarchico, custarão milhões desviados da exploração das forças vivas da nação e importarão o perigo do desenvolvimento do militarismo.

« Vejamos a missão que o partido republicano tem a desempenhar no Brazil:

« Destruir *absolutamente* o elemento servil;

« Apagar os prejuizos que ainda, porventura, existam com o estrangeiro;

« Seguir o exemplo dos Estados-Unidos, diffundindo por todos e por toda a parte a instrucção popular;

« Adoptar um systema de politica rasgadamente americana;

« Tomar por base d'esta politica o principio de Monröe;

« Collocar, finalmente, o povo brasileiro nas condições de realisar a grande tarefa que lhe cabe no movimento civilisador do Novo-Mundo ». —

\*

---

<sup>1</sup> A tal respeito só diremos que á porta do Banco do Brazil vimos, nos ultimos dias do passado mez de fevereiro, de sentinella, um soldado — *em chinellas*.

O caso é vulgarissimo, asseveram-nos.

S. P.

\*



Emquanto uma voz energica se alevanta do marasmo, para o protesto, a mocidade brasileira declama, avocando os manes dos patriotas de Roma, e o snr. D. Pedro II colloca, previdente, nos bancos europeus o producto das suas *economias*. Não é a declamação que o assusta: é a Revolução que avança, em que peze aos declamadores: é o desprezo profundissimo despertado a esta hora entre o povo brasileiro pelo nome do *soi-disant* democrata. Sustentado pelas transigencias, pela ambiguidade, pela hypocrisia e pela corrupção, esse homem presta ao mundo novo um relevantissimo serviço: desacredita para sempre as instituições monarchicas entre os povos livres, envolvendo-as no desprezo d'estes ultimos.

Fóra do seu paiz, o snr. D. Pedro II póde ainda obter ovações inconscientes: em Philadelphia vingou obtel-as, não ha muito, mercê da ostentação dos seus « principios democraticos », da apregoada libertação do « ventre escravo » e d'uma hora de bonhomia de *Jonathan*. Dos principios democraticos já vimos a observancia rigorosa e a applicação honrada...

Mas, no que toca á libertação do ventre escravo, importa consideral-a á luz dos factos — no proprio theatro da consummação d'estes ultimos. Ide ao Brazil, á capital do imperio, ao centro da *civilisação* brasileira e tereis a cada passo o mais vigoroso protesto pratico contra o pensamento (?) civilizador que dictou a apparatusa lei. Vereis o *homem de côr* avergado ao peso dos maus tractos, verdadeira besta de carga, em cuja presença não duvidariam despir-se, como as damas da antiguidade, as senhoras brasilei-



ras dos nossos dias. Os negros continuam sendo, sob o duplo ponto de vista material e moral, aferidos pela craveira do quadrupede: revolta o menos sentimental dos homens o espectáculo d'aquelles miseraveis com o rosto e as costas manchadas de cicatrizes, produzidas pelo chicote do senhor, ou pelo da correcção; é n'elles que a policia brasileira, a mais estúpida, cobarde e infame ralé que tolda a luz do sol, satisfaz os instinctos de brutalidade, espancando impunemente os infelizes. Nos ultimos tempos a imprensa brasileira tem registrado amiudados crimes, praticados pelo elemento de côr: é a represalia individual, isolada, dispersa. Os declamadores que avocam os Gracchos desconhecem o Aventino. Dae um Spartacus áquelles parias da *civilisação brasileira* e tereis um ajuste de contas, que, apesar de violento, não deixará de ser sagrado nã sua immensa justiça.

Não declamamos. O desprezo vae mais alto e attinge o homem livre e reconhecidamente honrado e intelligente: ha perto de dois mezes (escrevemos estas palavras em maio de 1879) a loja maçonica do Rio de Janeiro *Igualdade e Beneficencia* repellia uma proposta de admissão do cidadão brasileiro o snr. João Pessanha <sup>1</sup>, fundando-se, para a repulsão, na côr do individuo citado. Ahi está a maçonaria

---

<sup>1</sup> Empregado n'uma companhia de seguros d'aquella cidade; — rua de S. Pedro, 412.



brazileira, émula dos sacripantas mitrados a quem fulmina do alto da tribuna e do livro o snr. Saldanha Marinho! Ahi está a *Igualdade* brasileira! Ahi está a *Beneficencia* brasileira! Ahi tendes a sinceridade dos «negrophilos» e a sinceridade das suas leis, emanadas do claro mundo da Philosophia!



## IV

Imprensa jornalística. — Arte e litteratura

Um publicista brasileiro, que durante annos residiu entre nós — o snr. Augusto de Carvalho — escrevia em 1876, no seu livro O BRAZIL, as seguintes palavras sobre a imprensa jornalística do seu paiz:

— « A imprensa do Brazil é muitas vezes enxovalhada por alguns adventicios, que degradam a nobre profissão do jornalismo, e dão, ao mesmo tempo, das leis e do paiz que os tolera, a mais triste e desconsoladora idéa.

« Abram-se ao acaso *uns certos* jornaes do imperio, e sentirá quem ainda não tenha perdido, de todo, o sentimento da honestidade e do dever, a mais invencível repugnancia, lendo o estendal de abjecções e de torpezas, que ali se acobertam sob os titulos de *Inedictoriaes*, *Mofinas* e *Anonymos*.

« É a mais torpe de todas as especulações que se exercem no Brazil; é peor, muito peor do que o infamissimo tráfico dos miseros africanos.



« Vem de molde fazermos agora algumas considerações com referencia a nós mesmo.

« Durante o longo periodo que collaboramos em diversos jornaes da provincia do Rio de Janeiro, nunca démos á luz publica um escripto anonymo, que pudesse ferir, nem de leve, a reputação de quem quer que fosse.

« Os covardes, os calumniadores e os perversos, conhecendo por experiencia propria o nosso habitual desassombro, attribuiram-nos, muitas vezes, a paternidade de semelhantes publicações; mas, acudindo de prompto pela nossa integridade e bom nome, fizemol-o sempre por maneira, que não deixassemos a menor duvida no conceito dos que nos honravam com seu favor e estima.

« Estampamos aqui este protesto como brasileiro e como escriptor.

« Não se conclua, porém, do que ahi fica dito, que pertendamos impôr a ninguem a tyrannia do silencio; não; conclua-se tão sómente que havemos de clamar, emquanto pudermos, contra os que transformam o jornal em uma especie de couto inviolavel de desalmados e covardes assassinos da honra alheia. Quem se achar com animo de assoalhar immoralidades e desmandos d'outrem tenha pelo menos, para que o leiamos sem o maior constrangimento, a coragem de firmar com seu proprio nome taes accusações. Do contrario, não deve estranhar que o verberem justissimamente com os affrontosos epithetos de covarde e miseravel detractor. Aquelle que se furta por tal fórma á imputabilidade de seus actos revela tacitamente que o tolhe o receio de



que a pedra sahida de suas mãos venha de recochete imprimir-se-lhe na fronte. Seja censor quem tiver auctoridade para tanto; quem a não tiver recolha-se ao silencio, e deixe-se ficar em paz comsigo e com o mundo.

« Nem mais nem menos.

« Eis o que desejamos se concluísse apenas de nossas palavras.

« Este imperdoavel abuso da liberdade de imprensa no Brazil explica até certo ponto a razão de ser dos seguintes pasquins — *O Alabama*, da Bahia — *Commercio a retalho* (digno successor do *Tribuno*) de Pernambuco — e *A Tribuna*, do Pará.

« Em Portugal, vá-se dizendo tambem para desconto de peccados, surgem a espaços no seio do jornalismo uns dignissimos émulos d'aquelles leprosos d'além-mar. Exemplos: *O Raio* — *O trinta mil diabos* — *O chicote dos ladrões*, etc. etc.

« Lá e cá o publico sustenta-os e folga com elles. Esta a verdade tal qual é ». —

Vão decorridos tres annos após a defesa intentada pelo snr. A. de C. e já uma dolorosa experiencia denunciou ao publicista brasileiro o abysmo que separa da imprensa jornalística de Portugal a sua irmã adulterina, do Brazil. A cruel verdade não a dizemos ao ex-defensor, a esta hora constituido em delegado da moral publica, e, implicitamente, dos proprios direitos aggravados: dizemol-a aos incautos, por amor da verdade em desaggravo da imprensa portugueza, que, ainda nas suas horas de abatimen-



to, não encontrou a vereda que conduz ao lupanar da sua irmã brasileira.

Em Portugal — sabe-o hoje o snr. A. de C. e sabem-no todos os que nos lêem — os jornaes de *chantage* teem o seu publico especial, publico á altura dos órgãos que lhe traduzem os sentimentos, que lhe reproduzem o mexerico, mais ou menos infame, em estylo mais ou menos lórpa, mais ou menos obsceno. Esses jornaes vegetam na miseria, dirigidos por homens perdidos e sem imputação em frente de uma penna ou de dois pontapés.

Mas, no imperio do Brazil, não é a infamissima *Tribuna*, do Pará, nem os seus émulos *O Alabama*, da Bahia, o *Commercio a retalho*, de Pernambuco, a *Revista Illustrada*, do Rio: não são esses órgãos da ralé brasileira, a mais covarde ralé que na America do Sul reune instinctos de scelerado — chacal com sonhos de panthera: — não são esses órgãos, dizemos, os reproductores da folha de *chantage* de Portugal. Taes reproductores teem na capital do imperio balcão aberto para contracto de ignominias; quizeramos citar o menos digno dos traficantes; citaremos o mais opulento, sem provocarmos susceptibilidades dos pobretões em assumptos de competencia no desaforo:

— *Jornal do Commercio*.

Ahi damos um especimen da sua prosa. Desinfectante proximo — e queiram lêr:

### «A SITUAÇÃO

— « Entre os rabiscadores despeitados e sem pu-



dor, que se *acastellam* sob os pseudonymos, se *recolhendo* ás trevas para *armarem* as suas perfidas e negras *armas*, figura no primeiro marnel, n'esse plano immundo de venenosas torpezas — *Cassius*, o illustre D. Quixote — *chefe das calumnias* que todos os dias assaca *injustamente* contra os *caracteres* do gabinete de 5 de janeiro.

« Foi triste reptil com a lingua ervada de *sublimissimo* veneno, se *arrastando* depois até chegar... ás botas do snr. ministro da guerra, e por ultimo investe sobre um dos nossos distinctos *caracteres* que se tem errado, é por não haver seguido as perniciosas doutrinas d'aquelles que, como *Cassius*, tem posto este paiz no miserando estado de abatimento moral em que veio achal-o o patriotico e sempre louvado ministerio de 5 de janeiro.

« O cavalheiro a *que* nos referimos e que, por suas luzes e criterio, *pela sua* probidade e *pundonor*, tem conquistado a *sympathia* e o respeito de seus concidadãos, é o actual ministro do imperio.

« Preferimos ser insultados pela improbidade *do que* elogiados.

« Se *Cassius* nos tirasse o chapéu, passaríamos vexados, porque deixariamos no espirito do publico a convicção de que eramos da mesma condição e do mesmo conciliabulo em que nenhuma reputação, por mais respeitavel, se acha segura.

« Na triste posição em que *Cassius* se tem collocado, só nos merece compaixão, só é digno de desprezo, porque vive no ambiente mephitico e nas *esterqueiras*, em que tem molhado a *penna* para atirar a esmo a *palavra* de *Cambronne*, de que faz garbo em



*ter nos labios e nos bicos de sua penna eivada do referido galvanismo... » —*

Tiragem importante: superior, segundo uns, a 15:000 exemplares; segundo outros, a 20:000. Seis a oito paginas de composição, — dois terços de annuncios e de « publicações a pedido ». Formato: superior ao do nosso *Commercio do Porto*. Pessoal: um exercito. Tratou-se, um dia, da nossa filiação no pessoal d'aquella empresa. Cortámos bruscamente as negociações, bem que os nossos intuitos nos garantissem, aos olhos da consciencia, contra accusações futuras de solidariedade n'aquella fabrica de inepeias e de porcarias. Conhece a historia o nosso illustre patricio Raphael Bordallo Pinheiro. O espectáculo era de sobra para lastimas pela especie humana, esporeada pelos brutos que a dominam. Deixemos isso <sup>1</sup>...

A *industria* jornalistica brasileira, conhecida pelo nome de *mofina*, consiste na publicação *irresponsavel* das maiores infamias — a tanto por linha — contra a honra ou os creditos de um individuo ou de uma corporação. Ao offendido é inutil o barafus-

---

<sup>1</sup> Soubemos, posteriormente á publicação d'estas palavras em primeira edição, que um proprietario de certa *gazeta*, subalterna, affirmára, ao visitar Lisboa, que no Brazil lhe pediramos trabalho na *gazeta* em questão. Limitamo-nos a declarar que o proprietario mentiu. Não vale discussões o macaco voluntario.



tar no intuito de um desforço; a redacção não responde pela affronta: é *publicação a pedido*. Não lhe é licito conhecer o nome do aggressor; ha individuos promptos para figurar de responsaveis, comparecendo no tribunal, ou acceitando quantas bengaladas puderem traduzir a cólera do insultado. A empresa jornalística apresenta os nomes dos officiosos responsaveis: um ratoneiro, um capanga, assassino de profissão; um pobre diabo, por vezes, menos vil do que os patrões que defende.

Em Portugal differe o caso. O auctor do livro O BRAZIL entrevê hoje a differença; crêmol-o por honra sua. Se o órgão jornalístico é da especie *canalha*, a parte pensante do publico recusa-lhe imputação: o desforço é inutil. Em todo o caso, a lei previu o abuso da maroteira: o órgão tem o seu editor, legalmente reconhecido; esse editor é chamado aos tribunaes e condemnado por injurias em policia correccional, ou, em processo de jury, por calumnia. Total possivel: prisão, degredo, fim do órgão e das aggressões.

Se o jornal pertence á classe séria, ou é assim classificado, as aggressões alheias á redacção encontram, por vezes, difficuldade na inserção, ainda mesmo a *tanto por linha*; quando admittidas precede-as o reconhecimento da assignatura do auctor, ficando este á disposição da lei. Simples differença entre o nosso caso e o da imprensa brasileira: entre nós é o auctor quem, pelo ordinario, assume a responsabilidade; no Brazil é a fuga á responsabilidade a garantia dos diffamadores permanentes. Alli, n'aquelle ceu aberto, a desaffronta vulgar constitue phenome-



no; ha dois meios que não implicam sombra de responsabilidade e que á mente do brasileiro aco-dem como duplo alvitre:

— *Mandar* espancar ou esfaquear o alvo das suas cóleras, por um escravo, ou por um assassino de profissão;

— *Mandal-o* injuriar em mofinas nas honradas columnas do *Jornal do Commercio*.

Tudo, *sem responsabilidade*.

Como se vê, ha uma ligeira differença entre os *costumes* da imprensa de Portugal e os de sua irmã adulterina...

Litterariamente, em toda a linha,— decadencia profunda! No Rio de Janeiro, séde da *civilisação imperial*, não existe sequer um jornalista,— um só! — digno de tal nome. Quando muito, quatro noticiaristas á altura dos mais insignificantes de Lisboa. Só assevera o contrario quem d'elles depende. Do *Jornal do Commercio* é redactor principal o doutor Gomes de Castro, o mais inepto e ignorante dos homens. Descobriu-se, ha tempos, que nem sequer pertenciam á sua lavra os miseros artigos, cuja paternidade usurpava.

Com a morte de José de Alencar extinguiu-se o veio opulento do romance nacional, com o poderoso cunho caracteristico do independente creador. O terreno da poesia, explorado por Gonçalves Dias e Casimiro d'Abreu e ainda por Machado d'Assis e Narcisa Amalia, etc., tornou-se recentemente esteril e o centro da actividade litteraria — a academia de S. Paulo — pouco promette fóra dos limites da decla-



mação. A critica litteraria — uma lastima! — lembra os devaneios, em lingua bunda, dos plumitivos do *Diario de Noticias*. Na geração nova muita curiosidade, pontos de vista inteiramente falsos e noções erradissimas sobre os homens de Portugal. Um barbaro sustentou, perante nós, com uma seriedade profundamente comica, a superioridade dos dotes de escriptor do snr. Ramalho Ortigão, redactor das *FARPAS*, sobre os do grande romancista do *CRIME DO PADRE AMARO*. Outro, manuseador de folhas *litterarias* portuguezas, incluindo *A Luz da Razão* e a *Renascença* — inteiramente afastadas, mercê da collaboraçaõ — baralhava e confundia os nomes de *Rosalino Candido* e *Joaquim d'Araujo*, redactores (*sic*) das duas publicações. Foi mister explicar-lhe que o nome de Rosalino Candido é o de um bom homem, dotado da *mania* litterata, um homem inoffensivo, digno, e fóra das *coisas* litterarias, absolutamente estimavel, ao passo que o outro, o da *Renascença*, é um palerma de maus instinctos, sem um vislumbre de imputação.

O theatro brasileiro não existe. A scena brasileira é explorada pelo snr. Furtado Coelho, actor portuguez, illustrado, mas pouco escrupuloso em assumptos de arte. Transigindo com o *gosto* do publico, que lhe cumpre esclarecer e guiar, o snr. Furtado explora o dramalhão insulso e a opereta obscena, auxiliado por um grupo de *artistas* sem classificação. A ignorancia da *critica* e do publico improvisa notabilidades com um desplante igual ao dos noticiaristas de Lisboa. A snr.<sup>a</sup> Emilia Adelaide é uma gloria nacional; o actor Antonio Pedro, cujo talento é ex-



cedido pela summa ignorancia, tem fóros de actor classico. O SALTIMBANCO do snr. Antonio Ennes constitue uma obra prima. O snr. Ramalho Ortigão é um mestre da lingua portugueza. Tendencia vergonhosa para o mexerico; lamentava-se que não houvessemos compilado os nossos artigos de polemica injuriosa, publicados em 1874, na imprensa do Porto, contra as NOTES DE INSOMNIA de Camillo Castello Branco, quando é certo que a feição intrigante, imbecil e miseravel de uma boa parte da geração nova nos convida a arrependimento, ao lembrarmos a nossa lucta com o temido escriptor da geração de hontem.

Aberrações monstruosas n'aquelle meio esteril de talentos serios e elevados, — *Pedro Americo* e *Carlos Gomes* não representam — é evidente — a Pintura e a Musica *brazileiras*: a Europa, mãe adoptiva dos dois vultos eminentes, reclamal-os-ha perpetuamente, como benemeritos da grande arte que n'aquelle meio caricato do Brazil não teve nem terá guarida.

Bons talentos, desamparados, errantes, desprotegidos, — poucos são — arrastam n'aquelle meio ignobil uma existencia de amarguras e de injustiças: citaremos o illustre esculptor Reis, com quem tratámos no Rio e cuja reputação se estriba na admiração illustrada e consciente.

Fallámos, acima, dos falsos prismas, através dos quaes são olhados no Brazil os nossos escriptores de hoje. O prosador *da moda* é o snr. Ramalho Ortigão: o folhetinista da *Gazeta de Noticias* eclipsou o



redactor das FARPAS e apagou as severidades d'este ultimo. Camillo está em descredito (*sic*). Anthero de Quental é desconhecido. Quatro folhetins no grutesco *Jornal do Commercio* constituem os titulos de G. Junqueiro á attenção d'aquelles indigenas. João de Deus, outro gigante: conhecido, apenas. Da geração nova, M. Duarte d'Almeida, o admiravel cinzelador da *Cerulea* e Narciso de Lacerda, o poeta inspirado e ardente dos CANTICOS DA AURORA: — totalmente ignorados. E, todavia, lê-nos o Brazil, e, todavia, rouba-nos no mercado, com um descaro á altura da selvageria!

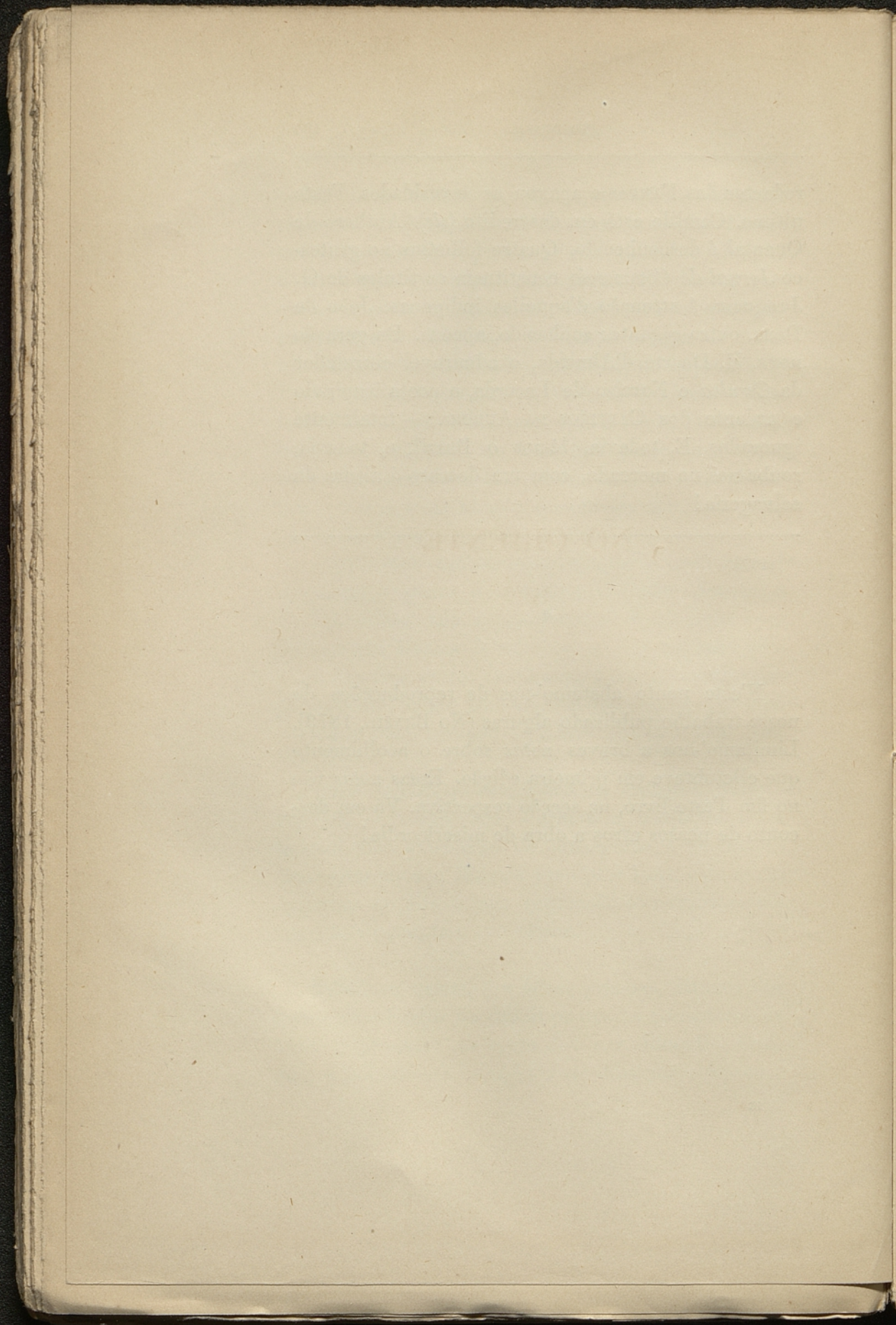
.....

1879.

\*

N'este ponto abstemo'-nos de reproducções do nosso trabalho publicado algures (NO BRAZIL, 1879). Limitamo'-nos a breves *notas* sobre o acolhimento que elle obteve em primeira edição. Essas *notas* vão no fim d'este livro, na secção respectiva. Vá em desconto de nossos erros a obra de misericordia!



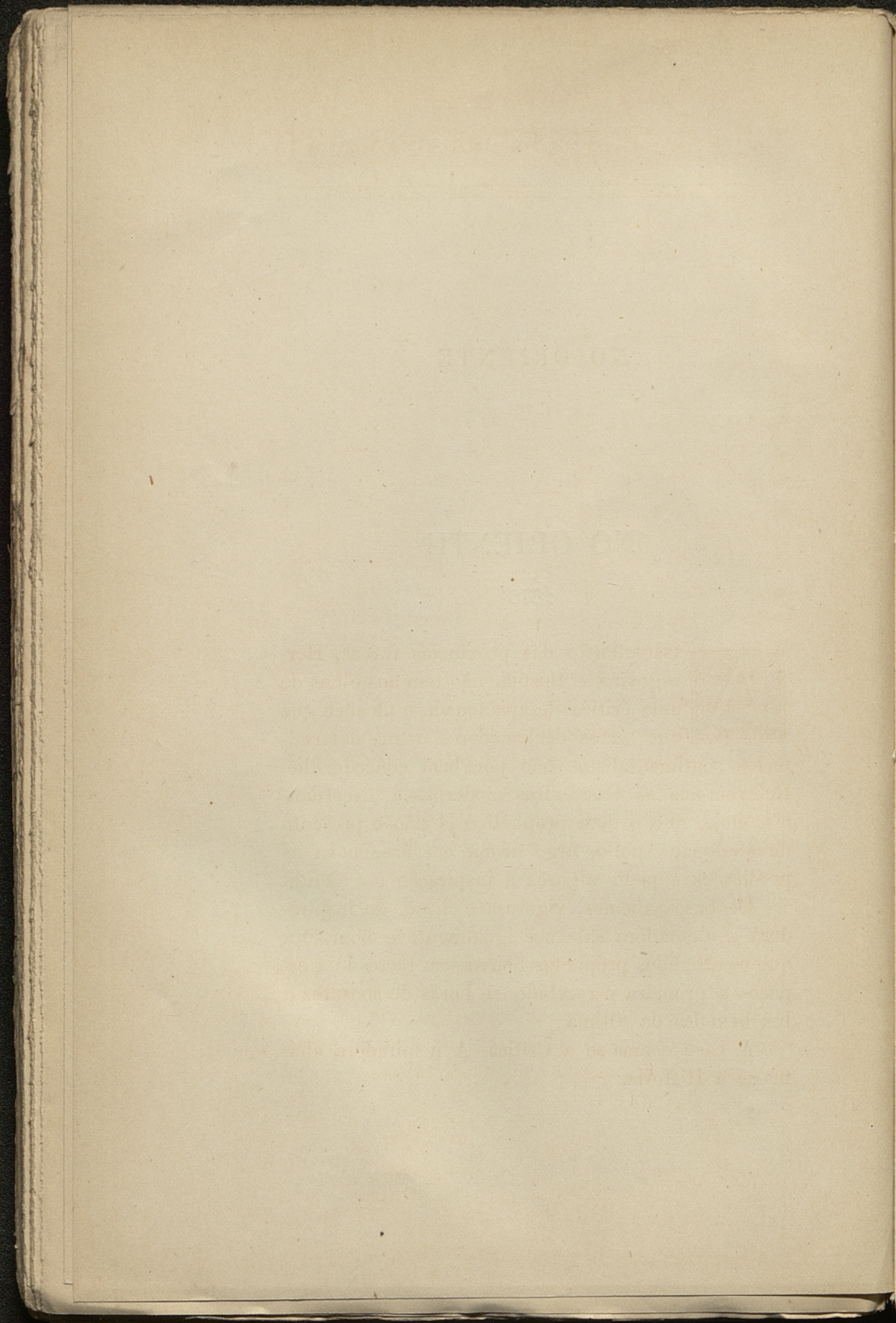




NO ORIENTE

1876









## NO ORIENTE

1876

### I



INSURREIÇÃO das provincias turcas, Herzegovina e Bosnia, não tem aos olhos de uma critica desapaixorada o alcance que uns certos declamadores e uns determinados sentimentalistas hão por bem conceder-lhe. Relevem-nos as Cassandras modernas a discordancia: hoje, que o dom prophético já não é presente de qualquer Apollo, urge firmar em base nova as predicções e pedir algures a inspiração e o alento.

De base sabemos, vigorosa e firme, de inspiradora e alentadora sabemos igualmente e bom fôra que os alludidos prophetas houvessem tacteado a espacos a primeira e recebido em horas de sensatez a luz benefica da ultima.

A base chama-se a Critica. A inspiradora chama-se a Historia.



Perdoem-nos a digressão.

A revolta das provincias turcas é simplesmente um pretexto. Elimina-se perante a questão magna. É d'esta que tractaremos.

O papel desempenhado na obra da unidade (?) italiana, pelo Piemonte, em proveito do rei Victor Manuel, e na consolidação da unidade germanica (?), pela Prussia, em beneficio da dynastia Hohenzollern e da hegemonia prussiana, seduziu as imaginações escandecidas dos homens de estado da Servia. Do direito que constitue a base das pertenções do principado ajuizará o leitor.

Registre-se de antemão: que o impulso recebido pela unidade italiana partiu d'um filho da Italia, — Cavour: que o impulso identico, recebido pela unidade germanica, proveio d'um filho da Allemanha, — Bismarck: que os dois illustres homens de estado firmaram a preponderancia dos seus respectivos paizes, appellando para os sentimentos naturaes da *raça* contra um inimigo commum: a França em face da Allemanha, a Austria em face da Italia.

Se n'esta dupla evolução as conquistas realisadas pela Democracia não satisfazem os partidarios sinceros d'esta ultima — e não satisfazem decerto — ha pelo menos na realisação do duplo movimento uma apparencia de probidade politica e de sentimentos patrioticos, que fartem os espiritos faceis ou superficiaes.

Na questão Turco-Servia o *manejo* é identico, mas grosseiro na applicação. A supposta perseguição do governo central de Constantinopla aos sub-



ditos servios da Porta Ottomana é um embuste, que o desconhecimento quasi geral das coisas do Oriente faz avultar aos olhos da Europa. Os Servios do principado, arvorando-se em protectores (?) dos seus irmãos da Turquia, podem invocar o vinculo sagrado da fraternidade; falta-lhes, porém, o ensejo para exercel-a: italianos do Piemonte dando a mão aos italianos da Lombardia contra a Áustria — concebe-se e acceita-se, allemães da Prussia com allemães da Saxonia, contra a grande potencia latina: viu-se e accitou-se. O pé de ferro de Radetzky deixára vestigios profundos sobre o peito da Italia e as legiões napoleonicas encetando a *marcha a Berlim* davam pretexto esplendido á reacção politica das *raças*.

Na questão Turco-Servia nem esse pretexto surge. Digam-nos os declamadores: D'onde partiu a provocação? Quem lançou a luva no terreno comprehendido entre a Valachia e a Bosnia, entre a Hungria e a Albania? Foi a Turquia? Não! O imperio turco, tão apedrejado quão desconhecido, proseguia na sua obra de renascimento, em lucta com o velho partido musulmano e dirigido pelo proprio sultão. Não foi a Porta Ottomana quem soltou o grito de guerra e de exterminio, *mas tambem não foi o partido servio*.

Dissemos acima que os exemplos do Piemonte e da Prussia deslumbraram os estadistas do principado. É evidente que sem a mira em estranho auxilio, os bons dos Servios quedar-se-hiam em perenne deslumbramento — mercê de seiscentas mil baionetas do imperio turco, das recordações tris-



tes de Cassovo <sup>1</sup> e da situação falsa do principado vassallo, motivada pelo antagonismo das familias Czerni e Obrénovich, a primeira ex-governante e a segunda actualmente no poder. É evidente, dissemos, que a Servia não ousaria affirmar aos olhos da Europa as suas *fraternal* pertençações, mas o leitor já percebeu que, por detraz do miseravel principado, agita-o e impelle-o, porventura á destruição propria, a fatal e tenebrosa politica do imperio russo.

Foi ella quem sublevou os camponios da Herzegovina e da Bosnia, creando por tal modo o *pretexto* para a lucta das raças; foi a politica dos czares quem aproveitou o deslumbramento dos estadistas servios, creando-lhes o papel de Cavours e Bismarcks do Oriente; é de S. Petersburgo que parte a animação á resistencia, animação occulta, á sombra da qual o principado servio repelle os conselhos ameaçadores da Austria e não duvida arrostar com a esmagadora força militar da Turquia.

A audacia stulta dos publicistas servios attinge o ponto em que se falseia a Historia, em detrimento da dignidade litteraria e scientifica e da dignidade dos leitores. Não ha muito que um correspondente de Belgrado affirmava, baseando-se na auctoridade do historiador Mommar, que «foi a raça servia quem neutralizou nos seculos XVI e XVII a

---

<sup>1</sup> Vejam-se os quadros estatísticos intercalados, para a comprehensão das citações.



acção conquistadora dos sultões ». É sabido que no seculo XVI, os Turcos, chamados pelos Gregos contra os Servios, esmagaram estes ultimos e que só em 1718, pelo tractado de Passarowitz, cederam ao imperio austriaco a parte septentrional da Servia, que o tractado de Belgrado lhes restituiu em 1739. Ora, foi durante este periodo que os Servios, no dizer dos seus modernos publicistas, neutralisaram as conquistas dos chefes do imperio ottomano...

E nós e a Europa inteira a attribuirmos aos albanezes de Scanderberg e aos polacos de João Sobiesky a missão neutralisadora!...

\*

Projecto de reforma *geographica* applicado pelos publicistas servios *para interesse da Turquia (sic)*:

« Cedendo a Herzegovina ao Montenegro e a Bosnia á Austria, ficará violado o grande principio do imperio ottomano, sustentado pela diplomacia, emquanto que *annexando á Servia* (entende-se) aquellas provincias, fica mantido tal principio, pela razão de fazer a Servia parte integrante do imperio ottomano, *como sua vassalla* ».

Compreende-se... A importancia da Servia, augmentada pela annexação das duas provincias, importaria nada menos, que a criação de novos ele-



mentos de força para a realisação violenta da *unidade servia*: por outra, o imperio turco desmembrar-se-hia, afim de robustecer os seus adversarios e crear-lhes recursos para a projectada insurreiçãõ!

Allegam ainda os publicistas servios, em face do seu paiz (é vêr as folhas jornalisticas de Belgrado), a impotencia e o atrazo do Montenegro. Citámos acima o porquê da allegação. O leitor verá, pelos quadros estatisticos que adeante apresentamos, quaes os titulos da Servia a iniciadora da *unidade da raça*, bem como a estabelecer a sua hegemonia sobre os seus irmãos do imperio turco.

---

## II

A Constituição do principado servio data de 1869: n'ella se affirma a hereditariedade na familia Obrenovitch; torna-se effectiva a responsabilidade do governo perante a Assembléa Nacional; concede-se o exercicio do poder legislativo ao principe e á *Skoupchtina*, simultaneamente, e transforma-se o senado em um conselho de estado, encarregado da elaboração das leis.

A *Skoupchtina* reune-se annualmente; tem o ca-



racter e os direitos de uma assembléa deliberativa ordinaria.

O principe reinante (1876) é Milan iv, da familia Obrenovitch; foi proclamado em 2 de julho de 1868.

A Skoupchtina compõe-se actualmente de 137 membros, dos quaes 36 são nomeados pelo governo e 101 eleitos pelo povo.

O culto é o — grego orthodoxo.

A população é de 1.216:346 habitantes, sobre uma superficie de 43:555 kilometros quadrados, devendo comprehender-se n'aquelle numero: 1.058:189 servios; 127:545 valachios; 24:607 bohemios, 2:589 allemães e tres mil e tantos de outras nacionalidades.

A receita do Estado ascende a 7.600 contos, e a despeza a 7.000 contos; não ha *divida publica*.

As forças militares da Servia são de 4:720 homens de guarnição e 150:049 de reserva.

A exportação commercial em 1872 attingiu a cifra de 6.400 contos, e a importação 6.000 contos.

Dados estes apontamentos de estatistica (extraídos do periodico *Anotria*, de Vienna, n.º 52, de 1874) não serão inuteis alguns esclarecimentos sobre a historia d'este povo.

Os Servios, chamados no seculo vii pelo imperador Héraclius, conservaram a sua independencia até ao seculo x. Subjugados então pelos Bulgaros e mais tarde pelos Gregos, recuperaram em 1151 a sua independencia e tornaram-se conquistadores. Os *Zupans* da Servia tomaram o titulo de reis e, em seguida, o de imperadores ou tzars.



No seculo xiv, um d'esses tzars apoderou-se de toda a peninsula hellenica.

Foi então que os Gregos imploraram da Turquia o seu auxilio contra os Servios. Destroçados estes ultimos em Cassovo (1389), atravessaram as phases que algures deixamos indicadas e só em 1816 lograram constituir-se vassallos do imperio turco.

Das suas recentes pertenções fallámos já e teremos ensejo de occupar-nos de novo.

---

### III

Nos limites impostos a este trabalho não cabe narração, por mais deficiente, das transformações successivas do imperio turco. Apenas alguns dados estatisticos e algumas reflexões, entre nós *originaes*, sobre a evolução interna d'aquelle estado, nos é licito exhibir ao leitor. Para vergonha dos declamadores e dos insultadores officiosos é por elles desconhecido quanto pudermos dizer.

Diremos: A população total do imperio turco é de 47.627:000 habitantes, incluindo os protectorados na Europa e na Africa.

O actual sultão é Abdul-Aziz, proclamado em 1861.



O grão-vizir é o chefe supremo da administração, e tem sob a sua dependência os restantes membros do ministerio.

Todos os empregados de magistratura e das chancellarias teem o nome de *Effendi*. Todos os filhos dos pachás usam, bem como os officiaes superiores, o titulo honorifico de *Bey*. Os officiaes subalternos teem a denominação de *Aga*.

O imperio turco divide-se, administrativamente, em *vilayets*, ou governos geraes. Os administradores d'estes governos usam o titulo de *Valy* (governador geral). Os *vilayets* subdividem-se em *Sandschaks* (districtos) dirigidos por *Mutessarifs* (governadores). Os *Sandschaks* dividem-se em *kazas* (circumscripções administrativas) dirigidas por *kaimakans* (sub-governadores). As *kazas* são divididas em *nahiés* (communas).

Os estados tributarios são: na Europa, a Roumania (Moldavia e Valachia) e Servia. Na Africa — o Egypto.

A superficie das possessões turcas na Europa é de 362:562 kil. quadrados e na Asia de 1.926:602 kil. quadrados.

A receita publica é de 4.776:588 bolsas (cada bolsa 4  $\frac{1}{2}$  libras sterlingas). A despesa é de 5.785:819 bolsas.

O deficit é de 1.009:231 bolsas.

O effectivo da armada é de 25 navios blindados e 100 barcos de transporte.

O exercito ascende, em pé de guerra, a 600:000 homens, podendo elevar-se a 800:000.

Sobre as recentes modificações internas da admi-



nistração turca, cumpre-nos accrescentar as seguintes observações:

O mais notavel trabalho, elaborado nas bases de uma critica honesta e independente, sobre o imperio turco, seus costumes e sua administração interna, nos ultimos annos decorridos, é devido a M. Juchereau de St. Denis, em que peze ao historiador Mommar e aos publicistas servios. Augustin Thierry consagra-lhe nos seus DEZ ANNOS DE ESTUDOS HISTORICOS (5.<sup>a</sup> ed.) algumas paginas á altura do assumpto, do historiador e do critico. Para o caso presente abastam os estudos de MM. Jovannin e Van Gavier sobre a profunda transformação do imperio otomano durante os ultimos 30 annos decorridos.

O documento, que serve de base ao governo turco e aos seus delegados nas diversas provincias do imperio, foi em 1839 elaborado pelo governo do sultão Abdul-Medjid; lido *publicamente* nos jardins imperiaes de Constantinopla aos habitantes d'esta capital e, traduzido em lingua franceza, distribuido aos representantes das côrtes européas.

As bases que o alludido documento (*kháthi-cherif*) estabelece para a administração do imperio são:

1.<sup>a</sup> — Reforma radical na applicação dos impostos, destruindo os abusos n'ella existentes.

2.<sup>a</sup> — Estabelecimento de garantias seguras para a vida, a honra e a fortuna de *todos* os vassallos da Porta.

3.<sup>a</sup> — Regulamento equitativo do serviço militar na sua duração e no recrutamento respectivo.

O espirito rasgadamente liberal, que preside a todas estas disposições, não abraça unicamente os



musulmanos: estende-se (segundo a propria letra do decreto) a todos os subditos do sultão, *sejam quaes forem as suas religiões ou seitas*. E notem os declamadores inscientes que, no alludido decreto, menciona-se como causa principal do enfraquecimento do imperio até 1839 a gangrena que lavrará no seio do alto functionalismo e á qual o governo de Abdul-Medjid pôz termo, em nome da dignidade e do futuro da nação.

O sultão Abdul-Aziz, hoje imperante, seguiu as pisadas do seu antecessor, a ponto de tornar-se alvo da admiração da Europa, quando *se revelou* aos seus accusadores, por occasião da ultima exposição de Paris. O historiador Juchereau, testemunha presencial, assevera que uma arbitrariedade commettida por um funcionario turco importa a immediata destituição d'este ultimo, quando não o seu supplicio: boa mordaca para os commentadores dos manifestos da Herzegovina!

---

#### IV

Proseguindo:

As sympathias da Europa, attrahidas pelos suppostos infortunios dos insurgentes da Herzegovina e da Bosnia, extinguiram-se gradualmente e nada



resta no momento presente, a não ser a vergonha da illusão. É evidente que os *soi-disant* opprimidos são apenas instrumento miseravel da Russia, vejam-se as moedas com a effigie do czar achadas em poder dos prisioneiros; veja-se ainda a resistencia à *outrance* posteriormente ao ultimo *iradé* do sultão e ás beneficas reformas n'elle contidas. ¿E será a confiança nos proprios recursos que anima á rebel-dia os quatro mil camponios armados da Herzegovina? Será a perspectiva da coadjuvação dos seus irmãos do principado? Nada d'isso! O agitador occulto é o mesmo que incita á guerra o principe Milan e que nas ruas de Belgrado sopra o clamor de *guerra aos turcos!* A diplomacia europêa não será talvez illudida pelos protestos de benevolencia do gabinete de S. Petersburgo: mas, a acceitarmos a sua lucidez, urge reconhecer a sua cumplicidade — ou a sua covardia.

O leitor pôde vêr nas paginas percorridas que não constituem ellas um tentamen de *trabalho historico*, tenham embora a sustental-as o vigoroso estei-o da Historia. O auctor d'este trabalho é simplesmente pamphletario: a sua producção é um pamphleto. Importava, n'um periodo em que a maioria declama, não lançar *um diluvio de palavras sobre um deserto de idéas* <sup>1</sup>. Havia que dizer: disse-se.

---

<sup>1</sup> Frederico, o Grande.



Mais, diremos:

Eliminada pela questão *Turco-Servia* a questão-pretexto da insurreição das provincias turcas, é facil reduzir, a seu turno, a uma questão-pretexto as pertenções do principado, e attingir finalmente o ponto negro da questão — a questão magna.

Tracta-se da Russia.

A vontade publica não tem que vêr no engrandecimento das potencias. Hoje, como nos seculos xv e xvi, formam-se as grandes monarchias pela conquista, pela venda dos povos e pelas traficancias dos reis <sup>1</sup>. Nem a Allemanha de hontem nem a Russia de amanhã perfilham no caminho do seu engrandecimento um systema differente, — cubra-se muito embora a primeira com o manto dos Transcendentalismos e a segunda com as accusações de decadencia arremessadas ao mais formal dos estorvos que encontra na vereda a percorrer: a Turquia.

Uma monarchia, que, pela força armada, realisa hoje annexações, representa o direito da velha Europa; e, quando tal potencia derrama pela intriga a discordia e a dissolução no seio da potencia visinha, cobrindo-se com o manto dos protestos de neutralidade, dos protestos conciliadores, tal potencia representa a alliança da brutal rapina da Edade Media e do envilecimento das nações que se esphacelam:

---

<sup>1</sup> Quinet.



nem uma scentelha de grandeza! tudo hypocrisia, embuste, traição e covardia!

Ha nações infames, como ha scelerados, cuja existencia é por si só um attentado. O imperio russo, representante do velho direito autocratico e theocratico, está fóra da lei das nações, e as transigencias da diplomacia são outros tantos attentados contra o direito humano e contra o espirito da Revolução.

Esse miseravel symbolo do passado, sem a grandeza do crime, d'este ultimo, está de ha muito á beira da Europa moderna. Pertende entrar. A Revolução abre-lhe, na phrase de Quinet, a porta do seculo XIX, — porta da civilisação: das grandes pugnas do trabalho e da Democracia; mas, ao monstruoso aborto do Progresso convém-lhe penetrar na Europa pela porta do seculo XV: o desmoronamento do imperio turco, implicando a annullação das reformas d'este ultimo, e o enfraquecimento da Europa central pela destruição d'aquelle vigoroso ponto de apoio. Esta obra infame já a não tentam á luz do dia as derrotadas hostes da Criméa. Ao espirito medianamente observador é licito descortinar os manejos da nação-scelerada, e só um myope deixará de vêr na sustentação do imperio ottomano o mais poderoso baluarte da Europa moderna contra a invasão dos novos barbaros.

E importará isto affirmar que a Democracia tem a esperar auxilio da manutenção dos direitos da Turquia? — Tanto como do auxilio prestado ás provincias mercenarias — Herzegovina e Bosnia — e ás ridiculas pertenções dos estadistas servios. É em no-



me da humanidade que protestam contra as suppostas vexações soffridas pelos insurgentes? — Mas se estes repellem as reformas, por mais benevolas, como dignos servidores do czar e dos seus ministros!... É em nome da religião, e porventura nos revoltosos tenta-se defender os christãos contra os musulmanos? — Mas que importam á Democracia moderna as questiunculas religiosas dos subditos do sultão?... Não será a agitação do espirito publico, sobre tal materia, tão ridicula como ao discutir entre Carlos de Bourbon, o salteador da Navarra, e Affonso de Bourbon, seu primo, o covarde manequim coroadado de Madrid? Acima d'essas preoccupações dos espiritos descuidosos alguma coisa urge vigiar attento, á luz da Historia e sem puerís enthusiasmos: — que não seja destruida pelos revolucionarios infantis a obra da Revolução.

---

V

Á hora em que escrevemos, approxima-se o almejado desfecho: a Servia está em agitação; a plebe agita-se furiosa; pede em altos brados a *guerra ao turco* e ameaça com o desthronamento o bom do soberano, pouco dado a expansões bellicas e um pouco mais opulento de sensatez do que os seus aulicos e os seus subditos em geral.



Da protecção mascarada do governo de S. Petersburgo ao partido servio é denunciante involuntario o barão de Roditch, funcionario superior do governo austriaco, na qualidade de governador geral da Dalmacia <sup>1</sup>. O barão de Roditch é um dos chefes do partido slavo; o papel desempenhado por este agente do governo russo na questão da Herze-

---

<sup>1</sup> Sobre este curioso personagem vem a proposito os seguintes dados biographicos, colhidos na *République Française*, órgão de Leão Gambetta :

« O barão de Roditch, general de artilheria no exercito austriaco e governador geral da Dalmacia, é natural da Croacia. Durante a guerra da Italia, tomou parte nas batalhas de Solferino e Custozza, obtendo pelos seus serviços as cruces de Maria Thereza, da Austria, e da Aguia Branca, da Russia. Por occasião da revolta da Dalmacia meridional, em 1869, o ministerio Giskra-Herbert, que pertendia destruir os direitos e privilegios d'aquelle paiz, não logrando obter pela força vantagens, por mais diminutas, nomeou o barão de Roditch para o cargo, que hoje occupa, de governador geral da Dalmacia. O novo governador ganhou dentro em pouco a confiança dos insurgentes e concluiu com elles um tratado.

Durante a sua administração tem-se occupado em introduzir o idioma slavonico em todas as escolas, bem como na administração; fundando, ao mesmo passo, consideravel numero de collegios slavos.

Nas suas relações com o Montenegro, soube adquirir a confiança do principe Nicolau e, graças á popularidade que tem conquistado no Oriente, foi pelo imperador d'Austria encarregado de estabelecer as negociações com os chefes da insurreição. »

Do modo como as tem conduzido é documento a audacia crescente dos seus protegidos. Felizmente para a lealdade do seu governo, as auctoridades do imperio austro-hungaro, na fronteira, perfilham para com os bandoleiros da Herzegovina e para com os incendiarios e facinoras da Bosnia sentimentos assaz differentes da benevolencia.



govina assemelha-se ao que ha pouco representou na contenda dos dois maltrapilhos hespanhoes — *Carlos e Affonso de Bourbon* — o prefeito dos Baixos-Pyreneos, M. de Nadaillac. Fornecimento de armas e mantimentos; asylo aberto aos bandoleiros insurgentes no territorio austriaco: eis os documentos de neutralidade offerecidos pelo miseravel funcionario, em nome do seu governo e em detrimento da lealdade d'este ultimo.

É força confessar-se — e com prazer o faremos — que o procedimento do gabinete de Vienna tem sido honroso, em todo o alcance d'esta palavra, na questão de que nos occupamos: em seguida á nota conciliadora do conde Andrassy, bastante para a reputação de um estadista liberal, força era vêr na contumacia dos bandoleiros da Herzegovina e da Bosnia e na arrogancia do principado servio a mão occulta de uma politica tenebrosa. Força era vêl-a e viram-n'a os homens de estado do imperio austriaco. Viu-a por egual a nobilissima imprensa austro-hungara. A attitude vigorosa dos governos e do jornalismo de Vienna e Pesth, em face das machinações de S. Petersburgo, attestam a um tempo a lealdade e a energia dos homens de estado e dos jornalistas da Austria, bem como os sentimentos liberaes, ou antes o instincto democratico, que os anima na questão.

Está definida, a nosso vêr, esta ultima. Os refugiados da Herzegovina — velhos, mulheres e creanças — recusam obstinadamente regressar aos seus lares e confessam ás auctoridades do imperio austriaco « que não é o temor dos turcos, mas sim o de seus



*proprios parentes e amigos* » que os impelle ao desterro. É no intuito de illudir as potencias européas sobre os seus manejos mercenarios, que os infames rebeldes christãos das provincias turcas repellem dos seus lares todas as creaturas *indefezas e inoffensivas*, que alli existem! A insurreição é ridicula, mas a nova phase affirma-se finalmente no pronunciamento da Servia. A fronteira do miseravel principado está sob as vistas do exercito turco. A questão está sob as vistas da Europa e esta sob as do Futuro. Aguardemos.

---

## VI

As reflexões que deixámos expendidas terão para a maioria o merito da *novidade*. D'esta circumstancia, dolorosa pela sua eloquencia, não ha a culpar apenas a indolencia publica, mas sim os mercenarios que lhe exploram a credulidade, á mingua de recursos e de consciencia para lhe darem o ensinamento. Estão no animo de todos os nomes d'esses apostolos da Rotina e da Ignorancia: por hoje citaremos apenas o mais distincto pelos seus *creditos* e por direito de antiguidade: — a AGENCIA HAVAS.

E, porque não nos accussem de formular accusações gratuitas uns defensores da citada Agencia, que por ahi vendem a *dez reis* os restos da original con-



sciencia, transcrevemos o seguinte telegramma, fabricado em 11 do passado pela Agencia em questão:

«Ragusa 8... Os insurgentes da Bosnia commetteram horriveis crueldades no districto de Kroupa. Incendiaram 200 casas e queimaram 200 christãos innocentes. Os mahometanos estão consternados».

O leitor viu.

Pondo de parte a *symetria* das 200 casas incendiadas e dos 200 innocentes queimados; temos:

1.<sup>a</sup> — Os insurgentes christãos queimaram os christãos;

2.<sup>a</sup> — Por tal motivo acham-se consternados os mahometanos.

(Segundo as estatisticas mais recentes e mais auctorisadas, a população da Bosnia é de 1.100:000 habitantes. Cerca de 500:000 seguem a religião christã e formam a parte militante da insurreição actual; o resto compõe-se de judeus, bohemios e armenios; completamente estranhos á lucta que se está ferindo. Mais, existem alguns grupos de pseudo-mahometanos, christãos mascarados, que não iludem os turcos e que são desprezados por estes).

É notorio que a citada Agencia já não tem na epiderme logar escoreito da flagellação que a sua venalidade tem arrancado a todo o jornalismo que se préza: d'esta vez, porém, é de tal ordem a inepcia que não ha vêr subsidio a motival-a, a não ser



o da mais assombrosa ignorancia. O peor é que as inspirações d'esta não prejudicam os mercenarios que a exploram, mas sim a maioria crédula, que accêita os juizos alheios, á mingua de vontade e de recursos para formar um juizo seu.

\*

Alguns dias depois de elaborarmos as paginas que ahi ficam, apparece-nos a confirmação dos nossos *pontos de vista*, nas seguintes informações de um correspondente de Castelnuovo para a Companhia Telegraphica E. Americana. Vão sem commentarios:

« O general austriaco Roditch, governador da Dalmacia e protector declarado dos insurgentes, convidou a uma entrevista, no dia 5 do corrente, os chefes d'estes ultimos. Effectivamente, uns quarenta dos alludidos chefes aguardaram em Suturina a chegada do funcionario austriaco, o qual se apresentou no dia 6, acompanhado por varios officiaes e alguns jornalistas.

Achando-se reunidos em conferencia, na antiga caserna dos Italianos, disse o barão Roditch: que accêitára com immenso prazer a missão de conciliador entre os seus irmãos slavos e os turcos. Leu a nota do conde Andrassy e as proclamações benevolas e terminantes de Wassa-Effendi e Ali-Pachá e aconselhou os insurgentes a que accêitassem as reformas promettidas pelo governo de Constantino.



pla. Disse que nem o Montenegro nem a Servia poderiam auxilial-os contra a Turquia e, emquanto ás grandes potencias da Europa, não havia a esperar d'ellas protecção effectiva. « O imperador d'Austria, meu amo, accrescentou Roditch, encarrega-me de vos convidar a acceitar as reformas do governo turco, promettendo-vos o seu auxilio para a vossa emancipação politica, logo que as circumstancias politicas tal permittam. »

Os chefes dos insurgentes pediram 24 horas para reflectir sobre o discurso do general austriaco e effectivamente, no dia immediato, responderam que os insurgentes, antes de entrarem em negociações, pedem:

1.º — Metade do territorio das provincias, actualmente occupadas pelos mahometanos;

2.º — A evacuação do paiz pelas tropas turcas;

3.º — O desarmamento completo de todos os mahometanos;

4.º — A reconstrucção dos edificios arrazados, ou incendiados pelos turcos, e a abolição de impostos durante dois annos;

5.º — A creação de uma commissão de vigilancia austro-russa, para a observancia das reformas.

O general Roditch declarou que nunca poderia acceitar taes condições, mas que o *memorandum* dos insurgentes seria remettido a seu amo, o imperador d'Austria.

N'este ponto da conferencia, apresentou-se o emissario russo Weselihky, addido á chancellaria da Russia e agente dos comités slavos de Paris e S. Petersburgo; mostrou uma carta de Gortschakoff,



acreditando-o como representante do governo russo e encarregando-o de tractar com os chefes da insurreiçãõ e occupou o logar de Roditch, na presidencia, apesar dos vivos protestos d'este ultimo.

O delegado russo saudou em nome do czar os chefes herzegovinos; tomou conta do *memorandum*, promettendo envial-o a seu amo e assegurou aos revoltosos que não lhes faltaria a protecção de Alexandre, o pae commum dos slavos.

Os chefes proromperam em acclamações ao czar e ao seu enviado, e o emissario austriaco retirou-se ».

Communicações directas de Constantinopla, á Companhia Telegraphica E. Americana, noticiam que o Montenegro acaba de entrar na lucta, — no que será brevemente imitado pela Servia — e que o governo turco rompeu com o ministro plenipotenciario da Russia, appellando para a sorte das armas, como supremo e derradeiro meio de defeza dos seus direitos.

— *Alea jacta est!*

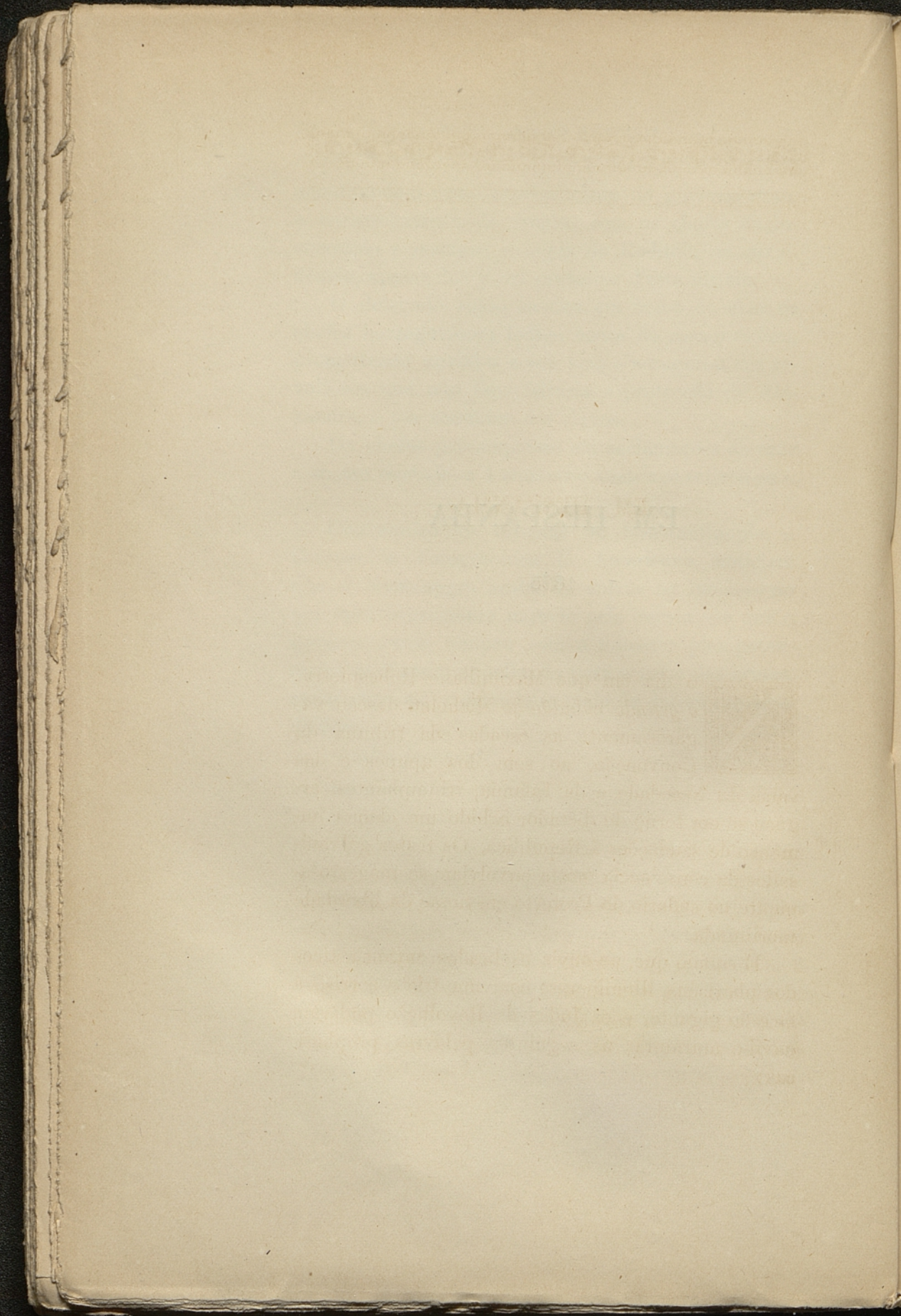
1876 (5 de maio).



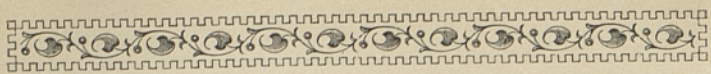
# EM HESPANHA

1875










## EM HESPANHA

1875

o dia em que Maximiliano Robespierre, o *grande cidadão* de Michelet, desceu vagarosamente as escadas da tribuna da Convenção, ao som dos apupos e das vaias da Necedade e da Infamia, triumphantes, ergueu-se em torno do dictador cahido um clamor immenso de saudações á Republica. Os restos galvanizados da consciencia morta envolviam-se magestosamente no sudario do Protesto em nome da liberdade moribunda.

É sabido que, ao ouvir os brados entusiasticos dos phariseus, illuminou-se com um triste sorriso a face do gigante, e os Judas da Revolução puderam ouvil-o murmurar as seguintes palavras propheticas:



— A Republica? Está perdida, porque os salteadores triumpham.

\*

Foi assim agora.

Martinez, Jovellar, Serrano, Dorregaray, affonistas, carlistas, jesuitas da espada, Torquemadas de caserna — eil-os finalmente em campo! Monks dynamisados, souberam aguardar tranquillos a hora da traição. Facil lhes foi esta ultima: retrocedei de doze mezes; olhae para o alto da sombria estrada: não vêdes o guia seguro e a garantia segura da torpeza de hoje?—É a Inepcia vaidosa, dando a mão á violencia armada: *Castelar* e *Pavía*: a Traição inconsciente chamando em seu auxilio a Estupidez necessaria; a fatalidade historica sobrevindo com os seus delictos á *adoração dos heroes*.

\*

Vae em doze mezes. Os representantes do povo, reunidos na sua missão augusta, iam dar no formoso idolo dos incautos, no Lamartine hespanhol—perdoe-nos a sombra do poeta—o golpe tremendo da proclamação da republica federal. Á porta do santuario da lei velava attento o mercenario armado. Castelar meditava a sua deshonor. A Hespanha inteira escutava attenta a discussão do seu destino. A Europa contemplava em agitação o povo cavalhei-



resco de áquem-Pyreneos. A Historia serena e impassivel aguardava, de carteira em punho...

Na sombra agitavam-se em fraterno convivio Judas de Kerioth, Judas Monk, Judas Tallien, Judas Bonaparte I e Judas Bonaparte III...

Contemplavam, de olhos ávidos, o seu irmão Castelar.

Então a porta do santuario abriu-se violentamente, e no limiar appareceu, avocado pelo irmão Castelar, a sombra de *Judas Pavia*.

O resto é sabido...

\*

Oh! os miseraveis! a vaidade grutesca levou-os á beira do desprezo cego pelas paginas scintillantes da Historia, invocadas nos bellos tempos dos seus discursos d'elles! O sangue dos Hambden e dos Hutchinson, das victimas de Cromwell, fecundou o sólo da Inglaterra e fez surgir do lodaçal pelo braço de Monk o vulto de Carlos II; o sangue de Robespierre e St. Just, os *ultimos jacobinos*, tem voz nos seus borbotões; pede em clamores para o alto a vingança, a implacavel vingança: e o braço do primeiro Napoleão desponta no horisonte do Directorio; a Republica Romana assassinada, na sua aurora, pela Republica Franceza, avoca a sombra vingadora do Bonaparte de Sédan; por todos os lados a ameaça, a revelação, luz em jorros; e elles — os insensatos! — tribunos de estylo ornado — fuzilam em Cuba os sedentos de liberdade e esmagam, sob as ferreas pa-



tas do cavallo de Pavía, a lei, a liberdade e a consciencia humana!

E contavam com a impunidade!

Oh, assombro de vergonha!

\*

Fallou-se de 93, — o grande cyclo.

Então, como agora, não faltaram os Martinez, os Serranos, os Jovellares; chamavam-se Custine, Dmouriez e Biron. Então o braço gigantesco da Convenção Nacional arrancava aos exercitos o general infame e inundava de sangue vil a guilhotina; e o exercito applaudia, e a Europa estremecia de admiração e de cólera, e a justiça ostentava sereno o semblante magestoso: é que o Castelar de 93 chamava-se *Danton*, e a infamia tinha na Convenção um delator permanente: *Marat*; e a Probidade tinha assento no alto da Montanha, e os Pavías não eram avocados do esterquilinio: eram lançados n'elle!

\*

E agora?

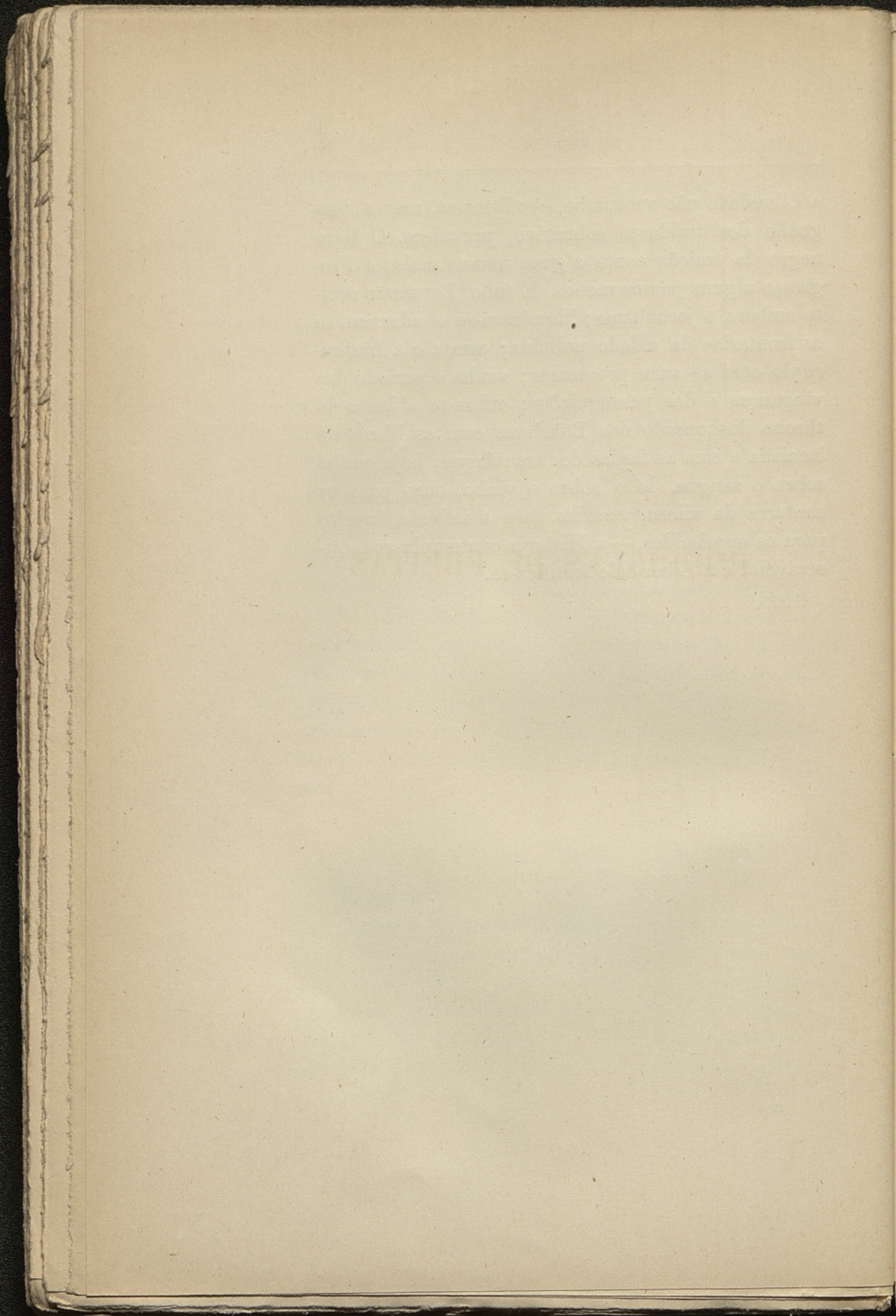
Agora é força dizel-o: a Liberdade vendou a face e a Revolução estacou. Sabem os adoradores dos heroes, sabem os proprios heroes, os Demosthenes do Prado e os capitães traidores qual é a vingança terrivel das duas deusas? Olhem ainda para a esquecida Historia: a Revolução não retrocede: pára;



a Liberdade não succumbe, — offusca-se, mas a vergonha dos traidores sobrevive, prevalece. O livro negro da traição conta alguns nomes mais; o Progresso alguns passos menos. É tudo. Barafuste muito embora o jornalismo; illuminem-se e adornem-se as frontarias da cidade polluida; campeie a *Restauração* com as suas promessas; venha o periodo das vinganças e das perseguições; cubra-se a lama do throno deshonrado dos Bourbons com as librés da lacaiada e com as fardas dos transfugas; haja vinho sobre o sangue, lodo sobre o vinho, ouro para os cantares da vileza, veneras para a infamia, insulto para os opprimidos, — a Historia contempla-vos, miseraveis! e a Liberdade fortifica-se.

1875.

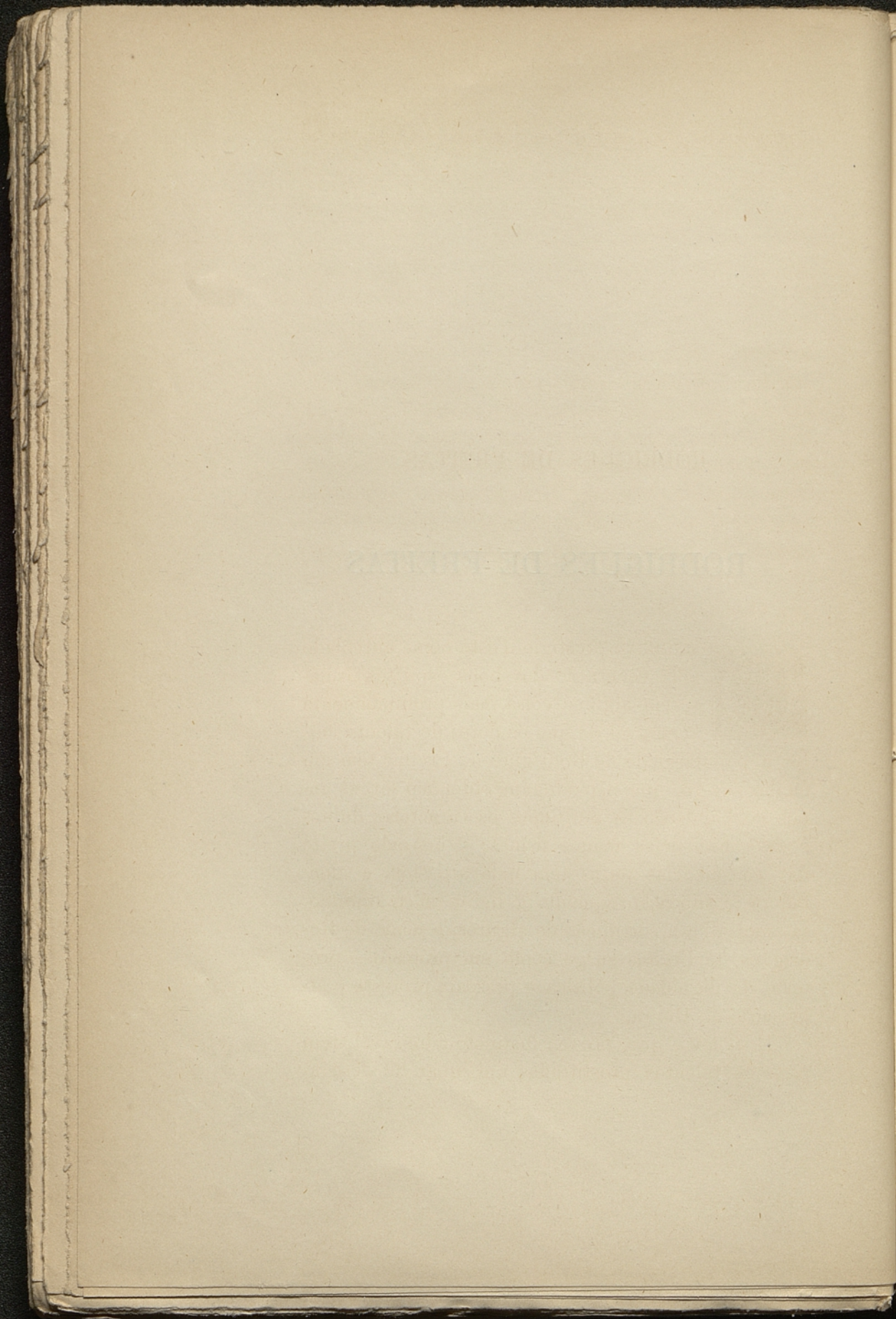






RODRIGUES DE FREITAS









## RODRIGUES DE FREITAS



SINGULAR prestigio d'este nome aureolado pela veneração dos bons espiritos firma-se em alguma coisa mais profundamente veneravel do que os dotes do talento culto: a popularidade de Rodrigues de Freitas tem um cunho severo, que não vingam obter em largos annos de bajulação ás multidões os caracteres dubios e as consciencias menos firmes; o honrado preito das consciencias puras tem uma altissima e alentadora significação: quando a indifferença criminosa amortalha a corrupção de algures, o nome de Rodrigues de Freitas surge como um protesto — protesto da dignidade politica e pessoal: protesto e affirmação da Honra.

E o povo, que, no seu instincto admiravel, tem para os talentos prostituidos um olhar de descon-



fiança, curva-se diante d'aquelle homem duplamente respeitavel, e saúda n'elle o seu eleito.

\*

O illustre professor da Academia Polytechnica do Porto não representa simplesmente um protesto da honra immaculada, contra a degradação das espheras superiores: symbolisa a resistencia; não a resistencia da força, que provoca a oppressão, mas a resistencia serena, scientifica, que pede á *evolução*, não á revolta, a transformação do Codigo social, em harmonia com as conquistas do Pensamento.

Chovem os insultos sobre os luctadores da palavra — escripta ou fallada; desvirtuam-se as intenções; calumniam-se os caracteres: o nome de Rodrigues de Freitas permanece inabalavel: privilegio supremo da virtude sem *pose* e da intransigencia altiva! Rodrigues de Freitas não é um Danton: a sua palavra não tem o estrondear terrivel do tribuno da Revolução; não é Robespierre, o metaphysico indecifavel: mas tem, mais do que o primeiro, a convicção scientifica dos luctadores de hoje, e, como o segundo, a severa virtude da *incompactibilidade*.

\*

Os ultimos annos decorridos affirmam uma tendencia, funesta por exaggerada e pouco desprendida



— para as luctas da *politica*. A palavra que deixámos sublinhada e que representa a mais complexa das sciencias — a sciencia dos Pitt, dos Robert Peel e dos Fox, — a sciencia que mergulha a sua raiz poderosa nos abysmos da philosophia da historia, da sociologia, da sciencia economica, da philosophia das religiões: sciencia que requer para a sua cathedra, inundada de luz, a critica serena do pensador e do philosopho, alliada ao relampejar d'olhos do vidente: a sciencia austera, geradora e dominadora, tem soffrido entre nós uma interpretação triste — por vergonhosa. Á galopinagem, á subserviencia, á declamação, ao cortejo de baixezas, de abusos e de miserias, que constituem para tantos a norma governativa, tem sido applicada — escarneo estupendo! — a gloriosa e severa denominação.

E, no entanto, d'esses homens, moços sem precedentes deshonrosos, *mas* repletos de ambição pessoal, mesquinha e conducente á transigencia de cada hora: d'esses homens moços, que têm pela frente a dupla estrada do dever e do aviltamento, quantos hesitam na escolha d'este ultimo recurso! Os esplendores da transigencia miseravel fascina esses espiritos que a mão bemfazeja do destino fadára, acalentando-os sob as azas da sciencia, para um futuro de combate immaculado!

O primeiro passo em retirada é precursor do resvalar no abysmo. Hoje fecham os olhos á degradação crescente, ámanhã aprenderão a encaral-a, depois a escarnecer a consciencia. Uma fatal philosophia sceptica, um cynismo positivo, filho da ausencia de crenças e da falta de convicção scientifica,



creou para esses homens um vacuo de enthusiasmo, de dedicação e de nobre sacrificio: o dia de hoje afigurou-se-lhes o derradeiro da Humanidade, que elles consubstanciam — supremo ultraje! — nas suas mesquinhas e estereis existencias.

Que sorte nos daria o futuro, se no caminho d'essa geração nos deixassemos resvalar, sem uma tentativa de honrada resistencia? Que seria de todos nós — homens d'hoje — perante a Posteridade: perante nossos filhos, herdeiros de tanta descrença, de tanto aviltamento, da responsabilidade de tantas faltas e da vergonha do nosso triste legado? Teriamos, de par com o desalento de hoje, as maldições de amanhã: seríamos, a um tempo, os malditos da geração que nos libertou e das gerações por nós escravizadas.

\*

Mas a lucta é fria e severa, cheia de traições, de calumnias, de ultrajes e de ingratidões: a aurora do nosso dia de combate extingue-se n'um crepusculo de desenganos bem crueis: lutar, illuminado pelo amor, tem consolações sagradas; mas, á sexta hora do tenebroso dia lucta-se illuminado pela colera: então é o reagir permanente, é o estrondear no campo do protesto, para não estalar de raiva e de magua á beira das injustiças. Surgem as accusações, frias, calculadas como o golpe de um *bravo* attento e reflexivo: — a indignação é azedume; o desprendimento é odio; a coragem é insensatez; cria-se uma resistencia organisada contra um nome



maldito; estabelece-se um cordão sanitario: lida-se por vedar-lhe a tribuna — da palavra fallada e da palavra escripta: é a resistencia surda dos fustigados, é o *processo* dos pygmeus...

Que ideal sagrado póde, na hora das transigencias, alentar um combatente, encher-lhe na alma desolada o vacuo da primitiva crença na bondade dos homens e na bondade do Destino? — Esse ideal é uno e vário. Perguntae aos christãos primitivos o nome do seu ideal: — a Fraternidade e o Amor. Pedi-o a Savonarola e Bruno: — a Emancipação do Pensamento. Aos martyres do Protectorado inglez, Huslerig e Vanes, aos gigantes de 89 e 93: a Igualdade. A Courier, a Benjamin Constant, ao venerando Raspail, aos nossos luctadores de hontem: a Liberdade!

O Ideal, que faz martyres e guerreiros e que projecta a sua luz augusta sobre a fronte de obscuros heroes! é elle o pae das vidas, chame-se embora a Fraternidade, o Amor, a Liberdade, a Sciencia, o Bello, o Justo ou o Verdadeiro: é por elle que se lucta, é certo, mas *é por elle que se perdôa*. Abençoada luz!

\*

Entre os homens dignos — almas de granito e de ouro, retemperadas na crença, na sciencia e na probidade — o nome de Rodrigues de Freitas vingou alevantar-se, entre nós: aos olhos da juventude honrada, como um pavilhão glorioso; aos olhos dos cor-



ruptos — como um phantasma. Acceitem-n'ó como exemplo. As palavras que ahi deixamos, — nós, que temos luctado, — não representam um banal panegyrico de academico, ou de simples corteção: constituem uma honesta saudação desinteressada a um talento alevantado e puro.

1878.



## ESCARAMUÇAS









## ESCARAMUÇAS



o trabalho de algumas horas arrancadas a preocupações diversas; é uma parte da minha collaboração na *Folha Nova*, na *Revista do Norte*, na *Era Nova* e n'alguma outra folha jornalística. Vão juntas algumas paginas que respresentam uma campanha — um modelo de graves imprudencias que os neophytos olharão com horror, se preferem o socego de espirito e a consideração da gente *séria e ordeira* ao funesto cumprimento do dever. Eu digo-lhes que sim, que prefiram — e que apodreçam em paz.

---

### O CASO DE ALBERTO GUERREIRO

Nos primeiros dias d'este mez <sup>1</sup> espalhou-se no Porto a noticia de haver fallecido, na celebre casa

---

<sup>1</sup> Novembro, 1881.



de saude do medico Ferreira (eu já lhe fallo na *celebridade*), Alberto Guerreiro Lima, antigo ponto nos theatros portuenses, a mais dôce e inoffensiva alma de rapaz que eu tenho visto naufragar nos cachopos da boa-fé, ali n'esse mar onde as almas dos negreiros navegam a todo o panno, triumphantes, embandeiradas e gloriosas, com applauso da réles canalha que não tem negros, mas que tem no miseravel cerebro a negrura das ultimas sentinas.

Poucos dias depois de haver descido á terra o cadaver de Alberto Guerreiro, um jornal do Porto — *O Facho* — levava ao espirito de um irmão do fallecido a suspeita de um attentado nas circumstancias mais dolorosas para o finado moço, e mais cruelmente eloquentes para a chronica da fereza humana.

Após formal exigencia de Luiz Augusto Guerreiro Lima, combatida pelos escrupulos do meritisimo juiz Pinheiro Osorio, procedeu-se á exhumação do cadaver, na presença dos doutores Antunes Lemos, Souto e Pinto d'Azevedo; e da autopsia verificou-se que o cadaver apresentava ecchymoses em diversas partes do corpo e tres costellas fracturadas. A *Folha Nova* já se referiu, com dois outros jornaes, a estas circumstancias; importa-me, porém, reconstruir essas referencias.

Decorre uma semana sobre a autopsia, decorrem dez dias — e o auto do corpo de delicto conserva-se na região dos impossiveis. Com a ingenuidade dos espiritos crentes, a redacção da *Folha Nova*, alludindo em 21 do corrente, pela segunda vez, ao acontecido,



produz o seguinte periodo, que me faz derramar lagrimas sobre a minha triste experiencia, que tão longe me atirou as illusões:

« O caso que hoje singelamente narrâmos, e no qual apparecem elementos sufficientes para se instaurar um processo, é de tal gravidade, que chamâmos para elle a attenção das auctoridades competentes, certos de que, depois de se proceder sem demora a averiguações escrupulosas, não haverá indulgencia para os culpados ».

A redacção da *Folha Nova* chama a attenção das auctoridades e crê no castigo dos criminosos. N'estes ultimos tempos da minha vida jornalistica tenho-me abstinido rigorosamente de *chamar a attenção das auctoridades*. Essas perdidas passam á nossa beira saracoteando-se, d'olhos baixos, e disfarçando a custo o sorriso canalha dos pensamentos impuros. Quando se lhes chama a attenção, estugam o passo na direcção do bordel. Conhecem o mundo e o negocio. Entregam-se ao viandante, mas sob a condição de este as procurar em casa e de lhes pagar bem.

Ha diversas especies de moeda...

Se os meus amigos da *Folha Nova* descessem os olhos ás scenas diarias, d'um realismo desolador, que esmaltam a crosta do mundo pôrco, não chamariam a attenção das seresmas. Dado que os attractivos d'essas bebedas não vinguem arrastal-os no seu caminho d'ellas, eu só vejo dois recursos: ou embebedarem-se com vivas ás *Instituições*, de parceria com o novissimo conselheiro Acacio, ou pedirem ao José Maria, do Laranjal, o tagante de pita embrea-



da, e pautarem com elle os lombos das perdidás e os do *conselheiro* também.

A crença dos meus collegas da *Folha Nova* no proximo castigo dos culpados fica um tanto prejudicada, mercê funesta das minhas considerações. Mas eu quero convencer os mais descrentes na legitimidade do meu triste pessimismo. Eu digo os episodios mais frísantes que se me depáram no *caso* de Alberto Guerreiro.

A primeira resistencia que o irmão d'este desgraçado teve de vencer na sua meritoria obra de desaggravo foi a do juiz. O digno magistrado, se não vingou apavorar o irmão da victima, ao desenrolar perante elle o estendal de funestas consequencias que a autopsia não deixaria de produzir, e ao fazer avultar aos olhos de Luiz Guerreiro Lima as tremendas responsabilidades que sobre elle não deixariam de pesar: se não vingou, dizia eu, apavorar o espirito do vingador, pôde gabar-se de que empregou todos os recursos que o terror do escandalo sóe despertar em animos naturalmente pacíficos.

Ao passo, porém, que o irmão da victima levava de vencida as repugnancias do juiz, e que o resultado da autopsia estrondeava na cidade, mercê das revelações indiscretas de duas ou tres gazetas da *burguezia sisuda*, o medico Ferreira não perdia o seu tempo: dirigia-se a uma d'ellas, e ameaçava o proprietario com os tribunaes. Como quer que este homem lhe repellisse a irrisoria ameaça, o medico resvalou á presença d'outro proprietario de gazeta e amordaçou-o com um annuncio da sua casa de saude, — a pataco a linha. Eu devo declarar para socego



da minha consciencia, em homenagem á justiça, e para tranquillidade das almas candidas, que o proprietario amordaçado não é o do *Primeiro de Janeiro*; tampouco me refiro aos do *Commercio do Porto* e aos do *Commercio Portuguez*. Estes respeitaveis industriaes não carecem de mordaza *a posteriori*: tacitamente resolveram calar-se sobre o caso de *Alber-to Guerreiro*.

O assassinado fôra em vida um pobre e honrado moço, sem relações poderosas, sem influencias politicas e sem outros predicados que tornam recommen-davel e respeitavel aos olhos do *Janeiro* e dos *Com-mercios* um subdito de sua magestade fidelissima. Ah! que se um commendador malandrim esfolasse um dos pés de baixo, ao despedir um coice contra o marçano — commendador futuro, vêr-se-hia o como os soffrimentos da besta-féra do bacalhau e do feijão-frade despertariam os gritos afflictivos das bestas-féras da imprensa! Bem sabeis que não me refiro a vós, jornalistas, meus velhos companheiros de martyrio, agrilhoados pelas necessidades da vida ás conveniencias d'uns estafermos sem alma! Bem sabeis, meus velhos companheiros d'armas, que eu ouço vibrar tão alto o grito da vossa consciencia, como se fosse eu quem o soltasse — n'esse deserto onde soffre e morre a caravana dos espiritos! Bem sabeis, meus amigos, que cada grito de angustia que os opprimidos soltam, grava-se na lamina d'um phonographo sagrado, e, através dos tempos, renasce, revive, como um protesto, enquanto nós apodrecemos!

Na esteira do juiz escrupuloso e do industrial amordaçado (Anselmo de Moraes) vem naturalmente



a advocacia. Como n'uns tempos em que eu, chamado aos tribunaes do Porto por uns salteadores impenitentes, só encontrei um homem que não hesitou em defender-me (o dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto), assim Luiz Guerreiro Lima luctou pertinazmente por encontrar um advogado de accusação contra os assassinos de Alberto Guerreiro, e a custo encontrou um homem: — o doutor Themudo. Como se todo o inferno que gera os attentados mais crueis se conjurasse no empenho de estorregar os corações limpos, a voz de Alexandre Braga tomou a si a defesa dos accusados, no tribunal, e de antemão vae apoiando, ahi onde valem influencias, essa causa desgraçada e repulsiva a todos os espiritos justos! Peza-me sempre o dever de formular uma annotação amarga aos meus sentimentos de sympathia; mas no caso presente é essa annotação inseparavel do imparcial julgamento que estou formando...

No momento em que traço estas palavras, sou prevenido de que vae proceder-se á formalidade do corpo de delicto. O intervallo concedido pela *justiça* aos assassinos de Alberto Guerreiro aproveitou de certo aos interessados na iniquissima trégua. O enfermeiro evadiu-se. Os seus cúmplices, dado que os tivesse, acham-se abrigados pela *falta de provas*. Houve tempo para tudo: á mingoa de culpa formada, furta-se á responsabilidade criminal um scelerado que n'uma casa de saude mata um pobre louco inoffensivo. As *occorrencias policiaes*, reveladas pela imprensa, apontam diariamente á execração publica os nomes de uns desgraçados, presos *por suspeita*, a despropósito d'uns miseraveis delictos; e para o



singular infame, assoldado pelo medico Ferreira, não ha justiça providente após o reconhecimento do crime: ha apenas escrupulos, hesitações, obstaculos, venalidade e corrupção, transigencia até á cumplicidade, abjecção tão negra como o crime!

Podemos crêr, nós todos, que se o irmão de Alberto Guerreiro não dispozesse de recursos monetarios que levassem de vencida essa barreira de ignominias, o *caso* teria sido abafado, e a minoria da imprensa — a minoria livre — mais uma vez escarnecida!

Os *casos* que dão celebridade á casa do medico Ferreira são do dominio publico. Se a porca imprensa séria, de grandissimo formato e de pouquissima vergonha, ousasse pôr em risco uma columna dos seus annuncios e uma duzia dos seus assignantes, os *casos* supra dar-lhe-hiam assumpto para um noticiario digno e para uma reabilitação tardia, mas decorosa. Os cafres, porém, conhecem o seu meio e a fonte dos seus interesses: o medico Ferreira é um forte: possui amigos, dinheiro, relações, influencia: é perigoso para um bolas, empresario de sandices e de porcarias, beliscar semelhante vulto. Que directores espirituaes d'um povo, e que juizes da protervia mundana — aquelles ôdres de gaz fétidissimo que inebria as Congostas e outros canos reaes da estupidez dinheirosa! Que entrudada de respeitaveis mariolas a desfazerem a cascaria em tolerancias mutuas! Que homens, que ensinamento e que esperança de bons productos!

Eu vou terminar. Indico aos homens de coração uns breves *casos*, supplementares ao de Alberto



Guerreiro Lima: os mortos transportados alta noite, a occultas, para o cemiterio do Repouso, sem que aos moribundos *catholicos* fosse dado obter os soccorros da sua religião; os doentes retidos n'aquella casa como em carcere privado e só libertados pela intervenção da justiça; o illustre doutor Amorim Vianna enclausurado, sob pretexto de demencia... Insistirei n'isto: Pedro d'Amorim Vianna, essa gloria do Porto e do paiz, pede que o libertem; pediu-o ha dias, e um jornal — *A Justiça Portuguesa* — tornou-se echo do pedido. Lá foram emissarios á redacção, a desmentir o queixoso; lá lhes exigiram uma declaração do illustre professor; nunca mais alli foram os emissarios; ninguem mais os viu! E Amorim Vianna alli está retido, como doido, — e morrerá doido, se não lhe acudirem á extrema hora da gloriosa vida!...

\*

Peço ao meu caro Emygdio d'Oliveira que publique esses horrores, que ahi ficam, sob minha absoluta responsabilidade; mas faço ao meu velho amigo e collega inteira justiça, crendo que o seu bello e forte espirito não duvidaria perfilhar as minhas considerações: é para mais a sua independencia e o seu amor da justiça. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Este artigo produziu os seguintes resultados: Amorim Vianna foi retirado do carcere; o accusado do assassinio foi jul-



Nos ultimos dias tem-se discutido a *candidatura* do snr. Pequito — aquelle do nariz e da contabilidade commercial.

Eis como um nosso amigo, funcçionario superior e muito ao facto das tramoias publicas, nos descreve a patuscada:

— « Como v. sabe, a *Geographica* serviu para dar ao Bocage uma cadeira na camara dos pares e ao Luciano outra cadeira na camara dos deputados. Furioso porque não apanhava *cadeira*, o amigo Pequito, que, como os outros dois, fazia parte da *mesa* (que trocadilho de palavras!), abandonou a *mesa*, esperando que lhe dessem a *cadeira*. O amigo Pequito considera-se igual, pelo menos, ao amigo Luciano; e, se não inventou o poeta *Ulurus* nem fez no pedestal de Garibaldi, é muito capaz de inventar e de fazer.

« Veja v. o que é este paiz (continúa o nosso amigo): os amúos do Pequito, que fariam rir a Tristeza, foram tomados a sério; e o amigo Pequito está em vespervas de apanhar — como os outros...

« Pelo que toca ao amigo Luciano, esse ha de ser 1.º official, não por concurso, mas em recompensa do que fez no pedestal supra. N'outra terra e com outra gente ter-lhe-hiam esfregado o nariz

---

gado, defendido por Alexandre Braga — e absolvido; o auctor do artigo foi injuriado e diffamado em conciliabulos de batoteiros, bebedos e larapios; o dono da casa de saude medrou em consideração publica e o assassinado apodreceu. Mais nada.



na prosa parlamentar e não deixariam de moer-lhe o rabo com um chinelo. Aqui, fazem 1.º official o sujeito que nunca poudre trepar pelos concursos ».

Tal disse o nosso amigo. Vae d'ahi, como o outro que diz, tomámos uma pitada — como desinfectante.

O nosso amigo tambem tomou.

1882.

*Nota.* O amigo Luciano está 1.º official. O amigo Pequito está deputado. Estão bem.

1884.

---

Já agora, o Brazil terá em nós um apologista de seus feitos e de suas virtudes. Se lhe faltar emigração portugueza, não será por nossa culpa.

Ahi vae um specimen do estado de civilisação d'aquelle amorzinho do torrão americano:

As folhas do Rio de Janeiro publicaram ha pouco tres *editaes* assignados por magistrados brasileiros, os juizes municipaes de Rezende, Juiz de Fóra, e Leopoldina, nas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes. Leia-se:

« Serão vendidos: um boi velho de nome *Castello*, por 50\$000; um garrote filho da vacca *Estrella*, por 30\$000; um macho de sella de nome *Lopes*, por 100\$000; A ESCRAVA ROSA, congo, de 54 annos de idade, por 400\$000; GEORGINA,



com um ingenuo, por 1:200\$000; Euzebio, de *Moçambique*, 44 ANNOS, por 1:000\$000. »

Segundo *edital*: — « Serão vendidos: Simeão, preto, por 200\$000; Quirino, preto, doente, por 300\$000; Eduardo, Benedicto, Magdalena, DOENTES E SEM VALOR!!! Thereza, preta velha, por 100\$000; um boi de nome *Veneno*, por 80\$000; outro de nome *Pachola*, por 70\$000; outro de nome *Brinquinho*, por 80\$000; a besta *Farofa*, por 100\$000; 15 porcos de criar, 150\$000; um burro mascarado, 250\$000; 16 capados a 20\$000 cada um », etc. etc.

Ainda outro *edital*: — « Dionysio, preto, aleijado, solteiro, 60 annos, por 50\$000. Os bois de carro Baliza, Salino e Fazendão, a 60\$000 cada um.

Luiz, preto, 70 annos, casado, 50\$000.

Um burro, pello de rato, por 30\$000.

Lucia, preta, solteira, doente, de 50 annos, 50\$000.

Dois garrotes, Ramalhete e Pachola, por 40\$000.

Os ingenuos Talleyrand e Hermengarda, de 1 e 3 annos, com sua mãe Margarida, casada.

Um cavallo pedrez, por 120\$000.

Ernesto, preto, solteiro, 70 annos, por 50\$000.

E mais outros animaes velhos e doentes. »

E agora, emigrae, ó filhos do Minho!

E vós, ó mariolas pseudo-jornalistas, cantae lóas em honra do povo irmão!



O nosso conhecido *Padre João Vieira Neves Castro da Cruz* — aquelle theologo-bôrra que tem seus credits junto aos alfarrabistas — diz na « *Bibliographia* » do livreiro Chardron:

« Os insensatos... esses pretendidos sabios embrulhados nas paginas de Strauss, Renan e das mil metamorphoses (?) da *Encyclopedia*, ficariam confundidos na discussão com o imberbe escolar versado nas paginas do Cathecismo ».

O velho burro pellado que nós amordaçámos com os farrapos da sua ignorancia (vid., no livro *OS CANTICOS DA AURORA E A CRITICA*, por Narciso de Lacerda, os nossos artigos transcriptos do *Dez de Março*) oppõe a Strauss e a Renan o Cathecismo do padre Amado e acha que os espiritos esclarecidos pelo criticismo dos dois gigantes ainda pedem luz á *Encyclopedia*. Uma mixordia que os estudantes bebedos de Braga e os alfarrabistas lorpas denominam — « Os profundos conhecimentos d'aquelle theologo. »

Está assim a *troupe* reaccionaria: bestas de tolas manhas. E não nos chamem intolerantes: nós lemos e decoramos o Veuillot — grande maroto, mas bom espirito.

---

O *Diario de Noticias* diz que os primeiros litteratos portuguezes deram, no Lazareto, ao snr. Luiz Guimarães provas de sympathia, etc.



O *Diario* mente. Nem o snr. Guimarães possui — como homem de letras — titulos a demonstrações de tal ordem, nem os primeiros litteratos portuguezes deram provas de haver pensado no alludido escriptor brasileiro.

O *Diario de Noticias*, fabrica de bernardices, de mexericos e de perfidias, póde graduar em « vulto litterario » qualquer homem de letras que lhe tome a sério a popularidade grutesca: mas é preciso tornar bem frizante esta circumstancia: — o *Noticias* não tem litterariamente importancia nem serieidade: é um cartaz de annuncios, com tres columnas de bisbilhotices redigidas por Calino & C.<sup>a</sup> Toda a gente sabe isto entre nós; mas é preciso que os leitores brasileiros o tenham assim entendido.

Ha, pelo menos, cincoenta poetas portuguezes e duzentos prosadores á altura do poeta e prosador brasileiro snr. Luiz Guimarães Junior. Superiores a elle não faltam; mas esses não figuram em esperas no Lazareto, cantadas pelo *Noticias*.

O *Noticias* póde accusar-nos de descortezia. Accuse. Nós preferimos essa descortezia ás blandicias que uns insignificantes estão arremessando — em nome dos primeiros litteratos, que se riem d'elles, — aos pés do primeiro amigo que lhes apparece. Hontem era um proprietario da *Gazeta de Noticias* do Rio, arvorado em distincto jornalista; hoje é a procissão dos *primeiros litteratos* em homenagem ao snr. Guimarães. Afinal, quem escreve taes absurdos? É o snr. Coelho, ou o snr. Mendonça, ou outra nullidade empavezada, sem auctoridade de especie alguma.



Escrevam para os moços de recados; abram o seu papel aos caixeiros lubricos e idiotas; manipulem perfidias politicas para gaudio dos regedores e dos sacristães; registrem o estado sanitario de s. m. e dos penhores; bajulem todos os velhacos endinheirados; cubram com o seu ridiculo o jornalismo, de que são os papafinas; mas saibam que não gosarão impunemente o bem-estar em que refocilam a toleima: havemos de perturbar-lhes a santa pandega, com um bom riso de espectador pratico que conhece a lata d'esses trovões e a orelheira, occulta, d'esses heroes.

Para aqui é que é o caminho!

Na folha de Baltar (*O Primeiro de Janeiro*) escreve um idiota (outro!) lá do Rio:

« Borghi-Mamo e a actriz portugueza (*aliás gallega*) Pepa são as duas notabilidades (!) artisticas que a curiosidade publica aguarda de momento a momento.

« Os retratos de uma e outra (!) expostos nas vitrines da rua do Ouvidor attrahem a attenção dos transeuntes, que, obrigados por agora a limitar a sua observação sob o ponto de vista plastico, são unanimes em pronunciar-se por uma maneira que afaga a nossa vaidade nacional.

« Todos acham a actriz Pepa muito mais bonita que a celebre cantora italiana, que sem embar-



go da sua garganta privilegiada tem um nariz que Phidias recusaria como modelo.

« De resto a actriz Pepa já ámanhã se manifestará como artista, pois a sua estreia está annunciada em letras maiúsculas nos cartazes da Phenix Dramatica. »

Nós sempre concordámos n'um ponto: os brasileiros hão apreciar-a muito — a Pepa.

Agora, pelo que toca ao desaforo canalha do digno correspondente de Baltar, sempre diremos que o pae da grande artista e honesta senhora, confrontada com uma Pepa pelo bisborria brasileiro, devia cortar as orelhas d'este mariola, já que as de Baltar lhe ficam distantes.

Aquelle Brazil é um nateiro; no fundo raizes de corno.

Emigrae, patricios!

---

AFFRONTA E DESAFFRONTA é o titulo de um livro, um protesto, do snr. Carvalho Junior. Refere-se aos festejos do Centenario de Camões na capital do Brazil e a um livro que sobre este assumpto publicou o dr. F. Ferraz de Macedo.

O heroe dos festejos adulterados, no Brazil, em honra (?) de Camões, é o snr. Joaquim Nabuco, aquelle que mereceu os carinhos de Antonio Candido — mau politico e sacerdote desprezivel, se é desprezivel o padre que rebaixa o seu mister ás ca-



briolas da politica villan. O heroe ostentou em Portugal, aos olhos dos credulos, as virtudes d'um Lincoln embryonario. Em Hespanha offereceram-lhe banquetes. E no entanto a luz fazia-se: chegava lá do Brazil que elle abandonára em vesperas de importuna votação. Elle não era bem o Lincoln embryonario: era um abolicionista das ultimas fileiras, um *poseur*, um *amigo* de Portugal — um amigo a quem devemos um voto de augmento de direitos sobre os nossos vinhos; era o petulante, que, ajoujado sob o ridiculo do seu miseravel estudo sobre Camões, insultára os portuguezes illustrados, residentes no Rio, acceitando o encargo de orar officialmente nos festejos do Centenario; era um peralvilho da rua do Ouvidor — onde o *Arthur Barreiros* apanha as pontas de charuto, nas horas vagas de misteres mais lucrativos; era o piolho viajante que usufruia atravez da Europa os tres contos de reis da venda do seu discurso.

Um pandego!

O livro do snr. Carvalho Junior é honrado e por igual severo. Examina a toda a luz e condemna, como o livro anterior — o de Ferraz de Macedo — com inflexibilidade que dimana da san justiça. Quem pesa com lealdade as questões de patriotismo esclarecido não póde esquivar-se dignamente á leitura dos dois trabalhos.

O snr. Carvalho Junior deplora a conspiração silenciosa de *certo* jornalismo. Bom é que deplore e condemne: é assim que o publico se instrue nos mysterios de bastidores. Mas importa á instrucção a exemplificação. O silencio comico vae de par com



uns louvores grutescos, por igual desprezíveis. Em tudo isso encontrará o honrado escriptor assumpto que farte, para a honradissima tarefa das condemnações.

Não viu ha pouco um dos proprietarios da *Gazeta de Noticias*, do Rio, arvorado em notabilidade jornalistica por um dos proprietarios do *Diario de Noticias* de Lisboa? Não saboreou a santa confraternidade dos insignificantes dinheirosos e assoprados? — Não viu o snr. Luciano Cordeiro arvorado em notabilidade no Brazil — elle, o celeberrimo inventor de *Ulurus!*? — Não vê o snr. Pequito arvorado em jornalista e addido á Commissão do Centenario — elle que conhece tanto os *LUSIADAS* como póde conhecel-os o snr. Magalhães Lima, outro da commissão? — Não vê as noticias das sociedades geographicas, umas sociedades cujos socios — na maioria — não sabem quantas provincias tem o paiz? — Não vê as noticias sobre a *Associação dos escriptores*, uma associação onde ha *escriptores* que não sabem lêr e onde faltam os nomes de Camillo Castello Branco e João de Deus, os nossos primeiros escriptores contemporaneos? Não acha que são dignos de menção diaria, explicita e frizante, estas miserias — de par com os nomes dos tristes comediantes?

E, todavia, não imaginam os incautos a podrição que tudo isso encobre! Ahi lhes damos um documento:

Quando ha perto de tres annos abandonámos Portugal, afim de procurarmos no Brazil o trabalho de cada dia, encontrámos no paiz de além-mar a



mais cruel malquerença. Dias antes da nossa chegada, tinham chegado alli recommendações especiaes de « guerra a todo o transe! » Não era mister a guerra: para afugentar-nos era bastante a porcaria — não superior á dos biltres de cá, mas aggravada pelos horrores do clima.

O nosso honrado collega — o snr. Carvalho Junior — allude generosamente no seu livro (a pag. 40-41) ao nosso livro *No Brazil*, cuja publicidade uns larapios brasileiros, empresarios d'uma folha latrinaria — *Gazeta da Noite*, auxiliaram, como se não bastasse a edição de 2.000 exemplares, quasi totalmente esgotada em um mez, ao nosso intuito de propaganda. Aproveitamos o ensejo para uma declaração: o livro, tão maldito de alguns homens e dos brasileiros e dos commendadores residentes no Brazil, ha de ser brevemente reeditado. Contem com documentos novos aquelles homens e os brasileiros e os commendadores...

No momento em que iamos a fechar esta simples noticia deparou-se-nos um curioso artigo d'um curioso litterato, sobre assumptos brasileiros. O artigo vem no interessante semanario lisbonense *Ribaltas e Gambiarras*, o litterato é o snr. *I. Vilhena Barbosa*, homem de solidos creditos na rua de S. João — onde os apreciadores de s. exc.<sup>a</sup> lhe vão so-letrando os folhetins, ás cavalleiras dos costaes de bacalhau. Apreciadores que o leiam por cima ha dois apenas: somos nós — e s. exc.<sup>a</sup> O snr. Barbosa, que nós lemos (por cima) quando Morpheu cruel se nos evade, exalta mil coisas e loisas do Brazil, a começar pelo Gabinete Portuguez de Leitura e a



terminar pela *magnífica gravura* d'um retrato de Camões. A cacophonia vae com destino aos da rua de S. João e aos das Congostas; do *Gabinete Portuguez* e das intrigas que alli predominam dá testemunho amplissimo a descripção do Centenario apresentada pelos snrs. Carvalho Junior e dr. Ferraz de Macedo. Um encanto!

Quando a voz da consciencia der o grito de *álerta* aos Vilhenas Barbosas mais ou menos soporíferos, elles hão de estudar o assumpto *Brazil*, antes de formularem declamações. Alli, se exceptuarmos a benemerita « Caixa de Soccorros D. Pedro v », o que existe para os filhos de Portugal é um viver de miserias incommportaveis, não excluindo os assassinios, dado que os nossos conterraneos não vinguem nivelar-se, sob o peso das commendas, com as bestas-féras que nos odeiam de morte, em que peze a industriosas bajulações.

---

Ha dias, em Alcantara (Lisboa), um idiota da localidade alliciou um bando de beatas para o catholico fim de apupar um enterro civil. As beatas desempenharam-se do encargo, nas catholicas barbas da policia e com o auxilio da Senhora do Livramento.

Achamos que as senhoras beatas, filhas ou sobrinhas de Maria, correspondem com ingratidão á tolerancia dos livres-pensadores. Nenhum d'estes vae apupal-as quando suas mercês se espojam nas



sacristias, com o padreca mais chibante da localidade — por honra da Santa Religião.

---

Os da crápula regeneradora censuram a imprensa progressista, a proposito do *caso Vallada*. Acham que é indecorosa a revelação do caso.

Fazem lembrar um salteador que protestasse contra o escandalo de um processo — em nome da moralidade publica.

Os ôdres de infamia cynica temem que os arre-bentem. Pobres ôdres!

---

Do *Seculo*:

« Regressa brevemente á Europa a actriz Sara Bernart (*sic*). »

« Parte brevemente para a America a *distincta* actriz Pepa. »

Parece tolice, e é uma coisa justa: a diva do Principe Real é *distincta* n'um genero em que a diva franceza é vulgar.

*Os brazileiros hão de estimal-a muito.*

---

*Baltar* acha curiosissimo que ao actual presidente da Republica dos Estados-Unidos appareces-



sem 20.226 amigos e conhecidos, por ocasião de ser eleito.

E diz:

« O *donec eris felix multos numerabis amicos* é uma eterna verdade que póde applicar-se a todos os homens politicos. »

Aos politicos? Historias! Que mestre Baltar, o impolitico, deixe ámanhã de ser *feliz* e verá o que a sociedade lhe concede: — um cesto e uma pá, e o estrume livre.

E será justa.

Na *Actualidade* escreve o rechonchudo publicista Augusto Coelho um artigo sobre a situação, a fornada e o mais das coisas urgicas.

Abre assim o aranzel:

« Voltando novamente, depois de uma pertinaz doença, a este grande campo de luta, para onde são poderosamente arrastados os que amando sinceramente o progresso da patria, sentem em si a anciedade irresistivel de tomarem parte, embora obscura, n'essa grande agitação de opiniões encontradas que constituem o jornalismo contemporaneo, não o podiamos fazer em ocasião mais solemne, não o poderiamos fazer decerto diante de acontecimentos que mais adequados sejam para despertar no espirito d'um analysta severas e graves reflexões. »

Uma pena que a pertinaz doença nos privasse por tão longo tempo das luzes d'aquelle verão!



Afinal, o rechonchudo *publicista* acha que a *Actualidade* do ex-revolucionario Anselmo é um grande campo de luta e espója alli a ignorancia declamatoria em defesa dos regeneradores.

É um campo de luta, é. As armas são — a parlapatice velhaca, e as conquistas — um grande lombo e umas bochechas que parecem nadegas.

O mundo é de quem tem... bochechas.

---

Ha quatro dias, Antonio Rodrigues Sampaio sustentava na *Revolução de Setembro* esta adoravel theoria da victoria eleitoral: — « Todos os governos ganham as eleições, porque o povo comprehende que o governo lhe póde dar o que a opposição póde apenas prometter. »

Quando isto li era noite, — uma noite do Alemtejo, muito triste, com os primeiros ameaços de inverno. As palavras do velho Sampaio produziram-me o effeito de uma escorrença fetida que resvala ao charco por um muro carcomido. Puz de parte o jornal. Abri a *Illustração Franceza*, um volume dos tempos da Communa e dos fins da guerra de 70. A vista prendeu-se-me ao « tractado de paz » entre a Allemanha e a França. Um dos redactores da *Illustração* accrescentava áquella miseria as seguintes palavras, solemniissimas de amargura e de tardia justiça:

« *Mea culpa* — pelo rebaixamento moral que levou este povo a applaudir todos os seus governos,



e a confiar d'esses governos a sua tutela, a sua dignidade! *Mea culpa!*»

Deus te conserve n'este mundo, ó Sampaio do *Espectro!* e possas tu assistir, com o teu velho sorriso cynico, ao *Mea culpa* do povo portuguez!

— «Dizia-me o czar Alexandre assim... e eu respondia ao meu amigo Alexandre... d'ahi o czar, o meu bom amigo czar, que passava em revista 600:000 homens, objectou-me...»

E o maganão Chateaubriand proseguia: — «O meu rico amigo Alexandre, com quem tenho uma intimidade que... O meu prezado Alexandre 1, que me consulta sobre os negocios do imperio...» Cachorro Chateaubriand! Patusco Chateaubriand! Grande ratazana Chateaubriand, — com venia a Paulo-Luiz-Courier!

Pelo que lhe toca, o snr. Augusto Ratazana... perdão! o snr. Augusto Ribeiro tem amizades... que nem Vivas, — com venia ao meu Fialho d'Almeida!

Diz elle assim:

— «O camarim de Amelia é, pois, *rendez-vous* dos amigos de Santos (e lá está elle!)... Um dia d'estes, Santos, conversando com Maximiliano de Azevedo, Urbano de Castro e *commigo*, teve occasião, depois de fallarmos largamente em litteratura contemporanea (*hun!*), na politica de França, em Gambetta, em Victor Hugo, em Zola...» —



D'outra vez, o snr. Augusto Ratazana... perdão! o tal, em cavaco intimo com a deliciosa Concha (a pequerrucha Delmira) dizia-lhe: «Gosta de Lisboa?» e ella, etc. etc.

D'outra vez: «Os meus amigos do Porto pedem a minha opinião sobre a politica interna. Eu digo... etc. etc.»

Pois, riquinho noticiarista da minha alma, está vossemecê no bom caminho! Tire das pernas, ponha nos braços; mêtta no cerebro; aprume-se na corda bamba — e toca! Aonde vossemecê vae, sei eu: vejo d'aqui a estrada e o ponto escuro... aprume-se! Salve o nariz — e deixe-os!

E recomende-me aos amigos.

---

Como é sabido, o snr. Ramalho Ortigão sentiu o dever de ajuntar uma palavra ás acclamações entusiasticas a Herculano.

Ajuntou a palavra — *discordo!* Não é mau.

Depois do snr. Ramalho, apparece-nos a snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão. Esta matrona sente o dever de ajuntar — tambem ella — uma palavra ás acclamações e tal...

Ajunta a palavra — *applaudo!*

Ora, pois...

---

O snr. Gervasio Lobato escreve no *Occidente*



(n.º 85) um bom artigo sobre o primoroso drama *O Luxo*, de Antonio Ennes, e, de passagem, diz:

« A critica é muito mais facil de fazer que fazer dramas ».

*C'est selon...* Por exemplo, se a critica é de Taine e o drama é de *Sousa Bastos*, é mais facil o drama; porém, se o drama é de Antonio Ennes e a critica é do *Mendonça*... então é mais facil a critica.

Um nosso collega, referindo-se ás festas de Coimbra (Centenario de Camões), diz:

— « O que não pudemos comprehender ainda muito bem é a razão por que o snr. *Sergio de Castro* alli fez figura.

« Estará a *estudentina* tão falta de gente que por isso puzesse á sua frente uma individualidade que estuda ha uma *dezena* de annos (aliás uma *duzia*) sem ter conseguido formar-se em qualquer coisa?!

« Nem ao menos em mathematica, ou philosophia, que são alli as duas faculdades a que se destinam os mais parvos! E como os estudos fizeram d'aquelle republicano um monarchico! É o contrario do que se dá com os individuos de bom senso e de sciencia. O estudo faz a luz, e esta a justiça e o bem. *Sergio*, porém... está fóra d'estes resultados logicos e naturaes. » —



Accrescentaremos ás palavras do collega:

Não ha seis annos que o tal *Sergio* nos escrevia: — « Chóro, pensando no dia em que hei de transigir ». Parece que chorou até enlabuzar-se como qualquer mafarrico piteireiro. Depois, transigiu, converteu-se, passou a dizer-nos facecias que nós enviámos á mãe Terra pelo esophago da cloaca; e agora, dá vivas á Christina.

Ora, pois, mafarrico! — *às moscas!*

O formidavel noticiarista Augusto Ribeiro diz assim:

« Tive o prazer de ouvir lêr *ao* eminente escriptor o snr. Pinheiro Chagas a traducção do 1.<sup>o</sup> acto da notavel comedia de Alexandre Dumas (filho) *DIVORÇONS.* »

Posto isto, convém que o formidavel noticiarista nos diga — quem foi que leu a traducção *ao* eminente snr. Pinheiro Chagas...

Depois d'isto, o formidavel noticiarista, dando-se a classificações, chama ao snr. Pinheiro Chagas o... coisas e tal... « *por ventura* o mais completo dos modernos escriptores portuguezes! »

Pois, rico senhor noticiarista, o snr. Pinheiro Chagas será, *por ventura*, o mais completo; mas é vossemecê, *por desgraça*, o mais excessivo em pernas e em disparates. As boas palavras, que, *por ventura*, espera em troca dos seus dizeres, não lhe servirão contra os rigores do inverno, por mais quenti-



nhas que sejam. Tome vossemecê dois *grog*s; ponha mais roupa na cama — e deixe correr o marfim!

Vá devagarinho: não cáia!

---

*Do Jornal da Noite:*

« A traducção (do JEAN BAUDRY) é primorosa. São assim todos os trabalhos de Gervasio Lobato, que melhor do que ninguem comprehende o espirito francez... »

Aquelle diabo José Agostinho de Macedo, ao terminar um sermão, foi cumprimentado por um saloio, que lhe disse: — « Isso é que é sermão, seu padre Zé Agostinho! »

O bom diabo prégador pôz no saloio os olhos, e resmungou: — « E tu que o sabes, cachorro! »

Com que então, é o amigo Gervasio quem melhor comprehende... hein?

E tu que o sabes, cachorro!

---

O nosso querido e illustre Julio Vallés responde aos cidadãos que lhe offerecem votos:

« Não ligo apreço algum aos Parlamientos.

« Pertença á raça dos que preferem, para entrar, as janellas ás portas, tomando por escada os hom-bros dos assaltantes.



« É preciso fechar todas essas possilgas e atirar as chaves ao rio ».

Assim! Assim!

---

*Baltar* annuncia a festa de um actor e accrescenta:

« São de bastante notoriedade no Porto os excellentes dotes de talento e de character que avultam no snr. Domingos d'Almeida, para que nos dispensemos de patenteal-os. A sua festa será, sem duvida, uma larga affirmacão de respeito e sympathia por tão nobres qualidades ».

Quem diabo auctorisa este sujeito a passar folha corrida aos homens de bom character?

Além d'isso, *Baltar* disparata: se os bons caracteres obtivessem tão largas affirmacões de sympathia, os caracteres safados seriam logicamente corridos a chicote por essas ruas.

Ora, acontece que são elevados (?) a commendadores e a sustentaculos de situações patuscas. Elle sabe.

---

Tem a palavra o formidavel noticiarista Augusto Ribeiro:

— « Parte hoje para Loanda o snr. bacharel Coelho de Carvalho, novo secretario geral da provincia



de Angola. Conheço de muito o moço funcionario, e prézo deveras o seu talento, que é robusto, e a sua illustração, que é vasta. Coelho de Carvalho é um poeta, distincto, e deixou de si memoria bemquista na universidade de Coimbra. Como escriptor politico, tomou parte em muitas das questões que se trataram no *Commercio de Lisboa*, defendendo a politica de *aspirações* do snr. conde de Valbom. Estou certo que o snr. Coelho de Carvalho ha de saber cumprir o seu dever, como secretario geral da provincia de Loanda, e manter os seus creditos de moço intelligente e illustrado. » —

Agora, fallo eu — que tambem sou gente :

O bacharel Coelho de Carvalho, — um typo! — berraya ahi pelo Chiado, ha poucos mezes, contra o snr. conde de Valbom que deixára *ás moscas* os partidarios, e que do mesmo passo se abeirára dos regeneradores. O bacharel Coelho de Carvalho não protestava — note-se — contra a deslealdade partidaria do chefe, nem via causa para indignação na cabriola novissima do singular estadista: o que aos olhos do bacharel Coelho constituia infamia era a destruição dos projectos pessoaes. Eu me explico melhor:

Combinára-se que o snr. conde de Valbom, auxiliado pelos Coelhos do *Commercio de Lisboa*, formaria o seu ministerio com os elementos da redacção do jornal: o director da patuscada teria a presidencia e o reino, o snr. Luciano Cordeiro a pasta da marinha, e o bacharel Coelho as justiças. O resto vêr-se-hia.



E berrava o bacharel Coelho: — Vá lá um homem *comprometter-se* na camaradagem dos cynicos: manchar a sua carreira! Já viram uma burla assim? Já se viu uma patifaria assim?

Eu opinava pela absoluta negativa: — patifaria assim nunca sonhára esta alma candida; mas, como quer que a Providencia me reserve o imprevisto, o bacharel Coelho manda, a seu turno, ao diabo o *partido das aspirações* — como lhe chama o outro, — e, no coice do chefe, arremessa-se á via positiva. Não será ministro das justiças aquelle justo: pois bem, seja secretario d'Angola aquelle cafre! Não irá ao paço da Ajuda: pois muito bem, lá está a costa d'Africa...

Bacharel, meu menino, deixa *aspirações* e *vae tomando*, antes que se acabe o mundo! N'este cantinho da Europa ha de haver sempre um comprido noticiaria que te celebre os feitos.

Boa viagem!

#### Do *Primeiro de Janeiro*:

— «Hontem, no comboio da tarde, em carruagem-salão, partiram para a capital o snr. commendador Antonio Pinto da Costa Carneiro e o nosso amigo \* \* \* que vae acompanhar aquelle cavalheiro a bordo do paquete «Gironde», no qual o snr. Costa seguirá para o Brazil.» —

Conhecemos ha cinco annos no Porto aquelle excellente homem. Era pobre, trabalhador, e honesto: ninguem se importava com elle, nem com as suas



viagens, nem com a carruagem escolhida pelo viajante.

O homem foi ao Brazil; regressou ha pouco; é ainda honesto, mas já não é pobre: os Baltares registram-lhe a carruagem-salão, a viagem, e desejam que esta seja feliz.

Se o bom homem perder no Brazil a sua fortuna (salvo seja!) tornará a ser pobre-diabo desconhecido, e os Baltares mandal-o-hão á fava.

Ó commendador Carneiro! vae-os tu mandando...

A cidade do Porto, — o meu Porto amado, — não tem apenas o Monte Pedral: tem — *O Regenerador* — gazeta. É de combate. Havemos de combater: eu hei de atirar-lhe caveiras de burro, — depois de lhe degolar a redacção; elle ha de *atirar* — depois de morto. Ha de ser bonito!

Do Monte Ped... quero dizer do *Regenerador*, extráio o seguinte mimo:

— « Quando a Granja subiu ao poder encontrou na cadeira que deixava o *imminente* estadista Antonio Rodrigues Sampaio uma lei tendente a reformar a instrucção primaria. » —

Bem que o snr. Rodrigues Sampaio encontre desculpa — mercê funesta do seu estado de saude — para certas originalidades fétidas, — afigura-se-me em extremo abusivo o caso descripto pelo *Regenerador*. Se o *imminente* jornalista sentia nos movimen-



tos celeres do seu bojo a aproximação do *momento*— que s. exc.<sup>a</sup> abandonasse a cadeira e fosse *lá fóra* ou *lá dentro*! Quem sente nos intestinos uma lei, como a tal, não a deixa na cadeira ministerial: deixa-a no *water-closet*!

A *Lucta*, — folha regeneradora, do Porto, — refere-se a umas accusações do *Primeiro de Janeiro*, — folha progressista, — e diz:

« Depois d'isto vejam com que *sciencia* e com que *consciencia* escreve o snr. Navarro, e publica o snr. Baltar.

« Não classificâmos. Unicamente recordâmos que tambem nos ha de chegar a vez de ser opposição ».

Espera a vez de ser opposição a um ministerio progressista. Reconhece que os progressistas teem elementos de vida que de novo os conduzirão ao poder. Podia reconhecê-lo, mas não devia dizê-lo. É tolo.

Ameaça com represalias os adversarios *inscientes e inconscientes*: promette manifestar na opposição a mesma falta de sciencia e de consciencia — que hoje attribue aos progressistas. Outra vez tolo e de maus instinctos.

Prefigura-se-me que não fará na opposição melhor figura do que a d'hoje este lanzudo que chama a Emygdio Navarro — *ignorante e inconsciente*. Tambem me quer parecer que o pobre Urbano Loureiro, se revivesse para os burricidios, encetaria a obra



pelo bat'orelha que alaparda a ineptia no tristemente rebaixado jornal...

Pede-me um joven aspirante a publicista — que lhe publique um artigo — a sua *estreia*.

O artigo desembesta-se contra os padres, e n'elle se chama *burro* a Luiz Veuillot. Bem que eu não seja precisamente um advogado dos reverendos, nem um amigo do redactor do *Universo*, recuso publicar o artigo. Luiz Veuillot está, como jornalista, pelo seu talento, pela sua illustração e pela sua importancia, que de taes dotes se deriva, n'um plano muito superior ao do snr. Rodrigues Sampaio. Se o joven tem o *burro* no cerebro e quer decididamente acolchetar-o no seu proximo, não se dirija ao redactor do *Universo*: dirija-se ao *Arthur Barreiros*, — com vénia aos burros inoffensivos...

O formidavel noticiarista snr. Augusto Ribeiro applica uma formidavel desanda á *chamada* (diz elle) *Associação dos jornalistas e escriptores*. Nem parece d'elle, bem que declare — « que é preciso dizel-o claramente e sem rodeios! » Sem rodeios e com muita claridade vae dizendo coisas do diabo. Por mim, dado que o formidavel noticiarista haja de soffrer represalias, offereço-me para ajudal-o na pugna. N'esta data convido o Joaquim d'Araujo — para Rocinante.

Ahi vae specimen da boa surra do noticiarista:



« Reuniram-se hontem, na chamada Associação dos jornalistas e escriptores, alguns jornalistas, a convite da redacção do *Santo Antonio de Lisboa*, afim de promoverem um beneficio a favor do snr...., professor do Conservatorio, que está em circumstancias deploraveis, segundo se diz. Ponho de parte... para louvar a iniciativa honrada e leal da redacção da folha lisbonense que deu d'este modo um correctivo á Associação dos jornalistas, que parece haver sido feita exclusivamente para digressões vistosas ao estrangeiro e para os jantares e almoços dos congressos em Lisboa e outras manifestações iguaes ou parecidas ».

Que trabalhinho, hein? Mas, vão ouvindo:

« Sim. É preciso dizel-o claramente e sem rodeios — a Associação chamada dos jornalistas e escriptores nada tem feito absolutamente em interesse da classe que devia representar. Tem sido ahi violada a independencia e a liberdade da imprensa portugueza, por actos da mais estranha perseguição, prescindindo-se de todas as formalidades legaes, e a Associação entendeu não dever dar uma palavra sobre o assumpto. Eu não queria que a Associação se collocasse abertamente, sem reservas, contra os actos do poder, que podessem, a este respeito, ser considerados legaes; o que eu queria é que reclamasse para que nos processos da imprensa houvesse o mais escrupuloso respeito pela lei, em tudo.

« A Associação foi indifferente a isto, e é possivel que o seu procedimento fosse dictado por uma



convicção sincera, que respeito. O que porém não é decerto dictado por uma convicção sincera é o abandono a que tem deixado correr coisas das mais importantes para a classe e para a missão de que se encarregou a Associação. Ainda ha dias me referiram o facto de haver recorrido debalde aos socorros da sociedade um infeliz escriptor, creio que d'essa cidade, facto de que se occupou, se me não engano, uma das mais dignas e illustradas folhas portuenses. Agora ha o facto do snr. dr.... em que a iniciativa particular precede ainda a iniciativa da Associação ».

Muitissimo bem! Mas, não percam este mimo:

« É certo que a Associação não está prospera e não póde ainda cumprir muitos dos seus compromissos; é certo que é avultada a somma das quotas em divida, e que d'ella se tem afastado muita gente. Mas de quem é a responsabilidade? Para que se houveram tão pouco lealmente para com os jornalistas, que ao principio, e animados d'um intuito sincero, desejavam e queriam que a Associação fosse o que devia ser e não o que alguns *queriam* que ella fosse? Para que é que desconsideraram uns e outros? Ahi teem os resultados. São dolorosas as consequencias? Tenham paciencia, sofram-n'as. Já temos em Lisboa um jornal dos funcionarios, que é de toda a gente, menos dos funcionarios; resta que haja uma Associação de jornalistas, que seja de toda a gente, menos dos jornalistas ».



E mais nada. A gente, quando acaba estas leituras que dão a nota de Tacito, chega a deplorar os tyrannos. Prefigura-se-me que a *chamada Associação* ha de recorrer á veia fulminante de Pina e, porventura, de Brito — o aranha, e que o snr. Augusto Ribeiro ha de gemer os horrores da sua austera hombridade. Eu, muito reconhecido á prosa energica e vingadora que me avocou para as ideias bellicas, vou alli dar palha ao Rocinante — e depois veremos quem é homem!

---

Diz a *Lucta*:

« Da *Revolução de Setembro* transcrevemos, com o devido respeito ao venerando collega, o seguinte artigo, que, d'um modo eloquente e nobre, *esmaga a granja* que quer desvirtuar a dignidade e brios d'um homem digno dos mais altos respeitos, e que tem sabido servir o seu paiz com a sciencia *politica que causa émulos, e independencia de character*, que envergonha os *cafres* da granja na sua pequenez moral, — *referimo-nos ao snr. Rodrigues Sampaio*, a individualidade mais distincta do jornalismo portuguez e o homem publico que tem defendido sempre a liberdade e as *prorogativas* d'um povo livre ».

Quem trouxe este mimo vernaculo á minha admiração foi o meu sapateiro. O honrado artifice, profundamente indignado, explicava:

— É do patife meu aprendiz, um borrachão!

---



A *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* (editor Chardron), n.º 10, 2.º anno, expõe entre varios primores litterarios colhidos no prado nacional, onde se espoja Fr. Francisco das Chagas, de parceria com outros Samodães, um artigo critico do snr. A., extrahido do *Noticioso*, folha de Valença. O assumpto é O MANDARIM de Eça de Queiroz, uma formosa phantasia collida no PÈRE GORIOT de Balzac. Por isto se vê que estamos em época de colheitas — na fazenda alheia: o phantasista escalou a COMEDIA HUMANA; e o seu critico A... o leitor vae vêr o que elle escalou.

A pag. 176 da *Bibliographia*, palavras do critico valenciano:

— «Eça de Queiroz é um grande romancista. No nosso paiz é o representante de Balzac, Walter Scott e Cooper. É realista, mas realista na accepção unica, perfeita da palavra.» —

O leitor um pouco dado a saborear os fructos opimos da litteratura moderna pasmou, decerto, em frente das aproximações: «Eça de Queiroz, Balzac, Walter Scott e Cooper — realistas na accepção perfeita». Aonde o homemzinho foi colher uma conclusão que o seu bestunto converteu n'um disparate, vamos nós vê-lo.

A pag. 6 de um livro — CONTROVERSIAS E ESTUDOS LITTERARIOS, por *Silva Pinto*, publicado em 1878, — livro pouco discutido, mas, pelo visto, não pouco explorado por uns fanaticos amigos do alheio, apparece pela primeira vez entre nós — salvo erro



— a citação do Estudo sobre Stendhal, por H. de Balzac (vid. *Revista Parisiense*) e implicitamente a definição das escolas litterarias — *das imagens, das idéas* e do *eclectismo litterario*. Cita-se Walter Scott e Cooper (cit. por Balzac) e o proprio Balzac (cit. minha) como os representantes mais poderosos da litteratura que reclama e abrange, a um tempo, o lyrismo e a acção, a ode e o drama: espiritos de lei que no recente periodo de litteratura portugueza eu julguei representados pelo auctor do CRIME DO PADRE AMARO e do PRIMO BAZILIO.

Foi alli que o *critico* citado como auctoridade litteraria pela *Bibliographia* de Chardron surprehendeu a *roupa de francezes* que lhe constitue bagagem para a Gloria.

Mal lhe foi porém ás manhas porcas. Insistiu. O *non bis in idem* é uma verdade eterna, ou eu sou um *araujo*.

A pag. 176 da *Bibliographia* diz o critico:

— « O realismo é a interpretação da natureza; é esta a moderna definição d'um grande critico, d'um grande trabalhador, de Gustavo Planche. A sua reproducção, como alguns a definem, não. » —

No livro CONTROVERSAS E ESTUDOS LITTERARIOS, a pag. 8:

— « O Realismo não é a reproducção da Natureza; é a sua interpretação: esta definição poderosa do gigante da critica moderna, o illustre Gustavo Planche... » —



Ainda a pag. 176 da *Bibliographia* diz o critico:

— « É por isso que o temos (Eça de Queiroz) como um discipulo directo de Balzac, alliando mais de Flaubert a comprehensão do homem exterior. » —

A pag. 8 do livro *CONTROVERSAS*, etc., dissera eu, dois annos antes do critico:

— « O romancista lisbonense é discipulo directo de Balzac; possue, como o mestre, a comprehensão, a intuição do homem interior, mas — poderosa alliança, — assimila de Flaubert a sciencia dos temperamentos; surprehende, em flagrante, como o auctor da *BOVARY*, o *homem exterior*. » —

Como se vê, o mariola nem sequer tira a marca aos lenços (modo de dizer) que empalmou. É um descaramento modernissimo.

Adiante.

A pag. 177 da *Bibliographia*:

— « A ironia é espontanea. Vem do fundo. » —

A pag. 9 do meu livro, dissera eu:

— « A ironia é impessoal, como a de Rabelais. Brota espontanea. Sente-se que vem do fundo... » —

Ha melhor ainda. O gaiato é temerario:

A pag. 377 da *Bibliographia*, diz elle que o auctor do *MANDARIM* « abandona os processos scientificos dos seus romances, toma outros (que alarve!),



vae descansar á sombra frondosa do idealismo, como que rindo-se da *formula intransigente dos Levallois de que nada existe fóra dos dominios da vida* ».

A pag. 101 do livro CONTROVERSIAS, etc., lê-se:

— « A preocupação do momento deu origem aos axiomas fundamentaes de uma nova esthetica: « O bello é a vida »; — « a suprema expressão do bello reside na maior somma da vida »: — axiomas sacrilegos que produziram a seguinte fórmula intransigente: — « Nada existe fóra dos dominios da vida. » —

E cita-se: « L'ESTHÉTIQUE SPIRITUALISTE, por J. Levallois. » Foi assim que o birbante descobriu os Levallois. Um bebedo com maus instinctos!

A pag. 177 da *Bibliographia*:

— « Aquelles tão fallados contos de Hoffmann, de Edgar Poe, devem sentir fortes estremeções de espanto ao defrontarem com o recém-chegado — o que nos succederia a nós se vissemos destacar-se da penumbra o vulto zombeteiro de Mephistopheles. » —

A pag. 105 do meu livro, lê-se, alludindo-se a certo romance nacional: « deve sentir estremeções de espanto em presença do recém-chegado: deslumbramento de merceeiro sizudo, que, ao olhar para o fundo da loja, visse destacar-se na penumbra o zombeteiro vulto de Mephistopheles. »



A pag. 177 da *Bibliographia*:

— « A critica moderna queria talvez a adjectivação methodica do conselheiro, as imprecações grosseiras de Juliana, os desfallecimentos de Luiza. » —

No meu livro, a pag. 105:

— « A adjectivação methodica do conselheiro, as imprecações de Juliana, os desfallecimentos murmurados de Luiza... » —

A pag. 177 da *Bibliographia*:

— « ... aquelle vertiginoso turbilhão, gostava poderosamente d'aquelle meio onde refervem, no grande cadinho depurante do martyrio, a luxuria, o odio, a vergonha e o desespero. » —

A pag. 104 do meu livro:

— « A vista, inquieta ha pouco, contempla desvaierada aquelle abysmo, onde refervem, no cadinho depurante do martyrio, a luxuria, o odio, a vergonha, o desespero... » —

Ha mais. Nos intervallos das ladroeiras por mim soffridas, apparecem dezenas de empalmações *executadas* sobre o magnifico artigo que á individualidade artistica de Eça de Queiroz consagrou em 1878, no *Occidente*, o snr. Guerra Junqueiro. Um desaforo, que o sujeito aggravará, um dia ou outro, insultando o trabalho dos roubados. Tem-se visto...

Este maganão que maneja a gazúia litteraria á beira do rio Minho encantador usa a inicial A — le-



tra fatidica! Se não é *Araujo* enxertado em malandrão, consoante exemplos varios, é um asno que abre caminho a coices para a Academia das sciencias de Lisboa, onde o outro — o Pimentel — desfia o bacalhau dos anonymos <sup>1</sup>. Eu convido os jornalistas de Tuy, visinhos do nosso valenciano, a acautelarem-se de invasões no seu territorio verdejante: o critico, dado que lhe não prendam a barbella, vae-lhes á fava e ás letras. Em certo paiz, que não citarei agora, quando um burro estranho é apanhado por um lavrador, em flagrante delicto de ladroeira, o lavrador corta-lhe as orelhas e sacode-o a pontapés, da pastagem. Que os benemeritos de Tuy não disponham das orelhas do tal, sem prévio aviso a este seu admirador.

---

Um collega nosso contou-me hontem um *caso* pantagruelico.

— Sabes (interrogou) que ainda existe a chamada *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes...*?

— Bem sei. Não me faças rir, homem! Respeita as minhas nevralgias!

— É para te contar um *caso*.

---

<sup>1</sup> Informações posteriores convenceram-me de que o homemzinho manejava a gazúa no Porto. A folha de Valença do Mi-nho era apenas *receptadora*; não hospedava o malandrão.



— Venha de lá o *caso*.

— Ha dias, encontrei um socio, um pobre-diabo sem manhas; e deu-me a gana de lhe pedir noticias da *Associação*, commentando ao mesmo tempo: « Aquillo está morto, hein? »

— « O que? Morto?! Se eu ainda hontem, só á minha parte, arranjei vinte e quatro socios e já aqui tenho uma lista de mais de trinta!?... »

— Escriptores e jornalistas?!

— Pois já se vê! Agora o mais galante é, que, a dez passos de distancia do socio, encontro o *cobrador* da *Associação* patusca; e, para rir um bocado, pergunto-lhe: « Ó seu Zé! Que tal vae *isso por lá?* Ouvi que estava a morrer... » E o cobrador, com um riso satisfeitinho: — A morrer?! Ainda hoje eu arranjei dezoito socios! »

---

Esta não é má; condensa pelintragem de caracter e opulencia de cretinismo. Ella ahi vae:

— « Foi julgado e condemnado o snr. Paulo de tal, pelo crime de tentativa de suborno. O réo offerêra 50\$000 reis em notas ao dr. delegado snr. Veiga. Não sabemos que mais admirar: se o cynismo do réo, se a alta probidade, o desinteresse e a integridade do incorruptivel magistrado. » —

(*Varias gazetas*).

Eu tambem não sei que mais admire: se a im-



becilidade dos sujeitos que á ultima hora revelam a sua admiração, se a tolerancia do Delegado que não chama aos tribunaes aquelles bolas — que se admiram de elle se não ter vendido!

Em todo o caso, a admiração dos sujeitos é característica e eloquentissima. Vê-se que por 50\$000 reis se venderiam alguns d'elles... talvez todos... hein?

Agua na sentina, ó Jupiter!

---

Um livro novo: — DA NACIONALIDADE E DO GOVERNO REPRESENTATIVO, por Antonio de Serpa Pimentel.

Este conselheiro é cruel! Ainda em fins do anno passado nos forneceu a indigesta empada ALEXANDRE HERCULANO E O SEU TEMPO e já hoje nos dá (modo de dizer) o empadão *representativo*! A coisa sobre Herculano está julgada; da coisa de hoje bastará dizer-se — que o snr. Accacio-Vatel-Morpheus-de-Serpa-Pimentel subordina a *critica* do movimento democratico moderno á probabilidade *de se gastar mais dinheiro n'uma revolução do que na lista civil*. É d'um ridiculo medonho!

As banalidades alastram-se por aquellas 282 paginas do livro (meus ricos seis tostões!) como verdadeira escorrença de um espirito que se derivou da mediocridade ao estonteamento d'uma sonéca de trinta annos. É assim que o bom do snr. Serpa nos falla do *furor sanguinario* de Marat e de Robespierre. Em 1882 ainda este homem de estado e homem de



letras da Parvonia possui acerca de Robespierre e Marat aquella noção de correspondente d'aldeia:— que os dois illustres convencionaes tinham *furores sanguinarios*! Parece um collaborador do *Noticias* <sup>1</sup>.

Não ha meio de discutir similhantes coisas, nem vale a pena— annotal-as. Quando se convencerão estes Accacios de que só muito caladinhos poderão gozar em paz os carinhos das suas velhas glorias?

Miseros Accacios!

---

Do *Diario de Noticias*:

« A aggressora que tinha naturalmente ceiado bifes de leão... foi até á estação para fazer o KILO... »

O KILO!

Quem te dêsse com *Arrobas* na caréca, ó dos *Kilos* e das tramoias, papa-fina!

---

Durante estes dois dias, meia duzia de mariolas de voz aguardentada e cara patibular, teem berrado pelas ruas de Lisboa:

— « Quem quer vêr a despedida do infeliz tenen-

---

<sup>1</sup> Não ha muito que o snr. Bulhão Pato, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, escrevia publicamente: — « Robespierre não seria tão feroz se não fosse tão covarde ». Cubramos o rosto.



te de infantaria 2, que matou o capitão e que foi para Rilhafolles?! »

A coisa é em verso. Imagine-se o estro a correr parellhas com a infamia da exploração. Em redor dos pregoeiros, vi, por vezes, formarem circulo alguns soldados, que bebiam noções de disciplina, e alguns policias civis que saboreavam e gargalhavam em homenagem ao *bom juízo* dos seus chefes e á relaxação propria.

D'aquella tragedia que ainda não apresentou o derradeiro acto, houve um traficante que apurou uma canastrada de moedas de 10 reis, para se embebedar nas hortas, no proximo domingo. Já se vira caso identico a proposito de Vieira de Castro. Os abjectos exploradores poderão argumentar com o exemplo recebido de mais sérias gentes; mas a verdade é que tudo isto tem um cheiro de sentina que atordôa e mata. Que refterver de bicharia na podridão!

Puh!

No grave dizer do *Diario Popular*, o administrador do concelho de Ferreira do Zezere, raptou da casa paterna a filha d'um pobre carpinteiro, de quem era o melhor amparo.

« A referida auctoridade, depois de ter fechada, durante dois dias, n'um misero albergue a infeliz raptada, fel-a transportar para sitio seguro, aonde não chegasse a vingança do infeliz artista, incumbindo d'esta diligencia de serviço... particular — dois regedores! »



O *Primeiro de Janeiro*, órgão de Baltar, accrescenta:

« É ocioso accrescentar que o caso produziu vivíssima indignação na localidade ».

Eu ia pôr as mãos n'umas Horas... romanticas, em favor do administrador do concelho e contra a innocencia do *melhor amparo* e contra a vivissima indignação dos aquelles... A gente sabe lá!? Ora, valha-nos Deus!

Mas a indignação do Baltar, em nome da moral offendida! Ai, que eu morro! Ai, que não posso mais! O Baltar! O Balt...! O Ba...! O B...!

Ora... p...ois!

É tempo de consagrar um *bouquet* de meditações ao caso — Sarah. Vae sem divagações philosophicas, — que os tempos vão bicudos para a Philosophia.

*Primeira meditação* — *Elles*, tão grulhas e tão ferteis em pinotes nas campinas da chronica, emmu-deceram alli em baixo, na *gare* de Santa Apolonia, em face da *sacerdotisa*. A Beatriz fal-os dar á lingua; Sarah fal-os recolher a lingua.

!?

*Segunda meditação* — Mas, excepcional e activa, trabalhou a lingua do Gato, do Gato-forte, do Gato-manso, do bom-Gato. Que haverá de singular na lingua d'aquelle gato?

!?



*Terceira meditação* — *Ella* tinha nos cabellos aureos um diamante de 60 contos. Está escripto — e eu li.

Vae d'ahi, puz-me a pensar em que o bom e illustre Guilherme d'Azevedo não deixou espolio, que lhe desse herdeiros; e, como eu estivesse em maré de pensar, pensei no bispo de Vizeu a indicar os moveis — para pagar as dividas.

!?

*Quarta meditação* — E ao vêr o jornal do Baltar consagrando columnas e columnas de transcripções lórpas e de originalidades sandias ao caso — Sarah, lembrei-me de que o farrapo-jornalístico só pudera dispôr de meia columna a proposito de Guilherme d'Azevedo, ao registrar a sua morte.

!?

*Quinta meditação* — O citado órgão de Baltar assevera que *ella* teve phrases de galanteria e de espirito e cita uma d'essas phrases:

— « Jamais je n'oublierai Lisbonne et son public. » —

Em que estado terá elle a cabeça — o noticiarista?

!?

*Sexta meditação* — E como fosse archi-mentirosa, falsissima a morte de Margarida na DAMA DAS CAME-



LIAS, os meninos-naturalistas applaudiram furiosamente em homenagem á *escóla*.

Que farão *elles* na *escóla* — os meninos-naturalistas?

!?

*Setima meditação* — E era o Gato, o bom-Gato, o Gato-forte, o Gato-manso quem no Gymnasio apresentava á Sarah litteratos de varias côres.

Que litteratos, tão passivos! Que Sarah, tão tolerante! Que bicharoco, tão atrevido!

!?

*Oitava meditação* — E foi ao Gato, ao bom-Gato, ao Gato-forte, ao Gato-manso que ella dirigiu epistola de despedida ao publico e á imprensa jornalística.

Que diabo de reinação!

!!!

*Nona meditação* — E na *gare*, á despedida, *ella* teve uma phrase prodigiosa: — *Je vous remercie de tout mon cœur!* E parece que alguem ouviu outra phrase que ultrapassa os limites do espirito humano:

*Au revoir, j'espère!*

!!!

*Decima meditação* — E *ella* irá convencida de que recebeu as homenagens da litteratura portugueza.

.....



*Post scriptum* — O idiota do terceiro andar veio hoje pedir-me cinco tostões para o jantar da familia. Tem mulher e tres filhos; — todos elles, os cinco desgraçados, viram a Sarah durante as tres noites, e foram á *gare*, a ouvir a ultima phrase d'espírito d'aquella espirituosa creatura. Para esses excessos de *deboche*, o pae levou ao *prégo* o relógio e a cadeia e tambem levou o guarda-chuva. Disse-me o desgraçado: — « Deram-me uma bagatella por tudo; e o homem do *prégo* explicou-me o caso, dizendo-me que não tinha mãos a medir... »

Homem que diriges o hospício de Rilhafolles! Se todos *elles* lá fossem, não terias mãos a medir!

---

O da *Lucta* escreve:

« Um revolucionario parisiense, chamado M. Jules Vallés, candidato para as proximas eleições, respondeu o seguinte ao convite em que lhe participavam a sua candidatura, etc. »

*Um revolucionario chamado Julio Vallés!... Ó grande espirito e grande coração dé Vallés! Como se chamará aquella besta que espoja a ignorancia na rua de Entre-Paredes, no Porto?!*

E ahi estão as patas que manejam a penna jornalística na maioria das gazetas conservadoras!

*Puh!...*

---



A alimaria catholica que se intitula *A Cruz do Operario* e que é apenas a cruz da grammatica, do senso-commum e das algibeiras d'algum pacovio, zurra (modo de dizer):

« Os socialistas que residem na Suissa e sobretudo em Genebra estão altamente indignados por *temerem a expulsão d'estes terretorios*. É grande a pressão que sobre elles *exerce o governo helvetico e todas as nações* do Norte, *receiosos* de que a Suissa continue sendo um fóco de conspiração contra os soberanos e ordem social. »

Esta bestiaga empina-se contra a Suissa — fóco de conspiração, e quer, pelos modos, a *expulsão dos terretorios*. Vejam se aquella noticia não é a taboleta d'um fóco d'asneiras, e depois digam-nos se Portugal não está sendo um fóco de jesuitas pulhas (desculparão o pleonasmo) que acceitam nas suas « cruzes de operarios » a collaboração dos guardas de latrinas.

Larga a Suissa, idiota!

---

Nas *Instituições* lê-se em artigo editorial: quer isto dizer — no lugar d'honra — os seguintes trechos de confissão geral:

— « Attentemos philosophicamente... »



(Elle vae attentar *philosophicamente* — o jornalista:)

— « Imaginae o que seria para nós uma guerra europeia, que aliás póde surgir de um momento para o outro, attentas as relações pouco agradaveis da França com a Italia, e as aproximações diplomaticas d'esta com a Allemanha, e da Russia com a França. Se tal catastrophe se dêsse, o que succederia a Portugal, que todos os mezes precisa de pedir emprestados de 500 a 600 contos para occorrer ás exigencias indeclinaveis e imperiosissimas da sua administração?

« Um paiz, que está em taes condições financeiras; um paiz que abre os braços afflictissimo aos seus filhos e lhes pede com ancia remedio e salvação — não tem direito a que lhe acudam, a que olhem por elle, a que o salvem?

« E conseguir-se-ha isso com discursos ôcos, com obstruccionismo systematico, com *descomposturas soezes*, com *recriminacões constantes*, com philippicas apimentadas, com intrigas nojentas, com insidias torpes, com incompatibilidades injustificaveis, com emulações vergonhosas? »

(No partido progressista haverá talvez quem negue a este seu confrade da imprensa monarchica e co-defensor das instituições — sem grifo — a auctoridade para condemnar as *descomposturas soezes* e o resto. Principalmente *Menelao* e o *da mulher-ao-poço* e os principaes vultos da *Corja* hão de achar desaforada a pertençaõ. Mas elle, o jornalista, diz mais:)



« Hontem eramos talvez o mais apaixonado: hoje somos o que mais exora a todos os homens de valia politica que esqueçam todos os resentimentos na conveniencia do povo e do paiz. »

(Que *Menelao* e toda a *Corja* (vide o *Espectro da Granja*) se lancem nos braços do homem! Seja por amor do paiz! — Mas elle interpellando-os maguado:)

— « Ainda não estaes reciprocamente bem desacreditados? Ainda pertendeis descer mais no conceito publico?

« Bradamos acaso no deserto? Ninguem nos secunda no esforço patriotico de avigorar as instituições?

« PACIENCIA! »

(Agora, veja o bom Zé-Povo como o defensor das instituições attenta *philosophicamente* nas boas obras que devemos ás suas queridas:)

— « Abre-se e fecha-se o parlamento sem que d'elle saia uma medida salvadora!

« Tributos, mais tributos, sempre tributos!

« Tratados, *tratadas*, syndicatos!

« E as despesas a crescerem!

« E o *deficit* a engordar!

« E a miseria a bater á porta de muitas classes infelizes!

« E os generos a encarecerem! E as rendas das casas a subirem! E o povo a pagar mais sem ganhar mais!



« E o contrabando a inundar o paiz!

« E o *phylloxera* a devastar regiões vitícolas das mais ricas do paiz!

« É de tudo isto que resulta o *mau estar* que leva o povo desesperado a desejar mudança na forma de governo; sim, porque, por mais pacifico que seja um povo, por menos exigente que seja, elle não póde contentar-se nem com um decreto que prohibe só em certos pontos do paiz a cultura do arroz, o que importa para elle a necessidade de o comprar no estrangeiro e consequentemente mais caro, nem com outro que regula a concessão das condecorações a subditos estrangeiros!

« Além dos impostos geraes, pesam sobre o povo os municipaes, agora aggravados com a despeza da instrucção!

« A situação do contribuinte é em verdade angustiosa. *Homens de prestimo*, acudi-lhe. Fítæ a sua desgraça, e sêde patriotas sacrificando-lhe as vossas velleidades e os vossos resentimentos. » —

Parece que, ainda por cima de tudo aquillo que o campeão da fé nos descreve e que devemos ás instituições que elle defende, ha ideia de nos mandar nova legião de *homens de prestimo* — a *acudir-nos*. Attentemos *philosophicamente*, como o outro.

---

Nas *Instituições* — no artigo de fundo — vejo as seguintes phrases:



— « Desenganem-se: sem respeito á lei não ha sociedade possível!

« O que succede em Portugal não é liberdade, é licença!

« Jornaes de caricaturas, publicações especiaes expõem ao ridiculo e á irreverencia do povo tudo quanto symbolisa o principio da auctoridade publica, desde o Rei até ao cabo de policia! As *vitrines* das lojas estão cheias de estampas grutescas, nas quaes nem as mulheres são poupadas! O povo pára aos magotes para saborear o escandalo, para o ruminar, para se repapejar (?) n'elle!

« Isto deve ser permittido? » —

Já se vê que tem de ser permittido. Se não querem ser expostos em situações desgraçadas, não se colloquem n'essas situações; se não querem que o povo ria, não se tornem ridiculos; se querem o respeito á lei, não sejam os primeiros a desacatal-a; se não querem, os defensores da monarchia, que o povo considere o monarcha um protector de malandrins, não ponham nos hombros d'esse homem *a capa de ladrões*; se não querem que o parlamento seja considerado uma praça de touros, não dêem touradas os parlamentares; se desejam que o povo os não considere infames, não sujem a magistratura com a nomeação de obscenidades ambulantes para os logares d'ella, nem façam dos covís da travessa da Espera baluartes das instituições; se não querem ser escarnecidos, apparentem, ao menos, a vergonha que não possuem...

O mesmo articulista faz observar amargamente:

— « Vá lá alguém em França caricaturar o pre-



sidente da republica! O ultimo, que o tentou, foi logo expulso d'aquelle paiz!» —

Apoiadissimo! Se o presidente da Republica é um cidadão benemerito e um magistrado dignissimo, o caricaturista, que o expõe á irrisão, é um canalha, e a arma que maneja deve-lhe ser quebrada. O *campeão da fé* percebe tudo isto; mas é bom commentar-lhe a prosa para aviso á santissima ignorancia.

Diz, no Porto, um localista:

— Delmira foi recebida em Lisboa *favoravelmente*.

Emenda, em Lisboa, outro magico:

— Delmira foi *esplendidamente* recebida!...

Se ella está tão gordinha!

Ainda das *Instituições*:

«Se o governo evitar cuidadosamente tudo quanto possa servir de modo justificado a queixas e clamores contra esse systema, póde até certo ponto ir ao encontro das aspirações populares, e annullar promptamente a propaganda socialista. Para isso o principal meio é a moralidade no poder. Se a disposição sacratissima da Carta — que estabelece a igualdade de todos os cidadãos perante a lei — fôr religiosamente cumprida: se acabarem os privilegios injustificaveis dos influentes eleitoraes, dos calotei-



ros da fazenda, e de toda a pandilhagem que vive exclusivamente da politica facciosa — o povo será o primeiro a não querer mudança de instituições. Se, por outro lado, o dinheiro do contribuinte fôr por tal modo zelado que acabem as escandalosas accumulações de ordenados e gratificações, que deixem de existir as sinecuras rendosas e não trabalhosas: se a mais stricta economia nas despezas publicas impedir todas as explorações mais ou menos artificiosas dos dinheiros publicos — o povo ha de bemdizer o actual systema de governo, e não mais auxiliará com o seu concurso a conspiração latente contra elle. Cuide-se do povo, que elle saberá agradecer-o. Creiam-n'ó. »

.....  
Dizia-me hontem um desalmado:

— « Este diabo até parece que falla sério, Deus lhe perdoe!... » —

Bom *Zé!* descança que elles vão tractar de ti. Ainda tens camisa, patife? Pois larga-a, que o Systema faz-te presente d'uma duzia d'ellas: já estão na engommadeira...

—  
A proposito de Sarah Bernhardt:

— Vossé lembra-se da Emilia da Neves?

— Bem sei. Falsissima!

— Quer dizer: fóra da verdade?

— Justamente.

— E a Sarah? Vossé já viu morrer *assim* um tísico?



— Ah! mas o talento?...

— E a Emilia não o tinha?

— É verdade... mas...

— Mas?

— Sim... quero eu dizer...

— Diga!

— ...

— Ora, p...ois!

(Peço aos *críticos* risonhos que não me préguem dois coices. Eu não sou Emilia das Neves: possuo um chicote de pita embreada, que é mesmo uma consolação!)

A esta hora, se não mente a folha do conspicio cidadão Baltar, está no Porto o snr. visconde de Figueiredo, com um sequito de vinte e quatro pessoas. Os apontamentos que possuo ácerca d'este visconde foram colhidos na citada folha do cidadão supra. Rezam:

— « O illustre titular é o primeiro banqueiro da praça do Rio de Janeiro, sendo por isso e pelos seus dotes pessoaes muito considerado n'aquella cidade. » —

Com o respeito devido a um homem que hospéda vinte e quatro figuras no Grande Hotel do Porto, sempre direi ao *illustre titular* que não se fie nos dizeres do *aquelle*. E dado que s. exc.<sup>a</sup> candidamente se incline á confiança, eu mando para o hotel uma proposta:

— Pégue o snr. visconde nos seus milhares de contos e distribua-os pelos infelizes; em seguida,



revestido dos *seus dotes pessoas*, com o accrescimento da generosa distribuição, apresente-se ao cidadão Baltar e peça-lhe que publique uma local de tres linhas communicando ao publico a sua mudança — do *Grande Hotel* para a *Mattos* (um cruzado por dia, com vinho maduro)...

Fuja, snr. visconde! Lá vem o rodeiro com um cacete!

Mas, não faça isso. Faça outra coisa. Guarde os seus milhares de contos; pégue nos *seus dotes pessoas* e mande-os ao diabo. Troque a vida bancaria pela escravatura; fabrique moeda falsa e porcarias jornalisticas; depois, com tudo isso e com os tres mil contos, ou quantos são, mande chamar o cidadão Baltar — e que não esqueça o canéco...

Agora dê-lhe uma surra!

.....  
Lá está elle a rir-se, o Gaspar... *An! An!* Pois já se deixa vêr!

Do comprido *Augusto Ribeiro* <sup>1</sup>:

— « O *indigena* sente por Sarah uma admiração estranha e vel-a-ha fallar, com pasmo, sem a enten-

---

<sup>1</sup> Este *jornalista* é ferocissimo no terreno das classificações. Assim, no dizer de sua mercê, o auctor d'este livro é um *moço intelligente* e o illustre jornalista Emygdio d'Oliveira é um *intelligente moço*. Estas cruezas estampa-as o snr. Augusto em correspondencias de Lisboa para o *Dez de Março*, folha portuense.



der. Os commentarios deverão ser adoraveis. O *bourgeois* rico que comprou um *fauteuil* para se dar ares, deve passar horas angustiosas e não terá a coragem de resistir ao somno, mas em compensação terá o prazer de proclamar *bem alto* que para vêr a Sarah Bernhardt gastou *bem boas* libras. » —

Este sujeito, que se dá ares de artista em face dos burguezes ricos, vae rabiscando biographias comicas no jornal *Commercio e Industria* — uma especulação ridiculissima.

E, afinal, — é preciso dizel-o bem alto! — elle não é artista nem burguez dos taes: — não tem talento, nem dinheiro.

Uma comprida desgraça irreparavel!

Aquilatem, meus bons amigos, a pouca-vergonha d'estes aspirantes a official-maior de qualquer porcaria publica:

Diz o já citado *Augusto Ribeiro* — noticiarista e progressista:

— « As *Instituições* accentuaram o seu character de opposição ao gabinete. » —

Dá a noticia como de coisa importante. Já *lhes* serve para alliado o ex-redactor do *Espectro da Granja*, de quem diziam horrores e de quem recebiam vergastadas.

A pouca-vergonha já não escorre. Immobilisou-



se alli — á beira da monarchia que estes safardanas dizem defender.

Se eu tivesse confiança com esse bom homem da Ajuda, não hesitaria em dizer-lhe que os seus maiores inimigos são os seus *defensores*. Mas o bom homem já o sabe naturalmente.

Depois, eu não tenho nada com isso.

---

Recommendando um livrinho de versos do snr. conde de Sabugosa, diz o *Diario de Noticias*:

— «Pela nitidez e simplicidade da phrase vasada n'uma fórma synthetica, amena e perfeitissima, e ainda pela indole boa e ingenua, ás vezes brevemente maliciosa, das lendas, de um sabor romanesco e medieval, que constituem muitos dos poemetos, parecem galvanizados na escola de Garrett, quando não trajam as opulencias de Heine, as galas de Musset, ou se não confundem com as balladas de Hugo, e inspiram da veia ridente e sarcastica de Béranger.» —

O snr. conde de Sabugosa é pois Garrett, quando não é Heine, e é Musset, quando não é Hugo ou Béranger. O joven titular é capaz de nutrir duvidas, pois que o *aquelle* da rua dos Calafates tem os fóros criticos muito polvilhados de troças. Nós diremos confiadamente a s. exc.<sup>a</sup> que não hesite em nutrir. Olhe que o *aquelle* tem aduêla de menos!

Perdoe s. exc.<sup>a</sup> o plebeismo.

---



No *Diario de Noticias*, o individuo — ou como se possa chamar — que *faz* a critica theatral lyrica — ou como se possa dizer: — esse cavalheiro diz da alludida folha:

— « O *Diario de Noticias* é folha puramente noticiosa. » —

Em homenagem aos dictames da nossa consciencia, vae a seguinte emenda por nossa conta:

— « O *Diario de Noticias* é folha *impuramente* noticiosa. » —

E ficamos n'isto.

---

O *Diario de Noticias* tem a sua opinião sobre o *Othello* e sobre o desempenho do mesmo. Ahi vae o specimen:

— « Brazão perfeitamente á altura do difficil personagem que tinha de representar, foi ainda mais para notar-se na declaração do casamento a Brabancio, e perante o doge de Veneza e em todas as violentas scenas de ciumes, onde traduziu os terriveis lances de um espirito horivelmente torturado e que convulsiona sob as revelações perfidas do cynico Yago. A scena final, que tão difficil é, mostra claramente quanto n'elle podem a arte e o talento. » —

Parece obra de um idiota puro, está bem de vêr. Mas, um caso engraçadissimo é o seguinte, que naturalmente aconteceu (ou não?):

Dizia alguém na presença do *dramaturgo* Ferreira de Mesquita: — « Vejam lá para que serve a



um homem o ser Shakspeare: para inspirar tolices d'este calibre (indicando as do *Diario* supra)!

*Vae d'ahi*, o *dramaturgo* Ferreira de Mesquita, d'olhos em alvo, disse assim: — « É verdade: vá lá a gente ser Shakspeare!... »

Tambem é do *Diario de Noticias*, e podia ser d'outro:

— « Clemente Alves, soldado da bateria de artilheria na Guiné Portugueza, estava cumprindo n'aquella colonia a pena de tres annos de deportação militar, a que havia sido condemnado na metropole pelo crime de deserção, quando foi mandado para fazer parte de uma columna de operação contra o gentio rebellado. No dia 10 de abril de 1880, pelas 10 horas da noite, entrando de guarda á luneta de Buba, abandonou o seu posto de serviço e nunca mais appareceu na Guiné. Disse elle no tribunal que vendo-se alli sem recursos de especie alguma, rodeado de doentes, desprovido de mantimentos, resolveu fugir, preferindo ser morto em qualquer parte, a succumbir á fome sob a bandeira portugueza. Nunca se viu tamanho desprezo pela patria, nem tanta falta de camaradagem! » —

Isso, que ahi fica, é do *Diario de Noticias*. Cumpre notar que o soldado foi condemnado a sete annos de deportação militar, ainda depois da fome, do desterro e da censura que o *aquelle* da rua dos Cala-



fates lhe dirigiu — de barriga cheia e de caréca no *Album das Glorias*.

O soldado é capaz de estranhar que os *poderes publicos* (puh!) o arrancassem ao seu trabalho e á sua independencia relativa, para lhe darem a bella vida que elle tem levado. Falta de camaradagem, já se vê! Desprezo pela patria!

Este mundo está cada vez mais pulha!...

---

Das *Instituições*:

— «O *Intransigent*, chegado hontem, noticia que o governo francez resolvera, em conselho de ministros, apresentar ao parlamento um projecto de lei auctorisando a suppressão dos jornaes, estampas ou outras publicações que contenham offensas, obscenidades e injurias.

« Muito bem. » —

Muito bem?! E então as referencias a *Mene-lao*?!

Muito bem?! E então, as injurias diarias aos progressistas, hontem, e hoje aos republicanos?

Muito bem?! E então as bellas instituições monarchicas, que não offerecem garantias contra as injurias, recebem agora mais uma lição do governo republicano? E é o campeão monarchico quem o confessa?

Pois, muito bem!

---



Das *Instituições*:

— « Os snrs. Thomaz Ribeiro e Hintze Ribeiro são dois ministros mortos. Podem estorcer-se á sua vontade na horrivel agonia, para vêr se escapam á morte ingloria, mas o stertor já entrou com elles. » —

Se estão mortos, não se podem estorcer — nem á sua vontade, nem contra ella. Fóra com as calindas!

Vejo no *Diario Popular*:

« A congregação do index expurgatorio condemnou a leitura de varios livros modernos, entre os quaes se citam: a *PHYSIOLOGIA MODERNA*, de Herzen; *PIO VII E OS JESUITAS*, do abbade Chailot, e *MARCO AURELIO*, de Ernesto Renan. » —

Quero augmentar, se é possível, o alegrão do padre Senna Freitas, mais o da burricada bracarense: — Vou mandar vir os tres livros indicados e offerecer os melhores trechos, traduzindo-os, ao *Zé-Povo* do torrão occidental.

Amiguinho Senna! Toda a luz é pouca sobre esses patifes das missões. São peiores do que os cães damnados!

É verdade que as beatas são peiores do que as cadellas.

Zurrae, fieis!



PARA MADRID.<sup>1</sup>

O excellente jornal do Porto *A Folha Nova* possui, entre os seus collaboradores, o primeiro correspondente e o ultimo: Jayme de Séguier e o *Gonçalo Reparaz*. Este Reparaz é vergonteia d'outro Reparaz — auctor da *RENEGADA*, por alcunha *O Renegado* e por corrupção (salvo seja!) *Arrenegado*. O Gonçalo é pois — o *Arrenegado Junior*. Não te arrenegues, Gonçalinho, meu amor!

Ora, Gonçalinho Reparaz Arrenegado Junior tomou a peito derramar na *Folha Nova* as escorrencias da sua furia castelhana e da sua charra inutilidade atrevida. Parece que tem na alma *hypothetica* os tacões de todas as botas que no Porto saudaram ruidosamente a opera do senhor seu pae — Arrenegado Senior. É feroz; e tal ferocidade destôa da plastica gentil de Arrenegado Junior, que o mesmo Porto admirou desde o jardim de S. Lazaro á rua do Captivo. Bem que o delicioso moço furte aos nossos afagos o seu todo tão perfeito que por alli fez as delicias dos cafés *borgnes*, importa consolar o triste, aplacar o furibundo, dar um calmante ao esquentadiço. Sua mercê está ainda no periodo em que os seus congeneres se torcem; mais tarde ficaria feio e duro, como este mundo de desolações.

---

<sup>1</sup> No *Jornal da Noite*; fevereiro, 1882; com o pseudonymo *Sancho*.



Beba... escusa de assoprar — que está morno.

\*

Gonçalinho Reparaz Arrenegado Junior leu o *Protesto* inserto no *Jornal da Noite* a proposito das grosserias de outros Gonçalinhos, e poz na cabeça gentil os pés de cima, n'uma irritação que me deu sustos, emquanto não descobri, na prosa do pequeno, desdem misericordioso pelas misérias de Portugal. Sim, porque o Gonçalo assevera que ninguem leu o *Protesto* e que ninguem pensa em coisas d'este réles paiz, d'esta *colonia ingleza*, lá na patria amada dos Gonçalos — de Cordova e do café do Lobo: ninguem, senão elle, que tem na alma os tacões das botas que festejaram no Porto a coisa de Renegado Senior! É tola mentira gratuita. Lá está uma gazeta de Madrid, guiada pelo *Protesto*, a pedir os nomes dos pobres-diabos que latiram contra a nossa risosinha serenidade. *Ninguém se importa comnosco*. Não está bem: Gonçalinho devêra escrever: « *Ninguém importa-se com Portugal* ». O *ninguem* é elle, que tem na alma os tacões das botas que no Porto festejaram a coisa do Arrenegado Senior. *Portugal é uma colonia ingleza*. Não o crêem tanto quanto dizem crêl-o os que preferem, para Portugal, as venturas que está fruindo a Galliza.

*Em Hespanha ninguém se importa comnosco*. Se o snr. Gonçalo Reparaz Arrenegado Junior não mentiu quando asseverou, ha tempos, a sua intimidade



com Fernando Garrido, sabe que este illustre publicista acaba de advogar, n'um livro bem conhecido em Portugal, as vantagens da *União ibérica*; e se o joven Arrenegado considera Fernando Garrido uma excepção condemnavel, ha de permittir que eu considere a sua arrenegada pessoa uma excepção de parvoices. Todos nós, portuguezes, sabemos que ninguem nos quer; mas ao primeiro movimento politico em Portugal, a outra sente-se convulsa,

*E crendo que era algum bago  
Volta depressa o focinho.*

Não quero aggravar os melindres do candido donzel que põe nodoas inequivocas na excellente *Folha Nova* do Porto. Quando me refiro a focinhos, dou de mão ao illustre pimpolho arrenegado e comico. Sua mercê não tem a consciencia de seus dizeres; é um papagaio de feição parvo-gaiata. Os vizinhos córam, mas não incommodam a policia. Paz ao irresponsavel!

✱

Todavia, pois que o joven Arrenegado Junior tem no coice uma *troupe* de arrenegados, por igual comicos e superiormente velhacos, importa dizer ao innocente mais duas palavras repletas de misericordia.

O *Protesto* não era do *Jornal da Noite*. Ao joven arrenegado cumpria lêr o numero immediato ao



que continha aquelle artigo. Leu, decerto, mas fez-se mais Gonçalinho do que triste e realmente é. Com mais parvoice e não menores tendencias á malignidade, o gentil arrenegado espoja (modo de dizer) a colossal ignorancia sobre uns versos de Gomes Leal. Acha que o *Verbo* só póde ser o *verbo divino* ou um *verbo da grammatica*. É interinamente mais burro do que homem o gentil hespanhol (salvo offensa á Galliza!). O *Verbo* é a *palavra* e, conseguintemente, estranho aos preoccupados no zurro. Não me apraz suppôr que a Hespanha desconhece o verbo; mas quando uma especie de hespanhol escreve sandices na sombra de homens publicos de Portugal, que eu não defendo, apraz-me indicar á especie de hespanhol supra as VIAGENS DO CHIM DAGAR LI-KAO. Leia sua mercê arrenegada essa obra d'um seu patricio illustre, e se lhe escasseia a vergonha, peça a Reparaz Senior que lhe envie prudencia na ponta da bengala com que sua mercê, immoralmente innovando, péga, em Hespanha, para ensinamento e corrupção do mundo.

É de presumir que o joven arrenegado cada vez mais se arrenegue e aepine. Bom será que tal succeda: ha aqui um resto de receita, que aos bons principios de economia domestica importa applicar inteiramente. Queira sua mercê respingar; as papas estão ao lume...



Referindo-se ao DICCIONARIO POPULAR — uma preciosidade dirigida pelo snr. Fernandes Costa, na falta do snr. Pinheiro Chagas, — a *Correspondencia de Coimbra* regouga estas bellezas:

— « ... *Mas* o DICCIONARIO, mencionando a traducção (de LA DUCHESSE DE LANGEAIS de Balzac, por Theophilo Braga) não faz caso do prefacio, escripto erudicto, (*com c!*) valioso, de profundo estudo, *que* traduz o *ensemble* da idéa *que* presidiu ao grande tomo (!) da COMEDIA HUMANA, *que* em livros dispersos, e sob differentes titulos, nos dá o drama e a comedia da vida franceza, n'uma analyse rigorosa de muita observação.

« *Mas* isto nada significa...

« Depois enumera as mais (!) traducções portuguezas, esquecendo algumas feitas (!) em folhetins na *Actualidade*, como é por exemplo as dos pequenos romances UNE DOUBLE FAMILLE, UNE (*Une!*) ÉPI-SODE SOUS LA TERREUR, etc.

« *Mas* isto é o menos. Ninguém póde attentar miudamente em tudo o que se publica n'esse grande labyrintho que se chama imprensa periodica.

« *Mas* ignorava o DICCIONARIO a traducção da EUGENIA (da EUGÉNIE) GRANDET, feita pelo snr. Silva Pinto?

« Permitta-se-nos a duvida. Certamente o auctor do artigo leu, como amante das boas letras, as NORTES DE INSOMNIA do snr. Camillo.

« Ahi se falla da referida traducção com um certo escandalo, que podia não interessar o publico, mas que de certo foi saboreado pelos litteratos.



« Mais ainda. Como collaborador do DICCIONARIO figura um individuo, que toma parte immediata na sua direcção, que foi chamado a publico n'um prologo que acompanha a traducção da EUGENIA (da EUGÉNIE) GRANDET.

« A este respeito talvez se faça necessaria uma declaração. Não vimos defender o snr. Silva Pinto. Não somos nem pela sua pessoa nem pela sua litteratura. Estas palavras que ahi deixamos significam tão sómente que nos penalisa que o DICCIONARIO POPULAR revele em pequenas coisas uma animosidade litteraria, que póde satisfazer a caprichos, a vaidades, insignificancias, mas que não revela certamente a justiça e a imparcialidade que havia a esperar d'uma publicação n'este genero.

« Esta omissão podia passar desaperccebida para o publico, mas não acontece assim aos que se entregam á vida das letras, que conhecem os antecedentes e que por elles julgam muitos factos. » —

O auctor do sarapatel que ahi fica chama-se *Sergio de Castro*. Como se vê é litterariamente um sapateiro de escada. Aquelles *mas*, aquelles *que*, aquella mixordia que alli deixamos annotada é original d'elle — do remendão. Esteve em Coimbra dezoenove seculos, a desemburrar-se — dizia a familia — e cada vez mais burro! Era o instincto, a natureza, a cascaria, a hereditariedade, o diabo que o carregue!

Que o snr. Fernandes Costa deixasse em claro a minha traducção da EUGÉNIE GRANDET, ao elaborar o Diccionario bôrra, caso era para mim tão insignificante como a queda de um ministerio grego. Eu não



chegaria decerto a orientar-me sobre a malevolencia do dicionarista Fernandes Costa se um amigo de Peniche me não mettesse á cara as sandices do *jornalista Sergio*. É claro que perdoei ao amigo de Peniche e ao Sergio e á P...rovidencia que os p...roduziu; mas não me dispenso de anotar, jovial e risinho, as negruras do Sergio melancolico. O bólas tem palpitações; levemos-lhe o bromureto de potassio a dentro do bojo polluido!.

O snr. Camillo Castello Branco não se referiu á minha traducção da EUGÉNIE GRANDET, nas suas NOITES DE INSOMNIA, nem n'outra qualquer publicação. Se o Sergio *saboreou* o escandalo como litterato, está o Sergio na graça especial do bom deus das alimarias candidas. O snr. Camillo não sabe, eu não sei, o publico e os litteratos não viram, e o Sergio *saboreou*! Pois que tão perspicaz se me antolha em coisas de sabor, hei de envial-o a um bom lavroste do Porto que faz diariamente acquisição de adubos — pelo cheiro — e que assaz deplora a intolerancia do paladar que lhe não permite analyse consciente.

É um candongueiro de asneiras e de chanfana letrada bordalenga este bórra-botas! Despojou-se, alli na travessa da Queimada, do barrete phrygio dos clubs republicanos e embrulhou na lã vermelha encebada a pouca vergonha e os pouquissimos miólos que um Deus de contrabando lhe deu. No enxurro dos *jornalistas* alugados não deriva mais triste desgraçado a esvurmar porcarias entre gargalhadas. Quando não ousa encarar os bons tolerantes de outras éras, dá-lhes a garupa e, se o não sóvam por lastima, desfaz-se em coices. Suja miseria! Aquillo,



durante alguns annos latiu na direcção da terra onde me suspeitava a existencia — a vinte leguas do seu bojo. E eu, cheio de misericordia, largava-lhe rédea, afim de que elle pudesse coçar as mataduras da lombada suja. Não coçou, nem agradeceu: reincidiu. Aqui lhe deixo, como variante ao *coup de grâce* medieval, este sonoro pontapé moderno — e jacobino!

No *Diario Popular* de 3 do corrente <sup>1</sup> apparecem as tristes parvoices que em seguida publicámos:

— « Apresentamos hoje aos nossos leitores uma serie de contos do snr. Lopes de Mendonça, já conhecido em o nosso mundo litterario pela sua formosa composição dramatica: — A NOIVA.

« O conto, breve, rapido no entrecho e na acção, conceituoso e simples, incluindo sempre um principio de philosophia ou de moral, é para a prosa litteraria o mesmo que o soneto é para o verso: quer dizer, difficil, muito difficil.

« E tanto que as litteraturas mais cultas, riquissimas em theatro, em romances, e em poemas, como a franceza, a ingleza, a italiana, a hespanhola, etc., são pobres no genero novissimo: o conto.

« E apenas privilegiados logram crear a reputação d'um volume de contos, como Poe, Dickens,

---

<sup>1</sup> Março de 1884.



Hoffmann, Karr, A. de Musset, Trueba, Zola e poucos mais.

« Isto significa que o escriptor incipiente, que se arroja á temeridade de uma estreia n'este genero, raro vence as difficuldades que o assoberbam.

« Entre nós, se exceptuarmos os CONTOS SEM ARTE de D. José de Almada, os de Rodrigo Paganino e os de Pedro Ivo, pseudonymo d'um escriptor portuense, que encerrou n'um volume admiravel de contos primorosissimos o seu grande talento, pois que nada mais escreveu digno d'aquella brilhante estreia, todos os demais teem tido a vida ephemera das rosas de Malherbes.

« O snr. Lopes de Mendonça, porém, estreiou-se auspiciosamente n'este genero delicado, e crêmos, que tendo em vista a singeleza, elegancia e concisão do estylo, de que usa, e a indole d'estas composições tanto reclama, que será o digno continuador do nome glorioso, que herdou. » —

E nada mais.

Está claro que no mesmo numero do *Diario Popular* vem um conto — em folhetins — do snr. Henrique Lopes de Mendonça. Ao conto se referem as parvoices.

O conto do snr. Lopes de Mendonça é uma banalidade á altura de cem outras que diariamente por ahi surgem; mas não merecia a triste sorte de vir ao mundo em companhia de tão miseravel recommendação.

Na local intrusa, que tem o carimbo da litteratice pôdre de ha trinta annos, cada linha é uma as-



neira. Mas ha um fundo de velhacaria saloia, e d'esse fundo fallaremos.

Admirem estes primores:

— « O conto incluindo sempre um principio de philosophia ou de moral é por isso difficil, muito difficil. » —

Que idéa fará de philosophia ou de moral este diabo? Onde irá elle descobrir um pedaço de prosa (conto ou léria) que não encerre um *principio de phi-lo-so-phia* ou de *mo-ral*? Pois se na prosa lerda e palurdia do localista, lá mesmo, nós vemos *mo-ral* ás moscas e *phi-lo-so-phia* á fava!

Andando:

— « Poe, Dickens, Hoffmann, Karr, A. de Musset, Trueba, Zola e poucos mais são os privilegiados, etc. » —

Os contos de Poe e os de Hoffmann, estão n'um logar perfeitamente distincto; mistural-os com outros é insensatez; Karr está longe de se recomendar pelos contos; Dickens é, principalmente, um romancista; A. de Musset, o prodigioso dissidente da escola de Hugo, é tudo o que quizerem, menos um *contista*; Trueba é heroe na sua rua e Zola está mil *furos* abaixo de A. Daudet na especialidade a que se refere o parvonez.

Adiante:

— « Se exceptuarmos os contos de D. José d'Al-



mada, os de Rodrigo Paganino e os de Pedro Ivo, todos os demais teem vivido a vida ephemera das rosas de *Malherbes*. » —

Esta allusão ás rosas de *Malherbes* é d'uma novidade que deixa a perder de vista o LIVRO DE JOB e o TALMUD. Mas o *Malherbes* é tolice; o parvonez queria dizer *Malherbe* — se não queria dizer *Malesherbes*. Ou ainda não sabe o que queria?

Para diante:

— « O conto é um genero novissimo. » —

Decerto! Já o illustre e escouceado Luiz XI chamava novissimos aos *Contos*, quando escrevia os seus, alli pelo seculo xv. É verdade que o Boccacio (um a quem o *sabio Pinheiro Chagas* chamou *Boccace*) tambem achava novissimos os *contos*, ahi pelo seculo xiv...

Ora, é preciso acabar com isto, antes que se azéde a pachorra. Os contos do indigena Paganino valem tanto como os de D. José d'Almada e todos elles juntos valem quasi tanto como os de Pedro Ivo — que não valem coisa alguma. São mixordias, lérias cebaceas, bolorentas ao nascer, putrefactas ao terceiro dia e varridas para o enxurro do esquecimento. Vir fallar d'essas miserias a quem viu Os SERÕES DA PROVINCIA de Julio Diniz, o primeiro volume da COMEDIA DO CAMPO de Bento Moreno e, superiormente, os CONTOS de Fialho d'Almeida — não é ter poucos miólos: é não ter nada d'isso absolutamente;



e quem não tem miólos não faz locaes; faz bôlhas de sabão — da propria bôlha.

Juizo e cabeça fresca!

O admiravel typo do *conselheiro Accacio*, descoberto pelo nosso grande romancista Eça de Queiroz, reapparece-nos hoje 9 de março de 1884, desdobrado em duas entidades no impagavel *Diario de Noticias*. O conselheiro Accacio chama-se hoje, 1.º — *O conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares*; 2.º — *O visconde de Benalcanfor*. O primeiro escreve um livro, o segundo um folhetim sobre o livro. A obra de Accacio Soares chama-se CONSIDERAÇÕES SOBRE O PRESENTE E O FUTURO DE PORTUGAL. A obra de Accacio Benalcanfor reproduz o titulo da outra e opulenta os baixos da gazeta curiosa onde o *jornalista Mendonça faz critica* e nós fazemos o que Deus Nosso Senhor é servido...

Pitada em punho, — e a elles!

\*

A elles — de passagem: não sobeja o tempo, nem a pachorra, e estão alli outros á vez... O snr. visconde de Benalcanfor participa-nos que o snr. Nogueira Soares « tem uma solida educação litteraria e, portanto, elementos para escrever *com competencia* ». Ora quem escreve *com-com* não tem competencia para emittir juizo sobre a competencia dos



outros. *Com-com* é em extremo *pim-pim* e está pedindo *pum-pum*. O snr. visconde de Benalcanfor celebra este pedacinho de prosa do snr. Nogueira Soares: — « Não escapou, porém, á calúnia, se não forjada, pelo menos acolhida no remanso do gabinete diplomatico, onde tudo deve ser cuidadosamente pesado, á luz serena da verdade, na balança da justiça devida ás nações estrangeiras ». O snr. Nogueira Soares refere-se ao finado duque de Loulé, e o snr. visconde acha aquillo um *protesto nobilissimo*. Será nobilissimo e será protesto, pela intenção do snr. Nogueira Soares, mas é contraproducente, porque é ridiculo. Aquillo não é prosa (nem verso): é um picado de banalidades podres, muitissimo grutescas. « Cuidadosamente pesado á luz serena da verdade, na balança da justiça » coisa é que está pedindo troça de mil diabos. Parece uma quadra do snr. visconde de Santa Monica, — reduzida a prosa.

Pois não parece, minhas lindezas!?

O snr. visconde de Benalcanfor assevera, todavia, que diverge do outro, *em largueza de ideaes politicos*. Mas não diz a largueza dos seus. Prudente! Felicita o snr. Nogueira Soares pelo seu novo triumpho. Parece que o snr. Soares já deixa para traz mais algum triumpho de lei. Com (*com-com*) as habilitações litterarias que Deus lhe deu e o snr. visconde lhe descobre é de presumir que o snr. Soares não deixe de continuar a affirmar-se o Alexandre dos terriveis nós que a moderna Phrygia apresenta cegos e apertados. Deus lhe dé lume ao olho!



---

NÓS E A ALFANDEGA DO PORTO <sup>1</sup>

Esta *questão* foi ruidosa e fertil em commoções. Promettia vigoroso escandalo e severo correctivo ao jornalista que, desamparado e perseguido, se atrevera a applicar ferro quente aos lombos de alguns poderosos de Liliput. Mas o terror apoderou-se dos Goliaths sordidos na hora do promettido desaggravo. Fez-se a estagnação; sobreveio a indifferença, característica da nossa vida social; o jornal que fôra terreno de combate afundou-se á força de honestidade, e o jornalista, distraído por mil episodios de uma vida tempestuosa, só hoje pensou de novo no assumpto — para reproduzir os documentos.

Ahi ficam:

---

I

Promettemos consagrar alguns momentos de attenção a diversos factos de que tem sido theatro nos ultimos tempos a alfandega d'esta cidade. Desempenhamo'-nos hoje, em parte, da obrigação contrahida.

Em um dos dias da passada semana foi detido á

---

<sup>1</sup> No *Diario Portuguez*. Porto. 1877.



porta da sahida d'aquella casa fiscal, pelo respectivo empregado, um continuo do snr. Moraes Pinto d'Almeida, chefe de serviço da alfandega e ex-membro da commissão directora. Ao continuo, cujo nome ignorámos, foi apprehendida uma porção de fato, subtrahido aos direitos.

Houve escandalo. Fervilharam os commentarios e as interpretações mais contrarias e algumas por extremo audaciosas. Como quer que fosse, porém, o caso foi abafado na direcção e só vive na mente revoltada dos empregados honestos que assistiram ao tremendo desaforo.

Ha quatro dias, o empregado da porta da sahida apprehendeu (?) duas a tres arrobas de arroz, que, segundo o uso estabelecido, iam ser transportadas, como *varreduras*, para fóra da alfandega. Á patifaria vem associar-se n'este momento uma demão de comico. É uso sustentar nos armazens das alfandegas alguns gatos, destinados a livrar dos ratos de quatro pés — e só d'estes — os generos armazenados. Para sustento dos gatos existe uma verba mais do que razoavel. Pois bem, as tantas arrobas de arroz, transportadas, durante a semana, para fóra da alfandega e *vendidas nas immediações d'aquella casa*, são destinadas, no dizer dos industriosos, ao sustento dos quatro gatos dos armazens...

O honrado empregado, que recebeu por estes ultimos indigestão de marca, exigiu de um dos chefes de serviço ordem por escripto, que auctorisasse o transporte do arroz para o seu destino. A ordem foi dada, segundo crêmos, ao cabo de hesitações e altercações muito para commentarios risonhos, e o ar-



roz continúa a sahir, ás arrobas, dos saccoes dos seus donos para o deposito dos *receptadores*.

N'este ponto e sem alongarmos, por hoje, a serie dos desaforos, cumpre-nos entrar n'um terreno de breves considerações.

O actual director da alfandega do Porto, o snr. Bento de Freitas Soares, está longe de merecer as honras da imputação. Afóra a provada incompetencia para um cargo de tal ordem, que constituiu para o esfarrapado governador civil um *premio de consolação*, o snr. Bento Soares apresenta-se na alfandega depois do meio dia, para ostentar aos olhos dos indigenas a sua magestosa inepticia e trocar algumas phrases, em cavaco ameno, com alguns dos seus acolytos. A ignorancia crassa do director por mão beijada escuda-a a protecção dos velhos tacticos da extincta commissão directora. O snr. Bento Soares é, na phrase do vulgo, um autómato — ou peor ainda.

Mas terá o snr. Bento Soares em si proprio a força de consciencia, que se impõe como suprema *habilitação* para o exercicio de um cargo superior? Em meio dos desaforos sem numero, das intrigas, das perseguições, dos véxames e do *mais*, de que acima démos documentos, será o director inepto digno de compaixão, e será licito antever n'esse homem, quando prevenido, um repressor energico das maroteiras que se abrigam á sua sombra irresponsavel?

Os precedentes respondem á interrogação. Nós adduzimos o seguinte facto:

Não ha muito que o snr. Bento de Freitas Soa-



res, no exercicio do seu cargo e publicamente, aludindo á imprensa jornalística, affirmava, cheio d'aquelle desdem aterrador, que dizem ser patrimonio da *gente honesta*: «A imprensa! respeitavel tribunal! O orgão que não se vende por duas libras vende-se por dez...»

Os jornaes *serios*, cujas columnas estão «honestamente» fechadas aos escriptos violentos e abertas de par em par á bajulação degradante de qualquer patife que por ahi occulta o rosto, coberto de escarros, com os infamados pergaminhos: esses dignos collegas *serios* teem nas palavras do snr. Bento Soares a recompensa da sua tolerancia. O *testamenteiro de Tinoco* foi justo para quem o applaude e para quem registra entre phrases sonoras, ou alambicadas, os banquetes offerecidos ahi, por esses restaurantes dos passeios publicos, á sua austera personalidade. Justo foi com *elles*. Agora, com certos jornalistas que lançariam na sentina a commenda de S. Thiago, se possuissem esta ultima, movidos pelo intuito de fugirem a nivelamentos infamantes: para com esses homens foi injusto o snr. Bento de Freitas. O instincto deve dizer-lhe que não compraria o silencio de taes homens com o dinheiro de mil testamentarias...

Não nos afastamos do assumpto. Desde o momento em que um cargo de confiança, qual o de chefe de uma casa fiscal, é premio de arlequinadas de galopim e pretendida mordança ao desprezo da Opinião; desde que o inepto funcionario descansa na *protecção* dos seus subordinados e dirige chufas de homem perdido á imprensa que o julgou no descar-



do gozo da sua conezia; desde que o chamado jornalismo *serio*, — dos pasteleiros incorrigiveis, sem idéas que não sejam as da exploração desaforada, — apoia a desvergonha: desde que o cynismo tem fóros de cidade e a podridão se legalisa, tem a palavra o cauterio. Querem ferro em brasa? Pois hão de tel-o! Causa-lhes riso a applicação do tagante no dorso callejado? Pois tambem a nós, e vamos vêr quem cança na tarefa. Estamos a postos. Assista a opinião publica!

---

II

O nosso primeiro artigo (vid. o n.º 121 do *Diario Portuguez*) levou a perturbação ao campo dos Philisteus. É natural. Por maior que seja e mais enraizado o cynismo de suas mercês, é sempre de extrema importunação uma voz de *álerta* contra a legalisada maroteira. O furor dos tyrannetes farejou victima entre os empregados honestos da repartição conspurcada: destacou espiões a esta redacção, pedindo em tom de sympathia profunda o nome do *informador*. Queria-se, nada menos, do que uma reprodução completa das infamias do Correio Geral: um empregado recalcitrante a expulsar do antro, um homem de bem a demolir pela perseguição, a esmagar pela miseria. Nada conseguiram. Aqui não chegam informações de um individuo: chegam os echos da



consciencia collectiva, profundamente indignada. Vão lá abafal-os, perseguil-os, esmagal-os, dignissimos emprezarios de testamentarias, meritissimos galopins da podridão!

Ameaçaram-nos, extra-officialmente, com os tribunaes. O caso do banco dos réos é, pelos modos, pavoroso aos olhos dos dignos testamenteiros. Aos nossos não. O banco dos réos póde ser tribuna. O veridictum de um jury póde ser o echo do sagrado e incorruptivel veredictum da Opinião Publica.

O redactor principal d'esta folha, *auctor unico e completamente responsavel*, d'estes artigos, não declina sobre o editor, nem sobre o proprietario d'este jornal uma sombra, sequer, da responsabilidade. Reclama-a, exige-a, não a delega, não a cede. Querem os tribunaes? Pois vamos lá aquilatar perante um jury, perante a cidade inteira, a legitimidade d'essa vergonha!

NOTA. — Chamamos a attenção da *classe commercial* para a *completa mudez* dos seus órgãos de grandes dimensões, perante os desaforos que indicamos. Um dos taes órgãos, o mais moderno, estabelecido ali para Bellomonte, com o titulo de *Commercio Portuguez*, apresentou-se na arena do jornalismo com umas certas pertenções reformadoras: a classe commercial póde hoje aquilatar-lhe a *independencia* na devida altura, bem como o *zelo profundo* pelos interesses da classe.

---



## III

Afóra a ameaça dos tribunaes, temos pela frente a de um desforço pessoal por parte de um dos industriosos.

Pelos modos ha entre suas mercês *certa* entidade temivel, — cujo nome, vá-se dizendo, calaremos, em quanto se conservar no escuro. Deixar lá o pimpão na dupla tarefa de *alliviar* as saccas d'arroz (em descredito dos gatos dos armazens) e de ruminar, com as *varreduras*, ameaças furibundas contra nós. Em quanto tivermos pela frente bojudo vulto de *testamenteiro*, pediremos a este ultimo contas dos desaforos: se o pruído da celebridade trazer, porém, á luz do dia pimpão de baixa esphera, creia que lhe arrancarêmos a pelle, a despeito das pimponices: — estamos no nosso posto.

Para um factó em extremo eloquente chamâmos de passagem a attenção do publico.

Quando viu a luz o primeiro artigo d'esta folha, sobre os desaforos do *testamenteiro* e seus cumplices, o snr. Bento Soares, acceso n'aquella santa ira, que é patrimonio do homem de bem ultrajado, declarou que partiria para Lisboa a reclamar a demissão do empregado denunciante (?) *ou* a sua. Faremos, ainda de passagem, notar a feição comica d'aquellas duas letras sublinhadas. O galopim dos compadres, o funcionario indigno, o protector dos empresarios de *varreduras* tem a descarada ingenuidade de abeirar



do seu nome symbolico o de um homem honesto, como não deixaria de sê-lo o denunciante das torpezas!

Mas, levou acaso por diante o seu brioso projecto o dignissimo *testamenteiro*? Não levou. O nome do homem de bem, a supprimir pela perseguição, foi pedido n'este jornal; e só ha pouco soubemos que em resultado de um plano estabelecido pelos baixos intrigantes. Promettera-se obter, por bons modos e *offerecendo collaboração*, o nome do *traidor*. Na impossibilidade de descobri-lo, o *testamenteiro* enguliu o projecto da novissima torpeza e procedeu á laia do salteador a quem fallam na policia: *evadiu-se*, como o ultimo dos miseraveis! Pediu, não uma corda em nome da vergonha, não um processo contra nós em nome dos seus brios e da dignidade da repartição: pediu uma licença de dois mezes com o respectivo vencimento: systema novissimo de desafrota: nobre exemplo para os patifes do futuro!

Afóra as *ladroeiras* que accusámos e que lançam o descredito sobre uma corporação, na maioria innocente dos desaforos, temos a registrar as grosseiras e os atrevimentos sem conta, de que os pobres despachantes e empregados do commercio são alvo por parte de um grupo de tyrannetes, entre os quaes citaremos como *specimen* o snr. *Alberto de Moraes Pinto d'Almeida*. A especie de Terror comico, estabelecido como regimen governativo por este Robespierre sem miolos, não poupa os subordinados, que reagem contra as suas demasias. Ha excepções de benevolencia, mas essas destina-as o benemerito empregado aos seus continuos que subtrahem aos di-



reitos os casacos mercadejados no interior da alfandega. Qualquer lingua depravada affirmará que o contrabandista não é o continuo — *protegido*, mas o chefe de serviço — *protector*...

Os empregados zelosos, trabalhadores e honrados, mas sem padrinho official, gemem n'aquelle antro, debaixo d'uma espionagem e d'uma perseguição surda e monstruosa. Alli decreta-se *mudança de logar* como castigo da hombridade honesta. Não será licito crêr que taes mudanças implicam igualmente a idéa de furtar aos *logares de mais vigilancia* os empregados menos dados a *cegueiras*?

Não será licito ao publico vêr no interior da alfandega uma colligação destinada a defraudar a um tempo os cofres da fazenda e os interesses do commercio licito? Não haverá alli uma conspiração surda, systematica, permanente, contra os homens de bem que alli se acham e a quem desviam *dos logares perigosos para a matula*, impondo-lhes o silencio pela perseguição e pelo terror?...

Por hoje, suspendemos a tarefa. Á *classe commercial*, que nos tem honrado com a procura extraordinaria da nossa folha, recommendâmos a attitudo impassivel e a comica mudez dos *seus órgãos jornalisticos*, d'aquelles que teem por dever a defeza dos interesses commerciaes e que da tolerancia do *Commercio* se alimentam. Á *classe commercial* recommendâmos a attitudo dos accusados: dos *testamenteiros* e seus cumplices, que, nem no terreno do desforço pessoal, nem no campo da legalidade, ousam sacudir-nos aos pés o esfarrapado manto das patifarias. Da appellação para uma *policia correccional*,



por injurias, os julgamos capazes: José do Telhado foi mais serio e digno: podia levar a uma *policia* o jornalismo, que lhe apregoava os feitos: não o fez, porque sabia que tal recurso é a evasiva dos miseraveis que tremem diante das *provas*, diante d'um *jury*, diante d'um *publico*, diante do accusador — e elle tinha, pelo menos, a virtude da coragem: não estribava o infamado viver na podridão das consciencias.

Havemos de marcal-os a ferro quente, senhores testamenteiros, que nos aquilatam a independencia; senhores industriosos das *varreduras*: senhores contrabandistas *internos*: havemos de arrancar-lhes, com a mascara, a infamada pelle, a despeito da espionagem contra os empregados honestos, da indicação dos tribunaes, — para onde os convidamos, — e das pimponices dos Goliaths do *arrozal*. Temol-os debaixo dos pés, cynicos farçantes! — e já d'aqui não sahem!

---

IV

Uma noticia, hontem publicada pelo «restaurador da moralidade jornalistica» (*O Commercio Portuguez*), levou o espanto mais profundamente significativo ao espirito dos habitantes do Porto. A singular noticia rezava do seguinte modo:

— «*Querella*. — O snr. Bento de Freitas Soares,



director da alfandega do Porto, chamou aos tribunaes o *Diario Portuguez*, por injurias d'aquelle jornal. » —

A palavra *Querella*, ingenuamente arranjada como epigraphe pela folha de Bellomonte, produziu, como já dissemos, um geral assombro. — *Uma querella!? E por parte de Bento de Freitas!?* — O espanto era legitimo, confessemol-o: a metamorphose de *devasso* em *homem de bem* não vingou realisal-a Victor Hugo na pessoa de Valjean, sem intervenção d'um bispo que purificasse no cadinho do são exemplo a alma do miseravel. Ora, no caso d'hoje, afigura-se-nos que o snr. bispo Americo não exhala cheiro de santidade assaz penetrante para dissipar os miasmas d'aquelle putrefacto vulto do *testamenteiro*.

Nós, francamente, não acreditámos na *querella*. O informador da folha de Bellomonte — rumorejamos cá por dentro voz mysteriosa — é pessoa muito lida e versada em materia de *varreduras*. Varremos pois a noticia do zeloso e independente orgão commercial e aguardámos os acontecimentos.

Não esperámos muito. Ás 9 horas da manhã de hontem (domingo) recebeu o editor d'esta folha uma intimação para apresentar no cartorio do escrivão Rocha, hoje, o autographo assignado, etc., do nosso primeiro artigo sobre a *Alfandega do Porto* (vid. os n.ºs 121 e 125 d'este jornal). Allegava-se na intimação a ausencia de assignatura no artigo. Toleima inutil! Em o n.º 125 d'esta folha, — primeira columna da primeira pagina, lê-se:

« O *redactor principal* d'esta folha, *auctor unico*



e *unico responsavel* d'estes artigos, não declina sobre o editor, nem sobre o proprietario d'este jornal uma sombra, sequer, da responsabilidade. Reclama-a, exige-a, não a delega, não a cede».

E no alto da pagina lê-se — Redactor principal — SILVA PINTO.

Era pois inutil o chafurdar inepto á porta do editor. Cá por casa responde cada um pelos actos que pratica e pelas palavras que profere. Não ha *testa de ferro* para os embates da canalha.

Póde vir!

Satisfazendo, porém, os desejos do digno testamenteiro, apresentámos hoje a declaração, que transcrevemos:

— « Antonio da Silva Pinto, redactor principal do *Diario Portuguez*, declara, para todos os effeitos, que é elle o auctor unico, e unico responsavel, do artigo sobre a *Alfandega do Porto*, publicado em o n.º 121 d'aquelle jornal.

« Outrosim, declara que lhe pertencem, para todos os effeitos, os artigos que sobre o mesmo assumpto e sob igual denominação devem seguir aquelle a que se allude.

«(Assignado) A. SILVA PINTO».

Satisfeita a exigencia candida do snr. Bento de Freitas, passámos a saborear a intimação, e d'ella vimos:

Que a historia da *Querella* é um documento dos *bons desejos* do *Commercio Portuguez*. O digno testa-



menteiro-director chama-nos pura e simplesmente á *policia correccional*, por injurias á sua conhecida *probidade* (a palavra é d'elle; o grifo é nosso).

Já dissemos n'outro artigo o nosso parecer no que toca á *policia correccional*. O precedente é de mau exemplo e seria bom que o legislador lhe puzesse termo. Se a moda cria raizes entre nós, teremos amanhã os moradores da cadêa da Relação chamando á *policia .correccional*, — por injuria, — o delegado que lhes preparou a grilheta!

Vá, pois, a *policia* — mas em quanto não chega esse horror, continuemos na tarefa:

O digno testamenteiro-director dá como testemunhas das suas qualidades (é textual) os senhores:

Alexandre José Gomes Monteiro;

Jacintho Pereira Valverde de Miranda Vasconcollos; e

Guilherme Carlos de Meirelles;

Todos tres — empregados da alfandega.

Não queremos, como se diz em estylo rábula, entravar a acção da justiça: por isso adiamos os commentarios.

Voltando á *Alfandega do Porto*:

No sabbado passado, um empregado superior d'aquella casa, o snr. *Alberto de Moraes*, fez sahir, por sua conta, um certo numero de botijas de genebra. Ignoramos se pagaram os direitos.

Um verificador da mesma alfandega, o snr. C. L. explora os commerciantes e despachantes d'aquella casa, a ponto de não sahir ás 3 horas da tarde sem um embrulho de objectos que d'elles obteve. — Não



lh'os dêem! dirá o leitor ingenuo. — Vão para lá com recusas!

Ha dias, um livreiro d'esta cidade recebeu em casa uma caixa de livros, antes de enviar ao despachante a somma necessaria para os direitos. Dirigiu-se á alfandega, onde lhe disseram que os livros iam ser despachados. — Tenho-os em casa, replicou elle. Balburdia! Correu-se o despacho, com o volume em casa do livreiro. Os homens dos *casacos* assignaram, com a facilidade que nós conhecemos — e prompto!

Não temos hoje tempo para mais. Se a conservação do snr. Bento Soares n'um cargo publico não é uma provocação infamissima á opinião publica, não sabemos o que seja descaro, devassidão e patifaria, no mundo official em que vivemos.

---

V

Alli, n'aquelle antro de Miragaya, conhecido por *Alfandega do Porto*, a probidade e a rectidão são titulos ao desfavor, á perseguição, aos véxames de toda a hora e até á perda do emprego. Todos nós vimos, ainda ha mezes, *aposentar* (modo de dizer *expulsar*) tres chefes de serviço laboriosos e honrados, os snrs. Mattos de Carvalho, Bernardo Alves e Brito e Cunha; os logares d'esses homens tornavam-se in-



dispensaveis aos primeiros officiaes Alexandre Monteiro, Alberto de Moraes e outro, já fallecido.

Para anichar os afilhados do snr. Antonio Corrêa Heredia, era mister expulsar os tres chefes de serviço. Assim se fez. Tanto peor para a fazenda e para o commercio, se a troca importou, além da injustiça revoltante, gravissimo prejuizo.

Longe de nós a negregada idéa de pôr em duvida a rectidão dos substitutos: alludimos aos snrs. *Alberto de Moraes Pinto d'Almeida* e *Alexandre José Gomes Monteiro*. O publico tem dados que dispensam o nosso juizo: O snr. Alberto de Moraes é o protector do *continuo dos casacos* (damnadas linguas dizem que o continuo é uma entidade *passiva*): o snr. Alexandre Monteiro é um dos tres homens, que garantem, sob a sua honra d'elles, a probidade do snr. Bento de Freitas. Isto basta.

Mas, affirmámos nós, existe n'aquelle antro um evidente proposito de tyrannia, uma colligação de tyrannetes — velhacos uns, outros imbecis, — protegidos nos perpetuos desafôros pelo testamenteiro-director, com o cynismo que é patrimonio d'esta curiosa entidade. Ai do misero empregado subalterno que reagir contra os inquisidores fiscaes! O nome cae-lhe no livro negro e as armadilhas estabelecem-se a cada passo em redor do recalcitrante.

Ha dias, um pobre empregado, que não conhecemos, cahiu das boas graças do snr. Agostinho Honorato — um dos luminares d'aquelle antro, analphabeto de lei, elevado ao cargo de chefe dos armazens, fiscal dos gatos, das ratoeiras e das *varreduras* e dotado de todos os requisitos indispensaveis para capi-



tão-mór de D. Miguel nos bons tempos do cacete facil. O pobre empregado, cuja probidade nos garantem, repelliu com dignidade umas insolencias do capitão-mór. Em má hora o fez! O tyrannete insultou-o e ameaçou-o no recinto da alfandega. O empregado offendido appellou do desafôro para o snr. Bento Soares, pedindo, além de reparação, uma syndicancia nos livros dos armazens a cargo de Agostinho Honorato. Nada conseguiu. *O snr. Bento de Freitas Soares bem sabe que é perigosa coisa, isto de syndicancias, quer em assumptos fiscaes, quer em testamentarias...*

Que os leitores não supponham, um momento sequer, que nos arvoramos em advogado de um ou outro queixoso! Nada d'isso. Entramos n'esta questão, attrahidos pelos echos da opinião indignada: soubemos das traficancias, dos véxames soffridos pelos pobres empregados do commercio, pelos despachantes, pelos empregados sem padrinho e sem a bossa do servilismo; conheciamos os precedentes sordidos do director Bento Soares, que durante annos inteiros estendeu impassivel o rosto ao tagante de dois órgãos jornalisticos <sup>1</sup>, sem que um estremeção dos musculos lhe denunciasse os brios; previramos que esse homem, desãuctorizado para a severidade, ignorantissimo dos deveres do seu cargo, relaxado sobre ignorante, não faria mais do que sancionar os véxames e as patifarias; notámos a indignação cheia

---

<sup>1</sup> Vid. *O Correio do Ave e A Lucta*.



de lastima, com que a maioria do commercio allude *áquellas coisas da alfandega*; vimos com assombro a impassibilidade dos *orgãos commerciaes* perante os desafôros; cahiu-nos aos pés o insulto do funcionario inepto á parte independente da imprensa: vimos o gaudio dos farçantes, o tripudiar da imbecilidade: entendemos que era tempo de intervir, de erguer a voz, por honra d'esta instituição a que pertencemos e que — em homenagem ás injurias d'um Bento Soares — por ahi amesquinham e mergulham no atoleiro dos ignobeis silencios e das torpes condescendencias.

Erguemos a voz: protestámos; o publico tem-nos ouvido. Os mais sordidos mercenarios, que deshonoram o jornalismo, ainda não ousaram erguer a voz para defender os accusados! Falta-nos ver estes impunes para crêr na podridão geral das espheras superiores; — e todavia, dizemol-o com tristeza, duvidámos do exito dos protestos! Appellou-se para a intimidação; agora hão de fugir, calar-se, devorar a mordaca applicada pelo terror e, mais tarde, vêl-os-hemos de novo, cynicos, *triumphantes*, cortejados, desforçados por um banquete (de que os *orgãos commerciaes* publicarão o *menu*). Terão a inveja dos tractantes menos felizes, a saudação dos nescios, as retractações dos covardes, o esquecimento das maiorias cynicas — e, por cima, o nosso nojo profundissimo.

---



## VI

Proseguindo:

Um homem de singular energia, probidade incontestavel e superiores conhecimentos na especialidade, o snr. Antonio José Duarte Nazareth, logrou abrir, ha perto de dois annos, um parenthesis de confiança merecida, na attitude surdamente hostil do Commercio para com a alfandega do Porto. O dia em que o illustre funcionario inaugurou a sua direcção assignalou o termo dos relaxamentos, das padrinhagens e dos compadrios, das perseguições e dos véxames. O dia em que o snr. Duarte Nazareth abandonou a alfandega do Porto viu renascer os abusos, de par com superiores desafôros. Á centralisação illustrada da auctoridade succedeu uma *descentralisação* inepta, quando não profundamente descarada; surgiram os tyrannetes: os *homens dos casacos*, os « *negociantes* » de arroz, *diffamadores dos gatos dos armazens*, — os *testamenteiros infieis*, os *perseguidores dos empregados honestos*, os *exploradores dos commerciantes e dos despachantes timidos*, os *garantes*, *emfim*, da probidade e correlativos dotes de um Bento de Freitas Soares!

Um guarda Alberto, afilhado ou coisa parecida do chefe Alberto de Moraes, desfructa na curiosa lithographia aduaneira (*sic*) uma gratificação avultada, arvorado em vendilhão de impressos e prejudicando por tal modo os seus companheiros de serviço. Um protegido do snr. Barjona de Freitas — a



symbolica e synthetica entidade da *regeneração* — monopolisa as gratificações das *descargas de bacalhau*, em prejuizo da justiça dos empregados pobres, sem padrinhos e sem recommendações. As pequenas maroteiras d'este lote são de todos os momentos. Não ha reclamar contra ellas: ainda ha dias, um dos tyrannetes respondia a uma reclamação: — « Que quer? não vê que é protegido do Barjona?... »

Da desmoralisação e da falta de zelo, motivadas por estas misérias resente-se o commercio licito, não menos que a Fazenda Publica.

A attitude que nos ultimos dias temos assumido provocou um systema de espionagem, digno de riso e lastima: á burlesca vigilancia, exercida no interior da alfandega sobre os suppostos *denunciantes*, correspondem as ameaças, os juramentos de vingança breve e tremenda contra nós e as *tentativas de conciliação*: — d'estas realisou-se a ultima, vae em tres noites. Não nos damos ares de martyres do jornalismo: os farçantes, cuja pelle atagantamos, são em demasia covardes e insignificantes para nos darem as honras do martyrio. Cumprimos simplesmente um dever: — era tempo de cumpril-o.

Continuaremos.

NOTA. — Participam-nos varias testemunhas, cujos nomes, no caso de duvida, estamos promptos a declarar, que um Goliath aduaneiro, em extremo conhecido, affirmava ante-hontem á noite, pelos cafés, o proposito de *exterminar-nos*, e o seu empenho em encontrar-nos, para tal fim.



Policia correccional e cacete! Que *argumentação* reflectora dos tempos do « rei-chegou »!

Ora, pois: não emprazamos para bellico *rendez-vous* os *caceteiros fiscaes*, attendendo ao ridiculo da fanfarronada *inutil*: faremos simplesmente advertir a suas mercês que, ao recolhermo'-nos (*invariavelmente da uma hora ás duas da noite*) á nossa habitação <sup>1</sup> *não delegâmos na policia o encargo de pugnar pela inviolabilidade do nosso physico.*

Comprehendido?

OUTRA NOTA. — Affirmam-nos que o snr. Bento de Freitas resolveu querellar (a seu modo) de cada um dos artigos d'esta folha, em separado, *ainda que* — palavras de s. exc.<sup>a</sup> — *seja necessario gastar quinhentas ou seiscentas libras.*

Não podia ter mais piedosa applicação o producto da *testamentaria*.

Julgamos opportuno transcrever da *Lucta* (n.<sup>os</sup> 187, 188 e 189; anno de 1875) as seguintes linhas, consagradas ao ex-governador civil e actual director da alfandega, o snr. Bento de Freitas Soares:

« Em janeiro de 1874, publicava o *Correio do Ave* a seguinte eloquente nota, como remate a uma

---

<sup>1</sup> Rua de Cima de Villa, 107.



serie de artigos, com o titulo *O snr. Bento de Freitas perante a sua historia:*

# TESTAMENTARIA TINOCO

Resumo das contas de receita e despeza da Testamentaria de João Monteiro Tinoco, sob a administração do bacharel BENTO DE FREITAS SOARES, publicadas em o n.º 63 d'este jornal:

Producto dos bens da herança do finado.....	10:158\$226
Despezas e distribuição pelos legatarios pobres.....	5:821\$027
FALTA APROXIMADAMENTE rs.	4:337\$199

De então até hoje, o snr. Bento de Freitas tem permanecido no mais escuro silencio, relativo ao fim mysterioso que tivera aquella herança dos pobres.

Ora, de duas coisas uma: ou a quantia acima apontada teve um fim menos legitimo, e, n'esse caso, o logar de honra do snr. *Bento de Freitas Soares*, em vez de ser ao lado de Sua Magestade, *deve ser em frente do juiz criminal*, ou foi applicada segundo a vontade do testador, e o seu silencio, dando origem a supposições infamantes, denuncia *um homem sem pundonor, sem brios, sem escrupulos de honra*: — de qualquer modo uma auctoridade INDIGNA.»



## VII

Á hora em que escrevemos este artigo — duas da noite, de sabbado — temos pela frente nova policia correccional, em desaggravo, esta ultima, da probidade, da honestidade e outras qualidades, que diz possuir o snr. Alberto de Moraes Pinto d'Almeida. O mesmo senhor dá como garantas das citadas qualidades os já citados snrs. Alexandre Monteiro, Valverde Vasconcellos e Guilherme Carlos de Meirelles — os mesmos que afiançam a probidade e a honestidade do snr. Bento de Freitas Soares.

O snr. Alberto de Moraes não desce á discussão das nossas affirmações: não nos chama *calumniadores*, nem ao que affirmámos — *calumnia*. Quer simplesmente que nos multem correccionalmente: tal qual o desejo do snr. Bento. Santa confraternidade da Virtude!

Ora, em quanto não nos multam, o que lhes é mais facil do que desmentirem-nos, prosigamos no exame tranquillo da sujissima epopéa.

No antro de Miragaya (*Alfandega do Porto*) foi ante-hontem convidado o empregado de uma das portas da sahida, a declarar se era exacto o haver sahido por aquella porta a *genebra*, a que alludiramos n'esta folha. A ingenuidade dos cafres teve na resposta do empregado o correctivo merecido: este ultimo declarou que apenas sabia dos *casacos* — aquelles casacos que nós sabemos e os leitores tam-



bem. — Houve escandalo, entende-se. A resposta importava o esbofetear energico dos ingenuos, por mão d'um homem honrado. O caso é do dominio publico: tranquillisem-se os espiões, que porventura desejem vêr no alludido empregado o narrador do feito chistosissimo.

Desnorteados, recorreram á outra porta, onde o empregado respectivo, o snr. *Calixto*, declarou que não sabia de tal genebra. *Officialmente* não sabia. A *descarada ingenuidade* da pergunta consiste no seguinte: *o empregado que assistira á maroteira da genebra fôra já transferido da porta para outro logar: e d'este modo tornára-se impossivel a resposta affirmativa á ingenua interrogação.*

Querem-n'os mais aperfeiçoados?

Não desejamos accumular n'esta chronica de patifarias montão de feitos que perturbem nas suas funcções os órgãos digestivos dos leitores. Reservamos, pois, para o proximo numero a continuação da tarefa.

Temos tempo e assumpto.

---

## VIII

Hontem, o empregado de uma das portas d'aquella casa fiscal susteve a sahida de algumas caixas *contendo cobre*, em vista de não concordarem a verificação das caixas e o seu conteúdo d'ellas.



As caixas continham *cobre*, o qual foi *verificado* como *ferro*; e, como se não bastasse o tropeçar do intelligente verificador, foi *reverificado* o *cobre* — e ainda d'esta vez lhe chamaram *ferro*.

Afinal, se não é o empregado da sahida, que preveniu o sagaz reverificador, lá sahia da alfandega do Porto mais um documento do zelo, da lucidez e da competencia d'aquelles senhores!

Andam doidos, não ha que vêr! Os sonhos, côr de rosa, das *policias correccionaes* teem desnorteadado a pobre gente: pois creiam que a ninguem cega a *poeirada* — e peor para quem a levantou!

.....

Suspendemos a marcha *a um terço do caminho*. Fazemol-o em harmonia com um *plano de ataque*, formado e sériamente meditado: ameaçam-nos com os tribunaes: começou a acção da Lei — essa coisa sagrada e austera, para que appellamos, e que não será conspurcada nem violada, em nosso prejuizo — creiam-n'o os que intentam sophismal-a.

Cremos que não ha de sel-o...

Accusámos. Em uma terra onde a *restauração da moralidade no poder* não fosse uma phrase burlesca de um inquisidor de *cache-nez*, o nosso primeiro artigo sobre a *Alfandega do Porto* seria a base de um inquerito immediato, rigorosissimo, sem complacencias de compadre: seria geral e altissimo o protesto, que ali vemos — surdo, abafado, acompanhando-nos com *sympathia occulta*, incitando-nos — como se d'incitamento carecessemos — e agachando-se na sombra do terror. Triste paiz aquelle onde *mette medo* a patifaria cynica, apoiando-se na imbecilidade!



Accusámos. Estamos promptos para a demonstração *legal*, perante um jury, perante o Commercio d'esta terra, perante a cidade inteira, perante todos aquelles a quem a accusação tomou de assombro, de duvida, de surpresa, ou de indignação pelo *escandalo*.

A mordação da *Policia Correccional* — recurso dos desgraçados sem recursos — não a aceitamos nos seus effeitos: dê antemão o declaramos. Aceitamol-a como *confissão* dos accusados. Iremos aos tribunaes dizer o *resto* do nosso libello: iremos com as mãos cheias de verdades e espalhal-as-hemos: vêr-se-ha que antro cheio de asquerosidades ha de illuminar essa luz...

Vêr-se-ha!

Vamos lá para os tribunaes: vamos lá desenrolar os documentos até hoje occultos: vamos lá narrar a *epopeia dos naufragios*, as *relações* do editor d'este jornal com o ex-governador civil d'este districto, — não poupando os intermediarios: — vamos lá discutir os *casacos*, o *arroz*, a *genebra*, o *peixe da Povia de Varzim*, os *heroismos das ultimas inundações*, as *traficancias*, os *vêxames*, as *perseguições*, os *conciliabulos nocturnos de certo juiz feroz com os heroes aduaneiros* — e o mais que consta dos volumosos autos do processo...

Suspendemos hoje os nossos artigos. As razões ahi ficam. Não nos limitaremos, perante um jury, a provar o que affirmámos: diremos ainda o ignorado. Não aceitamos nos olhos a poeirada das multas correccionaes. Se a supposta vergonha de ultima hora sobredoura a devassidão permanente, va-



mos a aquilatar a legitimidade d'esses brios, ao mesmo passo que applicarmos o cauterio na podridão dos patifes.

Estamos esperando — e, no entanto, não perderemos de vista as *varreduras*, nem os *varredores*.

Ás duas intimações successivas para comparecermos no tribunal, afim de alli sermos amordaçados em *policia correccional*, respondemos — comparecendo e apresentando successivamente dois requerimentos do theor seguinte:

— « Diz Antonio da Silva Pinto, jornalista, natural de Lisboa, que na policia correccional que lhe promove Bento de Freitas Soares, director da alfandega d'esta cidade, por injurias, que allega ter-lhe dirigido o supplicante, n'essa qualidade de empregado publico, quer o alludido supplicante dar a *prova* de que falla o art. 6.º, §. 1.º da lei de 17 de maio de 1866, visto que essas suppostas injurias foram publicadas em jornal: por isso,

« P. a v. exc.<sup>a</sup> se digne mandar-lhe tomar termo d'esta declaração e seguir os demais marcados na dita lei.

« Porto 11 de julho de 1877.

« O advogado

« Adriano Anthero de Sousa Pinto. »



Despacho do juiz Castro e Solla:

« Lavre-se termo da declaração. »

*C. e Solla.*

— « Diz Antonio da Silva Pinto, jornalista, natural de Lisboa, que na policia correccional que lhe promove Alberto de Moraes Pinto d'Almeida, chefe de serviço da alfandega d'esta cidade, por injurias que allega ter-lhe dirigido o supplicante, n'essa qualidade de empregado publico, quer o alludido supplicante dar a *prova* de que falla o art. 6.º, §. 1.º da lei de 17 de maio de 1866, visto que essas suppostas injurias foram publicadas em jornal: por isso,

« P. a v. exc.<sup>a</sup> se digne mandar-lhe tomar termo d'esta declaração e seguir os demais marcados na dita lei.

« Porto 6 de agosto de 1877.

« O advogado

« *Adriano Anthero de Sousa Pinto.* »

Despacho do juiz Castro e Solla:

« Lavre-se termo da declaração ».

*C. e Solla.*



De passagem, faremos observar que o advogado dos individuos Bento de Freitas Soares e Alberto de Moraes — um tal Francisco de Paula Albano da Silveira Pinto — interpôz junto ao primeiro requerimento uma declaração, segundo a qual « não atacáramos o empregado publico, nem alludiramos a factos determinados ».

O leitor do nosso libello viu e ajuizou...

Em quanto esperamos que os brios dos nossos accusados despertem para a desaffronta, arrostando com a presença do *jury*, lavramos um protesto de entranhado reconhecimento ao nosso digno e já illustre defensor, o dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto: a independencia e a hombridade, de que deu provas, acceitando a nossa defeza contra um dos favoritos do omnipotente snr. Fontes de Mello, conciliam-lhe respeito que não prodigalisâmos, ao mesmo passo que lhe dão fóros de benemerito junto á imprensa honrada d'este paiz.

1877.

---

O MORTO IMMORTAL é o titulo d'uma obra do padre Senna — o tumor hemorrhoidal de Veuillot. O morto a quem o Senna se refere é o supra-citado Veuillot; o Senna é o reverendo Senna Freitas. O reverendo dá ares de haver-se compenetrado do trabalho do illustre polemista, mas o trabalho do Senna é um tributo á deusa Inepcia. Nunca se viu tal parto, assim doloroso e porco, d'um bórra-botas de batina e de cangalhas!



O Senna vê no jornal *L'Univers*, quando redigido por Veuillot, «uma vassoura com que elle varreu (*sic*) as estrebarias de Augias, de todas as fermentações putridas em que se revolve o realismo de Zola e Flaubert». Vá isto entre comas, para que me não chamem asno. Se o Senna resvala á critica litteraria, de parceria com o ridiculo *Mendonça* do *Noticias*, e se ambos discutem o Realismo, eu vou pedir a Zola que nos dê outro abbade Faujas — para conversar com as lesmas. Eu não tenho tempo, nem cangalhas, nem batina, nem vigoroso estomago refractario a nauseas.

Que Luiz Veuillot varreu as alicantinas politicas e as venalidades vergonhosas da imprensa jornalística. É certo, o que não obstou a que o feliz independente estivesse de accordo com Luiz Filippe até 1848, com a republica até 1852 e com o segundo imperio de 1852 em diante. O Senna diz que o *immortal* vibrou todas as notas. Se Luiz Veuillot *farejasse* no Senna o Plutarcho asselvajado e lorpa, que hoje lhe prejudica a memoria, com certeza lhe teria consagrado uma *nota* especial e unica. Feliz Senna, escapo e álerta para terror do Darwin e de Littré e do senso commun! Terrivel bicho!

Mas o *immortal*, se não farejou Plutarcho para a *nota*, farejou asneira de marca e foi talhando carapuça infamante para o negregado producteur. Abra-se o livréco do Senna, e veja-se no proemio (terceira pagina): A que *votei a vigorosa virilidade da vida!* Agora abra-se o livro de Veuillot LES LIBRES PENSEURS (5.<sup>a</sup> edição, pag. 90) e leia-se a seguinte referencia accusatoria do publicista francez a um parvo,



seu conterraneo: « *Avec verve et vérité. C'est lui qui parle. A ces quatre v je sens sa plume* ». O *immortal* reconhece o parvo pelos quatro *v*. O Senna apresenta em defeza do *immortal* os quatro desgraçados *v* que são a pedra de toque da parvoice: « Votei a vigorosa virilidade da vida ». A Providencia parece finalmente enfastiada de aturar na terra estes camapheus ridiculos: é a conclusão que se tira dos quatro *v* do vernaculo Senna — magico e petisco!

Mas não tem duvida. Elle vae d'aqui espatifar o Darwin e o Littré e o Positivismo e o Naturalismo e o resto. Se é certo que lhe escasseia o vernaculo, é incontestavel sobejar-lhe a telha. Os Philisteus vão-se vêr gregos. *Amen!*

Declara-se entristecido o *Diario de Noticias* — porque os agricultores portuguezes não concorreram á exposição de Amsterdam. Tambem me parece que ha boas razões para tristeza e um fundo para risota na amargura do *Noticias*. Pois não vê, o bom diabo, que os agricultores burlados na exposição do Rio de Janeiro sentem calefrios de horror quando lhes falam em *remessa de productos?*

Em boa verdade, estar um pobre homem a escolher a boa pinga de suas entranhas e cepas, destinando-a a *longinquas regiões*, e de repente surgir, lá nas *longinquas*, um qualquer Luciano Longo Queixo, que lhe bebe a pinga e lhe dá batatas... jornalisticas, é d'uma dureza córnea. Se o *Noticias* quer martyres, lá tem a grammatica e o senso-commun! Se



os Lucianos querem pinga, venham cá pedil-a!  
Se os...

E eu a perder tempo com estas lesmas!

---

Sergio, vadio politico recolhido no Albergue Illustrado, registra o discurso de um par do reino, e commenta assim:

— « E sentou-se o snr. dr. Pereira Dias, sem mostrar o mais pequeno signal de cansaço. Que bella organização de homem!... » —

Se me é licito emittir um parecer em coisas do Albergue Illustrado, sempre direi que o snr. Fontes é cruel. Está alli o pobre-diabo Sergio a desfazer-se em pús, com o triste lombo cheio de nodoas e a triste pança *cheia* de fome — coitadinho do bicho! — a esmoêr asneiras, aleivosias, calumnias e obreias do Albergue Illustrado: e nada de pósta! e nada de fátia! e nada de ôsso! nem sequer agua da loiça! Coitadinho do bicho!

Mas, sovádo, troçado, desprezado, apepinado, não mostra o mais pequeno signal de cansaço. Que bella organização de vadio!

---

Sergio, vadio do Albergue Illustrado, diz que adorou sempre o snr. Casal Ribeiro. Depois approxi-



ma este nome do nome do tio Fontes: — *Fontes e Casal*, diz o coisa do Albergue.

Ficamos entendidos. A adoração do snr. Casal Ribeiro, a adoração sem mais nada não se explicaria bem, pois que o snr. Casal Ribeiro *não deixa nada*. A collocação do nome adorado á beira do nome do tio Fontes explica-se perfeitamente: não podendo elevar o tio Fontes até Casal Ribeiro rebaixa o nome d'este até ao outro.

Que bella organização de vadio!

---

O *Jornal do Commercio* diz assim:

— « No domingo proximo sae a procissão da capella dos Terceiros do Carmo, na fôrma dos annos anteriores.

« Oxalá que o em.<sup>mo</sup> prelado attenda ás nossas reclamações, em mandar que as imagens sejam vestidas com tunicas, como a dos Passos.

« Parece-nos que em nada altera o rito, e que as imagens infundem mais respeito aos fieis. » —

Conforme: Se as imagens são de machos (de santos machos) infundem mais ardor religioso, quando nús, ao snr. marquez de Vallada.

Agora, se as imagens são de femeas (de santas femeas) infundem mais ardor religioso, quando nús, aos meus collegas — e a mim, que tambem sou gente.

---



N'um honrado jornal do Minho — *A Aurora do Cavado* — diz um jornalista que eu muito considéro — o dr. Rodrigo Velloso — o seguinte:

— «O ABBADE D'ARCOZELLO E O PUBLICO—Recebemos um folheto de 31 paginas com este titulo. N'elle defende o illustrado pedagogo o seu methodo do ALPHABETO NATURAL das acrimoniosas, e por vezes stultas, accusações e criticas que lhe tem sido feitas, e comprova, com dados estatisticos irrefutaveis, os fructos collidos no ensino por sua applicação. »—

É para mim um agradavel dever elucidar o meu illustre collega da imprensa do Minho, sobre o caso do abbade d'Arcozello e do *seu* methodo.

Haverá uns seis annos, salvo erro, ainda o abbade d'Arcozello — Candido Coisas de Madureira e tal — se apresentava aos povos como propagandista do methodo de João de Deus. Um bello dia, a sua consciencia reverendissima despedaçou o bridão: o padre Coisas Candido de tal e Madureira achou *naturalmente* que quando a providencia dos asnos produz um homem de genio põe a mira em proteger os asnos. — João de Deus é, evidentemente (considerou o padre Coisas), uma das glorias mais puras de Portugal: podem escouceal-o todos os biltres, todos os gatunos e todos os canalhas... que não fazem móssa n'aquelle renome sagrado! Pois muito bem (é ainda o padre Coisas Madureira e Lerias quem considera): seja *licito* a um reverendo asno, como eu, explorar um pouquito aquella mina do methodo: nas mãos d'um homem de genio só produz beneficios para o



povo e renome para o bemfeitor: na benta unha d'um curioso sagrado, aquillo dá dinheirama e gloria. Pés de cima á obra!

E atirou-se o Lérias!

Tenho uma idéa vaga de o vêr bem sovado — o reverendo Coisas — pelo editor de João de Deus, ahi á volta de 1878, no Porto, em uma especie de certamen publico. O reverendo apoderára-se do methodo de João de Deus, desfigurára um pouco o trabalho do grande homem, e chamava ao trabalhinho de sua lavra e manhas *METHODO NATURAL*. No certamen, o reverendo Madureira ladeára-sé de alguns padrecas muito estupidos e muito desavergonhados — que o applaudiam em zurros indecorosos. Não ha coisa mais vil do que um padre vil — da ordem dos que ladeavam o Lérias!

Mas, o resultado moral do certamen não desanimou o Coisas d'Arcozello. De então para cá, o insinificante tem explorado a ignorancia de algumas duzias de chefes de familia, mettendo-lhes á cara o *seu* methodo. E os logrados vão acceitando o methodo de João de Deus, mascarrado pelo ridiculo explorador.

E com as algibeiras quentes da patuscada, vem desabafar em folhetos, o reverendo Bolas Madureira! E embaça as boas almas e os espiritos descuidosos! E tem *claque*! E recebe injurias, como se fosse uma entidade pensante! E revira o dente, como um varão justo offendido! Ora cebo!

*Cebo* não é bem a coisa... Mas, agradeça-me os intuitos.



O snr. Lopo Vaz está perfeitamente enganado, se cuida que me apanha desprevenido em face da *lei de rolhas* — como por ali lhe chamam. Eu faltei hontem aos trabalhos eleitoraes (cebolorio!) faltei aos trabalhos jornalisticos — porque passei o dia em meditações. O snr. Lopo Vaz ha de pagar-me caro a concentração forçada do meu espirito...

Ora, das meditações profundas surgiu uma resolução terminante. Como o leitor sagacissimo já decerto advinhou, todo eu me preocupava n'este caso, prenhe de difficuldades: — Furtar-me á severidade da *lei nova*, sem abandonar os meus *processos velhos*. Pensei em expatriar-me, em homiziar-me, e por fim em suicidar-me. Mas, expatriado, homiziado, ou suicidado, ser-me-hia dado saborear, como até hoje, os versos do visconde de Santa Monica? Poderia eu contemplar *Mendonça o herbivoro*? Pois não saboreaste! Pois não contempleste, lindeza!

Afinal, das trevas do meu pensamento angustiado, sahiu a luz — qual sae da cabeça de Melicio, petiscada. A luz apagou-se, já se vê, e ficou um alvitre. Não tenho duvida alguma em revelal-o:

Pégo em um nome e extraio d'elle um symbolo. Observo o symbolo: se elle me satisfaz, torno a mettel-o no nome, e ponho tudo á mão — para as occasiões. Se o nome não tem symbolos dentro, ou se tem symbolos incolores, pégo em toda essa mixordia — e deito-a á pia.

Aqui está, por exemplo, um nome aproveitavel: *Sergio*. Quero dirigir-me ao inviolavel deputado Luciano Cordeiro: chamo-lhe *refinadissimo Sergio*. Quero dirigir-me ao futuro deputado Sergio: chamo-lhe



*refinadissimo Luciano*. Outros casos: — meu pedaço de *Mendonça!* — Sempre estás um *Santa Monica!* — É mesmo um *Sá Carneiro* — o desgraçado!

Caro Lopo! Está v. exc.<sup>a</sup> a esta hora com uma cara que parece mesmo um *Costa Pinto!*

---

É no mais dôce enlevo, que eu ponho os ditosos olhos sobre a seguinte noticia:

— « O snr. ministro da justiça acceitou uma letra de cambio no valor de 2:095\$710 reis, assignada pelo nosso ministro junto da Santa Sé. É quanto custaram as letras apostolicas que conferem ao patriarcha de Lisboa a dignidade de cardeal.

« S. em.<sup>a</sup> pediu ao ministro da justiça a quantia de um conto de reis, para as despesas extraordinarias da sua investidura n'aquella dignidade. » —

Já deitei as minhas contas sobre os encargos que ao meu orçamento traz o chapéo cardinalicio do snr... esquece-me o nome do idiota! Toca-me a quantia de 5 reis. Não os lamento. Concorrendo para as despèzas do Estado compro o direito de passar a mão pela queixada do snr. Luciano e pelo cachaço do snr. Costa Pinto e não hesito em penetrar na Ajuda; concedendo o meu óbolo á Egreja, para o chapéo do coisa, eu conquisto o direito sacratissimo de applicar gebadas a sua eminencia, sempre que me dê na gana.

Fico inteirado e feliz.

---



Em sessão de 5 do corrente, na camara dos deputados, o snr. Adolpho Pimentel explicou — que, sendo membro da commissão de legislação penal, o seu nome não firmava o parecer, porque fôra assignado estando elle deputado, ausente de Lisboa; e só por isso.

Este Adolpho Pimentel foi posto á manjadoura orçamental, creio que na caixa dos depositos, como é posto á mesa da cozinha, entre o cão e o gato, um importuno faminto. Como quer que se preparasse tropelia, sem elle estar presente, ahi o temos esfalfado, a dizer que sim — que se estivesse teria apoiado a coisa.

Isso *já se cá sabia*, meu amor sem olhos! Não te afflijas, que não perdes a cevadeira! Fontes é tio e pae.

No *Correio da Europa* — folha para exóticos paizes — o snr. Bulhão Pato preoccupa-se n'um livro de versos do snr. J. de Sousa Monteiro. Consagra ao livro duas columnas da gazeta. N'essas columnas não ha critica, não ha uma observação nova, não ha um ponto de vista original; ha, porém, as costumadas insidias, que traduzem deploraveis despeitos e profundas irritações impotentes. Com mais vagar serão estas coisas tristes, devidamente aquilatadas. Hoje, breves palavras, dôces e compassivas.

O snr. Bulhão Pato accusa a geração de hoje:

— 1.º De ignorar a lingua;

— 2.º De usar pseudonymos.

Não quero maguar profundamente o snr. Bulhão



Pato, dizendo-lhe e provando-lhe que no seu artigo accusatorio soffre a lingua um repellão grave, — um pelo menos. E convém fazer observar ao illustre socio effectivo da Academia — que as provas de convivio permanente com as quatro manas grammaticaes não...

(São 12 horas da manhã de sabbado d'Alleluia. N'este momento, os sinos da Conceição Nova, aqui ao pé, começam a causticar-me os ouvidos. Diz-me um collega — que foi agora queimado o snr. Fontes Pereira de Mello. Era um divertido ancião. Deus lhe recolha as cinzas!)

... não constituem, vinha eu dizendo ao snr. Bulhão Pato, valiosos titulos litterarios no periodo contemporaneo. Eu exemplifico: Ahi estão d'um lado cem paginas de Silva Tullio; ahi estão do outro vinte linhas de Eça de Queiroz. O primeiro viveu sempre na intimidade das raizes da lingua; o segundo não parece ter cultivado grandes relações com as lesmas. E depois? E depois — Eça de Queiroz é uma das glorias da litteratura portugueza n'este seculo, e Silva Tullio é uma nullidade só conhecida na Academia das Sciencias.

Pelo que toca ao uso do pseudonymo, a condemnação é uma caturrice desgraçada e que *já não péga* — a não ser na Academia supra. Para não ir mais longe — onde vão o *Sergio* e o *Luciano* — citarei Merimée e Vallès e Beyle e Felix Platel — esses homens que vingaram illustrar pseudonymos emquanto os caturras não illustravam os verdadeiros nomes. O pseudonymo não é, como insinúa o snr. Bulhão



Pato, um refugio do pudor. O artista da palavra escripta apaixona-se pelo pseudonymo que adoptou — e adoptou-o por simples capricho da sua phantasia. O litterato não é obrigado a manifestar em face da lei o seu nome, *real e perfeitamente* — como está nas taboletas do negociante de conservas e paios de Castello de Vide.

O snr. Bulhão Pato congratula-se, «porque ainda ao menos Coimbra vae tendo mão na lingua portugueza». Parece troça, em face da decadencia intellectual da litteratura coimbran. Mas tambem parece caso providencial, que obriga o snr. Bulhão Pato a saudar em Coimbra o centro litterario d'onde sahiram Theophilo Braga e Anthero, os dois poderosos fustigadores que nos livraram para sempre da praga *dos pontificados*.

A Associação dos jornalistas (rua da Horta Seca) vae discutir, sob a presidencia do snr. Manuel Pinheiro Chagas, a reforma penal, — e tomará uma resolução.

A primeira resolução que aos jornalistas e escriptores associados cumpria adoptar e firmemente estabelecer consistia em riscar da lista dos seus socios o nome do snr. Pinheiro Chagas. Este jornalista, que, de mãos dadas com os seus collegas do ministerio, curva a cabeça ás imposições da camarilha e do paço e do *anjo* das inundações e das creches — anjo á custa dos homens: tal jornalista é um deploravel exemplo do rebaixamento da intelligencia. A Associação compõe-se, na sua grande maioria, de



jornalistas secundarios e de litteratos sem letras; mas tem por dever honrar o titulo com que se adornou. Se não póde affirmar-se pela superior elevação do espirito, póde tornar-se respeitavel pela sua energia e pela sua elevação moral. Expulse do seu gremio o jornalista que atraição e degrada o jornalismo, já que o ministro não tem a hombridade precisa para largar a farda — que se lhe está enlameando — á porta do seu ministerio!

Este é que é o caminho.

---

Refere o *Diario de Noticias*:

« Os presos do Limoeiro reagiram contra uma ordem que hontem déra o director da cadeia; para que a cada ração de pão fosse tirado um quarto, visto os mesmos reclusos receberem jantar especial da ordem terceira de S. Francisco. Fizeram por isso algazarra, e resolvendo-se por fim dar-lhes a porção de pão que lhes tiravam, não a quizeram acceitar. »

Parece que o *Diario de Noticias* não vingou comprehender o seguinte: — que o director da cadeia procedeu ridiculissimamente e que os presos procederam dignamente! Pois vê-se perfeitamente. Mas eu tenho mais que fazer e verdade... verdade... estou como o fidalgo Chancelleiros: Isto já me vae aborrecendo!

Ora pois...

---



Na camara dos pares o snr. visconde de Moreira de Rey teve ante-hontem esta phrase symbolica — em defeza das instituições:

— « A França e a Hespanha mudam de constituição como as prostitutas mudam de camisa. » —

O Morgado de Fafe está no primeiro periodo de corrupção: ostenta os seus conhecimentos em assumptos de *camisa impura*: está um cynico de lyceu — quatro horas depois de se haver perdido nos tenebrosos desvios da travessa do Poço. O innocente desbocado e perdido vae á camara dos pares, fazer alarde dos seus conhecimentos impudicos, e não hesita em levar a consternação a dentro das pennas do snr. Corvo! Casal, velho pratico em casos de camisa, ri-se do novato que resvalou das brenhas de Fafe á corrupção lisboeta. O snr. marquez de Vallada mostra-se desdenhoso, e tem contracções de asco em todo o physico.

De resto, a phrase da camisa, parece ser na bocca do snr. Morgado de Fafe, a ultima palavra em defeza das instituições. *Camisas de prostitutas!* Quem sabe? Talvez venha a ser o derradeiro baluarte... Tem-se visto.

Na apreciavel revista lisbonense, que tem por titulo — *A Medicina Contemporanea*, o snr. Ricardo Jorge — lente da escola-medica do Porto — produz os seguinte dizeres:



— « Julgo a classe medica como devendo occupar o primeiro logar entre as classes dirigentes. » —

Não está bem. Se os doentes escapam, em virtude da sciencia do medico, a classe tem o primeiro logar. Se os doentes succumbem, mercê funesta da impericia do medico — tem a classe o ultimo logar.

Mas isto é em casa dos doentes. No campo da politica, onde o snr. Ricardo Jorge vem collocar a questão, a classe medica não tem logar. Eu tómo a liberdade de robustecer esta opinião com a de um dos principes da medicina em Portugal.

Conta o snr. Emygdio Navarro, nos seus esplendidos artigos sobre os *Quatro dias na serra da Estrella* — que o dr. Sousa Martins, convidado a honrar a camara dos pares, acceitando uma cadeira n'aquella casa, respondera approximadamente isto: — « Sou medico: portanto, não posso ser politico. »

A opinião do dr. Sousa Martins vale bem a de uma classe inteira muito illustrada e muito digna. É melhor ficarmos por aqui — com tal opinião.

A classe pharmaceutica vae — salvo discórdancia de alguns dos seus membros — arremessár á camara dos deputados um *representante* pharmaceutico.

Parece que foi escolhido o snr. José Tedeschi. Este digno pharmaceutico é commendador; e,



pois que acceita os votos que hão de conduzi-lo a S. Bento, afigura-se-me commendador assaz gazoso.

Bom — para o parlamento portuguez.

O snr. Augusto Ribeiro, *o tal*, remetteu ha dias (ia-me escapando) ao *Dez de Março* do Porto os seguintes dizeres que valem quanto pesam — como diz o outro:

— « A ordem da noite, hontem, era em todos os circulos politicos, o caso succedido na camara electiva. A opinião manifestára-se geralmente contra o procedimento incorrecto das galerias, sendo, ao mesmo tempo, quasi unanime em censurar a precipitação com que se houve a presidencia, que deu uma prova de fraqueza suspendendo tumultuosamente a sessão e mandando evacuar as galerias. » —

E cathegoricamente e bem alto — porque todos o ouçam — accrescenta:

— « É preciso que nos entendamos. Se o governo não está disposto a manter e a garantir a independencia da camara electiva, a fazer respeitar inquebrantavelmente a auctoridade e o prestigio d'este alto corpo do estado, se o presidente da camara electiva não tem ou não quer ter força para obrigar todos e cada um a cumprir o seu dever, sem parcialidade ou sem reserva, é melhor fechar o parlamento. » —



Eu tambem acho de urgente necessidade — que nos entendamos: Se é preciso que as galerias evacuem, sem quebra de dignidade parlamentar, basta que o snr. presidente da camara mande lêr ás taes galerias insubordinadas a prosa do snr. Augusto Ribeiro. *Evacuam logo.*

Na camara dos pares, — onde o snr. visconde de Moreira de Rey estende rhêtoricamente, a enxugar, as camisas das prostitutas, — fallou ante-hontem contra o governo e as reformas politicas o snr. conde de Rio Maior. Foi como se não fallasse, já se vê, pois que o nobre conde, irmão do snr. *D. José de Saldanha Effectivamente*, é um *Semsaborão de Saldanha Absolutamente*.

É um semsaborão cruel e um jesuita de entremez. Occupou-se em defender os seus maiores contra o snr. visconde de Arriaga — um infeliz com bolha. Eu estou fallando do snr. de Rio Maior, porque não tenho assumpto. Não quero estragar o *radio* — exemplar unico, de muita estimação e de muitas manhas.

O snr. conde de Rio Maior quer que lhe sirvam Martens Ferrão e Casal, — como dictadores. Quer irmãs da caridade e respeito para a velha nobreza. Quer versos de Palmeirim. Quer o *fado* primitivo — com preludios de saracoteio e a guitarra a gemer anceios mysticos. Quer ordem, religião, amor ao divino. Eu gosto mais do humano.

Estão bons — os dignos pares... bons, maduros e



saborosos, exceptuando os que estão podres. D'entre estes alguns se offereceram já ao snr. ministro das justiças — para relatores da reforma penal. O snr. Lopo Vaz tem de escolher um — pelo cheiro. Dado que s. exc.<sup>a</sup> não vingue separar um typo, eu indico-lhe o snr. conde de Rio Maior, ou o snr. marquez de Vallada, — e para resistencia não será mau escolher os ambos: um dentro do outro.

E vão bugiar — todos tres!

O snr. Filippe de Carvalho, pae do snr Caetano de Carvalho (o qual Caetano é o filho do Filippe, que vem a ser o pae do Caetano) declara que deu á exposição do Rio de Janeiro o que tinha de mais precioso: — o seu Caetano.

O *Correio da Noite* tem explorado comicamente este caso sério. Eu entendo que quando um homem (Filippe ou não Filippe) tem um Caetano assim, não deve mandal-o a exposições industriaes e agricolas: aquillo pertence á arte ornamental.

Ou não?

No *Diario Illustrado* a snr.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão preoccupa-se nas francezas do Coliseu — e tambem nos francezes, mas nas francezas especialmente.

Diz assim a boa senhora:

— «Elles e ellas! Ellas sobretudo: porque a ad-



mittir-se a hypothese, que possa existir no mundo alguma coisa mais espirituosa do que um francez, essa coisa não póde deixar de ser franceza... » —

Ora vejam que coisa! um francez é uma coisa e uma franceza é outra coisa. Que coisa, minha rica senhora! Que coisa!

« O gerente do jornal parisiense *Proletaire* foi condemnado em 200 francos de multa e custas, por ter faltado ao artigo 29.º da lei da imprensa, abrindo e annunciando publicamente subscrições com o fim de indemnizar o snr. Fourdière das multas que lhe foram impostas por sentença judiciaria ».

Isso que ahi fica é do *Diario de Noticias*. Como se vê, o hypocrita segue os seus velhos processos: não emite o seu ridiculo juizo — para não se indispor com Deus nem com o diabo.

Condemna a severidade em França, ou acha-a digna de ser imitada entre nós? Esperem que elle o diga...

O desgraçado! Nem o dinheiro lhe dá independencia!

Joaquim dos Musicos — *idiota irresponsavel e tolerado em letras e artes* — mette o seu nome patusco entre os dos redactores do *Commercio do Porto*.

Por occasião do centenario de Camões, que o



burlesco sujeito quiz empolgar de parceria com os especuladores do Palacio de Crystal, — por essa occasião, diziamos, o idiota descompôz a imprensa do Porto n'uma reunião qualquer, furtando para logo o trazeiro á ponta do pé do nosso collega Borges d'Avellar, isto é — dando ás de Villa-Diogo.

Agora chega-se para o *Commercio do Porto*. O que os snrs. Carqueja deviam fazer era — dar com o appellido nas ventas do patarata.

Mas, aquillo já não tem cura!

---

Ahi está uma coisa de que ninguem se riu e que, todavia, é na escala das *coisas patuscas* — a segunda. A primeira é a eleição do snr. Pequito...

Veio no *Diario Popular*, ha poucos dias:

— «Manoel Simões Ferreira, vereador da camara municipal do concelho de Cintra, declara que na melhor boa-fé assignou o orçamento municipal para o anno de 1883, pensando que n'elle apenas existiam insignificantes alterações, mas vendo agora que foi capciosamente illudido, porque o dito orçamento eleva as contribuições por fórma tão disparatada, que vae offender não só os interesses dos contribuintes em geral, mas tambem os seus, visto ser elle um dos quarenta maiores contribuintes do concelho, protesta solemnemente contra um tal delicto, e retira a sua assignatura.



« Collares, 29 de dezembro de 1882.—Manoel Simões Ferreira.

«(Segue-se o reconhecimento).» —

Bom de lei este Simões! Assignou na *melhor boa-fé*, porque julgou a coisa insignificante, mas vendo que a coisa offende não só os interesses dos outros *mas tambem os seus* — cebo para o negocio! Protesta!

Este Simões bem estrumadinho dava um deputado da maioria. Depois, plantassem-lhe cebolinho.

*Luciano* — o *cordeiro* deplora (no estendal do commercio) que no parlamento se não prestasse homenagem a Gambetta.

Alguem diz que é troça. É uma coisa séria.

O sabio de papelão queria um voto de sentimento que lhe permittisse protestar: isto é — alçar a perna outra vez e apanhar mais alguma coisa.

O peor é que *os outros*, vendo quanto produz uma consciencia firme, eram capazes de alçar a perna em competencia com o inventor de Ulurus, — e não ha ossos para tanta gente.

*Gente* é modo de fallar.

Diz assim no *Diario de Noticias* o jornalista J. de M. (João de Mendonça?):



— « A emphase é contraria á naturalidade, como diz na sua auctorisada critica o snr. Christovam Ayres. » —

Tópicos :

« A emphase é contraria á naturalidade: affirmo o o *snr. Christovam Ayres*.

« J. de M. (João de Mendonça?) diz que sim — que a emphase é contraria á naturalidade. E cita o auctor.

« O *snr. Christovam Ayres* tem uma critica auctorisada: diz o citado J. de M. (João de Mendonça?)

Vamos estudar o caso pathologico e procurar a phrase caracteristica...

*Anselmo* diz que não foi elle o auctor das infamias contra *Elvino*. Assignou e não viu e... puh! que porcaria!

*Elvino* não se considera desaggravado. Pois é ruim de contentar!

Quem ri na sombra é *Nádegas*, o pedante, *Nádegas*, o insignificante!

O caso é que *Anselmo*, pois que fez aquillo (chylo) na gazeta, podia fazer o resto: entregar *Nádegas* á justiça.

Mas, *Nádegas* é capaz de, dando ás mesmas, dizer que tambem não; que não foi elle.

Mas, o...

Mas, a...

Mas, o...



E a gente a metter-se com idiotas!  
Passa fóra!

Do *Diario de Noticias*:

« Recebemos do snr. Ramalho Ortigão cópia da seguinte carta dirigida á direcção da Associação dos jornalistas :

— « Acabando de chegar ao meu conhecimento o programma do espectáculo promovido pela Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, em seu proprio beneficio, para o dia 8 do corrente no theatro de S. Carlos, e não desejando participar nos lucros, que possam advir a essa corporação do auxilio que lhe é prestado pelas snr.<sup>as</sup> Navarini, Torresella, De Reszké e outras cantoras e cantores estrangeiros, cuja assistencia rejeito, como trabalhador humilde mas válido, — rogo a v. que se digne de mandar riscar o meu nome da lista dos membros d'essa sociedade e de acceitar o diploma que conjuntamente lhe devolvo. — Deus guarde a v., etc. — *Ramalho Ortigão.* » —

« Lastimamos que a Associação perca um dos seus mais distinctos socios fundadores. Mas não cremos que a sua direcção, ao organizar um dos saraus artisticos litterarios que os seus estatutos prescrevem como meio de receita ordinaria, faltasse ao que deve ao seu decoro e da corporação, convidando a tomarem parte n'ella alguns distinctos artistas estrangeiros. Seguiu o exemplo e a tradição de saraus



identicos, organisados pela imprensa portugueza e estrangeira, a beneficio de individuos e instituições litterarias, sem que essa idéa, que o saibamos, houvesse até agora sido impugnada como menos digna».

Coitado do *Noticias!* Elle não crê que seja indecoroso o procedimento de uma associação que, a coberto d'um titulo mentiroso, estende o chapéo á benevolencia dos cantores! Pobre do *Noticias!* Elle acha que solicitar um beneficio para quaesquer individuos ou associações auctorisa uma associação que falsamente se diz *dos jornalistas e escriptores portuguezes* a solicitar um beneficio, calcando aos pés a independencia dos homens de letras que os estrangeiros alli julgarão representados!

A carta do snr. Ramalho Ortigão é modelo de dignidade revoltada. Sentimos profundamente, pela primeira vez, não pertencermos á tal associação — para o nosso turno lhe enviarmos *uma despedida*.

✱

Sobre o caso diz o *Diario Popular*:

— « Parece que além do snr. Ramalho Ortigão se despediram outros socios da chamada Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, porque não julgam decoroso pedir esmola quando estão válidos para trabalhar. » —



Pelos modos, não lêem pela *Cartilha incolor* em coisas de dignidade jornalística.

É de Julio Cesar Machado (vid. o *Diario de Portugal*) de 30 de dezembro ultimo:

— «Ah! foi um typo, o Garibaldi; foi uma grande figura! E é justo que, ainda depois de morto, lhe regateiem, no parlamento, na sociedade de geographia, e n'um ou outro club, academia ou sociedade mais ou menos comica o *voto de sentimento*, que aliás não se recusa nunca, nem aos mediocres, nem aos paspalhões, nem ás nullidades, — como sempre em vida os homens lhe regatearam a veneração, e o destino lhe regateou a felicidade. » —

Não tem acostumado os seus leitores — nós entre elles — a estas justas severidades o bello espirito de Julio Cesar Machado. Ainda bem que a severa justiça se manifesta! Ainda bem!

« NOS VARIOS MUNDOS »

N'um intervallo, dos CANTICOS DA AURORA e da POESIA DO MYSTERIO á formação de novo livro, Narciso de Lacerda preoccupou-se em assumptos astromonicos; rodeou-se de livros e instrumentos indis-



pensaveis a um observador de consciencia, e das notas de suas viagens pelo espaço e pelos livros concedeu algumas á elaboração do trabalho que hoje registramos. Espirito delicado e severo, alheio a mexericos de soalheiro e a invejas de nullidades, o illustre poeta dá-nos em breves paginas alguma coisa mais do que um livro *indicador*: affirma, com a auctoridade de um nome feito e consagrado, a feição revolucionaria de um trabalho sobre Astronomia, — trabalho que assume aos olhos do leitor de boa-fé e de sã razão as proporções de um forte contingente para a libertação dos espiritos.

NOS VARIOS MUNDOS não é um livro de especulação mercantil, nem a sua feição austera e a sua fórmula de extrema concisão o collocam na galeria das inutilidades risonhas. Não ha alli paginas recreativas para gaudio de palurdios. O que *se sente* irresistivelmente é a grandeza e a elevação d'um assumpto que constitue a preocupação, o trabalho e o sacrificio de espiritos honrados e cultos. Pela seriedade do seu trabalho, pelos seus nobres intuitos, pela realisação d'estes o poeta é digno do honesto e fervoroso applauso. O assumpto dava-lhe margem a historietas bem cabidas em botequim ou em camarim de velha *cocotte*. O respeito proprio, que é apanagio do artista superior, conteve-o nos limites da sobriedade litteraria. É esse sentimento — o respeito proprio — que separa dos garotos e dos valdevinos os espiritos superiores, dando a cada um o seu lugar.



No *Diario da Manhã* é assaz louvado o escriptor J. M. da Cunha Seixas, a proposito de um seu livro: ENSAIOS DE CRITICA PHILOSOPHICA. O philosopho que no *Diario da Manhã* louva o snr. Seixas escreve em estylo de vaqueiro. Para se formar idéa aproximada da escorrecencia bastará esta belleza:

— « O snr. Theophilo Braga apanha do fino. » —

Ha vinte e quatro horas que eu busco inutilmente distrahir o meu espirito da contemplação d'esta mixordia: na folha jornalistica de que é director o academico Pinheiro Chagas, ha um *philosopho* que, apreciando um livro de critica philosophica e alguma referencia, contida n'esse livro, a um homem como Theophilo Braga, acha e publica esta phrase como expressão e fórmula critica: — « O snr. Theophilo Braga apanha do fino ».

Não vejo alli senão Santo Agostinho em cuécas do Inso — capaz de expellir semelhante fórmula. Foi elle quem descobriu Mafoma tomando Constantinopla. O quinquagenario moço de esperanças snr. Pinheiro Chagas tem de lançar o olho á philosophia, á historia e ao estylo d'aquelle artifice. Lave-o na pia da instrucção primaria, metta-o na Academia das Sciencias — com os outros; e *deixe correr o marfim*.

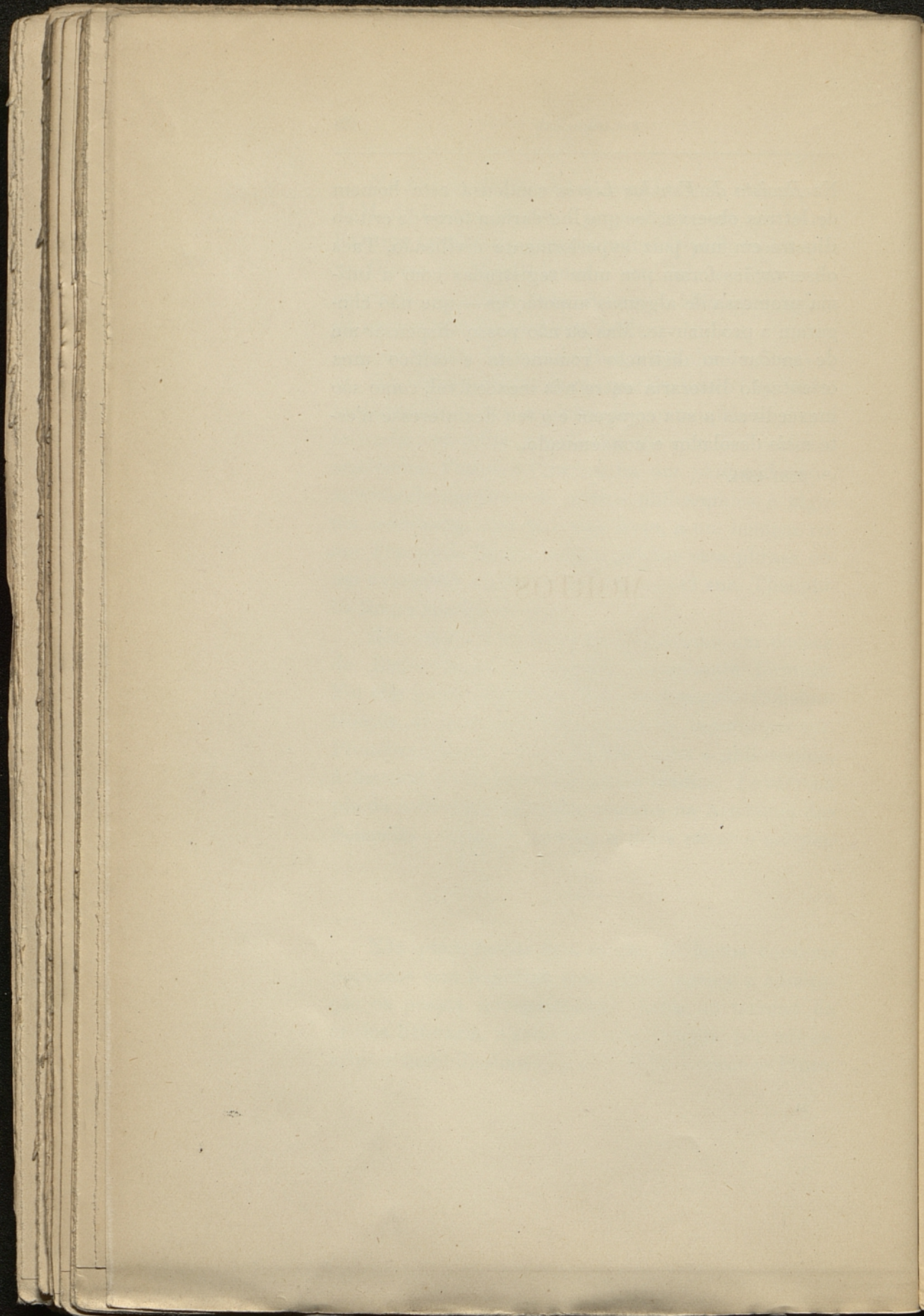
Não quero fechar esta secção de factos contemporaneos sem registrar com muito apreço e admiração os passos intrepidamente dados no terreno da critica litteraria, n'estes ultimos tempos, por um escriptor notabilissimo — o snr. Julio Lourenço Pinto.



Na *Revista de Estudos Livres* condensa este homem de letras observações que lhe dariam fóros de critico illustre em um paiz superiormente civilisado. Taes observações foram por mim registradas com a intima promessa de algumas annotações — que não chegaram a produzir-se. Mas eu não posso dispensar-me de saudar no distincto romancista e critico uma orientação litteraria entre nós inexcédível, como são inexcédíveis a sua coragem e o seu desinteresse n'este meio desolador e condemnado.

1881-1884.

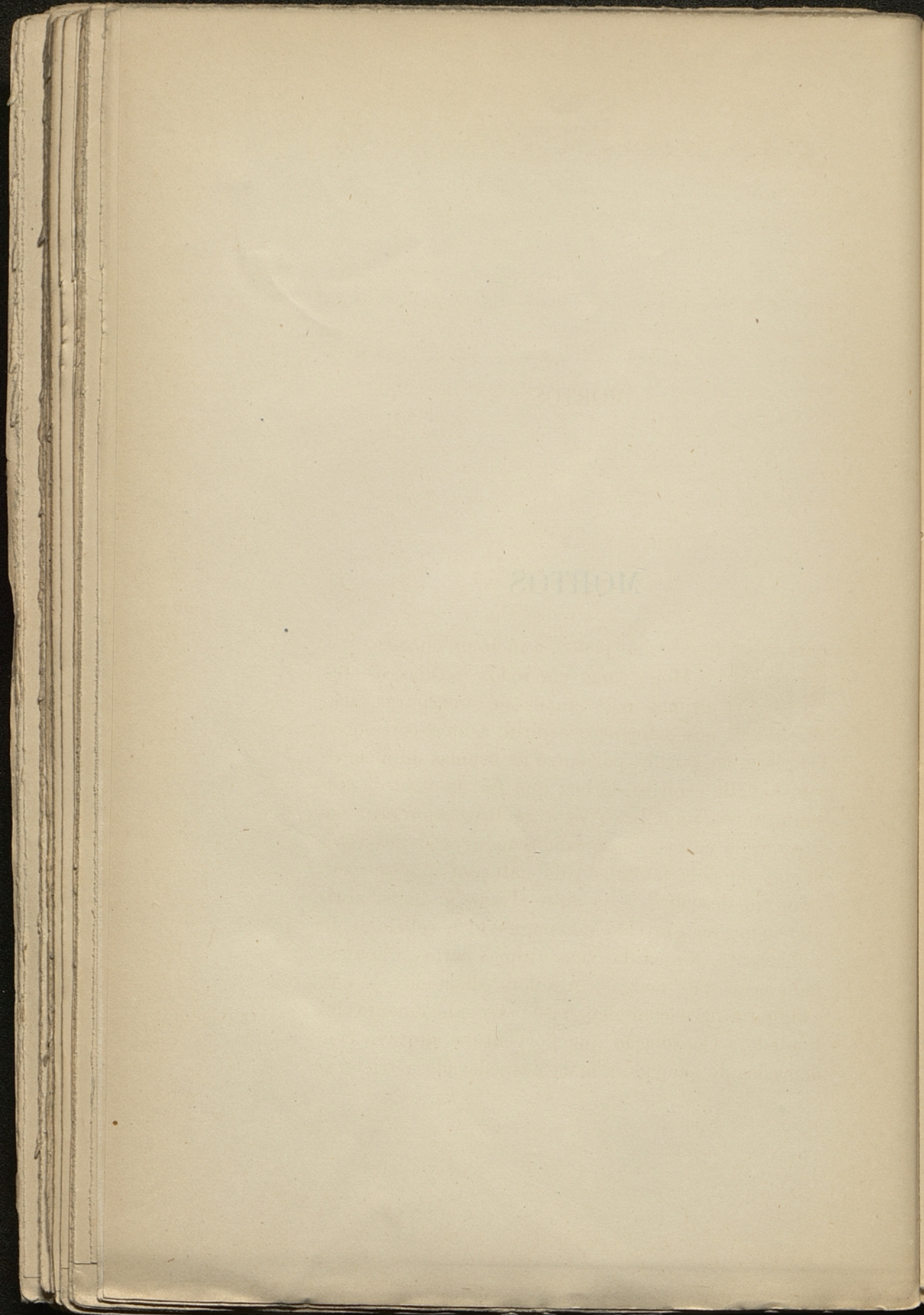






MORTOS









## MORTOS

VENTURA RUIZ AGUILERA



AREMOS um pouco, a meio da encosta.

Hoje, como em todos os dias d'estes ultimos sete annos de amarguras, não posso furtar o espirito a uma commoção religiosa, ao avistar, por entre as brumas do meu viver, aquelle espirito de luz, que foi na vida de sessenta annos impollutos Ventura Ruiz Aguilera. Sobre varios cultos, desvanecidos pelas injustiças evidentes ou pela fatalidade de natureza que se compraz em descobril-as, o culto d'aquelle nome abrigou-se-me na gratidão inexpugnável a rebeldias do soffrimento. N'uma das suas ultimas cartas, tão alentadoras e tão amigas, Aguilera dizia-me: — « V. exaggera para commigo o seu reconhecimento infundado. » Consolação que porventura aggrava com demasias de saudade a mais despedaçadora tristeza!



Volvo os olhos a um passado de sete annos... Foi nos ultimos dias de 1873. Em Madrid, terra para mim então desconhecida, achava-me sem recursos, sem amigos, avergado ao peso d'um orgulho que não sollicitava amigos novos, nem desvendava completamente misérias por demais completas; attingira o momento psychologico que dá inspiração aos Val-lès e a outros refractarios expansivos, dado que elles vinguem *sahir da torre de Ugolino* para os desdens humanos. Foi n'esse momento que Ruiz Aguilera surgiu. Como elle vingou sobrepujar, em consolação, incitamento e alentos para vida nova, os beneficios e os carinhos de bom pae, não póde ainda hoje explical-o a si proprio o meu espirito, que se compraz na deliciosa tortura da recordação...

Ao anoitecer, Aguilera e eu sahiamos da sua modesta e adoravel casinha da rua de Ave-Maria para o *Retiro*. Passeavamos. O poeta dizia-me a sua formosa vida de trabalho, de sacrificio e de honra, e eu circumdava de gloria essa vida na minha mente que reflectia a admiração de todos. A espaços, Aguilera detinha-se; no seu rosto veneravel accentuava-se o bom sorriso de candura, temperado com uma ironia fugitiva; fazia-me um signal pedindo-me attenção... N'um grupo de alegres populares, cantava-se:

« Sin flores ha nacido  
La primavera,  
Y pide una limosna  
De puerta en puerta.  
Dale tu, niña,  
Un puñado de flores  
De tus mejillas ».



Aguilera com o braço estendido na direcção do grupo, os olhos humidos, a barba branca reflectindo não sei se a luz da lua, se outra que desce da fronte dos inspirados e que, porventura, os guia no desterro, dizia-me enternecido, com um longo olhar de gratidão para o seu povo hespanhol que tanto o amou: — « São versos meus! »

Ah! nem tudo era felicidade de justo n'aquelle nobre coração de Aguilera! Eu não sei de tristeza devoradora que possa equilibrar-se na balança dos soffrimentos com a tortura d'aquelle pae amantissimo que, nas *Elegias y Armonias*, sagrou a dôr paterna em gemidos que põem echo despedaçador nos mais frios peitos de indifferentes!

Ás vezes, durante a palestra amiga e inolvidavel do lar domestico, entre elle e a nobre consoladora do seu viver e eu que usurpava carinhos com a ancia de um desherdado, desacertava-se em alludir a creanças. Para logo, interrompida a palestra, irrompiam as lagrimas dos dois afflictos, e eu, mudo, pedia mentalmente ao destino funesto que sobrecarregasse a minha vida com mais aquelle fardo de soffrimento e que os alliviasse — a elles...

A vida de Ruiz Aguilera como jornalista, como poeta e como revolucionario de acção, firmou-se até ao dia derradeiro n'um credo inexoravelmente adorado: a Honra, a Liberdade, a Patria — e Deus! Póde-se discutir uma parte d'esse credo; mas o que fica indiscutivel é o esteio da honra inquebrantavel que alevantou aquelle nobre espirito á veneração d'esse grande povo hespanhol que elle tanto amou!



« Moriran las espinas y las palmas  
Que coronan al grande y al pequeño ;  
Mas no, no será un sueño  
La floracion futura de las almas.  
Hora feliz, en que la mia vienes,  
Oh Señor, á arrancar del frágil vaso  
Y vida más perfecta le previenes !  
La muerte es un progreso, breve el paso ;  
Estoy pronto á partir :

Aqui me tienes ! »

Estes versos de Aguilera recebi-os ha pouco. Acompanhavam uma carta do poeta, com a promessa d'uma vinda breve a Portugal, — seu sonho antigo. Não chegou a vir. A morte viu-o *prompto* para a viagem eterna e levou-o consigo; porventura Deus, enojado da ida de tantos miseraveis, exigira, para descansar seus olhos, a presença d'aquelle justo.

1881.

ERNESTO BIESTER

Uma noite, vae em oito annos, Gomes Leal entrou no meu quarto e disse-me:

— Venha d'ahi! Temos uma noite espantosa em D. Maria. Renascem as tempestades de 30: ha classicos e romanticos: vamos ser Theophilo Gautier, Dumas pae, o diabo!

E como eu o encarasse espavorido, Gomes Leal explicou:

« Que o Biester punha em scena *Os Sabichões*, peça de combate, uma coisa fezoz contra os *novos*; que estaria lá tudo »; e citava nomes, palavras



ameaçadoras proferidas por F..., um dos chefes, e insistia:

— Venha d'ahi. É uma noite espantosa!

Fui. Estavam em scena *Os Sabichões*...

Sete annos decorridos, lembro-me, em extremos de magua, do trabalhador que se finou. A sua peça de combate não avocou as luctas do Romantismo, nem denunciou rival perigoso na esteira de Aristophanes. Mas revelou coragem, á hora dos desanimos. Em conciliabulos de velhos descontentes e de rapazes velhos, a geração nova era discutida com ferocidade reveladora de bem triste fraqueza. Decretava-se conspirações — mais tarde imitadas. Calumnias bem miseraveis tiveram alli o seu germen e perseguições bem torpes o seu ponto de partida. Uma epopeia de miserias!

Ernesto Biester teve uma coragem sua: sahiu dos conciliabulos para a brécha; tinha por detraz de si os applausos dos covardes; pela frente a mocidade prevenida contra o seu nome e contra a malevolencia dos *velhos* que o incitavam. O seu trabalho de aggressão vinha em nome da Rotina e do Odio; como obra litteraria não revelou sequer os dotes do escriptor: um completo desastre. Gomes Leal grudou um soneto cruel na reputação do dramaturgo e *As Farpas* consagraram-lhe um capitulo. O protesto (!) corajoso de Ernesto Biester marcou a derradeira hora do seu renome. Estava bem morto e sepultado o escriptor, no dia em que o homem sahiu da terra para o Desconhecido!



Mas trabalhára e luctára. Soffrera durante um longo periodo o martyrio mais doloroso para o trabalhador do Pensamento: attribuiam a um companheiro seu de officina o seu trabalho de cada dia. A geração moderna aborrecia-o: acostumara-se a contar com elle nas fileiras dos *sobreviventes*. Nos commentarios soffridos por Ernesto Biester havia a colera, não existia o desprezo que soem conquistar os inimigos sem talento e sem coragem, — uns que mordem a sombra dos adversarios temidos, nos intervallos da roedura no explorado *osso do noticiario*. Da velha guarda de Castilho foi elle um dos ultimos fieis; seguiu do mestre a gloria, o predominio, a lucta, a decadencia, e entrou com elle na penumbra, no logar severo destinado aos homens que opuzeram os recursos do talento á invasão civilisadora do espirito moderno, e que confundiram cegamente no ataque o principio e as aberrações.

\*

Destaco da totalidade das suas produções dramaticas uma das mais notaveis: *Um fidalgo do seculo XIX*. Parece-me, á luz de uma recordação vaga, a pedra de toque para os recursos do dramaturgo. É o *jacobinismo da honra*. Um tanto de declamação; muitos *effeitos*; escassez de vernaculidade; pericia notavel no movimento scenico; typos vigorosamente desenhados e quasi nunca verdadeiros, — o que os tornou esquecidos; a defeza de uma ideia sã, e,



no total: — muito para as impressões suaves da multidão, pouco para a critica.

Não me consta que lhe chamassem Shakspeare, nem que lhe immolassem no altar do noticiario o theatro de Garrett. Tal abstenção de ridiculos livra de severo exame a galeria do finado dramaturgo.

Foi na Arte um conservador, e entre os adversarios da geração nova um dos mais distinctos. Não devemos corôas de perpetuas, mas ao menos um pensamento de tristeza, ao homem que assistiu sereno á ruina do seu talento e do seu renome e da maioria das glorias do seu tempo.

1881.

NOGUEIRA LIMA

Não posso recordar-me, sem lagrimas de tristissima piedade, d'aquelle *indignado perpetuo*. Homens assim desgraçados só dois conheci na via dolorosa do meu destino: Nogueira Lima e Augusto Soromenho. Nogueira Lima, a um terço da vida, quando as ambições robustecem o cerbero e o amor acalenta a seiva do coração, derivou ao severo exame das injustiças dos homens e não viu a fatalidade das coisas. Encontrei-o, pela ultima vez, pouco antes da sua morte; a côr biliosa do seu rosto exaggerara-se, o seu olhar penetrante e severo amortecera-se. — « Estou exausto, meu amigo! disse-me. Este maldito mundo afoga-se em podridão e eu perco o meu tempo na lucta! Mas sinto proximo o descanso! »



Narrou-me factos justificativos da sua amargura crescente: — Alexandre Braga recusara-lhe, dez annos antes, versos para a *Grinalda*, e vivia respeitado e feliz! O Anselmo convidara-o para administrar uma gazeta; d'ahi, elle Nogueira Lima, impuzera uma condição terminante: « Nem um só numero da folha seria consagrado a embrulho »; e o outro rira-se... e prosperava como um bandido que era! Um moço de recados — um gallego — pisara, alli em cima, nos Clerigos, um cão amarello e desentranhara-se em estúpida laracha á conta do animal offendido! Uma terra de facinoras a Galliza! Estes factos, que Nogueira Lima julgava e condemnava á custa do seu viver, eram um tanto pueris; mas no mar trovejante d'aquella indignação exaggerada havia, no fundo, um grão d'areia, que representava a justiça. Nogueira Lima condemnava o poeta, seu amigo, que lhe recusara um favor, o industrial que metterá a riso a sua feroz delicadeza, e o gallego que achara assumpto para risota nos soffrimentos de um cão; e derivava dos factos alludidos á condemnação do egoismo, da brutalidade cynica e da crueldade bestial. Um verdadeiro martyrio!

Tinha, diariamente, conflictos perigosos. Insultava os carreiros brutaes que espicaçavam os bois pacíficos e trabalhadores, e não hesitava em applicar bengaladas áquelles *villões impiedosos*! Os carreiros tinham-lhe medo; e elle, em plena rua, orava contra a policia e os governos e as instituições e o mundo moderno. Enfurecendo-se gradualmente, entrava n'um estabelecimento conhecido e dava murros espantosos sobre o balcão e as vidraças dos mostrados



res. O meu velho amigo David Ramos tem no seu orçamento importantes verbas dispendidas *a murro* pelo nosso infeliz Nogueira Lima...

Tinha o raro culto das fortes dedicações: d'ahi novos soffrimentos. A susceptibilidade, illudida á força de desconfiança, indicava-lhe um sem-numero de aggressões, deslealdades, perfidias e desconsiderações de cada hora. No dia em que o desanimo lhe cavára fundo as faces e mais lhe amortecera o brilho do olhar attento, — n'aquelle dia, ultimo em que pude vê-lo — Nogueira Lima fallou-me, com uma tristeza singularmente suave, em Emilia das Neves. — «Sublime artista! Oh! mas ingrata mulher!» Averiguações: Emilia das Neves brindára com um exemplar da sua biographia um seu amigo, que por acaso alludiu ao brinde, conversando com o poeta. Nogueira Lima, defensor ardente do grande nome de Emilia, não recebera um brinde igual: considerava-se victima d'uma ingratidão atroz. Fôra apenas um equívoco — felizmente reparado; mas o *golpe* fôra doloroso!

Nas fortes e controvertidas questões de direito e de dignidade humana, aquelle homem, digno como poucos, perdia toda a serenidade; apertava, com as mãos ossudas, a fronte amarellecida e o seu olhar terrivel encarava por momentos um attentado vingador. Para logo refugia, porém, distrahido pelos episodios da villeza vulgar, que desfilavam alli ao seu alcance...

Na idade média, Nogueira Lima teria levado ao terreno dos combates pelo ideal a lança d'um paladino e o coração d'um crente. Em 1874 do nasci-



mento de Christo, Nogueira Lima olhou em redor de si, pediu uma lança e uma arena:—o ideal de justiça tinha-o elle no generoso coração. Disseram-lhe que a ultima lança offerecia á viração da tarde um trapo bicolor na frontaria d'uma tasca de Paranhos. Indicaram-lhe uma arena —um terreno do Bomfim, enlameado e fétido, onde uns viscondes modernos, enxertos de gallego em escrava, sustentam as instituições sobre os duros callos que lhes deixou nos lombos o canéco —menos torpe do que a urna.

E então, n'um desvairamento, Nogueira Lima apertou com as mãos ossudas o coração torturado, e as ultimas gotas do seu sangue generoso abafaram-lhe na garganta, com o derradeiro soluço, a derradeira maldição!

1881.

#### GUILHERME D'AZEVEDO

O athleta da Chronica era elle —o bom Guilherme. Não sei de mais prompta e inesperada revelação do que a do pallido moço que ha doze annos me procurava em Lisboa, e me recitava —a mim, obscurissimo neophyto! — os melhores versos do seu bello e honrado livro A ALMA NOVA. Guilherme d'Azevedo residia então em Santarem, a sua terra, e visitava de quando em quando a *capital*. Os seus documentos litterarios constavam de dois livros de boa poesia lyrica: APPARIÇÕES e RADIAÇÕES DA NOITE. Era um tanto protegido pelo poeta Vidal



e por algum outro dos protegidos de Castilho. Um dia libertou-se: passou da camaradagem dos velhos infantís e dos infantes vélhotes á confraternidade da geração nova e a breve espaço marcou frisantemente o seu lugar entre os seus irmãos de trabalho — que o estremeciam, todos!

Abandonou a Poesia, os versos, quando viu a concurso, no jornalismo de Portugal, o sceptro do *humorismo*. Não houve lucta. Guilherme d'Azevedo representou entre nós, durante os ultimos dez annos decorridos, o espirito dos grandes *chronistas* da moderna França — os Ignotus e os Wolff, — imprimindo-lhe um vigoroso cunho pessoal, tão característico que a praga dos imitadores nem sequer tentou sobre tal cunho as proezas de mão baixa. Todos nós, que amámos Guilherme, aprendemos a conhecer o seu estylo atravez dos pseudonymos mais extravagantes e inesperados: — estylo sobrio, desadornado, frio nas primeiras linhas, mas descobrindo de subito as baterias d'uma *verve* extraordinaria e d'um cruel bom senso. Cruel — para a Hypocrisia, para a Inveja: para todas as variantes da Banalidade canalha...

Foi com esse estylo formidavel, ao serviço da mais alta honestidade, que o nosso grande humorista opulentou, no decorrer de dez annos, um sem-número de paginas da *Discussão*, da *Lanterna Magica*, da *Lucta*, do *Antonio Maria*, do *Occidente* e do *Primeiro de Janeiro*, e, de camaradagem com o grande poeta da MORTE DE D. JOÃO, aquella *revista* (do commendador *Gil-Vaz*), tão celebre pelo espirito dispendido como pelos coices recebidos da gatunagem da politica e das letras patrias. O bello renome conqui-



tado por Guilherme levou a *Gazeta de Noticias* a estabelecê-lo em Paris como seu correspondente, n'essa Paris que lhe deu a morte... de despeitada por lhe não ter dado o nascimento.

No *cavaco* litterario, no botequim, no *atelier* de Bordallo, na Havaneza, era ainda e sempre formidavel. Não posso esquecer aquelle pallido vulto, rachitico, na sua posição predilecta: o pé esquerdo apoiado na parede; o corpo pesando sobre a perna direita, que lhe servia de escora; a mão direita espalmada, com os dedos para o alto, n'um vae-vem continuado. Depois, a narração dos episodios: coisas banaes da nossa vida publica, narradas e commentadas por um modo e n'um tom *que fariam rir as pedras* e que ainda agora me trazem, á minha intensa magua, a liga de um triste sorriso.

E elle, interrompendo-se, quando explosiam gargalhadas atroadoras, tinha um ligeira contracção no rosto quasi livido...

Nunca lhe ouvi, durante doze annos de convivencia, uma expressão amarga, — menos ainda a repetição d'uma calumnia *em praça* — contra um adversario, ou, em reprezalia, contra um dos seus insultadores. Encerrava-se no silencio, ou derivava a assumpto extranho quando á sua beira formulavam accusações a algum d'esses minusculos. Apenas, em hora de amargura, alguma phrase desdenhosa. Boa vingança, porque a phrase corria mundo.

.....  
Quando nos braços de Raphael Bordallo, ha quatro dias, Guilherme d'Azevedo fechou os olhos



no derradeiro somno e quando o seu bello coração, grande como o seu espirito, se immobilisou no frio da morte, ah! como deveria chorar sobre elle o grande artista, seu companheiro de trabalhos e de gloria, e como elle — Raphael — perguntaria ao espaço se ha um Deus que lá n'outros mundos nos retribue a dôr assombrosa e terrivel do derradeiro beijo n'uma face amada!

1882.

EMILIA DAS NEVES

Se eu havia de faltar — seu velho cortezão — á hora do seu ultimo triumpho!

\*

Garrett foi grande e feliz: um paradoxo cruelmente absurdo. Homem politico da luminosa escôla de 89, quiz uma tribuna e teve-a para o seu fulminante espirito no momento psychologico das derrocadas e das reconstrucções; homem de lettras funda o *theatro nacional* — se justamente olvidamos quanto vem de Gil Vicente a Antonio José, incluindo os dois vultos; — funda o *theatro nacional*; carece de actores colossaes, e a formidavel pleiade surge para o trabalho formidavel e para a consagração do renome do trabalhador.



E nem uma calúnia sem visos de puerilidade lhe assaltou esse renome!

\*

Na obra de Garrett, foi Emilia das Neves — no palco — o mais poderoso collaborador. Quem isto escreve poudé averiguar o alcance da collaboração: menos critica do que instincto, mais intuição do que educação; mas na artista uma sólida crença na dignidade da Arte e a perfeita e correcta consciencia do valor proprio e da insignificancia dos seus detractores; muito orgulho justificado em extremo; altiva ignorancia de processos modernos e pelintras para a conquista de *réclame* e nenhuma necessidade de conhecê-los; como escripturada, a primeira em disciplina, — e durante perto de quarenta annos — até ao dia da sua morte, — o mais poderoso e fascinador talento do theatro portuguez e uma das mais esplendentes vocações artisticas da Europa moderna.

Tal foi.

\*

Menos feliz do que Almeida Garrett, Emilia das Neves não vingou passar da gloria á sepultura sem que lhe cuspissem prosas contra a frontaria de sua habitação e sem que uns réles inimigos, *dos tres sexos*, lhe perturbassem o animo irrequieto, com grande exuberancia de coices e de infamias menormente ruidosas. Eu hei de pôr um dia alguns nomes sym-



bolicos á beira de um monumento singelo consagrado á actriz immortal, e o sentimento de justiça ha de inspirar-nos — a mim para os commentarios, ao leitor para o riso intelligente...

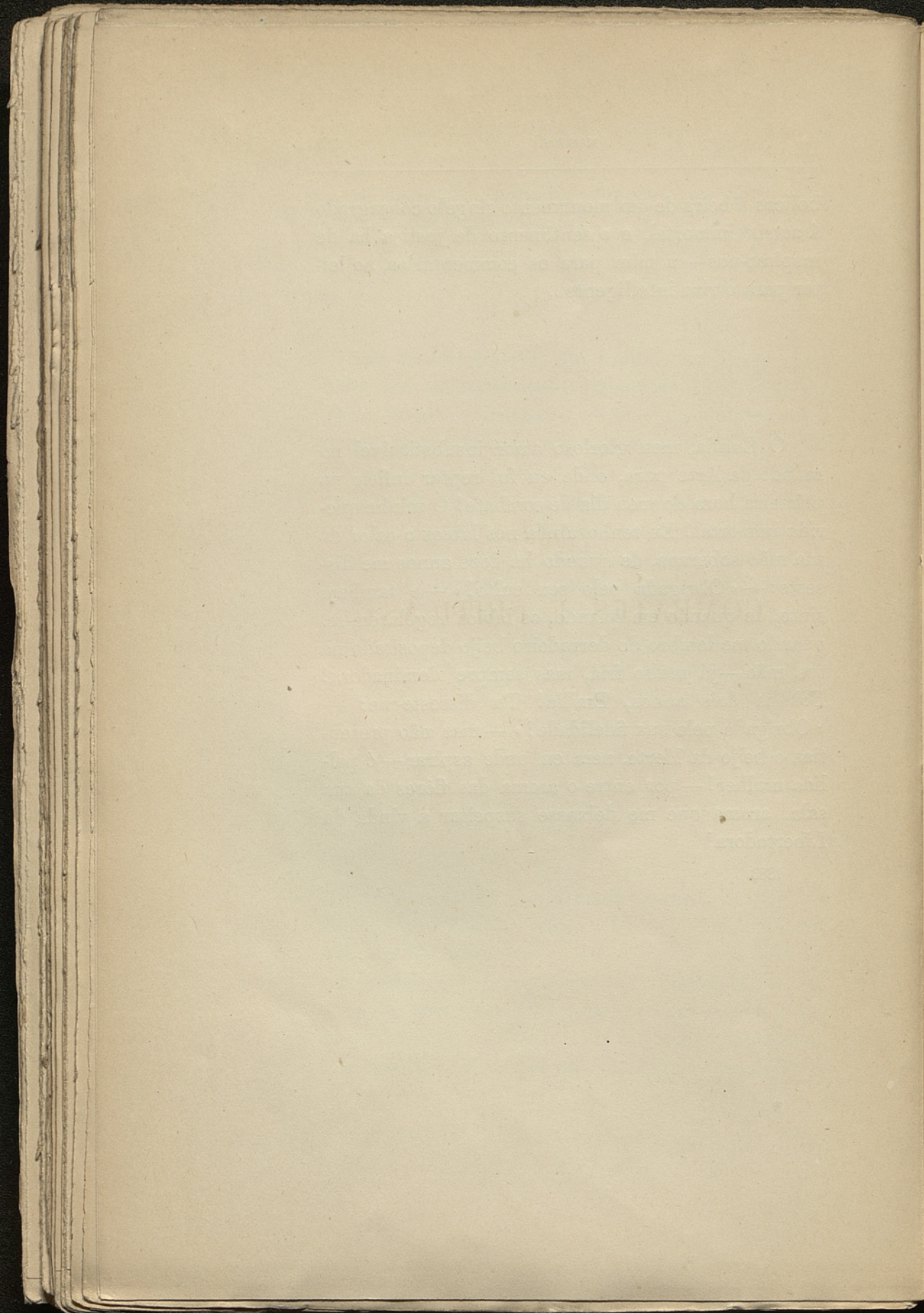
\*

Ó Emilia, meu glorioso amor insubstituivel no mundo da Arte pura, onde eu fui reptar infieis na primeira hora do meu dia de combate! Ó minha querida immortal! Eu tenho ainda nos labios o calor da tua mão soberana, de quando ha doze annos me disseste: — « Obrigada pelo seu culto! » — e tambem sinto, de quando em quando, os labios regelarem-se, quando me lembro do derradeiro beijo depositado na tua mão — já muito fria, mas sempre dominadora! Foi ha dois annos, Emilia! Tu disseste-me: — « Obrigada pela sua fidelidade! » — mas não presentias o beijo da Morte, nem eu pude aspirar — ó pallida mulher! — por entre o aroma das flôres da tua sala, aroma que me deixasse suspeitar a vinda da Libertadora!

1883.

\*



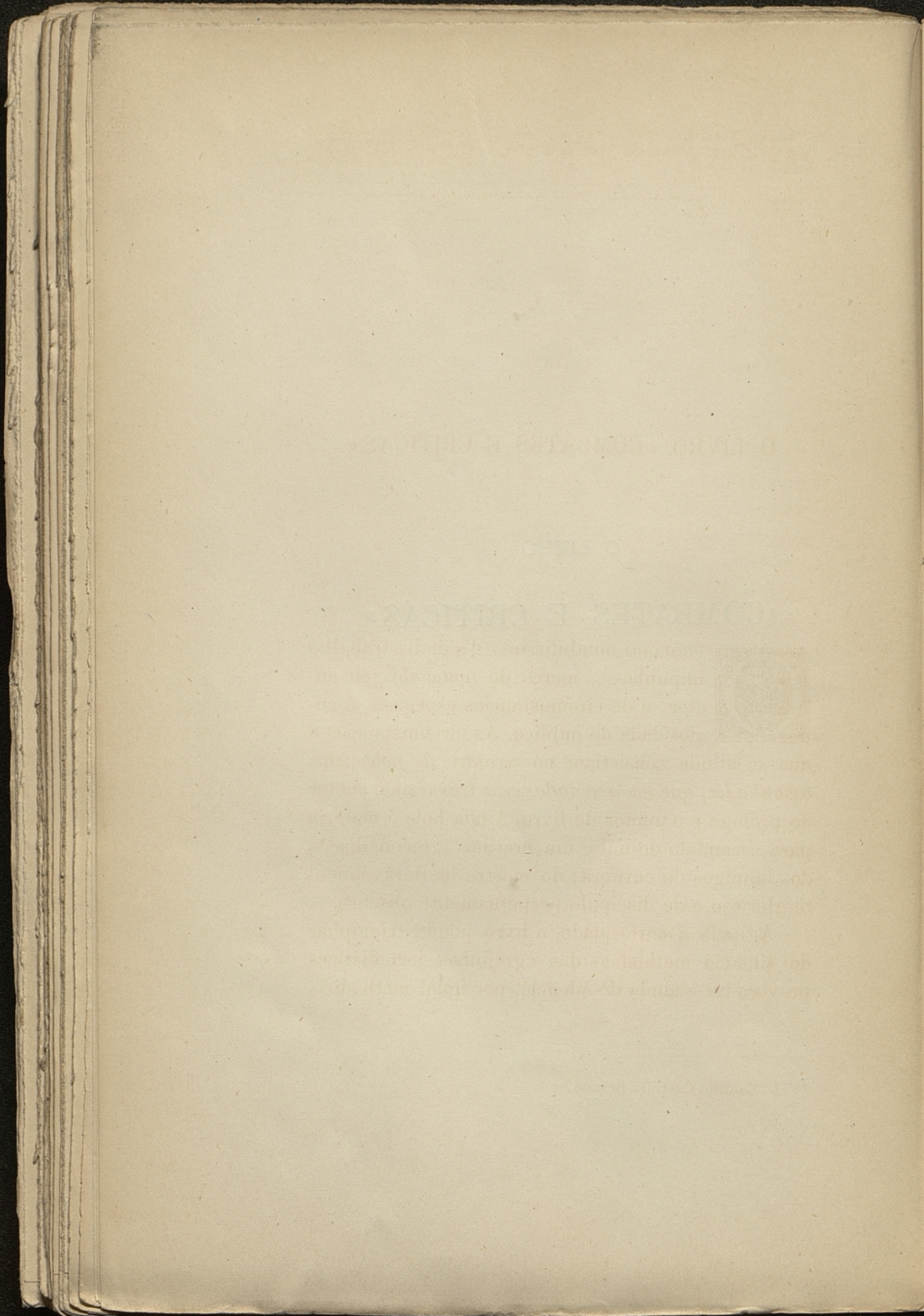




O LIVRO

«COMBATES E CRITICAS»







---

---

## O LIVRO «COMBATES E CRITICAS»



PROLOGO notabilissimo d'aquelle trabalho impunha-se, mercê do nome do seu auctor<sup>1</sup> e de circumstancias especiaes, á curiosidade do publico. As circumstancias a que se allude consistiam no *recontro de polemistas assanhados*, que *em arredadas eras* travaram o auctor do prologo e o auctor do livro. Ainda hoje é materia para escandalo de mil e um cretinos a reconciliação dos inimigos de outr'ora: do mestre inalteravelmente glorioso e do discipulo perpetuamente obscuro.

Agitada a curiosidade, o livro poude triumphar do silencio methodico das egrejinhas jornalisticas provocadas e ainda do silencio, por igual methodico,

---

<sup>1</sup> Camillo Castello Branco.



das notabilidades contestadas e discutidas. Afóra o caso do *prologo*, vieram militar em favor do livro outras afirmações de sympathia — sem duvida conquistadas pela tenacidade, com que, em meio de um inferno de amarguras e de soffrimentos obscuros, o auctor dos COMBATES insistia em erguer a voz para a afirmação do *eu* perseguido, calumniado, amaldiçoado, mas nunca abatido pelo desfalecimento.

Assim, ao nome de Camillo Castello Branco e ao applauso d'este homem illustre, o auctor dos COMBATES E CRITICAS addiciona, para o agradecimento, os nomes de alguns homens de letras, bons e generosos camaradas, de bom conselho filho de larga experiencia ou de boa inspiração: — Julio Cesar Machado, Simões Dias, Rodrigo Velloso, Candido de Figueiredo, Emygdio de Oliveira, Eduardo Salamonde, Domingos Tarrozo, Cunha Vianna — e mais nenhum no terreno da publicidade.

Transcreve-se um artigo — o de Simões Dias — sem quebra de alto apreço pelos juizos criticos dos nossos bons collegas: transcreve-se, não porque elle seja mais amavel, mas porque elle fixa determinados pontos de vista indispensaveis ao estudo critico do trabalho e do trabalhador, e tambem — diga-se toda a verdade — porque o illustre professor vingou comover-me singularmente, ao avocar a melhor quadra da minha vida: a de lucta ardente, sem a intuição terrivel da desgraça meditada. Transcrever as palavras de mais algum collega seria transpôr a barreira que separa um legitimo orgulho de uma vaidade pueril indesculpavel.

Segue o artigo de Simões Dias:



## COMBATES E CRITICAS

POR

SILVA PINTO

Devo duas palavras de agradecimento ao snr. Silva Pinto pelo favor, tantas vezes repetido, de nos proporcionar algumas horas agradaveis com a leitura dos seus livros.

O mais nutriente e volumoso d'esses magnificos livros, que rendidamente aqui agradecemos ao seu generoso auctor, é aquelle que tem por titulo — COMBATES E CRITICAS, e que sobreleva aos demais, por ser um como compendio de materias já divulgadas em anteriores edições e opusculos do mesmo escriptor.

Quem é Silva Pinto?

O mais audaz, o mais ardente, o mais nervoso luctador que na vanguarda das lettras portuguezas hoje combate pelos fóros da critica independente e pela honestidade do talento.

Um moço de trinta e quatro annos, vivaz e inquieto, rebelde a preconceitos e a paganismos facticios, altivo na sua modestia e facil na dedicação, tão apaixonado pelos eternos principios da justiça e da liberdade humana como refractario a suggestões de commodos e interesses pessoaes.

O logar alto que hoje occupa na galeria dos escriptores da nossa terra não lh'o deram por favor; disputou-o e adquiriu-o, á força de talento. Occupa-o em nome do direito de conquista.



Houve na vida d'elle um periodo, longo em demasia, escuro e amargurado. Nem a saude, nem o pão lhe sobejava. Quando se é pobre e só no mundo, raros são os vinte annos que resistem « á illaqueação dos Aretinos e dos Clavijos — boas navalhas de mo-la, mas despontadas pelo uso, que se recaldeiam ao fogo de um talento novo e inexperiente. »

A essas durezas da vida inexperiente, bohemia e desamparada, se refere Silva Pinto na pagina tarjada, em que dedica á memoria do pae o seu melhor livro de combate.

Vi-o pela primeira vez n'essa epocha amargurada, em que mil contrariedades e desenganos cahiam a fundo sobre a sua tempera resistente e revoltada. O seu temperamento ardente retemperava-se todos os dias nas fraguas de uma lucta, d'onde raros são os que sahem com a alma limpa e o coração immaculado. Se a desgraça purifica, muitas vezes perverte, porque não ha caminho mais curto para o crime e para a degradação do que a estrada solitaria dos abandonados de Deus e dos homens.

Silva Pinto sahiu illibado d'esses sujos desvãos, onde os contactos da podridão empestam as almas justas, e nunca vendeu a penna, nem atraiçoou a consciencia de escriptor, pelo prato cubiçado das lentilhas da fortuna.

Se errou ás vezes, soube nobremente confessar o seu erro, espontanea e livremente, quando essa confissão nenhum accrescentamento pessoal lhe trazia, além do contentamento intimo da sua consciencia.

Refiro-me á lucta com Camillo Castello Branco,



d'onde os aggredidos, mutuamente, sahiram redimidos pela confissão da reciproca injustiça.

Este lance da vida de Silva Pinto é um dos seus actos mais sympathicos e caracteristicos.

Ha bons oito annos o seu nome era já citado, nos circulos litterarios do Porto, com a admiração e surpresa que despertavam os seus artigos nervosos e vibrantes, no jornalismo d'aquella cidade. A sua penna, pelos modos, produzia no corpo dos padecentes os effeitos de um tagante. As victimas, torcidas de dôr, e a transbordar desejos de vingança, escabujavam, bramindo imprecações contra o implacavel executor de alta justiça, emquanto que os instigadores anonymos da furia vingadora do escriptor novel e convicto iam lucrando com o arruido, e exaltavam nos cafés, nas praças e nos escriptorios, o arrojo e as investidas imprudentes do imberbe Desmoulin portuguez.

Silva Pinto teve então a sua lenda de spartano furibundo e de Saint-Simon petulante.

Severo castigador dos costumes, elle remodelaria em novas bases esta sociedade pôdre e decrepita, ha tantos annos esperando por Messias!

Exaggeravam-lhe os meritos, para lhe irem explorando o talento inexperto.

Quando elle passava na Praça de D. Pedro, cosido e aconchegado no seu paletot escuro, lamartineano, abotoado até ao pescoço, com o seu longo cabello de tenor e as suas botas de sapador de barricada, a folhear de relance uma brochura nova, correndo para a redacção, como quem leva pressa de ir ao encontro do inimigo, isto é, de escrever uma des-



compostura ao snr. bispo Americo, — os que o viam — os liberaes, bem entendido — sentiam um nobre orgulho de o apontarem a dedo, e de exclamarem jubilosos, esfregando as mãos: — « Lá vae o nosso homem! »

O Porto n'esse tempo blasonava muito das suas crenças liberaes, agitava a questão dos jesuitas, diluía o coração de D. Pedro na caldeirada rhetorica das suas proclamações contra a *Catholica*; e, tanto nós artigos de fundo dos jornaes, como nos versos recitados nos theatros em recitas de gala, o *baluarte da liberdade* era sempre uma phrase de effeito.

Ou fosse rhetorica e amor da arte, ou sentimento e convicção dos portuenses, a verdade é que na antiga cidade o principio liberal teve ha dez annos a esta parte, e não sei se ainda hoje o conserva, um culto, ao parecer, muito fervoroso e convicto.

São actas d'esse movimento as mais inspiradas poesias de Guilherme Braga, os artigos de Urbano Loureiro no *Diario da Tarde*, os trabalhos jornalisticos de Custodio José Vieira, Alexandre Braga e outros, e os pamphletos de Silva Pinto, — que a todos auxiliou n'essa lucta do bem contra a reacção, assumindo responsabilidades que ainda hoje lhe são gratas, porque são as suas mais puras glorias.

Datam d'essa época e de pouco antes as memorias e dramas que publicou, com os titulos de: — *Questões do dia*, *A' hora da lucta*, *O Padre maldicto*, *Os Jesuitas* (ao bispo Americo), *Horas de febre*, *Os Homens de Roma* e *O Padre Gabriel*.

Quem lêr hoje esses documentos sente ainda palpitár n'elles a febre que latejava no pulso de quem



os escreveu. Bem se vê, pela convicção que os torna fulminantes e terríveis, que Silva Pinto andou no mais acceso do combate, e pelo tom aggressivo da critica se reconhecerá a força do fundibulario que luctava indefesso e cheio de fel contra uma sociedade, onde elle vivia só e sem conforto, sem pão e sem esperança.

De então para cá melhoraram as suas condições de vida, mas não poudo contrariar ainda esse habito de polemista impetuoso e virulento, que, no dizer de Julio Cesar Machado, faz prejudicar as questões de que se trata.

D'essa tendencia, ou velho habito, que faz da penna de Silva Pinto um instrumento terrivel, dão testemunho os COMBATES E CRITICAS, embora Camillo Castello Branco assevere que esses artigos são as paginas mais serenas, as treguas mais remançosas das suas pelepas. Concorde que sejam as actas dos seus triumphos; documento de treguas, é que não.

São combates e críticas, artigos de polemica e artigos de analyse. Criticou-os, com a auctoridade que lhe é propria, o mais fecundo romancista do nosso paiz; o que quer dizer que a critica dos meritos e demeritos da obra de Silva Pinto é trabalho feito e acabado.

— « Direi em resumo, diz o snr. Camillo Castello Branco, ao terminar o extenso e erudito prologo, com que abre o livro, o juizo que fórmo da litteratura do auctor dos COMBATES. O seu estylo tem, de par com a elevação eloquentissima, uma nitida clareza — o verniz dos mestres, como disse não sei quem.



Usa phrases compostas de sarcasmos e pontas de agulhas, e bom peculio de antiphrases ironicas. É muito bilioso na polemica, arrebatado, critico de rija tempera, subtil na analyse, muito perspicaz de relance, pouquissimo caroavel de periphrases e circumloquios, com uma temeridade bem sorteada de viajar largos estadios de litteratura sem grande bagagem de expositores, e com as melhores armas de combate, muitas vezes ao serviço da verdade, e algumas vezes, com rara dexteridade, ao serviço do paradoxo. Tem ditos originaes, finos botes de esgrima faceta que se vão generalisando em outros escriptores. Ainda não conquistou a *popularité populaire*. Para isso falta-lhe escrever mal. A sua correção ataviada a primor, e os donaires não espaventosos da locução resabem a uma fidalguia suspeita á ralé. De Edgar Poe dizia Gautier: «*Il avait le malheur de bien écrire, ce qui a le don d'horripiler les sots de tous les pays.*»

« Finalmente, em uma nacionalidade grande, capaz de antagonismos e tempestades de idéas, onde as instituições perigosas e os homens nocivos devem ser derruidos a catapultas de estylo bem herva-do de escarneos e ironias, Silva Pinto seria um pamphletario como o conde de Chesterfield (*Letters of Junius*), como Paul-Louis Courier, como H. Heine, como Cermenin. Mas em Portugal, onde tudo vae apodrecendo pacificamente, a satyra não deve passar de bisnagas com agua de Labarraque. » —

Tal é a opinião de Camillo ácerca de Silva Pinto e da sua obra. Dando ao elogio o desconto da amizade, que n'elle entrou, ainda sobra ensanchas para



o louvor da critica despreoccupada. Louvor, e não favor, a quem tanto o merece pela alta cultura intellectual que revela e pela independencia de que usa na sua profissão de critico.

As quinhentas paginas do volume que estou agradecendo n'este momento encerram artigos de polemica e de critica.

D'aqui o acertado do titulo, e as duas feições salientes do character litterario de Silva Pinto: a de polemista e argumentador, a de critico e analysta.

Como polemista entende que o adversario é um inimigo, cujo exterminio é indispensavel. Não o fere; esmaga-o; e depois de bem espalmado, tritura-o e retalha-o com deleitações de chacal...

Cremos que o veneno que propina ás suas victimas não lhe escorre do coração aos bicos da penna.

O veneno está no tinteiro e no aço da penna; o que não quer dizer que as suas coleras, tão artisticamente traduzidas pela palavra, não sejam profundamente sentidas na occasião. Sampaio era assim: implacavel com a penna na mão, e inteiramente desarmado e inoffensivo, candido até, depois de escripto o furibundo artigo.

Dizem que as cobras vomitam a peçonha em certas epocas, e depois de vomitada se espreguiçam pela relva em blandicias innocentes, como se foram os reptis mais inoffensivos do mundo. São como as cobras os escriptores de raça, de temperamento nervoso e arrebatado, crueis na paixão do ataque e brandos depois de terminada a refrega.

N'este paiz não ha interesse vivo, nem corrente de opinião, nem luta de principios, nem conflicto de



crenças, nenhum elemento forte que arraste e arrebate os espiritos n'uma certa direcção patriotica, politica, religiosa ou philosophica. A propria questão religiosa, levantada no Porto por meia duzia de rapazes contra a invasão jesuitica e contra o conservantismo do bispo-cardeal, não levantou eccos no resto do paiz, não preoccupou os governos nem os governados.

Foi uma ligeira escaramuça, sem mortos nem feridos, que nem desalojou o inimigo das suas tranquillias posições, nem deu aos combatentes o louro dos vencedores.

Se n'este paiz houvesse escolas definidas e montadas, opiniões radicadas e assentes, systemas philosophicos organisados, crenças vivas e intransigentes em algum principio salvador, isto é, alguma coisa de profundamente estabelecido no mundo scientifico, o livro de Silva Pinto não teria passado sem acalorada discussão, porque não são pequenas nem para desprezar as provocações de que anda recheado o volume.

Qual dos nossos românticos respondeu aos ataques feitos por elle á escola dos scismadores e fabricantes de solaus e xácaras doentias, que desmoralizam e enxovalham as revistas de litteratura?

Ninguém ignora as luctas que provocou e sustentou em França a critica de Gustavo Planche. Pois Gustavo Planche não era tão audaz, não era tão demolidor, como o escriptor portuguez.

Qual foi o nosso Luiz Veuillot que levantou a luva atirada por Silva Pinto para dentro da *Associação Catholica*?



Nas suas theorias sobre a arte dramatica, e sobre a escola realista, duas questões capitaes tão subidamente discutidas por Zola,<sup>1</sup> qual dos nossos dramaturgos *se dignou* contradictar as opiniões do intelligente critico?

Ninguém accitou o repto; ninguém commentou! Fez-se um grande silencio em volta do livro, como se o silencio fosse resposta ás accusações formaes, vibradas em voz alta e irrespeitosa, ás velhas aristocracias litterarias consagradas pela adoração perenne de bonzos e mercenarios.

Tudo isto inculca o estado de morbidez em que vamos cahindo, e que não ha n'este paiz um energico apoio de opinião nem uma corrente forte de convicções vigorosas.

Silva Pinto, portanto, está fóra do meio que conviria ao seu temperamento nervoso e bilioso.

As suas faculdades de polemista hão de esterilizar-se, á mingua de estimulantes, n'este mar morto da politica e das letras, onde a sensação se embota ao contacto das primeiras aguas.

Se vivesse na França, o seu estudo sobre o REALISMO NA ARTE, que é uma das melhores peças do livro, e foi o primeiro trabalho de critica que revelou a Portugal as filiações historicas das obras de Eça de Queiroz e Teixeira de Queiroz, seria objecto de acaloradas controversias, que haviam de acabar

---

<sup>1</sup> *Le Naturalisme au théâtre; Les Romanciers naturalistes; etc.*



por um voto de louvor ao critico proficiente e es-  
crupuloso.

O mesmo succederia em relação ás referencias aos costumes e crenças religiosas, ás tendencias do ultramontanismo, ás *ficelles* de que tanto abusam os nossos cerzidores de dramas, e ainda a outras questões suscitadas no livro, — que todas ficaram sem contestação, nem registro nas chronicas do jornalismo.

Como critico, Silva Pinto não é um peralta de *lorgnon*, d'esses que vêem as coisas pela apparencia confusa dos vultos, pelas superficies e aspectos puramente emocionaes e plasticos: a sua observação penetra fundo, e vae descobrir na materia a rever o ponto capital e caracteristico que é preciso atacar de preferencia, para que toda a questão fique morta de vez.

Sem se desarmar do sarcasmo, que é o seu instrumento defensivo e offensivo, sem emporcalhar a nitidez do seu primoroso e faiscante estylo em escurrilidades de taberna, apoiado n'uma solida erudição, que lhe permite confrontos apropriados e illustrativos, Silva Pinto descobre pontos de vista novos e inesperados nas suas criticas litterarias, principalmente nas theatraes, onde a sua intolerancia é tão austera como a de Planche, e generalisa com facilidade e graça as suas theorias por vezes paradoxaes.

Sahindo do campo litterario assignalado á arte para a discussão das questões sociaes e politicas, a sua *verve* tem a mesma fecundidade, o seu estylo a mesma limpidez, e a sua erudição igual interesse.

A questão do emprestimo de D. Miguel, thema



fecundo de folhetos, de livros, de artigos, de réplicas e trélicas na imprensa e nos tribunaes francezes, resolve-a elle em tres palavras: — É preciso pagar.

Nos seus raciocinios, nas suas controversias, nas suas criticas, não ha meias palavras, nem subterfugios, nem redundancias a esconder o pensamento. A clareza é a sua grande virtude.

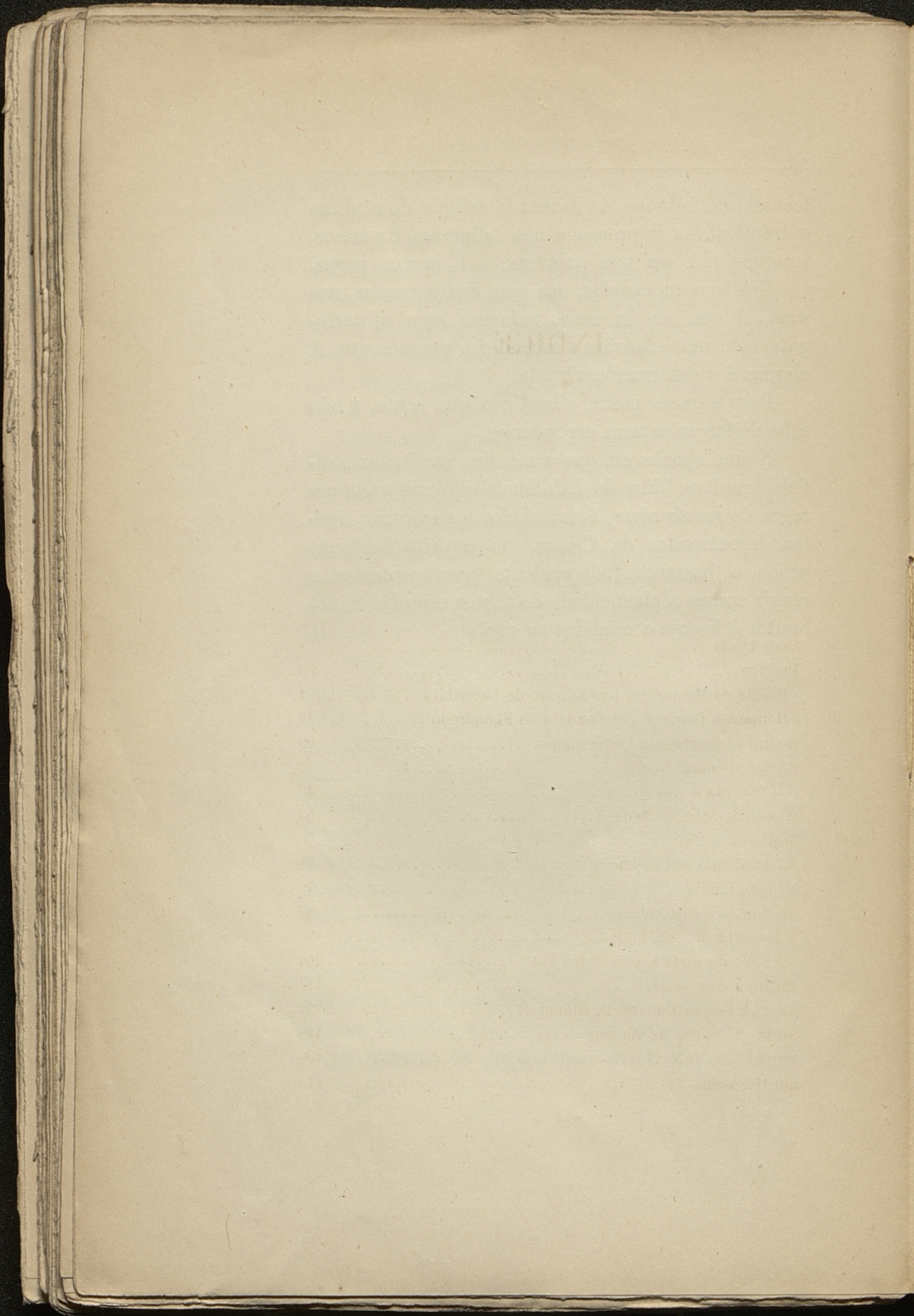
Peze a quem pezar, elle diz o que sente, e não sabe disfarçar-se nem esconder-se.

N'uma epocha em que a mentira particular e official ganhou fóros de habilidade e foi arvorada em regra de *savoir vivre*, é consolador o encontrar n'estes descampados da Critica um espirito bastante probo e bastante independente para protestar e reagir contra a elasticidade de tantos espinhaços dobrados á lisonja e rendidos ao egoismo.

J. SIMÕES DIAS.







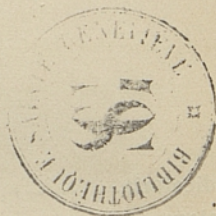


## INDICE

	<i>Pag.</i>
Dedicatoria.....	v
Prologo.....	vii
« Poesia do Mysterio », por Narciso de Lacerda.....	1
« Homens e Letras », por Candido de Figueiredo .....	17
Gustavo Planche e o Romantismo.....	23
Critica risonha. Notas.....	33
O « Noventa e tres ».....	43
O caso de João de Deus.....	53
Sorrindo.....	63
Na Academia das Sciencias.....	71
Na Geographia.....	79
Do Romance historico.....	87
A Esthetica do snr. Latino.....	95
« O Sello da Roda », por Pedro Ivo.....	105
Miserias litterarias.....	117
Ainda o Empréstimo de D. Miguel.....	131
No Brazil. Notas de viagem.....	143
No Oriente. 1876.....	195
Em Hespanha. 1875.....	219



	<i>Pag.</i>
Rodrigues de Freitas.....	227
Escaramuças.....	235
Mortos :	
Ventura Ruiz Aguilera.....	373
Ernesto Biester.....	376
Nogueira Lima.....	379
Guilherme d'Azevedo.....	382
Emilia das Neves.....	385
O livro « Combates e Criticas ».....	389





## ERRATAS

No livro COMBATES E CRITICAS, pag. xxii, onde se lê *Victor Hugo*, leia-se *Alfred de Musset*.

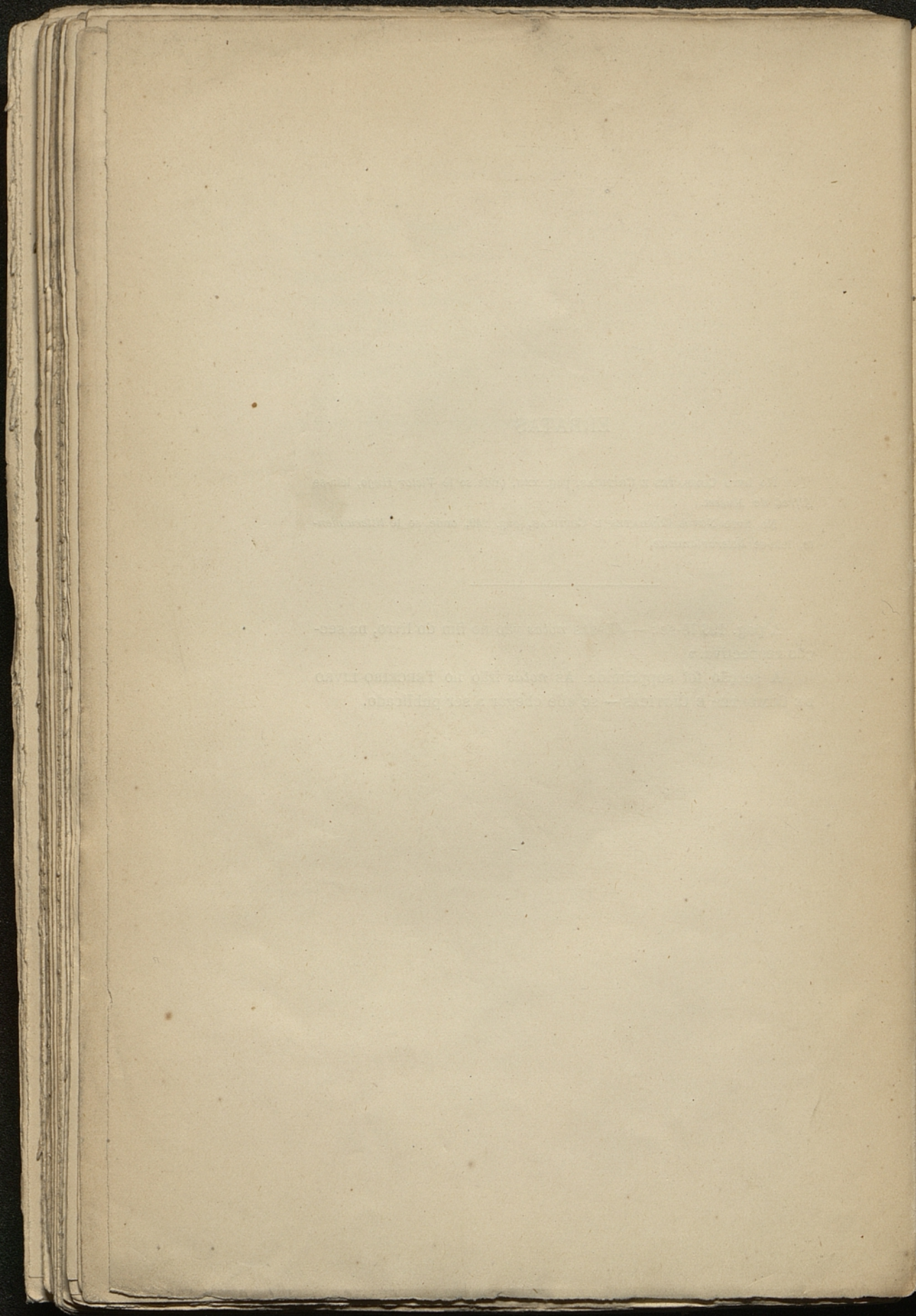
No livro NOVOS COMBATES E CRITICAS, pag. 249, onde se lê *litteriamen-*  
*te*, leia-se *litterariamente*.

---

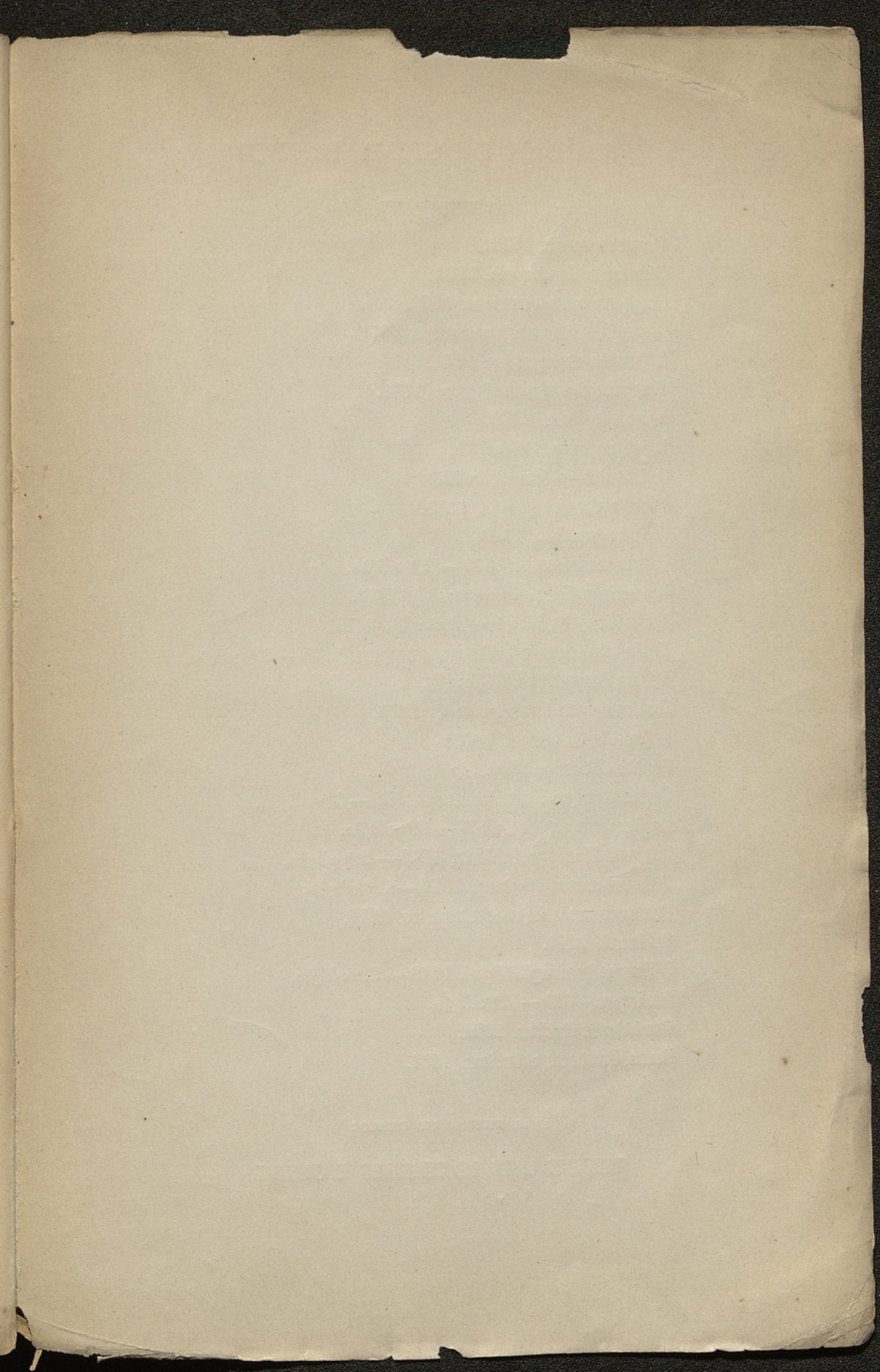
A pag. 193 lê-se : — « Essas *notas* vão no fim do livro, na secção respectiva. »

A secção foi supprimida. As *notas* irão no TERCEIRO LIVRO DE COMBATES E CRITICAS — se elle chegar a ser publicado.











## OBRAS DE SILVA PINTO

---

- Questões do dia. 1870.  
Sciencia e Consciencia. 1870.  
Farçadas contemporaneas. 1870.  
Novas Farçadas contemporaneas. 1871.  
A Questão de Imprensa. 1871.  
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.  
À hora da lucta. 1872.  
Horas de febre. 1873.  
O Espectro de Juvenal. 1873.  
Eugenia Grandet (trad.). 1873.  
O Padre maldicto. 1873.  
Balzac em Portugal. 1873 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.  
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.  
Emilia das Neves e o Theatro português. 1875 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Contos Phantasticos. 1875.  
Os Homeis de Roma (drama). 1875.  
A Questão do Oriente. 1876.  
Revista Litteraria. 1876.  
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877 — 3.<sup>a</sup> edição.  
Do Realismo na Arte. 1877 — 3.<sup>a</sup> edição.  
Nós e a Alfandega do Porto. 1877 — 2.<sup>a</sup> edição.  
O Padre Gabriel (drama). 1877 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.  
No Brazil. 1879.  
O Empréstimo de D. Miguel. 1880 — 3.<sup>a</sup> edição.  
Realismos. 1880 — 2.<sup>a</sup> edição.  
Combates e Criticas. 1882.  
Novos Combates e Criticas. 1884.

A ENTRAR NO PRELO:

TERCEIRO LIVRO DE COMBATES E CRITICAS



